

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA

**HISTÓRIA DE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA EDUCACIONAL ESPÍRITA (1963-
2003)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta

Curitiba
Novembro, 2009

CLEUSA MARIA FUCKNER

**LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA:
HISTÓRIA DE UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO NA PERSPECTIVA EDUCACIONAL ESPÍRITA
(1963-2003)**

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação, Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta

Curitiba
Novembro, 2009

A todos os que ajudaram a construir a história do Lar Escola.

AGRADECIMENTOS

Nesta caminhada de quatro anos tenho muitas pessoas a quem agradecer. Inicialmente agradeço ao Prof. Dr. Marcus Levy Albino Bencostta, pela orientação segura e criteriosa em todos os momentos e, especialmente, pelo conjunto de fontes referentes à Igreja católica.

Às Professoras Dr^a. Nadia G. Guimarães e Dr^a. Rosa Lydia Teixeira Correia, inicialmente pelas preciosas contribuições e sugestões na banca de qualificação, que me permitiram ampliar a discussão do ideário espírita e novamente as agradeço pela disponibilidade em participar da banca de defesa final.

Agradeço antecipadamente às professoras Dr^a. Gizele de Souza, Dr^a. Vera Irene Jurkevicz, Dr^a. Vera Regina Beltrão Marques e ao Prof. Dr. Euclides Marchi pelo aceite em participar na banca de defesa final.

Agradeço aos demais professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná que compartilharam esta caminhada.

Agradeço à Miryam Beatriz pela indicação inicial das fontes nos Arquivos de Paranaguá e ao Ronie pelas fontes na Biblioteca Pública.

À Bernadete, da Biblioteca da Cúria Metropolitana, por mais uma vez disponibilizar os Boletins Eclesiásticos para minha pesquisa.

Ao professor e pesquisador César Ciriaco Gomes Graça, por ter disponibilizado suas traduções pessoais das obras de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

À Rosana pela ajuda constante na leitura das obras em francês.

À toda equipe do Lar Escola que gentilmente abriu os arquivos para minha pesquisa durante mais de um ano.

A todos aqueles que prontamente concederam relatos orais, dividindo suas lembranças e histórias de vida que se confundem com a história da Instituição pesquisada: Prof. Dr. Maury Rodrigues da Cruz; Sr^a. Jamille, Pedagogas Sueli e Yolanda, a Diretora Regina e a ex-diretora Dizabel (in

memórias), Dr. René Dotti, Gilka Correia, Professoras Odila, Mônica e Keila., a Márcia, Jeanne, Jussara, Ivone e Meirany. E a tantos outros que eu queria ter entrevistado, mas que o tempo da pesquisa não permitiu.

Ao Luiz Roberto do NEP, pelo acesso concedido ao acervo e às obras de Hippolyte Léon Denizard Rivail.

Aos meus alunos e colegas de trabalho, pelo incentivo constante e paciência com as frequentes falhas em conciliar a pesquisa e o ensino.

Ao Celso, meu marido, companheiro de jornada na caminhada da vida , pela paciência, leitura crítica e apoio sempre presente.

A todas as demais pessoas que de alguma forma colaboraram para a realização deste trabalho.

Reflexão - A vida

A vida, que bonita!
A imensidão do universo, as suas cores,
O sol, os raios de luz,
Os caminhos, as velas, a minha consciência.

A vida, que bonita!
Os abismos da vontade,
As flores, os cheiros, o espaço,
A cadência rítmica do pensamento.

A vida, que bonita!
O meu interior, o meu ser, o âmago,
A diversidade, o céu, a terra, a lua, o relâmpago,
O vento soprando de dia e de noite.

A vida, que beleza!
Um novo ser, uma criança, o futuro,
As mãos trêmulas dos velhos
A caminhada silenciosa da humanidade.

A vida, que bonita!
A benção da chuva,
O ar fresco da terra úmida,
O movimento notívago das estrelas.

A vida, que bonita!
Os anos todos que vivi,
O coração sempre palpitando,
O amor, as lágrimas, a felicidade.

A vida, que bonita!
A água, as águas, os lagos,
Os rios, os mares, os oceanos,
O vôo leve dos pássaros.

A vida que bonita!
A inteligência, a memória, o Homem,
A história de cada um,
A harmonia integrando a diversidade,

A vida que bonita!
As cores, as transformações, os matizes, meus olhos,
O trabalho, as construções, a disciplina, minhas mãos,
A infância, a mocidade, a maturidade, a velhice.

A vida, que bonita!
Eu, você, todos nós, a saudade,
Somos o mundo, a humanidade, o Universo,
No silêncio da eternidade.

Maury Rodrigues da Cruz (2003)

RESUMO

O objetivo norteador deste estudo foi constituir aspectos da trajetória histórica do Lar Escola Dr. Leocádio José Correia, no período entre 1963 e 2003. Esta escola fundada na cidade de Curitiba, pelo professor e médium Maury Rodrigues da Cruz, é vinculada à SBEE (Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas), que é uma Instituição filantrópica e beneficente, que tem por objetivo estudar as manifestações espíritas, divulgar os princípios da doutrina dos espíritos e proporcionar assistência social às famílias carentes. Através de doações da comunidade foi construída a sede atual, ampla e com espaços diferenciados para a educação infantil. Ao longo de sua trajetória a escola passou por práticas diferenciadas, atendendo meninos órfãos, educação especial e ensino fundamental. A partir de 1998 a escola centralizou seu trabalho na Educação Infantil. Desde o início das atividades desenvolvidas por essa Instituição, o objetivo maior, segundo o seu estatuto, foi o de “educar para a liberdade consciente”. Atualmente a Instituição é também a mantenedora da Faculdade Dr. Leocádio José Correia, que desenvolve entre outros, os cursos de Administração de Empresas, Pedagogia e Teologia Espírita, objetivando formar profissionais na área educacional e com o referencial da doutrina espírita. Este trabalho está dividido em duas partes na primeira intitulada: Espiritismo e Educação: uma construção histórica, a nossa proposta é analisar antecedentes do pensamento educacional espírita, bem como as obras didáticas de Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec), intelectual da educação francesa e depois autor das obras de codificação da doutrina espírita; Investigamos também na primeira parte o espiritismo no seu processo histórico de consolidação e a relação com a educação, compreendendo o movimento espírita na cidade de Curitiba. Na segunda parte que chamamos Da Teoria à Vivência na Prática procuramos compreender a figura de Leocádio José Correia, o patrono e mentor intelectual da Instituição a partir da sua ação enquanto Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá no período de 1885-1886, bem como suas ideias e permanências na Instituição que hoje leva seu nome. Trabalhamos com as fontes escritas e orais da Instituição no sentido de construir uma análise fundamentada nas fontes da trajetória da escola como proposta e prática de uma educação espírita a partir da categoria cultura escolar. Este trabalho se fundamentou na História Cultural enquanto olhar investigativo de uma determinada realidade e concepção de mundo. Refletimos nosso objeto a partir da fundamentação de Pesavento, Chartier e autores da História Cultural que nos ajudaram a compreender as fontes constituídas pelo arquivo da escola, da SBEE, além das fontes da Igreja e da imprensa.

Palavras Chaves: Instituição Espírita, Educação, História, Memória.

ABSTRACT

This study was intended to constitute aspects of the history of Lar Escola Dr. Leocádio José Correia, in the period between 1963 and 2003. This School, founded in the city of Curitiba, by the professor and medium Maury Rodrigues da Cruz, is associated to SBEE (Brazilian Society of Spiritist Studies), a philanthropical and charitable institution, devoted to the study of spiritists manifestations, divulging the principles of the doctrine of spirits, and assisting poor families. The donations the Institution have got from the community made it possible to construct the actual schoolhouse, which contains many and spacious places adapted to childhood education. During its history, the School underwent different policies, assisting orphan children, special education and basic education. From 1998 on, the School concentrated its activities to childhood education. The most important goal the Institution aims at, since it was created, is “educating for conscient liberty”. Nowadays, it houses also the Dr. Leocádio José Correia College, which provides faculties of business administration, education and of spiritist theology, among others, consecrated to graduate professionals specialized in education inspired in spiritist doctrine. This work is divided into two parts. In the first one, named “Spiritism and Education: an historical construction”, we propose to analyse the precursors of spiritist educational theories, as well as didactical works of Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec), an intellectual consecrated to education in France, who, later, wrote books codifying spiritist doctrine. Also in this first part, we investigate the historical process of consolidation of spiritism, and its relationship with education, in the context of spiritist movement in the city of Curitiba. In the second part, named “From Theory to practical living”, we tried to understand Leocádio José Correia himself, the intellectual mentor of that Institution, by examining his activities as the School Inspector of Paranaguá during the years 1885 and 1886, as well as his ideas and stayings in the Institution which received his name. We examined written and oral sources of the Institution in order to base our analysis on the information about the development of that School as a proposal and praxis of a spiritist education based on the category teaching culture. This work takes its foundations from the Cultural History as an accurate observation of a specific reality and world conception. We based the approach of our object on Pesavento, Chartier, among others scholars of Cultural History, in the light of whose conceptions we could understand the sources, constituted by the Archive of the School, of SBEE, as well as the Church and Press.

Keywords: Spiritist institution, education, history, memory

LISTA DE ABREVIATURAS

APDE – Associação de Pedagogia Espírita

CAE – Centro de Atendimento especializado

CEEEAP – Centro Experimental de Estudos Espíritas Afonso Pena

CNBB – Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

FALEC – Faculdade Dr.Leocádio José Correia

FEB – Federação Espírita Brasileira

FEP – Federação Espírita do Paraná

IAM – Instituto de Assistência ao Menor

PMC – Prefeitura municipal de Curitiba

MUNESPI – Museu Nacional do Espiritismo

SEED – Secretaria de Estado da Educação

SBEE – Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
Uma breve visão da Instituição:	17
O Lar Escola e as relações com a História da Educação.....	21
PARTE I — ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA.....	30
1 Educação Espírita: origem e consolidação.....	30
1.1 Antecedentes do Pensamento Educacional Espírita: Comenius, Rousseau e Pestalozzi.....	30
1.2 O Professor Hippolyté e sua obra pedagógica	43
1.3 A Proposta de Reformas	52
1.4 Possíveis aproximações entre Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Rivail.....	73
1.5 A Pedagogia Espírita no Brasil.....	80
2 Doutrina Espírita: uma caminhada na busca de sua afirmação.....	93
2.1 Espiritismo: Religião, Ciência e Filosofia – alvo da reação católica.....	97
2.2 Espiritismo: Filantropia, caridade e homeopatia.....	104
2.3 Aspectos Históricos do Espiritismo no Brasil e na França.....	111
2.4 Perseguições ao Espiritismo e sua expansão.....	121
2.5 O Concílio Vaticano II e o Espiritismo	140
2.6 O Espiritismo no Paraná e em Curitiba e a SBEE.....	147
PARTE II – DA TEORIA À VIVÊNCIA NA PRÁTICA.....	159
3 Leocádio José Correia, o homem, as ideias e seu tempo.....	159
3.1 Aspectos da Vida de Leocádio Correia.....	163
3.2 Leocádio José Correia: Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá.....	172
3.3 As ideias e as escolas.....	185
3.4 O Irmão Leocádio: o espírito e o mito.....	195
4 Lar Escola: Leocádio José Correia do ideal ao real.....	210
4.1 Da creche à faculdade: uma trajetória de lutas, conquistas e recuos.....	210
4.2 Um espaço pensado para a criança: aspectos físicos e pedagógicos.....	235
4.3 O Currículo e as Atividades: Uma Experiência de Integração.....	244
4.3.1 Um currículo para vivenciar o amor.....	253
4.3.2 Vivências pedagógicas nas unidades Escolares e Pré-escolares:.....	259
4.3.3 Evangelização Espírita e formação para a vida.....	262

4.4 O Lar Escola, as representações e as memórias.....	274
Considerações Finais.....	286
FONTES:	292
REFERÊNCIAS	304
ANEXO 1 – MANIFESTO DA PEDAGOGIA ESPÍRITA.....	315
ANEXO 2 – Hino do Lar Escola Dr Leocádio José Correia.....	315
Caderno Iconográfico.....	317

INTRODUÇÃO

A investigação histórica de instituições religiosas de ensino tem sido um caminho que percorremos desde o mestrado, no qual o objeto de pesquisa havia sido o Colégio de Educação Familiar de Curitiba – uma Instituição católica destinada à formação feminina – entre os anos de 1953 e 1983. Durante o levantamento de fontes, para a elaboração daquela dissertação, em busca de pistas que permitissem a construção da memória histórica da Instituição em estudo naquela ocasião, consultamos diversos Boletins Eclesiásticos e jornais católicos em diferentes arquivos. Nesta pesquisa, despertou-nos muito interesse as referências sobre o perigo que representava aos fiéis católicos a propagação da Doutrina Espírita e das instituições a ela vinculadas na cidade de Curitiba.

A primeira impressão, ainda sem uma análise aprofundada, indicava a orientação da hierarquia da igreja católica no sentido de deter o avanço do movimento espírita, principalmente no campo da educação, por meio da consolidação e ampliação da rede de escolas católicas. Esta percepção despertou motivação para a problemática visando futuras pesquisas, e entendíamos que nessas a temática religião deveria estar relacionada ao estudo de uma Instituição educacional de orientação espírita¹, tema da pesquisa que ora desenvolvemos.

A escolha do Lar Escola Doutor Leocádio José Correia atendeu a três critérios definidos: o período em que a escola foi criada – década de 1960; seu riquíssimo arquivo documental; suas especificidades de atuação na educação infantil e, no curso superior, na área de formação pedagógica. A essas conveniências somou-se a possibilidade de utilizarem-se fontes orais.

O objetivo deste trabalho é constituir, principalmente a partir da análise documental e da memória, aspectos da trajetória dessa Instituição e investigar a prática educativa confessional na visão da Doutrina Espírita que atende a

¹ Em Curitiba há três instituições de ensino fundamental e médio de confissão espírita, o Colégio Lins de Vasconcelos, atual Colégio OPET – Unidade Bom Retiro, a Escola André Luiz e o Lar Escola Doutor Leocádio José Correia.

duas modalidades de ensino: a educação infantil e a formação superior. Porém, considerada a complexidade da temática, restringimos a análise à educação infantil, visto que o Lar Escola está interligado à Faculdade Dr. Leocádio e à SBEE². Na análise histórica desta escola, abordamos as transformações gerais pelas quais ela vem passando desde a sua fundação, em 1963, até o reconhecimento do Curso de Pedagogia, em 2003. Definimos esse recorte temporal considerando a continuidade da Instituição e a necessidade, para um olhar investigativo, de um distanciamento mínimo do tempo presente. Ao se compreender esse cenário, específico de uma Instituição educacional que se diferencia pelo viés religioso, esperamos contribuir com os estudos em História da Educação no Paraná.

Ao tratarmos dessa escola confessional espírita pretendemos compreendê-la, tanto no tempo quanto no espaço, a partir das especificidades que caracterizam a cultura escolar. Cabe aqui situar o conceito de cultura escolar conforme o compreende Viñao:

um conjunto de teorias, ideias, princípios, normas pautas, rituais, inércias, hábitos e práticas – formas de fazer e pensar, mentalidades e comportamentos – sedimentados ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de jogo não questionadas e compartilhadas por seus atores no seio das instituições educativas. Tradições, regularidades e regras de jogo que se transmitem de geração em geração e que proporcionam estratégias para integração nas respectivas instituições, para atuar e ter sucesso, sobretudo nas classes de ensino, quanto às tarefas cotidianas que de cada um se espera, assim como para fazer frente às exigências e limitações que tais tarefas implicam ou acarretam.³ (VINÃO, 1996, p. 2).

² A SBEE – Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, localizada na Rua 29 de junho, 504 no Bairro Tinguí é uma instituição filantrópica e beneficente, tem por objetivo estudar as manifestações espíritas, divulgar os princípios da Doutrina Espírita e proporcionar assistência social aos que necessitam. É uma sociedade de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal teve seu início em 1953 quando da Fundação do Agrupamento Espírita Afonso Pena. A SBEE tem núcleos filiados em Camboriú e Campos Novos (SC), Belo Horizonte (MG), João Pessoa (PB), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Campina Grande do Sul, Campo Largo, Cascavel, Castro, Foz do Iguaçu, Palmeira, Paranaguá, Ponta Grossa, Piraquara e São José dos Pinhais (PR).

A partir destas considerações as problematizações que nortearam a pesquisa foram:

- Como uma doutrina religiosa construída no século XIX pôde sustentar uma Instituição de ensino e uma prática pedagógica fundamentadas em valores específicos dessa doutrina, em um contexto de resistências a esta?
- Allan Kardec criou uma concepção de uma educação espírita nas suas obras didáticas anteriores a Codificação do Espiritismo?
- O pensamento espírita pode ser aplicado numa Instituição educacional espírita ao longo de sua história?
- Como explicar a implantação de uma Instituição particular e filantrópica de confissão espírita num contexto em que essa doutrina religiosa era estigmatizada pelos setores majoritários da sociedade curitibana?
- Como essa escola desenvolveu a sua prática pedagógica? Foram trabalhadas práticas espíritas? No que se constituíam estas práticas?
- Quem constituiu a clientela do Lar Escola no período em estudo? Somente a comunidade espírita ou membros de outras religiões também frequentaram a Instituição?
- Como tem se desenvolvido a educação das crianças no Lar Escola e como ocorre a relação entre o Lar Escola, a Faculdade de Pedagogia e a Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas (SBEE)?

Para esta investigação utilizamos fontes escritas do Arquivo do Lar Escola, como atas, relatórios, currículos, manuscritos e materiais pedagógicos. Nos arquivos da SBEE e do Museu Nacional do Espiritismo⁴ (MUNESPI) analisamos fontes escritas e orais. As escritas foram constituídas por atas,

³ un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas – formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos, – sedimentadas a lo largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho y compartidas por sus actores en el seno de las instituciones educativas. Tradiciones, regularidades y reglas de juego que se transmiten de generación en generación y que proporcionan estrategias en el aula, las tareas cotidianas que de cada uno se esperan, así como para hacer frente a las exigencias y limitaciones que dichas tareas implican o conllevan.

relatórios, textos psicografados, mensagens psicofônicas, além das obras didáticas de Hippolyte Leon Denizard Rivail (Allan Kardec). O museu dispõe no acervo, em microfilme, todas as obras de Rivail, sendo que algumas já estão traduzidas. As fontes orais do Arquivo da SBEE foram representadas por oito entrevistas, das décadas de 1980 e 1990, gravadas em fita cassete, com participantes relacionados à fundação e manutenção do Lar Escola. Desses, tivemos oportunidade de entrevistar novamente três partícipes: o fundador da Instituição, professor Maury⁵; a bisneta de Leocádio Correia⁶, Gilka Correia, praticamente a única pessoa da família de Leocádio participante ativa da SBEE e a terceira diretora do Lar Escola, a professora Disabel. Na busca por mais fontes também retomamos a consulta aos arquivos e documentos pesquisados em 1998 e 1999 na Cúria Metropolitana, CNBB e no Centros de Estudos Bandeirantes, agora com o objetivo de analisarmos, na década de 1960, o pensamento da sociedade e dessas instituições em relação ao movimento espírita na cidade de Curitiba.

Realizamos pesquisas também na Biblioteca Pública de Curitiba, no Museu Paranaense e no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

Entre o início de 2006 e agosto de 2009 realizamos treze novas entrevistas. Para essas entrevistas selecionamos os mantenedores da Instituição nas primeiras décadas de seu funcionamento, professoras já

⁴ O Museu Nacional do Espiritismo (MUNESPI) foi fundado na década de 1950, em Curitiba, por Maury Rodrigues da Cruz, simultaneamente à transformação do Grupo de Estudos Espíritos Afonso Pena em SBEE.

⁵ O professor Maury, como é conhecido no meio educacional, nasceu na cidade de Castro, em 1940. É licenciado em Ciências Sociais, bacharel em Direito, pós-graduado em Orientação Educacional e mestre em Educação, formação superior realizada toda na UFPR. Foi professor primário de escolas isoladas, professor do ensino médio e superior; professor e coordenador do curso de Direito da UFPR e das Faculdades Curitiba. Foi diretor do Museu Paranaense. Atualmente é o diretor presidente da SBEE (Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos) do MUNESPI, das Faculdades Doutor Leocádio José Correia. É autor de mais de 30 livros abrangendo Estudos Museológicos, Educação e Poesia, além de obras sobre Leocádio José Correia.

⁶ Leocádio José Correia nasceu em Paranaguá em 16 de fevereiro de 1848. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro e atuou como médico em Paranaguá, Guaratuba, Morretes, Ponta Grossa, Castro e Curitiba. Foi também ator, jornalista, escritor, deputado provincial pelo Partido Conservador e inspetor de ensino. No teatro e na vida pública defendeu a causa abolicionista. Faleceu em 1886. Segundo os participantes da SBEE, manifesta-se através de Maury Rodrigues da Cruz há mais de 50 anos, inclusive escrevendo obras que são editadas pela SBEE.

aposentadas que passaram pela Instituição ou professoras em exercício há mais de dez anos, praticantes de outras religiões, que não o Espiritismo, e ex-alunos do Lar Escola e/ou alunos do Curso de Pedagogia da Faculdade Doutor Leocádio José Correia, além de funcionários e voluntários do Lar Escola.

As fontes orais foram por nós utilizadas na perspectiva de compreender a prática educativa e o processo histórico no período em estudo, que se constituem no caminho delineado no intento de aproximação da memória do Lar Escola. Importa aqui salientar que o uso da história oral foi uma opção metodológica calcada na experiência que desenvolvemos na pesquisa do mestrado, no qual nos referenciamos em autores⁷ cujas discussões e pesquisas demonstram a viabilidade de seu uso para a pesquisa em História e Educação. Destacamos que estes autores nos ajudaram novamente a utilizar a perspectiva da memória como fonte e também compreender que nossos entrevistados são ao mesmo tempo atores, produtores, criadores e reprodutores de uma rede de relações composta pela intersecção da Instituição, da Doutrina Espírita e das representações construídas ao longo do tempo.

⁷ FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**. São Paulo: Papirus, 1997; LOURO, Guacira Lopes, **A história (oral) da educação: algumas reflexões** In: **Em aberto**, Brasília: INEP/MEC, 1990; AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996; HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990; HARTOG, François. A memória e o tempo. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 13-15, maio 1990; THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. E outros.

UMA BREVE VISÃO DA INSTITUIÇÃO:

O Lar Escola Doutor Leocádio José Correia foi fundado em 05 de janeiro de 1963 pelo professor Maury Rodrigues da Cruz, na rua conhecida por Rua do Tanque, no Centro Experimental de Estudos Espíritas Afonso Pena, atualmente SBEE, na cidade de Curitiba. A Instituição de caráter particular, de acordo com sua ata de fundação, era filantrópica e educacional e se destinava a acolher, educar e amparar meninos órfãos, tutelando-os até que atingissem a maioridade civil. Inicialmente denominado Lar dos Meninos Dr. Leocádio José Correia, em novembro de 1970, mudou-se a denominação de Lar dos Meninos para Lar Escola Doutor Leocádio José Correia. Antes mesmo de adotar esse nome, pelo qual ficou conhecida na cidade, a Instituição já tinha o terreno para a construção da futura sede. Em 1969, o seu fundador recebeu do Engenheiro Dr. Raul Suplicy de Lacerda a doação de uma área de 12 mil metros quadrados no Bairro Santa Cândida, região de periferia ao norte do centro da cidade de Curitiba.

De início lá foi construída uma pequena casa de madeira, com condições básicas para receber trinta crianças de três meses a 03 anos de idade. O Lar Escola funcionou naquele espaço até 1979, quando foi inaugurada a sede atual com capacidade para atender 400 crianças.

O trabalho educativo e assistencial era mantido por meio de voluntários. Posteriormente foram assinados convênios com a Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC) e com a Secretaria de Estado da Educação (SEED) que permitiram que professores daquelas redes de ensino atuassem na Instituição, aumentando o número de crianças acolhidas. A necessidade da comunidade carente da região foi crescendo e a Instituição chegou a abrigar mais de 400 alunos nas modalidades de educação infantil e atendimento em contra turno de alunos que estudavam nas escolas municipais e estaduais, visto o Lar Escola se constituir numa escola sem grau.

No início da década de 1980 a Escola tinha 25 professoras cedidas pela PMC e pela SEED. Porém sempre foi mantida com as doações de

peças físicas e jurídicas, na maioria membros da SBEE. Desde o início das atividades desenvolvidas por essa Instituição o objetivo maior, segundo o seu Estatuto, foi o de “educar para a liberdade consciente”. As finalidades e fundamentos contidos nos Estatutos e Regimentos têm como prioridade “assistir ao menor procedente de famílias carentes sob o ponto de vista sócio-econômico, auxiliando-o em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, psicomotor e espiritual, concorrendo para maior eficiência do processo educativo, operado na escola, no lar e em outros ambientes sociais”. (Estatuto do Lar Escola, 1979, Cap. II, art. 4).

O Estatuto define o Lar Escola como escola confessional, fazendo referência ao princípio doutrinário espírita, mas ao mesmo tempo a proposta curricular e as orientações pedagógicas delineiam uma perspectiva de ensino ampla que valoriza a razão,

O Lar Escola Dr. Leocádio José Correia sendo uma Instituição espírita, possui princípios norteadores de todas as ações, voltados para a espiritualização do homem. O homem espiritualizado exercita o domínio mental, a fé racional, a força do autoconhecimento, a reflexão crítico-consciente, num processo diário e permanente, busca na força do conhecimento, alegria, compreensão, amor e identidade com o próximo. (Estatuto do Lar Escola ,1963, p. 26).

Até a década de 1990, a Escola vinha desenvolvendo a sua proposta educativa numa proposta de educação identificada como construtivista. Nesse período foi criado o Centro de Estudos Superiores Doutor Leocádio José Correia, com cursos de formação de curta duração, cuja renda reverteria para a manutenção do Lar Escola. O objetivo de seu fundador foi a criação de uma Instituição de ensino superior para formação de professores com uma proposta pedagógica que considerasse os princípios da Doutrina Espírita, tendo por fundamentos o autoconhecimento, a filosofia, a ciência e a religião, entendendo esta como um compromisso com a valorização da vida. Ao lado do Lar Escola foi construído um prédio para a criação dessa IES (Instituição de Ensino Superior), que entrou em funcionamento em 2001. O lema dessa Instituição de

ensino superior é atribuído a uma psicofonia⁸ de Leocádio José Correia “Educação não é prédio, mas mentalidade”.

Denominada de Faculdade Doutor Leocádio José Correia, suas atividades tiveram início com o curso de Pedagogia, com habilitações em Educação Infantil e Educação para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, autorizado pelo MEC pela portaria n. 314, de 21 de março de 2000. Em 2003 esse curso foi reconhecido.

Ainda nesse ano iniciaram-se os cursos de graduação em Administração de Empresas e Bacharelado em Teologia Espírita, sendo este o primeiro curso superior de Teologia Espírita criado no Brasil e o primeiro no mundo com essa habilitação⁹. Os cursos de Administração e Teologia Espírita foram reconhecidos pelo MEC em 2006.

Na década de 1990, a Instituição também atuou na área de Educação Especial através do Centro de Atendimento Especializado Doutor Leocádio José Correia, destinado a atender crianças portadoras de necessidades especiais. A atuação nessa área teve, porém, curta duração, cessando em 1999. Nesse mesmo ano a Escola deixou de atender as crianças de 6 a 12 anos pela dificuldade em arcar com os custos, visto que os convênios com as instituições públicas foram encerrados.

A versatilidade da Instituição e o caminho percorrido por ela em diferentes momentos e modalidades de ensino são expressos no Projeto Político Pedagógico,

Ao longo do período de sua existência, mais de 40 anos e até a presente data a Instituição se consolidou como uma referência de grande importância no cenário educacional infantil, e agora com a formação de profissionais de educação na área da Pedagogia, pois vem conduzindo e promovendo a transformação de crianças, integrando-as na sociedade e diminuindo as diferenças sociais tão presentes na atual conjuntura. Em paralelo, o Lar Escola faz o fortalecimento da

⁸ Prática espírita através da qual um médium expõe oralmente os ensinamentos do espírito manifestante.

⁹ A história da educação superior teológica no Brasil foi objeto de pesquisa de Edson Martins (2001), na qual ele identificou a trajetória e as dificuldades para reconhecimento dos cursos de Teologia.

estrutura doméstica de várias das crianças, dando suporte psicológico e educacional aos membros de suas famílias. Nesses mais de 40 anos de existência essa Instituição sofreu “várias modificações: estruturais, econômicas, jurídicas, físicas, mas sempre teve prontidão necessária para fazer a superação dos momentos difíceis, administrando corajosamente as adversidades da vida, mantendo a fidelidade inicial de sua filosofia” (Projeto Político Pedagógico do Lar Escola Leocádio José Correia, 1988, p. 16).

Já o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia aponta o Lar Escola como um laboratório de pesquisa, visto que o curso se propõe a trabalhar com um referencial diferenciado, a transdisciplinaridade:

Todo o ensino, a pesquisa e a extensão da Faculdade Dr. Leocádio José Correia estão assentados na transdisciplinaridade, na visão crítica do currículo aberto, fundamentada em princípios filosóficos e doutrinários dignificadores da pessoa humana. Afinal o que sustenta a ideia de ensino superior, desde o século XIII, na Europa Medieval, quando o modelo surgiu, é que a corporação de professores e alunos se encarregue de recolher, organizar, transmitir e criar a ciência, seja descobrindo-a, seja inventando-a. (PPP da Faculdade Doutor Leocádio José Correia, 2003, p. 139).

A perspectiva da transdisciplinaridade que norteia o currículo da Instituição é pautada em Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Fritjof Capra e outros autores contemporâneos também estudados por segmentos de participantes do Movimento Espírita. Cabe ressaltar que entendemos este referencial como restrito para instituições de ensino superior, principalmente nos cursos de pedagogia que em geral se constroem a partir da visão marxista.

O LAR ESCOLA E AS RELAÇÕES COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O objeto desta pesquisa se situa na abrangência de uma História da Educação na perspectiva da história cultural, conforme apontado por Fonseca, que citando Clarice Nunes e Marta Carvalho, situa a “história da educação como uma especialização da história”, (2003, p. 58). As autoras citadas apontam em artigo publicado na Revista da ANPED que “os historiadores da educação dependem, nas suas investigações, não apenas das questões formuladas dentro de certas matrizes teóricas, mas também dos materiais históricos com que podem contar”. (1993, p. 22).

A explicação histórica é, sem dúvida, uma construção a partir de diversos enfoques, sejam eles econômicos, políticos, sociais ou culturais os quais trazem à tona a diversidade de valores, de tradições, do modo como uma sociedade se organiza, das relações dessa sociedade e dos diversos grupos na sociedade, ontem e hoje. O objeto do historiador não é o passado em si próprio, mas sim tudo o que resta dele e que pode ajudar a responder as questões do momento em que vivemos. Assim, a pesquisa na História da Educação também vai olhar o objeto de pesquisa, seja este objeto uma Instituição ou uma prática escolar através de múltiplos olhares e interações com a sociedade.

Aqui nos reportamos a Pesavento quando a autora aponta que “a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas discursivas e imagéticas pelas quais os homens expressaram a si próprios e ao mundo” (2005, p. 42). Pesavento analisa a História Cultural a partir dos teóricos referenciais, reflete sobre os métodos, as correntes, os campos temáticos, os objetos, as fontes e possibilidades, alerta para os riscos que a abordagem nesta perspectiva envolve. Observamos que a autora nesta análise, mesmo não citando a História da Educação, aponta que as correntes da História Cultural “não esgotam esses domínios e pretendem referir-se a tendências mais amplas”. (2005, p. 76).

Entendemos que o objeto da pesquisa poderia ser também delimitado na perspectiva da micro-história. Porém, as relações que o objeto estabelece com a sociedade nesse e em outros tempos e espaços, possibilitam situá-lo na História Cultural, a tomando como um campo ainda em construção, como na visão de Fonseca (2003).

Peter Burke, refletindo sobre a história cultural, afirma “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com o simbólico e suas interpretações. Símbolos conscientes ou não, podem ser encontrados em todos os lugares, da arte à vida cotidiana”. (2005, p. 10).

Fonseca também aponta que a reflexão mais significativa é pensar “a educação como um tema, um objeto de investigação, de vital relevância para a compreensão da formação cultural de uma sociedade”. (2003, p. 53).

Neste aspecto a leitura de Chartier (1991) tem nos ajudado a construir a compreensão de que o caminho metodológico é a interrogação do texto, ou daquilo que podemos considerar como fontes. A busca das fontes nos despertou a preocupação com a localização de instituições similares em termos de princípios doutrinários e pedagógicos. Percebemos que a criação de instituições de ensino de confissão espírita no Paraná é uma peculiaridade da segunda metade do século XX, visto que em Minas Gerais, na cidade de Sacramento, o Colégio Allan Kardec, fundado por Eurípides Barsanulfo em 1907¹⁰, foi referência nacional na área de ensino como escola confessional espírita. No Estado do Rio de Janeiro também existem instituições de ensino ou abrigos espíritas fundados nas primeiras décadas do século XX¹¹. Compreendemos que o processo de instalação e a prática destas escolas passam pela análise do pensamento religioso no país, já que o Brasil é um país

¹⁰ Segundo César Biggheto, o Colégio Allan Kardec (1907-1918) é considerado o Primeiro Colégio Espírita fundado do Brasil.

¹¹ De acordo com Alexandre Ramos “Abrigo Thereza de Jesus (1919), na Tijuca; Lar Anália Franco (1922), no Rocha; Asylo Espírita João Evangelista (1923), em Botafogo; Solar Bezerra de Menezes (1933), em São Cristóvão; Abrigo Nazareno (1933), em Campo Grande; e Casa de Lucía (1937), no Méier.” RAMOS, Alexandre; Os Espíritas E Anália Franco: Práticas de Assistência e Escolarização da Infância no Início do Século XX. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT02-4895--Int.pdf>> Acesso em 06 de ago de 2009..

de orientação predominantemente católica e, até a Proclamação da República, esta era a religião oficial do Estado. Lembramos também que

a partir da segunda metade do século XIX, protestantes americanos das mais diferentes confissões, quer tenham sido elas metodista, batista, presbiteriana, congregacionista, etc., entendiam que, por ser o Brasil uma nação marcada pelo catolicismo romano, carecia ela de iniciativa deles em levar a sua versão da mensagem evangélica missionária. (BENCOSTTA, 1996, p. 39).

Enquanto Instituição religiosa, a Igreja Católica sempre esteve à frente das práticas educativas, propondo o seu modelo de ensino como o único viável para o país. Chornobai (2005) aponta que na visão da igreja, em 1890, a escola laica, bem como a imprensa, eram vistas como fatores deformadores da juventude e da opinião pública.

Não vemos nas escolas, desde as ínfimas até as superiores, erguerem-se cátedras de pestilências a exalar os seus miasmas deletérios, e enquanto nestes santuários poluídos da ciência os professores do ateísmo pervertem a incauta mocidade sedenta de saber, não vemos outros emissários do mal, não menos criminosos, apoderarem-se da imprensa, e por meio dela corromperem o povo e desnortear o espírito público. (EPISCOPADO, 1890, *apud* CHORNOBAI, 2005, p. 195).

Ainda segundo Chornobai “O contraponto às concepções de ciências e educação laicas seria a escola de confissão católica. O clero diocesano foi, portanto, incentivado a patrociná-las no âmbito das paróquias”. (CHORNOBAI, 2005, p. 195). A autora reforça esta análise citando Lima,

Nas circunstâncias em que se acha a igreja diante do ensino leigo, é de necessidade inadiável que em todas as paróquias, haja escolas primárias católicas, a que chamamos paroquiais, nas quais a mocidade nascente encontre o pasto espiritual da doutrina cristã, e, de outros conhecimentos para a vida prática. Ordenamos, portanto aos reverendos párocos que envidem todos os esforços para fundá-las o quanto antes, onde as não houver, e não descansem enquanto não conseguirem, por si ou por outros, a realização deste ideal, em suas paróquias, custe o que custar. (LIMA, *apud* CHORNOBAI 2005, p. 32).

Essas ideias foram também por nós observadas em Boletins Eclesiásticos da Arquidiocese de Curitiba da década de 1960. No segundo capítulo deste trabalho desenvolveremos uma discussão a esse respeito.

Tratando-se de instituições de ensino religioso, as escolas católicas tinham um projeto de educação e construção da pessoa que começava inclusive pela arquitetura como observa Chornobai,

No caso da escola católica, a arquitetura escolar acabava por exercer ação educativa para além dos muros escolares; os símbolos religiosos, a monumentalidade, eram parte de uma retórica arquitetônica que deveria contribuir para a construção da identidade da escola católica. Para as congregações religiosas, a educação cristã era a única forma de educação válida; apenas através de valores cristãos a juventude encontraria o verdadeiro conhecimento. Como sem o clero não há salvação, o trabalho educativo deveria acontecer em um local que demonstrasse toda a grandiosidade da fé católica; além de ser visto como local destinado à aquisição do conhecimento, o edifício da escola católica deveria evidenciar a religiosidade da mesma. (CHORNOBAI, 2005, p. 211).

O projeto de Educação católica se manterá no século XX, mesmo dividindo espaços com outras propostas de ensino vinculado às congregações que aqui se instalaram “[...] o catolicismo atravessará as décadas de 1930 e 1940 procurando dar corpo ao projeto de recriação de um Brasil católico, uma nação perpassada pelo espírito cristão”. (MONTES, 1998, p. 75).

Na década de 1950 do século XX, este projeto fica mais evidenciado, inclusive com a busca das escolas católicas em se inserirem nas discussões sobre a renovação das propostas pedagógicas como podemos observar em Saviani,

Um outro indicador significativo da influência da pedagogia nova neste período é encontrado no empenho das próprias escolas católicas de se inserir no movimento renovador das ideias e métodos pedagógicos. Esta renovação se manifesta especialmente por meio da organização pela Associação de educadores católicos (AEC) das Semanas Pedagógicas e das classes experimentais em 1955 e 1956 e nos anos seguintes.

Por meio de palestras e cursos intensivos divulgam-se nos meios católicos as novas ideias pedagógicas. Surge assim uma espécie de escola nova católica. (SAVIANI, 2004, p. 40).

Já quanto à década de 1960 o mesmo autor afirma que

expressando a hegemonia do movimento renovador, a década de 60 foi uma época de intensa experimentação educativa. Além dos colégios de aplicação, que se consolidaram neste período, surgiram os ginásios vocacionais, deu-se grande impulso a renovação do ensino da matemática e das ciências, colocando em ebulição o campo da pedagogia. Esta década, contudo não deixou de assinalar o esgotamento do modelo renovador. (2004, p. 40-41).

A década de 1960 foi um período em que a sociedade brasileira estava passando por um amplo processo de transformação, inclusive nos padrões de comportamento, de organização familiar e de pensamento religioso e filosófico. Foi neste contexto que se deu a fundação do Lar Escola José Correia, a qual analisaremos na segunda parte deste trabalho.

E, para pesquisar essa Instituição que se caracteriza como confessional espírita, julgamos necessário buscar compreender a sua concepção doutrinária que se identifica como ciência, filosofia e religião.

Inicialmente realizamos uma pesquisa sobre trabalhos produzidos no Paraná, que tinham por objeto de estudo a Doutrina Espírita ou instituições a ela vinculadas. Neste Estado da federação localizamos os estudos de Stoll (2003), Barbosa (2001), Costa (2001).

Em seguida, no Estado de São Paulo, localizamos exemplos de produções específicas sobre o tema espiritismo e educação. Um trabalho pioneiro é a tese de Doutorado de Dora Incontri, da Universidade de São Paulo, “A educação segundo o espiritismo”, no qual a autora propõe uma teoria e uma práxis do que seria uma Pedagogia Espírita.

Quanto a pesquisas específicas sobre instituições de ensino espíritas, localizamos, na UFRJ, a dissertação de mestrado de César Braga Said, “Escola Espírita Joanna de Ângelis: uma Experiência Educacional à Luz do Espiritismo”, e o trabalho de Alessandro César Bigheto, intitulado “Eurípedes Barsanulfo: Um Educador de Vanguarda na Primeira República”. Neste

trabalho o autor pesquisou o Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Estado de Minas Gerais.

Estas obras, entre outras, se constituíram em referências para os diálogos iniciais desta pesquisa com o tema espiritismo. Entendemos que a compreensão e o estudo acadêmico da proposta religiosa são básicos para a construção do processo histórico desta escola. Parte desta pesquisa estará voltada para a análise da concepção de uma educação espírita a partir dos antecedentes do pensamento educacional de Hippolyte Léon Denizard Rivail ou, como ficou posteriormente conhecido, Allan Kardec, pedagogo francês, autor de várias obras didáticas e de metodologia de ensino, mas raramente mencionado nos livros de História da Educação.

Quanto à História da Doutrina Espírita, encontramos em Souto Maior a afirmativa que

A história do espiritismo no Brasil ainda está por ser escrita, de acordo com modernos critérios de sistematização historiográfica e metodologia científica. O historiador que se dedicar a este importante trabalho terá que, através de severa crítica histórica, escoimar os exageros e enaltecimentos de determinados “*dramatis personae*” de atuação mais reverenciada e adjetivada do que referenciada. Um capítulo que lhe exigirá prudência e metodologia segura é a resposta às indagações de ser ou não ser o Espiritismo uma religião. (MAIOR, 2002, p. 23).

Este autor cita ainda que

A História do espiritismo no Brasil foi sempre fragmentada. Em um país dominado religiosamente pela Igreja Católica, as circunstâncias, fatos e personagens vinculados ao espiritismo estiveram sempre perante esta religião de “establishment” nacional estigmatizados com um conhecimento mais ou menos inútil, pois os espíritas seriam uma minoria preocupada apenas com práticas visionárias. Gilberto Freyre, porém, em *Ordem e Progresso* assinalou que na nossa fase pré-republicana o espiritismo já era um aspecto característico da vida religiosa brasileira através de suas associações beneficentes. (2002, p. 60).

É nessa prática beneficente e de assistência social, como foi construído o espiritismo no Brasil, que podemos situar a proposta inicial da Instituição em estudo, a qual foi fundada como uma Instituição filantrópica, que tinha como objetivo atender meninos órfãos. Nesta reflexão podemos citar Passeti (2002). Este autor, analisando crianças carentes e políticas públicas, aponta a desestruturação familiar desde os primórdios da República e segundo seu estudo

Sobreviver, entretanto, continuou sendo tarefa difícil para a maioria da população tanto no Império, como na República. Mudanças sucessivas nos métodos de internação para crianças e jovens deslocando-se dos orfanatos e internatos privados para a tutela do Estado, e depois retornando a particulares, praticamente deixaram inalteradas as condições de reprodução do abandono e da infração. Foi o tempo das filantropias e políticas sociais que valorizou preferencialmente, a internação sem encontrar soluções efetivas. (2002, p. 348).

Passeti também afirma que no início do século XX já se questionava o regime de internato

Sabemos que o confinamento desperta a compaixão daqueles que observam os seus efeitos. Afinal no internato as crianças são criadas sem vontade própria, tem sua individualidade sufocada pelo coletivo, recebem formação escolar deficiente e não raramente são instruídas para ocupar os escalões inferiores da sociedade. A internação trás o sentimento de revolta no residente porque ali anuncia para ele a sua exclusão social. Solidários com os internos, outros especialistas propõem a abolição das instituições de recolhimento e internação defendendo outras maneiras para lidar com o abandono e as infrações. (PASSETI, 2002, p. 349).

O Lar Escola Doutor Leocádio José Correia surgiu como uma Instituição filantrópica e passou por processos de mudanças e inserção no contexto educacional de Curitiba, consolidando-se como Instituição de ensino preocupada com a educação infantil. Sabemos que ao longo da história da educação no Brasil e no mundo a questão da infância e do atendimento a ela diferenciado é uma característica recente. (ÁRIES, 1973).

Uma Instituição de ensino destinada à educação infantil pode ser pensada nesta perspectiva e considerando como Souza que

A criança aprende pela atividade e as ideias provêm da realidade, por isso o primeiro contato com a realidade, depois, com as palavras e os livros. É pela observação, pela experiência e exploração da natureza que se desenvolveu a humanidade; esse é, portanto, um processo natural o mesmo que a educação deve seguir. (SOUZA, 1998, p. 164).

O desenvolvimento da proposta de ensino será um dos aspectos pesquisados, utilizando a memória como fonte oral e fontes documentais para trabalhar com os desdobramentos e manifestações da cultura naquele ambiente escolar. Lembrando que o trabalho com a memória, sobre instituições como colégios, permite “recuperar determinadas memórias que ficaram à margem de um processo de reificação, porque essencialmente o ato de trazer à luz estas memórias é recuperar o seu sentido político”. (SOUZA, 1997, p. 268).

Feitas estas considerações, espera-se poder apontar, por meio desta pesquisa, dados que contribuam para as discussões sobre Instituição escolar e sobre História Cultural na perspectiva apontada por Fonseca: “a contribuição que a História Cultural, como campo dotado de aportes teórico-metodológicos, pode dar ao avanço da história da educação está no descortinamento de dimensões ainda pouco exploradas, fora da escola e da escolarização” (2003, p. 72). Entendendo que os questionamentos do pesquisador são produzidos no presente e que interpretar as práticas e os saberes escolares consiste antes de tudo num trabalho de pesquisa que considera os saberes produzidos em diversos campos.

Para facilitar a compreensão da narrativa que procura explicar essa pesquisa, este trabalho está dividido em duas partes, cada uma com dois capítulos. Na primeira, intitulada Espiritismo e Educação: uma construção histórica, a nossa proposta é analisar as bases do pensamento educacional espírita e a sua relação com a educação, compreendendo o movimento espírita na cidade de Curitiba.

Na segunda parte a nossa proposta é trabalhar inicialmente com as fontes históricas que remetem à figura de Leocádio José Correia, o patrono e mentor intelectual da Instituição a partir da sua ação como Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá no período de 1885-1886. Por meio das fontes orais e escritas da Instituição, queremos apreender os aspectos da história e da cultura escolar, ou seja, a proposta do capítulo final é construir uma análise fundamentada nas fontes da trajetória da Escola, como proposta e como prática de uma educação espírita.

PARTE I — ESPIRITISMO E EDUCAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

1 EDUCAÇÃO ESPÍRITA: ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO

1.1 ANTECEDENTES DO PENSAMENTO EDUCACIONAL ESPÍRITA: COMENIUS, ROUSSEAU E PESTALOZZI

Para identificarmos uma prática educativa espírita entendemos que é necessário buscar as raízes desta práxis e investigarmos se, de fato, existe uma proposta de educação espírita, ou se precisamos compreender a escola, objeto deste estudo, a partir de outros referenciais que caracterizem a Instituição escolar. A literatura espírita analisada aponta uma cultura e educação espírita própria e localiza em Comenius e Pestalozzi, e também em Rousseau, os precedentes deste pensamento educacional.

Este é um viés de análise abordado por muitos autores fora da academia e em obras já publicadas por centros espíritas que vamos chamar de uma “cultura espírita educacional”. Aqui nos apoiamos na proposta de Pesavento para a História quando ela afirma que “trata-se antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (2005, p. 15). Nossa proposta, de viés acadêmico, é identificar se há de fato entre estes autores uma correlação com o pensamento espírita na área da educação.

Inicialmente vamos situar brevemente no seu contexto estes autores e algumas das ideias defendidas por eles. Não é nosso objetivo e nem desta pesquisa realizar uma análise aprofundada da obra destes pensadores, mas compreender as possíveis relações ou não com uma educação de fundamento espírita.

Comenius¹² foi professor, autor de livros didáticos sobre o ensino da língua tcheca, e publicou obras sobre catequese e manuais da Bíblia em tcheco. Foi diretor de escolas no norte da Moravia, pastor protestante, pregador defensor da comunidade dos Morávios, teólogo e bispo.

Sua atuação como professor se deu inicialmente também na Escola da Irmandade Moravia¹³, na qual estudou. Iniciou sua carreira aos 22 anos e foi nesta época que escreveu um livro de regras gramaticais, seguindo o método de Ratke. Segundo Naradowski

Sua preocupação pela educação nasceu a partir do fato de que sua própria educação havia sido ruim. A escola que Comenius frequentou não era provavelmente pior do que a maioria das escolas de seu tempo; mas Comenius destacava-se como aluno, em relação aos seus colegas. Assim ele estava predisposto a se revoltar contra os defeitos do tipo de ensino ao qual foi submetido durante seus anos de juventude. Parece que o que mais incomodava Comenius era o fato de sentir-se condenado a dedicar os melhores e longos anos de sua vida ao estudo das línguas, sem um livro de texto apropriado, ao mesmo tempo em que devia memorizar ininteligíveis regras gramaticais. (NARADOWSKI, 2004, p. 17).

¹² Jan Amos Komensky ou Comenius nasceu em 1592, na Moravia, no antigo Reino da Boêmia, atualmente República Tcheca. Aos doze anos ficou órfão de pai e mãe e passou a viver com os tios. Somente aos dezesseis anos entrou para uma escola da comunidade conhecida por Irmãos Morávios. Comenius mais tarde se tornou bispo da comunidade dos irmãos Boêmios e Morávios e publicou várias obras de cunho teológico. Em 1611 entrou para a universidade de Herbon e depois passou para a de Heidelberg, onde conheceu a obra de Ratke sobre o ensino de línguas. Deu início a elaboração de um glossário latino-tcheco, no qual trabalhou por mais de 40 anos, porém esta obra se perdeu quando a cidade de Leszno em que vivia foi invadida e queimada em meio aos conflitos religiosos que assolavam a Europa do século XVII..

¹³ Esta escola foi inspirada no reformador Jan Huss, nascido da Boêmia do século XIV, de família camponesa, Jan Huss é considerado, pelo movimento espírita, o precursor das ideias da pedagogia espírita. A escola que Comenius estudou pregava seguir fielmente as escrituras sagradas, a humildade e a piedade. Adotavam como língua literária e para pregação religiosa, o tcheco. Destacou-se na escola latina e foi para a Universidade de Praga, onde pagava seus estudos cantando nas igrejas. Tornou-se teólogo e foi ordenado padre. Foi discípulo de Wiclef. Ocupou os cargos de diretor da faculdade de filosofia e de Reitor da universidade de Praga. Pregava na Capela de Belém, uma capela fundada por laicos, em que duas vezes na semana eram feitas pregações no idioma local, contrariando as orientações da igreja que determinava o uso do latim. Suas ideias foram consideradas hereges, foi excomungado e condenado a se retratar no Concílio de Constança. Acabou banido de Praga, foi preso e não aceitou se retratar em virtude de defender ideias que pregavam uma reforma moral do homem e da igreja, além de pregar ao povo a necessidade do conhecimento. Morreu queimado pela Santa Inquisição. De acordo com Clovis Portes (2006) Comenius pode ser considerado herdeiro da tradição hussita.

Entre os anos de 1619 e 1620 perdeu sua primeira esposa e os três filhos, todos vítimas da peste. Neste período ocorria também a Guerra dos Trinta Anos. Com a ascensão ao trono do imperador católico, os protestantes foram duramente reprimidos e as escolas submetidas a um processo de recatolicização. Comenius permaneceu algum tempo escondido, sendo considerado membro de uma seita proscrita. Neste período manteve-se atento às suas ideias educacionais, escrevendo, em 1623, a primeira obra literária “O Labirinto do mundo e o paraíso do coração”. Comenius fez também um dos primeiros mapas da Moravia que foi impresso em Amsterdã. Obras posteriores mantiveram a preocupação do autor com a ilustração. Publicou livros de gramática, literatura e manuais didáticos, mas sua mais significativa obra é a Didática Tcheca, publicada em 1638, na Polônia, onde se encontrava exilado desde 1628.

A Didática Tcheca, ao ser traduzida para o latim, recebeu o nome de Didactica Magna. É uma obra clássica que segundo seu próprio autor

Escrito inicialmente em vernáculo, para uso de meu povo, sai agora, a conselho de alguns homens eminentes, vertido em latim, para que, se possível, aproveite a todos. [...] É também uma lei de humanidade que, se se conhece qualquer meio de ir em auxílio do próximo para o tirar das suas dificuldades, não se deve hesitar; sobretudo quando se trata não de um homem só, mas de muitos, e não apenas de muitos homens, mas de muitas cidades, províncias e reinos e, digo até, do gênero humano inteiro, como é o caso presente. [...] Se, todavia, houver algum espírito tão impertinente que pense que é coisa estranha à vocação de um teólogo estudar os problemas escolares, saiba que este escrúpulo pesou tão fortemente sobre o meu coração a ponto de o fazer sangrar. [...] Apercebi-me, porém, de que não poderia libertar-me dele de outra maneira senão prestando homenagem a Deus e pedindo publicamente conselho a todos acerca de tudo aquilo que uma intuição divina me sugeriu. (COMENIUS, 1957, p. 51).

Comenius teve sua vida marcada por exílios e migrações espontâneas. Viveu um ano em Londres, onde fundou o Colégio Universal. Seis anos na

Suécia, onde atuou na reforma do sistema de ensino do país. Depois passou seis anos na Hungria, em Sarospatak, onde planejou e iniciou uma escola em que pretendia modificar completamente os métodos de ensino. Nesses anos em Sarospatak escreveu também o livro “Orbis Pictus” ou o Mundo em Imagens, que consistiu-se no primeiro livro didático ilustrado e apresentava uma síntese de grande parte do conhecimento de até então com representações iconográficas¹⁴.

Ele resume o mundo todo em cento e cinquenta quadros (tableaus) com títulos (nomenclature) e números que indicam as palavras colocadas em pequenas sentenças. Quase duas mil palavras e noções são explicadas às crianças nesse pequeno livro compacto. Nos três séculos passados, foram publicadas mais de duzentas edições em vinte e seis línguas, que usavam a *Orbis Sensualium Pictus* como modelo. Coisas, fenômenos e noções são mostrados no contexto aparentemente natural de paisagens, naturezas mortas, esquemas ou imagens alegóricas. (TIJEN e VOJTECHOVSKY, 1996).

Três anos antes de sua morte escreveu a obra *Ângelus Pacis*, na qual, segundo Colombo, “Apela à paz e à tolerância entre as nações europeias e insiste na criação de instituições internacionais com este fim”. Por essa obra foi considerado o precursor da ONU. Este apelo foi redigido em inglês e alemão e enviado à Conferência de Breda, reunida em maio de 1667 (COLOMBO, 2006, p. 51-52). Em 1956 a Conferência da UNESCO, em Nova Delhi, deliberou pela publicação da obra de Comenius e o indica como um dos primeiros propagadores da ideia que levou à criação daquela Instituição.

Comenius morreu em 1670, em Amsterdã, aos 78 anos, tendo dedicado os últimos anos de vida ao ensino. Segundo NARODOWSKI o “profundo interesse pelo conhecimento científico e o desejo de que nada neste mundo se constituísse num segredo diante da investigação humana foram os

¹⁴ It summarizes the whole world in hundred and fifty pictures (tableaus) with titles (nomenclature) and numbers that point to words that are set in short sentences. Almost two thousand words and notions are explained for children in this compact little book. In the past three centuries more than two hundred editions in twenty six languages, that used the *Orbis Sensualium Pictus* as a model, have been published. Things, phenomena and notions are shown in the seemingly natural context of landscapes, still lives, schemes or allegoric images.

critérios que Comenius sustentou desde a época de sua formação universitária e que haveria de projetar até a sua mais avançada idade.” (2004, p. 24). Ele é considerado por muitos como o pai da Pedagogia Moderna. Escreveu em torno de duzentos livros que abrangem as áreas de filosofia, reforma social, reforma pedagógica e teologia.

“Comenius anunciou ideias que Rousseau desenvolveu” (INCONTRI, 2004, p. 134). Esta tese está presente nas discussões da Pedagogia Espírita. Queremos lembrar que o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau¹⁵ defendia a ideia que o ser humano é bom por natureza, mas é corrompido pela sociedade que limita as capacidades naturais, afastando o ser da virtude. Segundo Rousseau, o homem verdadeiramente livre só poderia ser formado numa sociedade também pautada na liberdade. Rousseau influenciou o pensamento político e a Revolução Francesa. Segundo Incontri sua contribuição é fundamental em “todas as tendências pedagógicas não-repressivas, de confiança, amor e respeito à criança, de educação ativa e estimuladora, e ainda no reconhecimento do caráter específico da infância, na concepção de que a criança é um ser em desenvolvimento.” (2004, p. 134).

Seria impraticável aqui resumir as ideias de Rousseau, tal a abrangência que elas assumiram, porém queremos destacar a concepção de educação natural, do homem como ser social, do conceito de moral e da educação do cidadão. Petitat nos permite compreender a ideia de nacionalismo desenvolvida

Em J. J. Rousseau o cidadão se opõe à pessoa do rei, a representação dos cidadãos se opõe ao poder hereditário e o amor pelas instituições se opõe à lealdade pelo soberano. Para ele a instrução pública geral dos cidadãos se torna um instrumento de coesão e de solidariedade nacional, o próprio fundamento da estabilidade de um regime representativo. O Estado já não pode delegar a outros o cuidado de formar cidadãos. Em suas considerações sobre o governo da Polônia,

¹⁵ Rousseau nasceu em Genebra em 1712, sua família era calvinista. A mãe morreu no parto e o pai quando ele tinha dez anos. Passou então a viver com um tio que, por sua vez, entregou sua educação a um pastor protestante. Em 1728, aos dezesseis anos, iniciou viagens pela Suíça, Itália e França onde se instalou a partir de 1741. Conheceu filósofos iluministas se aproximando de Diderot, com o qual colaborou na elaboração da Enciclopédia. Em 1762 Rousseau publicou suas duas principais obras *Emílio* e *o Contrato Social*. Na história da Educação Rousseau é considerado o pai da Pedagogia Moderna.

J. J. Rousseau exprime a sua visão com um acento quase nacionalista: “Este é o ponto importante é a educação que deve dar às almas sua forma nacional e dirigir de tal forma as suas opiniões e os seus gostos que elas serão patriotas por inclinação, por paixão, por necessidade. Uma criança ao abrir os olhos deve ver a pátria, e até a morte, nada deve ver além dela [...] Aos vinte anos um polonês não deve ser outro homem; ele deve ser um polonês. Quero que ao aprender a ler, ele leia sobre coisas de seu país, que aos dez anos ele conheça tudo o que seu país produz, aos doze todas as províncias, todos os caminhos e todas as cidades; que aos quinze ele saiba toda sua história, aos dezesseis todas as leis, e que não tenha havido em toda Polônia uma bela ação ou um homem ilustre que ele não tenha na memória e no coração [...]. Daí, poderemos depreender que não serão estudos comuns dirigidos por estrangeiros ou por padres que eu desejo oferecer às crianças. A lei deve regulamentar a matéria e a forma de seus estudos”. (PETITAT, 1994, p. 142).

O terceiro autor, Johann Heinrich Pestalozzi¹⁶, publicou entre os anos de 1781 e 1787, em quatro partes, a obra *Leonardo e Gertrudes*, “cujo argumento trata de mostrar a ação decisiva do lar, particularmente das mães na formação da infância.” (LARROYO, 1974, p. 582). Em 1783, publicou também *De legislação e Infanticídio* que é considerada a primeira obra de sociologia juvenil do mundo. Em 1801, Pestalozzi publica *Como Gertrudes ensina seus filhos*, sua principal obra pedagógica. Pestalozzi foi ainda redator de um jornal, fundador, e diretor por um ano, do Instituto Stans. Depois fundou uma escola e seminário de professores no castelo de Burgdorf e, em 1808, fundou o instituto de ensino para meninos de Yverdon. O instituto de Pestalozzi funcionava em um castelo construído no século XII, era considerado uma escola modelo pelo método utilizado e pela organização pedagógica. J. G. Fichte que conheceu o

¹⁶ Pestalozzi nasceu em 1746 em Zurique, aos cinco anos perdeu o pai. Foi criado pela mãe e viveu durante um tempo numa aldeia com o avô camponês. Fez a escola primária e secundária em sua cidade natal. Depois Pestalozzi estudou linguística e filosofia no Collegium Carolinum em Zurique. Em 1764, associou-se a Sociedade Helvética, uma sociedade patriótica e liberal. Nela Pestalozzi propôs reformas para a Suíça que passava por crises políticas. Poucos anos depois Pestalozzi decidiu se tornar agricultor, atividade esta que desenvolve na fazenda Neuhoof, onde criou um instituto de ensino para crianças pobres. Recebeu em torno de 50 crianças e tinha como proposta unir educação e trabalho. Porém em 1780, oito anos depois de iniciado, o instituto foi à falência. Pestalozzi então se dedicou principalmente a escrever. Antes já tinha escrito e publicado sobre a sua experiência em Neuhoof.

Instituto escreveu nos seus Discursos à nação Alemã (1807-1808) que a reforma na educação devia tomar por ponto de partida o método de ensino de Pestalozzi. E acrescentou “do Instituto de Pestalozzi espero a salvação da Alemanha.” (WANTUIL, 2004, p. 27)¹⁷.

Foi nessa escola que Hippolyte Léon Denizard Rival estudou e a formação adquirida neste estabelecimento de ensino foi decisiva na sua carreira posterior de pedagogo. Audi, citando a Revue Sprite de maio de 1869 aponta que “ali nasceram as ideias que mais tarde o colocariam (Allan Kardec) na classe dos homens progressistas e dos Livres Pensadores”. (AUDI, 1999, p. 13). O auge do instituto de Yverdon se deu em 1809, período em que a Instituição chegou a ter mais de 150 alunos. O período posterior foi marcado por uma série de disputas com professores, que resultou em processos judiciais e terminou com a renúncia de Pestalozzi ao instituto, em 1825. No ano seguinte, Pestalozzi publicou o Canto do Cisne. Em 1827 faleceu.

Pestalozzi é um autor muito estudado nos países de língua alemã ou de tradição protestante. Observamos que no Brasil a literatura pedagógica faz muitas referências ao seu método de educação. Dora Incontri cita que “Em Stans, temos o primeiro ensaio de seu método; em Yverdon temos a plena realização”. (1997, p. 26). Segundo CAMBI, a experiência de Pestalozzi em Yverdon “teve sucesso nos meios anglo-saxões e protestantes, ou seja, em toda Europa setentrional, desde a Inglaterra até a Holanda, a Escandinávia e a Prússia”. (1999, p. 416).

Já Hippolyte Rivail nasceu na cidade de Lyon, em 1804, em uma família de tradição católica, na qual predominava a relação profissional com a área do direito, seu pai e seu avô foram advogados. Ele, porém, desde cedo, segundo seus biógrafos, manifestou interesse pelas ciências e pela filosofia. Iniciou seus estudos em Lyon e aos dez anos foi enviado para o Instituto Pestalozzi, em Yverdon na Suíça. Hippolyte assinou suas primeiras obras identificando-se como discípulo de Pestalozzi. Em vários momentos nas suas

¹⁷ Wantuil cita outros nomes que também estudaram em Yverdon: Humboldt, Maine de Biran, Robert Owen, Mme de Stael, Hermann, Hoffmann, Froebel, Carl Ritter. A escola teria sido visitada por Goethe, Fichte e citada por Kant que apesar de não a conhecer pessoalmente era defensor do método.

obras pedagógicas e posteriormente nas espíritas ele destaca a influência que este período de estudos na Suíça representou na sua formação intelectual.

O castelo em Yverdon, onde se localizava o Instituto Pestalozzi é descrito como um local de liberdade, conhecimento e experiências educacionais inovadoras. Wantuil cita carta que faz referência às lembranças de Roger de Guimps, sobre os anos que estudou no Instituto entre 1808 e 1817, portanto os últimos três anos de sua formação escolar coincidem com os primeiros anos de Hippolyte Rivail no Instituto.

Os alunos gozavam de grande liberdade; as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família simples, e as crianças quase não se prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem. A última hora da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre; as crianças diziam: “On travaille pour soi”, e elas podiam, a seu bel-prazer, ocupar-se de desenho ou de geografia, escrever a seus pais ou pôr em dia seus deveres. (WANTUIL, 2004, p. 31).

Outra característica do Instituto era manter entre seus mestres jovens ex-alunos, como submestres. Estes também desenvolviam um sistema de vigilância educativa sobre os demais alunos. Os submestres eram orientados diretamente por Pestalozzi. Vários relatos mencionam a prática de Pestalozzi em chamar pessoalmente os alunos para lhes questionar sobre o seu comportamento. O que se destaca no método adotado por ele era justamente esta ação de responsabilizar o educando pelo seu desenvolvimento, disciplinando, mas em uma prática de liberdade a que Wantuil afirma

Roger de Guimps percorreu ainda sobre a natação no lago Neuchâtel, as margens do qual descem as encostas do Jura cobertos de vinhedos, sobre as caminhadas pelo vasto jardim contíguo ao castelo, sobre a obrigatoriedade dos exercícios

militares para os alunos maiores, sobre o ensino facultativo da dança e da esgrima, sobre as ascensões às montanhas próximas, sobre as patinagens durante o inverno, sobre as festas principais do ano, inclusive a do aniversário de Pestalozzi, sobre as grandes excursões às florestas da vizinhança, a fim de realizarem estudos e colherem plantas, sobre as representações teatrais, geralmente baseadas em feitos heróicos da história da idade média, sobre os jogos e diversões várias, sobre a importância que Pestalozzi dava ao canto: cantava-se no intervalo das lições, nos recreios, nos passeios. [...] Não haviam castigos, nem recompensas. Pestalozzi não queria nem a emulação, nem o medo. Só admitia a disciplina do dever, ou melhor, da afeição, do amor. Nas admoestações que fazia, sempre indiretas, punha tanta bondade e compreensão em suas palavras, que não raro os alunos se retiravam com lágrimas nos olhos, de sincero arrependimento. Além de receberem excelente preparo físico, intelectual e moral, os escolares eram igualmente educados para a vida em sociedade, de modo a poderem enfrentar o mundo em qualquer situação ou circunstância. (WANTUIL, 2004, p. 33-34).

Outro professor que exerceu influência sobre Rivail foi o Francês Alexandre Boniface, que lecionou em Yverdon entre 1814 e 1817, quando retornou a Paris, onde inaugurou uma escola inspirada no método de Pestalozzi, que dirigiu até 1841. Rivail manteve contato com Boniface que o estimulou a escrever o Curso Prático e Teórico de Aritmética. Rivail no discurso preliminar desta obra escreveu

Eu devo aqui homenagear uma pessoa que protegeu minha infância, Sr. Boniface, discípulo de Pestalozzi, professor renomado tanto por sua erudição, quanto por seu talento a ensinar. Ninguém possuiu melhor do que ele a arte de se fazer amado, eu diria mais, de se fazer querido por seus alunos. Ele foi um dos meus primeiros professores e eu me lembrarei sempre do prazer com o qual assistia a suas aulas, assim como meus colegas. Pleno de amor pela infância e imbuído de sincera filantropia. (Curso Prático e Teórico de Aritmética, 2000. p. viii).

Rivail vivenciou experiências pedagógicas no Instituto Pestalozzi por meio do método adotado, o método Lancaster. Antes dos quinze anos já atuara

como professor. Após sair do Instituto retornou à França, foi morar em Paris e lá iniciou a sua atividade no Magistério. A professora Ceres de Carvalho Medina, em um artigo recente sobre o pensamento de Kardec aponta

a importância do Instituto na vida de Denizard, como podemos compreender, não se reduziu ao espaço do estudo formal, a uma formação humanística, crítica, que contribuiriam para seu futuro pedagógico. Na verdade, os embates político-religiosos refletiam-se internamente entre professores e Pestalozzi e acabavam por envolver os alunos. (KARDEC, 2008, p. 2-3).

No início de 1814, ano que Rivail entrou para o Instituto Yverdon, a Suíça vivenciava um contexto político de confronto entre os conservadores, que queriam restabelecer as instituições do século XVIII, e os liberais, que buscavam avançar nas conquistas revolucionárias. Esta disputa se dava também no plano religioso com o embate entre a igreja católica e a reformada. Segundo Medina

a Igreja Reformada e a Católica disputavam o espaço com o racionalismo reinante se esforçando, não sem sucesso, para retomar a vida espiritual e recuperar a influência sobre os adeptos perdidos em razão da fé autoritária e da vida sem religiosidade vivenciadas pelas e nas Igrejas submetidas ao estado. Emerge então, na Suíça, um movimento místico protestante conhecido como Reveil, fundado sobre a ideia do reavivamento da fé pessoal, e que defendia a liberdade de crença e culto. Ao Instituto de Yverdon o Reveil chega por meio de seus professores calvinistas que, em nome da revificação da fé protestante passam a se opor a Pestalozzi, que, embora pertencesse à Igreja Reformada, relativizava a importância atribuída à Bíblia, assim como, não aceitava dogmas, particularmente, os do pecado original, da graça e da redenção. Orientava sua conduta por princípios de um cristianismo racionalista e por princípios éticos e morais que o impediavam de ser intolerante para com a crença do outro. Confiantes, em nome da fé, no dever de lutar contra aqueles que não o consideravam um verdadeiro cristão, professores do Instituto participantes do Reveil desencadeavam ataques a Pestalozzi ao afirmar, publicamente, que o ensino religioso no colégio não seguia os preceitos da Igreja Reformada, inspirava aos alunos um ânimo anti-cristão, ódio às autoridades, crítica

radical às instituições sociais, além de estimular ideias revolucionárias. (MEDINA, 2008, p. 3).

Neste contexto, a formação escolar de Rivail e a convivência com alunos de várias partes do mundo permitiu a ele uma experiência de vida com diversidade de linguagem, de cultura e de visão religiosa, que certamente influenciaram sua obra pedagógica e, posteriormente, as suas obras da Doutrina Espírita.

Em 1823, Rivail fixou residência em Paris e publicou sua primeira obra didática, um curso prático e teórico de Matemática¹⁸. Seu objetivo era, reconhecendo na mãe a figura de influência na criança, criar um livro que consistisse num manual de como a mãe deveria ensinar aritmética à criança. A partir daí Rivail escreveu as demais obras pedagógicas, além das propostas de reformas para o ensino na França. A cada comissão instituída para estudar reformas de ensino ele escrevia um ensaio no qual expunha suas ideias pedagógicas e opinava sobre a organização do ensino para a França.

Em 1825, começou a dirigir uma escola elementar, no ano seguinte fundou o Instituto Rivail de Ensino Secundário, que funcionou até 1834. Pela atuação neste Instituto Rivail foi premiado pela Academia Real de Paris¹⁹.

Até 1854 Rivail atuou como pedagogo e esteve envolvido em diferentes atividades educacionais, o magistério, a direção de estabelecimentos escolares, a pesquisa e a divulgação de obras didáticas, a tradução de obras do francês para o alemão, traduziu obras de Fenelon, especialmente

¹⁸ Cours Pratique et Théorique D'Arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi H.L.D. RIVAIL.

¹⁹ Segundo Zeus Wantuil (2004), o Professor Hippolite, recebeu também os seguintes títulos:

- Diploma de fundador da Sociedade de Previdência de Instituições e Pensões de Paris (1829).
- Diploma da Sociedade para Instrução Elementar (1847).
- Diploma do Instituto de Línguas fundado em 1837.
- Diploma da Sociedade de Ciências Naturais de França (1835).
- Diploma da Sociedade de Educação Nacional, constituída pelos diretores de Instituições e Pensões da França.
- Diploma da Sociedade Gramatical, fundada em 1807, em Paris. (1829).
- Diploma da Sociedade Real de Emulação, de Agricultura, Ciências, Letras e Artes do Departamento do Ain (1828).
- Diploma do Instituto Histórico fundado em 24 de dezembro de 1833.
- Diploma da Sociedade Francesa de Estatística Universal, fundada em Paris, em 22 de novembro de 1829.
- Diploma da Sociedade Promotora da Indústria Nacional.
- Diploma da academia Real de Arrás (1831).

“Telêmaco” que foi muito utilizada nos educandários franceses.

A sua produção didática demonstra uma visão da educação que perpassa pelo institucional, pela formação do professor, pela escola elementar e pelo curso superior. Um dos ensaios escritos por ele, em 1847, discute um projeto de lei que estabelece as obras clássicas que poderiam ser lidas nas universidades²⁰.

O afastamento de Rivail do cenário da educação ocorreu em meio aos acontecimentos que resultaram na instalação da Segunda República e a chegada ao poder de Luís Bonaparte, sobrinho de Napoleão. A partir de 1848 a França fora novamente sacudida por um movimento revolucionário que se opôs à política social do Rei Luís Felipe. Este movimento revolucionário foi desencadeado pela reivindicação do direito de voto que ainda era censitário “A oposição consistia não só de uma burguesia descontente, mas também de uma classe média inferior politicamente decisiva, especialmente em Paris.” (HOBSBAWM, 1977. p. 331).

O primeiro ministro Guizot (1840-48) defendia que a ampliação dos direitos políticos ocorreria pelo desenvolvimento econômico, no qual novos proprietários atingiriam o direito ao voto. Operários e estudantes foram às ruas, montaram barricadas e exigiram a destituição de Guizot que acabou renunciando. Luiz Bonaparte foi eleito, mas governou sob constantes conflitos, resultando, em 1851, em um golpe de estado. A partir daí conseguiu outorgar uma nova constituição e tornar-se cônsul. Através de um plebiscito adquiriu direitos totais por 10 anos e assumiu o título de Napoleão III, imperador da França, instaurando o Segundo Império (1852-1870). Bonaparte entregou a pasta da Instrução Pública e dos Cultos ao Conde de Falloux, representante do catolicismo ultramontano, o qual instituiu a Lei Falloux, que regeria o ensino primário por dez anos e versava também sobre a universidade. Esta lei “só foi realmente útil às escolas eclesiásticas. Apresentada como uma lei de liberdade, ela apenas transferia um monopólio, o da Universidade para as congregações.” (WANTUIL, 2004, p. 168). Esta lei foi contestada por muitos pensadores, literatos e educadores, entre eles Rivail. Até mesmo Victor Hugo

²⁰ Proposition concernant l'adoption des ouvrages classiques par l'université.

que “pôs na Assembleia Legislativa, toda a sua eloquência contra a lei, dizendo que ele esperava liberdade de ensino sob a fiscalização do Estado laico e não dos bispos e dos delegados dos bispos introduzidos nos conselhos.” (WANTUIL, 2004, p. 168).

Anteriormente à lei, segundo Wantuil, as escolas congregacionais se rivalizavam com as laicas, a partir do apoio recebido pela legislação e pela política de Napoleão III, muitas escolas laicas encerraram as atividades.

A situação agora piorara, tornando-se mais opressiva para os institutores laicos, que desde algum tempo vinham sendo apontados até como agentes da revolução e da desordem. Contrariou-os bastante, máxime aos “chefs d’institution” o privilégio dado aos bispos de poderem criar em suas dioceses, estabelecimentos secundários privados, sob a responsabilidade dessas mesmas autoridades eclesiásticas sem se subordinarem a nenhuma condição ou exigência do Estado, embora deste recebessem auxílios ou subvenções. [...] o institutor tornou-se um subordinado do sacerdote: sob seus olhos vigilantes, ele recitava o catecismo, velava pela igreja e pela sacristia, numa cumulação de encargos por vezes incompatíveis com o seu modo de pensar. O pároco como ministro do culto tinha a fiscalização e a direção moral da escola; como delegado cantonal, podia até exercer a fiscalização e a direção pedagógica. (WANTUIL, 2004, p. 170).

O Professor Rivail, que de acordo com seus biógrafos e a literatura espírita, sempre se identificou com as ideias de liberdade defendidas por seu mestre Pestalozzi, não aceitando mais as condições postas para o ensino na França. Junto com outros pedagogos e professores optou por se afastar das atividades de ensino, somando-se a isso o fato de que naquele ano ele também enfrentaria sérios problemas de saúde. Rivail naquele momento voltou-se à pesquisa de campo na área da ciência. Foi em meio a estas pesquisas que tomou contato com fenômenos correntes em Paris, que o aproximaram da área do espiritualismo que resultou, anos depois, na Codificação da Doutrina Espírita.

1.2 O PROFESSOR HIPPOLYTÉ E SUA OBRA PEDAGÓGICA

Kardec é o nome adotado pelo pedagogo, Hippolyte Léon Denizard Rivail a partir do seu envolvimento com as pesquisas sobre o espiritualismo. Este interesse resultou na Codificação da Doutrina Espírita, com a publicação das chamadas obras básicas do Espiritismo, entre os anos de 1857 quando escreveu “O Livro dos Espíritos” e 1868, quando publicou sua última obra “A Gênese”. No ano seguinte ele faleceu, aos 65 anos.

As obras espíritas escritas por Allan Kardec, que foram divulgadas mundialmente, ficaram muito conhecidas. No Brasil, especialmente, a Doutrina Espírita encontrou amplo campo de atuação. Na França, porém, o espiritismo praticamente desapareceu. A obra anterior de Hippolyte, considerando que por mais de trinta anos ele atuou como pedagogo, ainda é pouco conhecida no Brasil. Estão traduzidos por Dora Incontri somente um conjunto de materiais denominados “Textos Pedagógicos”, composto por um dos Planos de Reforma e três discursos. Analisamos as demais obras na língua original e também a partir de versões preliminares de traduções, em andamento, pelo pesquisador César Graça.

Verificamos alguns dos livros mais utilizados em História da Educação²¹ nos cursos de Magistério e Pedagogia. Buscamos essa relação entre o

²¹ Estamos nos referindo as seguintes obras por nós consultadas:

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da Educação. São Paulo: Moderna, 1996;

GADOTTI, M. História das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1995.

GUIRALDELLI JR, P. História da educação. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1996.

LUZURIAGA, L. História da educação e da pedagogia. 1ªed São Paulo: Nacional, 1975.

MANACORDA, M. A. História da Educação : da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1997.

MONROE, P. História da Educação. São Paulo: Nacional, 1988.

PONCE, A. Educação e lutas de classes. São Paulo: Cortez, 1991.

ROSA, M. da G. A história da educação através dos textos. São Paulo, Cultrix, 1980.

XAVIER, Maria Elizabete / RIBEIRO, Maria Luiza e NORONHA, Olinda Maria. História da Educação – a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994. (Col. Aprender e ensinar);

conhecimento do pensamento de Pestalozzi e o de Kardec, mas não encontramos citações em nenhum dos autores pesquisados. Concordamos, neste sentido, com Incontri quando ela afirma que “procuram-se todas as influências exercidas pelo pedagogo suíço, todos os caminhos percorridos por suas ideias. Há 12 mil títulos publicados sobre ele, mas ignora-se em todos eles a atuação de Rivail/Kardec, como divulgador de seu método na França.” (INCONTRI, 2004, p. 19).

A relação das obras escritas por Hippolyte Rivail é bem ampla e contempla obras didáticas, discursos pedagógicos, programas de ensino e de reformas. De acordo com o pesquisador César Graça podem ser divididos em 4 conjuntos:

A Proposta da reforma de ensino

Plano para melhorar a educação pública. 1828 (52 p.)

Memória sobre a instrução pública, 1831. (16 p.)

Discursos pronunciados na distribuição dos prêmios, 1834 (11p.)

Programa de estudo, 1838 (32 p.)

Projeto de reforma, 1847. (12 p.).

Obras de aritmética

Curso prático e teórico de aritmética, 1824, (192 p.)

Soluções racionais de problemas de aritmética. 1846, (136p.)

Soluções de exercícios e problemas do tratado completo de Aritmética, 1847, (34p.).

Obras de Gramática

Gramática francesa clássica sobre um novo plano, 1831, (156 p.)

Catecismo gramatical da língua Francesa, 1848, (104 p.)

Ditados do primeiro ano, 1850, (112 p.).

Obras escritas com outros autores (Levi Álvares)

Ditados normais dos exames 8ª edição 1878, (396 p.)

Gramática normal dos exames, 9ª edição 1883, (449 p.)²².

²² César Ciriaco Gomes Graça é pesquisador da obra de Kardec, autor de livros sobre o tema. Estes dados foram coletados a partir de estudos do NEP (Núcleo de Ensino e Pesquisa da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos). Segundo INCONTRI e D.;GRZYBOWSKI, P. (2005) e WANTUIL Z.; THIESEN F. (2004) as obras pedagógicas escritas por Rivail mais conhecidas, são:

1) Cours Pratique et Théorique d'Arithmétique d'après principes de Pestalozzi avec des modifications (Curso Teórico e Prático de Aritmética, segundo os princípios de Pestalozzi, com modificações) – 1823; 2) Cours Pratique et Théorique d'Arithmétique d'après les la Methode de

Vamos à análise das obras pedagógicas do Professor Rivail, iniciando pelo curso de Aritmética, que foi sua primeira obra editada, quando ele tinha 19 anos. Na apresentação desta obra Rivail faz agradecimentos ao físico e matemático André Marie Ampère, e aponta que a partir dos estudos e sugestões de Ampère organizou seu método próprio de ensino da Aritmética. Ampère foi

professor dos mais ilustres, formou-se em 1815, ao lado de muitos outros nomes brilhantes, como Choron, Julien de Paris, o geômetra Hachette, o duque de Broglie, Jornard, primeiro

Pestalozzi avec des modifications (Curso teórico e Prático de Aritmética, segundo os princípios de Pestalozzi, com modificações) – 1824; 3) École de premier degré (Escola de Primeiro Grau) – (1825); 4) Plan proposé pour l'amélioration de l'education publique (Plano proposto para a melhoria da Educação Pública) – (1828); 5) Les trois premiers livres de Télémaque (Os Três Primeiros Livros de Telêmaco) – (1830); 6) Grammaire française classique sur un nouveau plan (Gramática Clássica Francesa com base num Novo Plano) – (1831); 7) Mémoire sur l'instruction publique (Memorando sobre o Ensino Público) – (1831); 8) Mémoire sur cette question: Quel est le système d'étude le plus en harmonie avec les besoins de l'époque? (Memorando sobre a questão: Qual é o sistema de estudo mais conveniente às necessidades da atualidade?) – (1831); 9) Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834, par M. Rivail, chef d'institution, membre de l'académie d'industrie. Suivi d'un Discours prononcé par le jeune Louis Rouyer, âgé de quinze ans (Discurso proferido na entrega de prêmios em 14 de agosto de 1834, pelo senhor Rivail, Diretor de Escola, Membro da Academia da Indústria. Seguido de discurso proferido pelo jovem Louis Rouyer, com 15 anos) – (1834); 10) Programme des études selon le plan d'instruction de H. L. D. Rivail (Programa de Estudos segundo o planejamento de H. L. D. Rivail) (1838); 11) Cours complet théorique et pratique d'arithmétique (Curso completo Teórico e Prático de Aritmética) (1845); 12) Manuel des examens pour le brevet de capacité (Manual de Exames para o Atestado de Capacidade) (1846); 13) Solutions raisonnés des questions et problèmes d'arithmétique et de géométrie (Soluções racionais para as questões de aritmética e geometria) (1846); 14) Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes (Projeto de reforma referente a exames e educandários para jovens) – 1847; 15) Proposition concernant l'adoption des ouvrages classiques par l'université (Proposta referente à adoção de obras clássicas pela Universidade) (1847); 16) Traité complet d'arithmétique (Tratado Completo de Aritmética) (1847); 17) Solution des exercices et problèmes du «Traité complet d'arithmétique» (Solução dos exercícios e problemas do "Tratado completo de aritmética") (1847); 18) Catéchisme grammatical de la langue française (Catecismo Gramatical da língua francesa) – (1848); 19) Grammaire normale des examens (Gramática Normal dos Exames) (1848); 20) Dictées normales des examens de l'Hôtel de Ville et de la Sorbonne (Ditados Normais dos exames do Município e da Sorbonne) – (1849); 21) Dictées spéciales sur les difficultés orthographiques (Ditados especiais sobre dificuldades de ortografia) – (1849); 22) Programme des cours usuel de chimie, physique, astronomie, physiologie (Programa de cursos normais de química, física, astronomia, fisiologia) – (1849); 23) Dictées du premier et du seconde âge (Ditados para a primeira e segunda idades) – 1850. 24) Cours de calcul de tête (Curso de cálculos mentais); 25) Manuel pédagogique (Manual pedagógico); 26) Mémento arithmétique des examens (Momento aritmético exames); 27) Programmes des études d'instruction primaire (Programa estudos de instrução primária); 28) Traité complet pratique et théorique d'arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi (Tratado completo prático e teórico de aritmética segundo o método de Pestalozzi). (apud INCONTRI, 2005, p.33-35)

conselho de administração da “Société pour l’instruction élémentaire”, associação que se destinava, entre outras coisas, a dar à classe popular o gênero de educação intelectual e moral mais apropriado às suas necessidades e em cujos quadros figuraria, mais tarde, o nome de Rivail. (WANTUIL, 2004, p. 102-103).

O autor afirma destinar a obra aos professores que querem trabalhar os cálculos de memória e também “às mães que desejam dar aos filhos as primeiras noções dessa ciência.” (H.L.D. RIVAIL, 2000, p. inicial). Rivail inicia esta obra com um longo discurso em que expõe o pensamento da época e de outros autores sobre esta ciência, o método de Pestalozzi e a justificativa do porque ensinar aritmética “Propus-me um objetivo particular e segui por necessidade um outro caminho. A Aritmética deve ser considerada não somente como uma ciência, mas como um meio de desenvolver a inteligência da criança, de formar o seu julgamento e de habituá-la a pensar com justiça”. (2000, p. vi).

Explicando o método de Pestalozzi, Rivail aponta a necessidade da autonomia do educando, que ao aprender a desenvolver suas aptidões naturais, com o tempo e “se, posteriormente, sua condição econômica não permitir o auxílio de um professor, de acordo com o tipo de educação que recebeu, poderá adquirir conhecimento por si mesmo utilizando suas próprias potencialidades. Semeando assim o fruto sobre o terreno já trabalhado porque terá aprendido a aprender.” (2000, p. vi). Rivail destaca a compreensão da teoria dos conjuntos para relacionar a ideia de justiça social, portanto, inicia com a teoria dos conjuntos e termina a proposta de curso com o ensino de logaritmo.

Rivail exemplifica cada explicação matemática com muitas atividades, quando destaca a possibilidade das mães trabalharem com a criança afirma que cabe ao adulto alcançar a inteligência da criança

esforçando-nos para entrar na esfera das suas ideias, nos ali encontramos mil oportunidades de exercícios úteis. São seus dedos para contar os objetos que lhe damos, os quais somamos e subtraímos. Procure quantos dedos existem em 2,

3, 4 mãos, quantas patas existem em 2, 3, 4 cavalos e mil outros exercícios que não cabem aqui mencionar por serem óbvios. Mas nada que possa esgotar a paciência de uma mãe! (CURSO TEÓRICO E PRÁTICO DE ARITMÉTICA, 2000, p. vi).

Na área da linguagem são três as obras publicadas. Uma gramática, um catecismo da língua francesa e um conjunto de ditados em dois volumes, além da tradução de muitas obras francesas para o alemão, visto ter estudado este idioma em Yverdon. Rivail traduziu especialmente as obras de Fénelon. Este trabalho de tradução acabou por influenciar o pensamento e a obra posterior de Rivail sobre a educação feminina. Na gramática estão explicados os princípios e regras da língua francesa, bem como noções da origem dos termos, demonstrando um conhecimento sobre as línguas mortas. É interessante aqui destacarmos que depois Rivail, no Plano de Reformas, discute que o ensino de línguas deveria concentrar-se somente nas línguas vivas. Rivail afirma que seu objetivo foi fazer uma obra clássica e não uma obra erudita. “Meu objetivo foi fazer uma obra clássica, e não uma obra sábia ; se a ciência gramatical pode ser aperfeiçoada, como não duvido, deixo essa tarefa aos mais hábeis que eu”. (RIVAIL, H.L.D., 1831, Introdução), [Tradução nossa]²³. Rivail discute que as obras escritas até então eram complexas, com regras detalhadas e que dificultavam muito o aprendizado e até mesmo o pensar de forma clara. Após muito tempo de estudo e muitas dificuldade que a sua obra foi elaborada considerando que

[...] é que as regras ortográficas, por mais difíceis que sejam, geralmente repousam sobre observações materiais, e que, sendo menos abstratas, são muito mais fáceis de compreender, até mesmo pelas crianças, do que aquelas sobre a construção as quais estão fundadas, em sua maioria, sobre observações muito sutis, e, frequentemente, da mais profunda abstração. (RIVAIL, H.L.D., 1831, p. 2), [Tradução nossa]²⁴.

²³ Mon but a été de faire un ouvrage classique et non un ouvrage savant; si la science grammaticale peut être perfectionnée, comme je n'en doute pas, je laisse cette tâche à de plus habiles que moi, (1831, – introduction).

²⁴ [...] c'est que les règles sur l' orthographe, quelque difficiles qu'elles soient, reposent en général sur des observations matérielles, et qu'étant moins abstraites, elles sont beaucoup plus faciles à comprendre, même pour des enfants, que celles sur la construction qui sont fondées, pour la

Rivail afirma que pode se aprender o francês sem precisar de exemplos bárbaros, que não se aprende ensinando de maneira errada, que deve se ensinar de maneira racional. A partir da gramática ele propõe a prática do ditado, que nos parece é uma característica ainda da educação francesa. O Ditado deve ser corrigido e recorrigido, mesmo com dificuldades, a prática constante leva à melhoria da gramática, visto que um mesmo som pode ser escrito de várias maneiras e várias palavras diferentes podem ter a mesma pronúncia. Desde as primeiras letras Rivail sugere que ao invés de usar textos comuns já deve-se usar textos que tratavam da mitologia, por exemplo, porque no ditado além de aprender a língua, os educandos aprendem o conteúdo. É interessante pensarmos que ele propõe os ditados de uma forma crescente, partindo das dificuldades gramaticais, das dificuldades escritas, passando para o ensino da literatura francesa, pelos conhecimentos gerais e, principalmente, pelo ensino de conceitos morais.

Na obra os *Dictées Normales*, em dois volumes, Rivail propõe um estudo da língua francesa no qual se explica as regras da gramática a partir de fragmentos de textos de autores como Rousseau, Voltaire, Fenelon, Chateaubriand, Molière. Muitos textos são elaborados pelo próprio Rivail que procurava passar exemplos morais. Ele afirma que o educador deveria seguir a natureza da criança, por isso os exercícios eram organizados em uma determinada ordem, partindo da ortografia, e os ditados ajudariam as crianças a ter conhecimento de como se escreve e como se pronuncia. Segundo ele os ditados ajudam a copiar com perfeição e exatidão até que a criança escreva corretamente. A análise dos sons seria um trabalho posterior, pois que é de outro gênero. Ele descreve sons e letras que significam memorização. Na segunda parte compreende gramática, ortográfica. Os exercícios de ditados também eram pensados para desenvolver atividades ortográficas. Em várias edições desta obra há a contribuição do professor francês M. Álvares, na segunda parte. Esta obra tinha por objetivo preparar os alunos para exames de

plupart, sur des observations très subtiles et souvent de la plus profond abstraction. (RIVAIL, H.L.D., 1831, p. 2).

professor ou de diretor de escola realizados pela prefeitura de Paris e pela Sorbonne.

Os Dictées (cadernos de ditado) além de complementarem as gramáticas escritas por Rivail, são compostos por textos sobre temas diversos, escritos pelo próprio Rivail ou selecionados de diversos autores, abordando temas das mais diferentes áreas como História, Geografia, Biologia, Matemática. Em relação à área de história, gostaríamos de citar do original

Eu poderia encontrar quem me contradiga, quando eu dissesse que a história é a rainha e a mãe de todas as ciências. Na verdade, quais sejam as pretensões de suas rivais, não se poderia negar a superioridade que lhe agradaram a lhe reconhecer os juízes os mais competentes. As línguas que nós aprendemos a falar não seriam tão úteis que elas o são, se elas não arrancassem no tempo e na morte isto que lhe é falso implacável tarefa de nos alegrar. Teríamos nos conhecido os homens cuja virtude nos o imitamos, se a História não os tivessem imortalizado? É ela que fixa eternamente o teatro do universo, que perpetua as cenas, desvelando todos os mistérios. Sem o conhecimento da história, nos ficaríamos crianças toda a nossa vida; pois o que poderia nos ensinar o pequeno número dos acontecimentos que nos vimos realizar, comparando com aquele que nós tínhamos lido ou ouvido contar? Todos os tesouros que as filhas de Mnemosina acumularam (rivalizando entre si) estariam perdidos para nós, se a sua irmã Clio não tivesse tomado cuidado de havê-los conservado. Que saberíamos nós da antiguidade sem Heródoto, Thucídides, Xenofon, Tácito, Tito Lívio e o Quinte-Curce? E, entretanto, tantos escritos preciosos foram perdidos! Quantas coisas nós não saberíamos, se os antigos tivessem conhecido a arte de Gutenberg, esta arte maravilhosa de reproduzir o pensamento e que espalha para todos os povos e em todas as épocas! Com esta arte, o fanático Omar não nos poderia ter privado dos tesouros reunidos na célebre Biblioteca de Alexandria. (1849, p. 122)²⁵, [Tradução nossa].

²⁵ Puisse-je (1314) ne pas trouver de contradicteurs, quand je dirai que l'histoire est la reine ete ia mère de toutes les sciences! Em effet, quelles que soient les prétentions de ses rivales, on ne saurait nier le superiorité que se sont plu à lui reconnaître les juges les plus compétents. Les langues que nous avons appris à parler ne seraient pass aussi (1348) utiles q'elles le (849) sont, si elles n'arrachaient au temps et à la mort ce que leur faux impitoyable tache de nos ravir. Aurait-on connu les hommes dont nous nous sommes preposé d'imiter les vertus, si l'histoire ne les eut (1993) immortalisés? C'est elle que fixe eternellement le théâtre de l'univers, qui enperpétue les scènes, em dévoile tous les mystères. Sans la connaissance de l' histoire, nous resterions enfants tout notre vie; car que pourrait nos apprendre lê petit nombre dès evènements que nous avons vus s'accomplir, encomparaison de ceux que nous avons lus ou entudu

Observamos nesta citação o destaque que Rivail²⁶ dá à História, colocando-a como a “mãe de todas as ciências”, status que a História de certa forma adquire somente no século XX, quando as áreas de pesquisas vão se preocupar com a contextualização, tanto nas ciências humanas quanto nas exatas. Em um discurso anterior, pronunciado em 1834, Rivail já afirmara quanto ao ensino de história que

Esta ciência é ensinada por toda parte por meio de livros apenas; há cerca de dez anos pensei em fazer um estudo tanto para os olhos quanto para o espírito. Tinha trabalhos nesta época com este objetivo, mas que foram interrompidos; e apenas este ano pude continuá-los. O objeto deste método é de apresentar os fatos da história de uma maneira sensível, por meio de desenhos, mas a escolha dos fatos não é indiferente. Em toda parte este ensino se limita à história política; o conhecimento rigoroso de uma multidão de datas sem importância; de tratados, de batalhas, da filiação das casas dos soberanos, forma o fundo deste estudo e o torna árido. Mas há uma série de fatos não menos essenciais e mais interessantes, são os que caracterizam os costumes e usos que fazem conhecer os progressos das artes e das ciências, as origens, etc. Tomei por base os homens célebres, porque são eles que fazem a história e servem de centro para onde convergem os eventos de detalhes; mas não me limitei aos personagens políticos, todos aqueles que se tornaram ilustres nas letras, nas artes e nas ciências, aqueles cujas virtudes tornaram seus nomes queridos à posteridade, tiveram que encontrar lugar neste museu histórico, assim como as descobertas, as invenções, os monumentos importantes, etc. (RIVAIL, H.L.D., p. 113-114).

raconter? Tous les trésors que les filles de Mnémosynes ont amassés á l'envi seraient perdus pour nous, si leur soeur Clio n' eut pris soin de nous le conserver. Que saurions-nous de l'antiquité sans les Hérodote, les Thucydide, les Xénophon, les Tacites, les Tite-Live et les Quinte-Curce(813)? Et cependant que d'écrits précieux ont été perdus! Que de choses ne saurions-nous pas, si les anciens eussent connu l'art des Gutemberg, cet art merveilleux de reproduire la pensée, et qui la répand chez tous les peuples et dans tous les âges! Avec cet art, le fanatique Omar n'eut pu nous priver des trésors amassés dans la célèbre bibliothèque d' Alexandrie. (1849, p. 122).

²⁶ Este texto nos levantou dúvidas se foi escrito pelo próprio Rivail, porque na obra em que o mesmo foi retirado não há um indicativo afirmando ser dele ou de outro pensador, porém como ele aponta na introdução usar também textos retirados dos Exames da Sorbonne e a obra apresenta vários textos que tratam da história, levanta-nos a dúvida, apesar de percebermos que todos os textos trazem a mesma linha de raciocínio.

Pelo que Rivail afirma neste texto, podemos deduzir que ele pretendia escrever uma obra didática de História, assim como o fez com a Aritmética e a Gramática. No conjunto de obras pesquisadas não localizamos nenhum estudo mais específico a não ser no Programme de Études Selon le Plan d'Instructions, de 1838, em que Rivail propõe o ensino da História tendo como referência a História Sagrada. Ele estabelece uma periodização que consiste em “**Tempos Ante-diluvianos** (do século 41º ao 25º A. C.) **Tempos Históricos** (antes de Jesus Cristo – do século 8º AC até o nascimento de Jesus Cristo – e após Jesus Cristo – do século 1º até o século 4º); **História da Idade Média** (desde o ano 476 até 1453) e **História Moderna** (após o ano de 1453)” (RIVAIL, H.L.D., 2002, p. 91).

1.3 A PROPOSTA DE REFORMAS

Em 1828 Rivail publicou o seu primeiro plano de reformas para o ensino na França – *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique*. Nesse plano ele se opõe ao ensino tradicional, fundamentado na visão humanista e que valorizava as línguas antigas como o latim e o grego. Rivail elaborou uma proposta que valorizava o estudo das ciências e das línguas modernas, bem como de um ensino que respeitasse a natureza da criança, se opondo duramente a qualquer forma de castigos físicos. Neste Plano de Reformas também discutiu o ensino feminino, o ensino para a classe trabalhadora e, principalmente, a formação de professores.

Lembramos que a primeira metade do século XIX, no ocidente, foi marcada pela organização de um sistema de educação nacional. As leis que garantiram as formas de instrução pública foram construídas e consolidadas tanto nos países europeus quanto nos EUA. A França vivenciava um contexto de disputas entre a Igreja e o Estado. A tradição católica na educação vinha sendo contestada desde a Revolução Francesa “desenvolveu-se a mais intensa luta dos partidos políticos conservadores e progressistas, reacionários e liberais, por apoderar-se da educação e da escola para seus fins [...] foi uma luta entre a Igreja e o Estado em torno da educação: venceu este”. (LUZURIAGA, 1975, p. 180).

Anteriormente Napoleão, na primeira década do século, “baixou uma lei organizando a instrução pública por forma centralizadora, sob o nome de Universidade Imperial” (LUZURIAGA, 1975, p. 182). Com isso garantiu o monopólio para o Estado. A Lei Guizot, de 1833, instituiu o ensino primário gratuito e laico. O plano de reformas proposto por Rivail se insere neste contexto, bem como a sua saída posterior do cenário da educação quando a sociedade Francesa vivenciou um retrocesso aos avanços atingidos neste momento político. Segundo Incontri

O plano proposto para melhoria da educação pública era uma brochura de 52 páginas editada, em 1828, pela editora DENTU cuja sede se localizava no Palácio Real. Ela foi apresentada

aos membros do Parlamento Francês. Nesta obra Rivail expunha sobretudo ideias pestalozzianas, mostrando como uma criança é influenciada por seu ambiente, e como seu desenvolvimento se dará, entre outras pela influência do professor, que deverá saber direcionar bem seus interesses. Segundo ele na educação o mais importante é a verdadeira liberdade de ensino e o monopólio acadêmico. Diretores de escolas e educandários devem ter o direito de adotar as matérias que em sua opinião seriam as mais adequadas. Por outro lado, quando tudo depende de decisões administrativas, é o Estado que deve manter o monopólio. Rivail observou também que os alunos de escolas públicas não tinham os mesmos direitos que seus colegas de escolas particulares. Como um dos maiores problemas das instituições educativas de seu tempo, Rivail considerava a falta de educação moral, a qual segundo ele, possibilitaria a uma criança tornar-se um cidadão honesto e de boa vontade. (2005, p. 40).

Rivail apresenta-se como discípulo de Pestalozzi, Chefe de Instituição²⁷ da Academia de Paris e membro de várias sociedades científicas. Rivail abre esta obra afirmando que para educar a juventude era preciso conhecer os métodos mais adequados, que estes conhecimentos eram uma verdadeira ciência, que era preciso estudar para ser professor como se estuda para ser médico. Rivail afirma que todos falavam da importância educação, mas para ele a educação era uma arte – a de formar os homens, de permitir que nascessem as virtudes e de controlar os vícios, de desenvolver a inteligência e dar instrução adequada às suas necessidades. Para educar era preciso saber o que se queria ensinar, como se quer ensinar e qual o caminho a ser percorrido. A proposta foi construída por meio de três perguntas, as quais respondeu ao longo do texto: – O sistema educacional sabe o caminho a ser percorrido? Quais os obstáculos? Quais os meios para superar estes obstáculos?

Observamos que assim como em Comenius e Pestalozzi há uma grande preocupação com o método, que em Rivail é definido pelo caminho para a formação dos valores morais na infância, tanto nos hábitos físicos, quanto nos intelectuais resultando, segundo ele, numa construção moral do indivíduo. Rivail responsabiliza tanto os pais quanto os professores pela

²⁷ Chefe de instituição é o equivalente a diretor de escola.

formação de hábitos indevidos e afirma que tanto a condescendência quanto a excessiva rigidez eram danosas à educação dos filhos, principalmente as punições que, ao invés de educar, geravam a aversão ao estudo e ao conhecimento.

Um dos problemas apontados por Rivail neste plano de reforma era a situação dos professores primários, que não eram valorizados e, conseqüentemente, eram atraídas para a educação as pessoas com menor potencial intelectual e compromisso.

Talvez não seja inútil procurar a causa primeira dessa espécie de descrédito em que se encontra a carreira da educação no mundo. É retornando a fonte de um mal, que se pode mais facilmente achar os meios de remediá-lo. Esse descrédito se deve a ideia falsa que sempre se fez da educação. Pela convicção de que ela se limita à instrução, exigiu-se dos educadores apenas aquela que é rigorosamente necessária para a idade de que devem se ocupar; assim ela fica muito limitada, pois dos educadores do terceiro grau, por exemplo, exige-se apenas saber ler, escrever e fazer as quatro operações. Concebe-se que não é difícil encontrar pessoas que saibam apenas isso, sobretudo quando não há a preocupação de que elas tenham ou não um bom método para ensiná-lo. Resultou disso que uma multidão de pessoas, elas mesmas sem educação, abraçaram esta carreira unicamente porque lhes dava um meio de vida ou porque as elevava um pouco. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 71).

Hobsbawm aponta que na França o professor já formara, desde o século anterior, uma espécie de Instituição leiga, mas comparável ao sacerdócio. “O *instituteur* francês pobre e abnegado, ensinando a seus alunos em cada aldeia a moralidade Romana da revolução e da República”. (1977, p. 241). Esta afirmação nos leva a pensar que no professor estava a responsabilidade pela construção moral da sociedade, que o papel antes reservado à igreja e aos padres, neste contexto, passou para a escola, como aponta Hobsbawm

Os exércitos da classe média ascendente necessitavam da disciplina e da organização de uma moralidade forte e ingênua para suas batalhas. Teoricamente o agnosticismo ou o ateísmo

são perfeitamente compatíveis com ambas, e certamente o cristianismo era desnecessário, e os filósofos do século XVIII não se cansavam de demonstrar que moralidade “natural” (da qual eles encontravam ilustrações entre os nobres selvagens) e os altos padrões pessoais do livre pensador individual eram melhores que o cristianismo. Mas na prática as comprovadas vantagens do velho tipo de religião e os terríveis riscos de abandonar qualquer sanção sobrenatural da moralidade eram imensos, não só para os trabalhadores pobres, que eram geralmente tidos como muito ignorantes e tolos para passarem sem qualquer tipo de superstição socialmente útil, mas também para a própria classe média. (HOBSEBWM, 1977, p. 241).

É deste período a organização da escola pública na França, e em outros países da Europa. O professor Rivail mantinha uma escola, o Instituto, no qual aplicava o método defendido por ele. As propostas de reformas escritas são para a escola pública. As escolas no período em questão tinham um tamanho que, para os padrões de hoje, podemos considerar pequenas. A escola de Pestalozzi mesmo nos seus melhores momentos atingiu algo em torno de duzentos alunos. Nos escritos de Rivail não consta o número de alunos que estudavam na sua escola, mas na proposta de 1831 ele afirma que o número máximo de alunos num internato deveria ser de 100 alunos, sem limitação para o externato. Rivail afirma que o número de alunos com que cada professor trabalhasse faria a diferença na formação moral da sociedade, o professor com um menor número de alunos em sala conheceria melhor seu aluno, estabeleceria um vínculo pautado no amor e no respeito. Este vínculo da escola seria consequentemente transposto para a sociedade.

A preocupação moral com a sociedade é resultado da permanência de uma cultura marcada pela corte e pela aristocracia, pois, segundo Hobsbawm, “a Revolução preservou de muitas maneiras as características aristocráticas da cultura francesa [...]. Estas características foram tomadas e assimiladas como uma herança desejável do passado, e daí em diante protegidas contra a erosão evolutiva normal”. (1977, p. 204). Hobsbawm afirma que o padrão de comportamento da corte do século anterior foi mantido pelos novos burgueses, por isso a preocupação na educação como forma de redenção dos padrões morais.

A Reforma proposta por Rivail discute tanto o papel da escola e dos professores, quanto dos conteúdos que deveriam ser ensinados em cada série do chamado ensino clássico. A criança iniciava o ensino clássico aos oito anos, já alfabetizada, e neste deveria trabalhar o aperfeiçoamento da leitura, da escrita e da geografia, do cálculo, do desenho e das primeiras noções da literatura francesa. Na série seguinte continuavam estes conteúdos, acrescentando a geografia antiga e a História Antiga, contemplando nesta história a antiguidade romana, a vida dos homens ilustres de Roma e os costumes gauleses. Na terceira série ou sexta série, visto que a seriação escolar era feita de trás para frente, propunham-se ensinar as noções de Química, Física e História Natural, na literatura francesa os autores como “Numa, História de Henrique o grande, Fábulas de Florian, e outros”. Observamos que a cada série amplia-se a proposta de conteúdos, incorporando outros saberes, e na literatura clássicos que se aprofundam em grau de complexidade como, na quarta série, Rousseau, Corneille e La Bruyere.

Na terceira série a proposta contemplava Bossuet e Boileau. Na segunda série a literatura francesa comparando os autores antigos e modernos e as traduções.

O programa completo proposto por Rivail era:

8ª classe:

- 1)O Aperfeiçoamento da leitura e da escrita.
- 2)A Geografia Moderna
- 3)Os Elementos de cálculo
- 4)As Primeiras lições de língua francesa, compreendendo explicações de autores franceses.
- 5)O Desenho linear

7ª classe:

- 1)A continuação do aperfeiçoamento da leitura e da escrita
- 2)Continuação da geografia moderna. Geografia antiga.
- 3)História Antiga
- 4)Continuação da aritmética.
- 5)Continuação da língua francesa. Autores: resumo da Antiguidade romana, costumes gauleses, resumo da vida dos homens ilustres de Roma.
- 6)Desenho linear.

6ª classe:

- 1)Leitura regular
- 2)Geografia especial antiga, moderna e da idade média
- 3)Continuação da história antiga, história moderna.
- 4)Continuação da aritmética.
- 5)Elementos de Geometria.
- 6)Continuação da Língua francesa. Autores: Numa; História de Henrique, o grande; Fábulas de Florianio; Ruth, Tobias; A abelha do Parnaso.
- 7)Noções elementares de física, de química, de química e de história natural
- 8)Desenho linear.

5ª classe:

- 1)Leitura regular
- 2)História especial antiga, moderna e da idade média
- 3)Fim da Aritmética.
- 4)Continuação da geometria.
- 5)Continuação da língua francesa. Autores: trechos escolhidos de Buffon, Telêmaco, a Henriada, Fabulas de La fontaine, Manual epistolar de Philipon de La Madeleine.
- 6)Continuação das noções de física, etc.
- 7)Língua latina e Grega, ou língua inglesa, alemã e espanhola.

4ª classe:

- 1)Leitura oratória
- 2)Elementos de álgebra.
- 3)Continuação da geometria
- 4)Estudo especial das dificuldades da língua francesa. Autores: belezas de Racine; obras escolhidas de J. B. Rousseau; belezas de Corneille, Caracteres de La Bruyere; trechos escolhidos de Massillon.
- 5)Língua grega e latina e línguas vivas.
- 6)Curso regular de física experimental e química.
- 7)Elementos de mecânica.

3ª classe:

- 1)Leitura e oratória
- 2)Continuação de Álgebra
- 3)Fim da geometria
- 4)Continuação das línguas grega e latina ou das línguas vivas.
- 5)Literatura francesa e continuação e explicação dos escritores franceses; obras escolhidas de Boileau; Arte

- poética; orações fúnebres de Bossuet; e Eneida e as Georgias, Traduções comparadas com o texto latino.
 6) Continuação dos cursos de física e química.
 7) Continuação da mecânica.

2ª classe

- 1) Leitura oratória
- 2) Continuação de Álgebra
- 3) Elementos de trigonometria e aplicação de álgebra na geometria.
- 4) Física, química e mecânica aplicada às artes.
- 5) Continuação das línguas gregas e latinas ou das línguas vivas
- 6) Alta literatura francesa e comparação dos autores antigos ou modernos com as principais traduções.

1ª classe

- 1) Leitura oratória
- 2) Primeira aplicação da matemática à física, à química e a astronomia.
- 3) Revisão mais profunda e mais filosófica do curso de história e de geografia, leitura e comparação das principais obras sobre história.
- 4) Comparação das línguas francesa, latina e grega, ou das literaturas estrangeiras modernas.

Na primeira série a leitura oratória. Rivail afirma “Se faço prosseguir a leitura em todas as séries, não é porque uma criança não possa saber ler perfeitamente aos dez ou aos doze anos de idade, mas porque a leitura oratória exige um desenvolvimento de ideias e de sentimentos, que só se pode adquirir com a idade.” (RIVAIL, H.L.D. 2005, p. 97).

Após esta fase elementar a formação escolar seria complementada pelos **Estudos de Filosofia**, que no primeiro ano abrangeria um estudo e comparação crítica de todos os sistemas de filosofia e das principais obras escritas sobre esta matéria. Já no segundo ano o aluno deveria vivenciar uma revisão completa de todas as matérias vistas durante o decorrer dos estudos. Com isso Rivail acreditava que era possível formar um aluno que dominasse os conteúdos e as noções trabalhadas e os relacionassem com a sua vida em sociedade.

Num discurso pronunciado em 1834, por ocasião da entrega de prêmios

aos alunos na sua escola, Rivail retoma a questão da criança e da importância do professor quando afirma

A instrução de uma criança não consiste apenas na aquisição desta ou daquela ciência, mas no desenvolvimento geral da inteligência; a inteligência se desenvolve na proporção das ideias adquiridas, e quanto mais ideias se têm mais apto se é a adquirir novas. A arte do professor consiste na maneira de apresentar estas ideias, no talento segundo o qual ele sabe graduá-las, classificá-las e apropriá-las à natureza da inteligência. Como o hábil jardineiro, ele deve conhecer o terreno em que semeia, pois o espírito da criança é um verdadeiro terreno cuja natureza é preciso estudar; e assim como o talento do jardineiro não se limita a saber colocar plantas na terra, assim o do professor não se limita a fazer aprender os rudimentos. Durante muito tempo, este papel passivo e mecânico pareceu ser o dos homens destinados a formar a juventude e os aparelhos de castigo que eram vistos como inseparáveis de suas funções, eram pouco apropriados a elevá-los na opinião pública. Mas hoje começamos a compreender que eles têm uma missão mais nobre; que para ser um bom professor não lhe basta saber fazer versos latinos, que o pedantismo é o ridículo desta condição. Para bem ensinar é preciso conhecimentos especiais, indo preponderantemente da ciência que se queira transmitir; é preciso conhecer a fundo a natureza do espírito das crianças. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 105).

Nas diversas obras de Rivail como pedagogo ele sempre destaca o papel do professor. Por esta razão, na proposta de Reforma, ele desenvolve um plano de formação dos professores, no que deveria ser dado destaque aos seguintes aspectos:

- i. Fisiologia moral do homem desde seu nascimento;²⁸
- ii. Influência do físico sobre o moral e reciprocamente;
- iii. Estudo de todos os tipos de caráter, como a medicina estuda os diversos temperamentos;
- iv. Estudo de diferentes naturezas de impressões e dos efeitos que para elas podem ter segundo o caráter ou o temperamento moral;
- v. Estudo aprofundado de todas as qualidades morais, boas ou más, de

²⁸ O pesquisador César Graça traduziu o item 1 como psicologia moral.

- todos os defeitos e de todos os vícios e de suas possíveis causas;
- vi. Estudo dos meios próprios a prevenir ou reprimir cada vício e sua aplicação aos diferentes caracteres;
 - vii. Estudo do espírito humano, de sua marcha progressiva, dos meios apropriados para dar ideias justas; enfim os meios mais adequados para se colocar ao alcance dos diversos graus de inteligência;
 - viii. Estudo e exame crítico de diversos métodos de ensino e sua aplicação às diferentes ciências;
 - ix. Estudo da parte higiênica que se aplica à educação e dos meios adequados para desenvolver o corpo e fortificar a saúde, sem perigo;
 - x. Seria preciso estudar com o máximo de detalhes as disposições mais vantajosas de uma casa de educação; sua organização interior; os meios de se evitar os abusos e as ocasiões de praticar o mal; os meios de aproveitar as vantagens que se pode tirar da reunião de um certo número de indivíduos; os meios de emulação que se podem empregar sem excitar paixões perigosas; enfim as qualidades que devem distinguir um bom diretor de escola;
 - xi. Seria preciso ainda ler, estudar e comentar todas as obras que foram escritas sobre educação ou que podem ter qualquer relação com o assunto, tais como as referentes às faculdades morais, às paixões, aos caracteres, à higiene; como em direito e em medicina se estudam e se comentam as obras e as doutrinas de diversos juristas e médicos;
 - xii. Estudar-se-ia enfim a educação nas suas relações com a religião, e os meios de combinar essas duas coisas, as mais importantes à felicidade do homem e da sociedade, de maneira que, fundamentadas uma na outra, elas se sirvam mutuamente de apoio. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 77).

Percebemos que Rivail destaca sempre o aspecto da formação moral do professor. Esta formação é ampla, passando pelas questões sociais, biológicas, religiosas, culturais, além da formação intelectual que, por meio do método e da didática, fundamentaria o conjunto de habilidades necessárias ao exercício do magistério. Rivail faz sérias críticas à formação de professores naquele período e aos aspectos políticos da educação na França com uma disputa entre a Prefeitura de Paris, que seguia uma tradição republicana e a

Sorbonne, a clássica universidade fundada no século XII. Os professores para lecionarem em Paris necessitavam do título da Prefeitura de Paris, enquanto para lecionarem em outros municípios precisavam do reconhecimento da Sorbonne, mas este mesmo título limitava os direitos.

Rivail utiliza-se de ironia ao contrapor a organização burocrática do ensino elementar na França. Ele ainda aponta que “isso é absolutamente igual a julgarmos um médico incapaz de atuar como funcionário do sistema de saúde, ou um farmacêutico de manter um herbanário”. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 126).

Esta primeira proposta de Rivail foi escrita no final do período da restauração (1815-1830), lembramos que

Na França, a educação popular pedida tão dramaticamente pelos “políticos da Revolução” encontrou seu melhor apoio pedagógico na fundação das escolas normais (chamadas assim por Lakanal. Em 1810, havia se fundado o primeiro destes institutos na cidade de Estrasburgo, com tanta sorte, que, ao cabo de 30 anos, 2000 alunos se preparavam para exercer o magistério em 67 cidades. (LARROYO, 1974, p. 595).

Rivail deixa claro que a formação das professoras deveria ocorrer de forma mais controlada pelo estado, pela importância que tinha esta função

[...] garantias para a carreira de professor. Há três garantias naturais: capacidade, a moral e a aptidão ou *savoir faire*. A capacidade só pode ser medida por meio de exames. Em relação à moral é bem conhecido o valor de atestados assinados por testemunhas. Não há exames que possam avaliar a aptidão, portanto não nos ocuparemos disto. Existe, entretanto, um recurso, o único que pode dar garantia de adequação quanto à moral e aptidão [...] Consistiria em exigir como regra um estágio de alguns anos em um outro estabelecimento. Penso ser essa a melhor e mais certa garantia de adequação quanto a moral e aptidão, porque nenhuma diretora manteria durante muito tempo uma submestra, se não estivesse satisfeita com esses dois aspectos. Dessa maneira a candidata adquiria além do mais sem responsabilidade, experiência de que necessita e o conhecimento dos inúmeros detalhes que apenas a prática

pode trazer e sem os quais ela poderia prejudicar as crianças de uma escola. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 133).

Em outro documento, escrito em 1847, quando discute a educação para moças, Rivail volta às mesmas reflexões levantadas no Plano de Melhoria da Educação Pública (1828), questionando a forma de diplomar as professoras

Não é um absurdo, que duas autoridades não se entendam em questões deste tipo, e que cada uma possa estabelecer seu programa, suas regras e suas condições sem considerar as exigências uma da outra? Dessa forma segundo o sistema corrente, a Universidade, que possui um poder central, e que tem o ensino público entre suas atribuições, não pode em absoluto autorizar pensionatos para jovens, e não tem nenhum direito de inspeção desses estabelecimentos. Disso decorre que o mesmo educandário que não experimenta nenhuma mudança nas condições de sua existência material, visto que há em Paris uma enorme quantidade de externatos/pensionatos sem pensionários, pode e isto ocorre frequentemente ao trocar de proprietários com certificações distintas, sair alternadamente, seja da alçada de uma autoridade, seja de outra. Convenhamos que esse estado de coisas não é muito lógico.[...] o grau obtido de uma das duas autoridades não tem nenhum reconhecimento pela outra, assim uma pessoa que possua um título superior pela Sorbonne, cuja obtenção lhe exigiu conhecimentos verdadeiramente sérios se desejar além disso, receber o diploma do município, para ter o direito de dirigir um pensionato, deverá submeter-se a todas as provas como se apresentasse pela primeira vez, e submeter-se ao exame de qualificação para submestra. O mesmo ocorreria com uma pessoa que possuindo o diploma de terceiro grau do município, e não podendo instalar-se em Paris, desejasse obter o diploma da Sorbonne. Mas, o que é ainda mais extraordinário, já testemunhamos algumas vezes o caso de pessoas, que possuindo apenas o diploma da Sorbonne, não tiveram autorização para o cargo de submestras em internatos [...] se o título da Sorbonne é inferior em hierarquia comparado com o municipal, como é possível que aquele só possa ser obtido quatro anos após este, que tem uma graduação superior? Na verdade nem mesmo se a Sorbonne e o município se situassem em dois países seria possível encontrar mais disparates em sua legislação. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 126-127).

Antes disso Rivail já apontará “Não é então absurdo que uma professora

diplomada na mais longínqua academia possa se estabelecer onde quer que seja ou lhe agrade, até mesmo em Paris, enquanto que alguém com três diplomas do município de Paris seja julgado incapaz de dirigir o mais medíocre educandário no menor vilarejo?” (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 126).

Em 1831 Rivail escreveu um “Memorando sobre a Instrução Pública”, neste ensaio ele se insere nas discussões que permeavam a França após a revolta de 1830, que resultou na Monarquia constitucional. Neste período, Paris tinha meio milhão de habitantes (Hobsbawm, 1977) e estava num contexto amplo de transformações sociais. “As instituições formais derrubadas ou criadas por uma Revolução são fáceis de distinguir, mas não dão a medida de seus efeitos. O principal resultado da Revolução na França foi o de por fim à sociedade aristocrática. Não a ‘aristocracia’ no sentido de hierarquia de status sociais.” (HOBSBAWM, 1977, p. 203).

Em termos educacionais uma das proposições discutidas naquele momento era a de igualar o sistema francês de ensino aos moldes ingleses, ou retornar ao domínio da Igreja. Rivail propõe uma regulamentação pelo poder civil em que o Estado deveria controlar o processo de ensino, a qualificação dos professores e a quantidade de escolas a fim de alcançar o melhor resultado possível que seria a qualificação de um povo a partir da liberdade de ensino. Outro ponto defendido por ele é quanto ao ensino de línguas, a exigência do grego e do latim até mesmo para prestar o exame do *baccalauréat*. Rivail também discute a necessidade de criação de internatos pelo Estado. Ele aponta que os externatos garantiam a instrução, mas uma educação plena que garantisse conhecimento e formação moral era possível por meio de internatos, mas que estes deveriam ser fiscalizados pelas autoridades de forma efetiva e não apenas esporadicamente por inspetores. Também ele aborda as escolas para moças que sugere – deveriam ter um currículo diferente. Posteriormente (1847) Rivail escreveu um trabalho específico sobre o ensino feminino.

Os exames de moças para obtenção de certificados de capacidade e dos diversos diplomas são muito importantes para a carreira de educadora. Apesar disso, há pais, que, sem

direcionar suas filhas a uma profissão específica, desejam que estas adquiram um diploma como uma preocupação para o futuro, ou como uma prova honrosa do término dos estudos. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 121).

Rivail conclui este ensaio com uma lista de 26 pontos que reorganizariam o ensino na França sob o controle do estado, passando estes por diferentes aspectos desde a constituição dos estabelecimentos de ensino, o funcionamento, as taxas, as autorizações, a atuação do professor e a organização prática dos exames. Inicialmente ele aponta que “os estabelecimentos de instrução pública são de quatro tipos: as escolas primárias, as instituições de ensino, os colégios e as escolas especiais”. (RIVAIL, H.L.D., 1831, p. 13)²⁹. Rivail propõe que as escolas primárias sejam para moças e rapazes e que sejam totalmente gratuitas e mantidas pelo município. Ele também estabelece que para dirigir uma escola primária o professor deveria ter lecionado por três anos numa escola de categoria semelhante. Para os diretores dos colégios ele propõe que a nomeação deveria ser feita pelo rei.

Complementando esta proposta de reforma, Rivail publicou em 1838 um programa de estudos detalhado para cada área. Aqui ele se apresenta apenas por H.L.D., Rivail, não citando nenhum título ou Instituição a que ele pertencia, como nas obras anteriores. Atribuímos essa omissão a uma de duas hipóteses: por seu nome já estar consolidado no cenário educacional da França ou ser decorrente do fato de que, desde 1834, Rivail não era mais diretor de estabelecimento de ensino³⁰.

Nesta proposta curricular para a escola primária estão postas instruções básicas para todas as áreas. Iniciando pelo método, no qual ele aponta que

²⁹ 1º Les établissements d’instruction publique sont de quatre espèces, les écoles primaires, les institutions, les collèges et les écoles spéciales. (1831, p. 13).

³⁰ Em 1834, poucos meses após o discurso de distribuição de Prêmios Rivail, o Instituto foi vendido para saldar dívidas de jogo do sócio de Rivail, seu tio. A parte que coube a ele foi aplicada no mercado financeiro, por meio de um amigo. Rivail dedica-se então a dar aulas em estabelecimentos de ensino público, aulas particulares e às obras didáticas que continuou produzindo.

a base de todo bom método consiste numa divisão lógica do trabalho. Não se antecipar sobre o desenvolvimento da inteligência, estabelecer na sucessão de ideias uma gradação suave e não acumular outras avaliações do espírito da criança, mesmo aquelas que estão no seu alcance, este é um ponto de vista importante. Este princípio verdadeiro para a grande classificação dos estudos, não é menos válido nos detalhes os mais minuciosos, pois a concepção clara de uma ideia depende não somente da maneira como ela é desenvolvida, mas também da ordem em que ela é colocada pelos benefícios que podem lhe servir de base ou ser a consequência. (RIVAIL, H.L.D., 1838, Instrução)³¹.

A discussão toda que Rivail faz em torno do método é o desenvolvimento da inteligência e da moral que são trabalhados passo a passo. Ele defende que a criança deve estar sempre ocupada e estimulada tanto no aspecto físico, quanto moral e intelectual, que a educação devia ser uma atividade que despertasse o prazer de aprender. Rivail criticava as escolas tradicionais que mantinham as crianças ocupadas, mas na maioria das vezes em atividades mecânicas, atividades que não levavam a pensar. Rivail propõe que o professor deve ensinar ciências trazendo-a para a realidade da criança, para despertar a sua atenção e curiosidade. Na medida em que a criança transforma as ações de ensino em um processo agradável, ela aprende a refletir e aplicará esta prática para todas as outras atividades, inclusive as brincadeiras. Observamos que uma das frases de efeito presentes em documentação do Lar Escola Leocádio José Correia é “Aprender a pensar e não o que pensar”. Isto nos remete a tentar estabelecer uma relação com a proposta de Rivail como um ponto de aproximação.

No discurso preliminar da sua primeira obra didática, o Curso de Aritmética (1824), Rivail apontará os passos para o método, sempre retomando

³¹ La base de toute bonne méthode consiste dans une repartition logique du travail. Ne pas anticiper sur le développement de l'intelligence établir dans la sucesión des idées une gradation insensible, et ne pas accumuler outre mesure dans l'esprit de l'enfant, meme celles qui sont à sa portée, telest le point important. Ce principe, vrai pour la grande classification des études, ne l'est pas moins dans les détails les plus minutieux; car la conception claire d'une idée dépend non-seulement de la maniere dont elle est développée, mais de l'ordre dans lequel elle est placée par rapport á celles qui peuvent lui servir de base ou en être la consequence. (Instruction).

Pestalozzi. Lá podemos identificar não propriamente um método, mas princípios gerais:

1. Cultivar o espírito natural de observação das crianças, colocando sua atenção sobre os objetos que lhe cercam;
 2. Cultivar a inteligência seguindo um caminho que coloca o aluno em condições de descobrir sozinho as regras;
 3. Partir sempre do conhecido ao desconhecido e do simples ao composto;
 4. Evitar qualquer mecanicismo, fazendo o aluno conhecer a finalidade e a razão de tudo o que ele faz.
 5. Fazer perceber pelo tato e pela visão todas as verdades.
 6. Confiar à memória somente o que foi compreendido pela inteligência.
- (RIVAIL, 2000, p. viii).

Em todas as obras, quando faz referência ao método, Rivail retoma estes princípios que remetem às propostas educativas de Pestalozzi. Naquela mesma obra Rivail escreverá

Qualquer que seja o método que se siga, nunca será com aquele ar pedante, que afetam certos mestres, que se conseguirá fixar a atenção dos alunos. Conservando a seriedade que convém a esta profissão, não temo proporcionar um tipo de familiaridade que agrade as crianças. Questione-as frequentemente, é o meio de prender a sua atenção. Procure interessá-las por pequenas divagações que as motive a melhor ouvi-lo. Que sua lição seja um diálogo construtivo. Não inflija uma autoridade que as desmotive ao estudo. A infância é a época da alegria. Porque contrariar a natureza? Numa só palavra: na maneira de nos relacionarmos com as crianças e até mesmo no tom de falarmos, devemos transparecer uma doce severidade, um misto de amor e respeito. (RIVAIL, 2000, p. vii).

Entre os pontos listados em 1831, um trata do método quando afirma que os professores primários poderão seguir, quanto ao ensino, o método que julgarem adequado adotar.

No programa aqui descrito por ele há duas divisões, a primeira para o ensino primário, que contempla até por volta dos dez anos e a segunda

compreende os estudos que se seguem ao ensino primário e que ele nomeou ensino secundário francês. Quanto aos conteúdos, Rivail explica o que as crianças devem conhecer

Para a língua francesa encontramos primeiro uma série de questões sobre lexicologia, que o mestre habituará o aluno a dar uma resposta curta, mas clara, precisa e completa; segundo uma lista de verbos que serão conjugados na ordem que são listados; terceiro os tipos das regras de ortografia, são somente exemplos a partir dos quais o aluno deve poder anunciar a regra que lhe serviu de base; quarto os tipos de frase a serem analisadas são exemplos que agrupam as dificuldades de análise que o aluno já conhece, e que deverão ser multiplicadas muito mais do que aquelas apresentadas. Para o cálculo penso como para o francês, questões teóricas colocadas de uma forma graduada, por exemplo: o tipo de operações que o aluno poderá resolver, de forma a assegurar que ele conheça simultaneamente a teoria e a prática e que não opere mecanicamente. (RIVAIL, H.L.D., 2002, p. 88).

Neste texto de instruções Rivail aponta de forma geral o que é necessário que cada área do conhecimento trabalhe com o aluno, depois ele vai detalhar no ano e no trimestre quais conteúdos devem ser trabalhados de forma específica. Este programa constitui uma proposta curricular abordando as áreas da linguagem, da matemática e das ciências humanas composta pela História e Geografia. E indica

Para a geografia uma nomenclatura metódica. O aluno deve poder mostrar sobre o mapa os locais que são indicados, e dar de viva voz, sobre cada nome, as diversas explicações que se pode perguntar. Para a história, é como para o francês, uma série de questões. Na segunda, aprendem a história sagrada e na primeira a história geral [...] tomei como base os homens celebres, dos quais retirei as questões mais essenciais, eles são ordenados pelos séculos que viveram, com a finalidade de iniciar os alunos precocemente, e com o auxílio de uma carta especial, o conhecimento da cronologia geral e o sincronismo da sucessão dos tempos como, com o auxílio do mapa mundi, eles adquirirem uma ideia do conjunto do globo antes de começar a conhecer os detalhes de cada região. (RIVAIL, H.L.D., 2002, p. 88).

Na sequência ele detalha estes encaminhamentos em conteúdos, constituindo uma proposta curricular própria, que acreditamos seria muito significativa para a pesquisa em História da Educação analisar, porém não contempla neste momento nosso objeto.

Observamos que em todas as obras didáticas há uma preocupação com um método que pudesse facilitar o aprendizado e ao mesmo tempo criar a condição para o aluno aprender com autonomia. Rivail escreve situando as condições de uma França pós-revolução em que a escola não atende a maioria, por isso reforça “o aprender por si” como fator de mudança individual e social. Podemos analisar a obra de Rivail como uma tentativa de construir um pensamento diferenciado, dando continuidade às propostas de Pestalozzi, que tinha por meta despertar na criança a relação de empenho e compromisso com a natureza. Rivail estabelece essa mesma relação ao destacar o desenvolvimento individual, o autodidatismo, o olhar para a pesquisa como uma construção própria.

Rivail atuou como educador durante 35 anos, os 15 anos seguintes, até a sua morte, foram dedicados à pesquisa e à escrita das obras de Codificação da Doutrina Espírita.

Em 1854 Rivail soube das mesas girantes por meio de Fortier, muito conhecido em Paris pelos estudos com a magnetização. Em *Obras Póstumas* há o registro deste encontro e do diálogo entre os dois. Fortier teria dito “Eis que é muito mais extraordinário: não só se faz a mesa girar magnetizando-a, mas se a faz falar; interrogada ela responde.” (KARDEC, 2003, p. 256). Rivail a princípio manteve-se cético afirmando

Isto, repliquei, é uma outra questão; creerei nisso quando o vir e quando se me tiver provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir, e que possa se tornar sonâmbula; até lá permiti-me nisso não ver senão uma história de fazer dormir. Este raciocínio era lógico; eu concebia a possibilidade do movimento, por uma força mecânica, mas ignorando a causa e a lei do fenômeno, parecia-me absurdo atribuir inteligência a uma coisa puramente material.” (KARDEC, 2003, p. 256).

Rivail, depois da insistência de outros participantes, também passou a frequentar lugares em que as pessoas se reuniam para presenciar estes fenômenos. Rivail, ao contrário do público que procurava essas reuniões com perguntas fúteis, passou a fazer perguntas elaboradas que exigiam respostas completas. Com a observação sistematizada, depois de um ano ele afirmou que não se tratavam de simples fraudes, pois decorriam de alguma causa e que a investigação posterior o levou a concluir a existência de espíritos e a possibilidade de comunicação entre os mundos através da mediunidade. Em *Obras Póstumas Kardec* aponta

[...] fiz os meus primeiros estudos sérios em Espiritismo, menos ainda pela revelação do que pela observação. Apliquei a essa nova ciência, como o fizera a até então, o método de experimentação, jamais ocasionei teorias pré-concebidas, observava atentamente, comparava, deduzia as consequências dos efeitos, procurava remontar às causas pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em todos meus trabalhos anteriores. (2003, p. 259).

É importante lembrarmos que, naquele contexto da metade do século XIX, a crença na ciência prevalecia como o caminho para o conhecimento. A busca de compreender o sentido da vida, as diferenças entre as espécies, a caminhada econômica e política da humanidade tinham como base as teorias criadas por Charles Darwin na Biologia, Freud e Pavlov na Psicologia e Karl Marx na Sociologia. Paris era o centro do mundo cultural. Artistas, intelectuais, literatos, filósofos ali conviviam. Rivail foi contemporâneo de nomes como Flaubert, Victor Hugo, Baudelaire, Louis Daguerre, Pasteur, Gounod, Delacroix, August Comte e Aléxis de Tocqueville. Nesse quadro é que Rivail desenvolveu suas pesquisas chegando às obras pelas quais ficou conhecido posteriormente como Allan Kardec, pseudônimo utilizado por ele para a edição das obras da Doutrina Espírita.

A primeira obra do conjunto da Codificação espírita veio a público em 18 de abril de 1857, era *O Livro dos Espíritos* e apresentava em torno de

quinhentas perguntas e respostas classificadas por assuntos e divididas em capítulos. Em seis meses a primeira edição se esgotou. Foi lançada a segunda edição revista e ampliada com 1.019 perguntas e respostas, mais os comentários, introdução e conclusão. Nesse livro estão os princípios da Doutrina Espírita. Temas como Deus, a criação, a imortalidade da alma, a natureza dos espíritos e suas revelações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e a evolução. Em 1861 Kardec publicou *O Livro dos Médiuns*, e três anos depois, *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Em 1865 *O Céu e o Inferno*, e *A Gênese* em 1868. Além dessas obras publicou em paralelo a partir de 1858 a *Revista Espírita* e ainda fundou a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Nas obras da Codificação escritas por Kardec estão presentes a experiência de Hippolyte Leon Denizard Rivail no exercício do Magistério e como autor de obras pedagógicas. O pesquisador Graça (2002) assim descreve este momento

Kardec sai de um papel muito proeminente de reformador do ensino fundamental para o líder de uma nova ordem religiosa, era assim que a sociedade francesa o via. Um professor carismático, se transformando em líder religioso. Para Kardec a sua posição era bem diferente. De um pesquisador sobre o ensino e eventos científicos, agora ele se depara com uma nova ordem de fenômenos que ampliava em muito os limites da vida. Havia vida além da matéria, e ela obedecia a outras leis. E coube a Kardec descobrir essas leis e dar uma forma pedagógica a esse novo conjunto de conhecimentos. Se era Filosofia, Religião ou Ciência pouco importa, para Kardec era uma nova fronteira para o conhecimento humano. (2002, p. 102).

Retomamos Rivail, o intelectual da educação, discípulo de Pestalozzi. Percebemos que em suas obras didáticas e nos discursos pronunciados existem imagens muito interessantes que ele resgata de Pestalozzi. Quando, por exemplo, ele compara o professor ao agricultor. As ideias às sementes que a natureza em colaboração com o educador faz germinar. Assim como a natureza pode ser melhor “explorada” usando-se a tecnologia, da mesma forma o magistério também necessita de aprendizado e pesquisa. E o que nos motiva

nesta investigação justamente é o olhar histórico de Rivail para a sociedade. Em um discurso dirigido aos alunos, também em 1834, Rivail afirma

Quando durante as aulas apresento o gênero de vida e o caráter de seus ancestrais, vocês riem das superstições deles, da crédula ignorância deles, dos costumes bárbaros deles, e vocês ficam confiantes de viver num século esclarecido. Sem remontar tanto, vos falo frequentemente de seus contemporâneos, e vocês não ficam menos surpresos de encontrar ainda em certas classes da sociedade crenças ridículas, e um homem que não sabe ler nem escrever vos parece um bárbaro no nosso país, a vos parece um cego rodeado de luz. No entanto meus amigos, entre estes homens que vocês têm pena, mais de um gênio está escondido sob roupas grosseiras, sob a humilde veste do trabalhador existe mais de um Vernet, de um Mozart, de um Racine. O que falta então a este homem para sair da obscuridade? A instrução. Sem meios de se instruírem rodeados de pessoas ignorantes como eles, as suas ideias se concentram sobre as suas necessidades e eles não podem se desenvolver. Mesmo Napoleão, este gênio que assombrou seu século, teria, sem dúvida, permanecido totalmente desconhecido se não tivesse meios de se instruir. Deem uma olhada rápida sobre os quadros da história e considerem esta longa sequência de séculos de ignorância, o que veem? Guerras contínuas, assassinatos horríveis, crimes de toda espécie. Vocês veem grandes guerreiros, mas não cientistas, nem literatos; também pouca ou nenhuma invenção. Os inventores e cientistas queimados como bruxos. Que aspectos diferentes nos mostram os últimos séculos! (RIVAIL H.L.D., 2002, p. 81).

Concluindo esta exposição e a tentativa de fazer uma abordagem inicial das obras do Professor Rivail, percebemos que ele como um intelectual do seu tempo foi atuante no sentido de pensar a educação. Fez tanto obras didáticas, propostas de ensino, bem como assumiu publicamente preocupações com as estruturas políticas do ensino, defendendo sempre uma escola com valores morais, mas laica e em uma organização na qual o professor tivesse autonomia. Nas palavras dele a educação foi a sua motivação “A educação é a obra da minha vida e todos os meus instantes são empregados em meditar sobre esta matéria; feliz quando encontro algum meio novo ou quando descubro novas verdades”. (RIVAIL, H.L.D., 2005, p. 105). O currículo pensado

por Rivail para o ensino fundamental teve por base o ensino da matemática e da língua francesa, visto que foram estas obras didáticas produzidas por ele que ficaram em uso na França por longo tempo. Todas as obras têm uma estrutura lógica que somente entendendo esta organização nos permite compreender o papel dos textos, cuja escolha não é aleatória, mas os textos têm um objetivo que ele busca tanto nas obras didáticas, quanto nas obras de propostas de reformas, que é sempre a transformação moral da sociedade.

1.4 POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE COMENIUS, ROUSSEAU, PESTALOZZI E RIVAIL

Por que a comunidade de pesquisadores espíritas na área da educação elegeu Comenius, Rousseau e Pestalozzi como precursores de uma proposta de educação espírita? É possível estabelecer relação entre estes pensadores de séculos diferentes. Dois protestantes: Comenius e Pestalozzi. Rousseau que teve uma formação calvinista e desenvolveu uma série de críticas à Igreja Católica. Finalmente Rivail, de origem católica, mas também com influência protestante, enquanto aluno de Pestalozzi, foi o responsável por uma nova proposta de religião no Século XIX – o Espiritismo.

Cada um destes autores viveu o contexto histórico de sua época. Produziu ideias e propostas inseridas numa realidade específica. Comenius pensou a escola como parte do sistema social.

A visão de Comenius era bastante ampla; achava ele que nada estaria separado do Universo. Ao se convencer de que a única resposta possível para a humanidade era a educação, não pretendeu nunca fechar o seu pensamento dentro de um sistema de ensino ou de uma escola. Apesar de seus primeiros trabalhos na área serem manuais de ensino das línguas, ele nunca dissociou a educação das relações sociais, políticas e científicas que começavam a tomar corpo mesmo dentro desses primeiros livros. (COLOMBO, 2006, p. 99).

Comenius tem um olhar próprio para a educação que se diferencia de outros autores contemporâneos, para ele a Educação é a forma de construir uma nova sociedade

Nosso primeiro desejo é que todos os homens sejam educados plenamente, em sua plena humanidade, não apenas um indivíduo, não, não alguns poucos, nem mesmo muitos, mas todos os homens [...] Nosso segundo desejo é que todo homem seja educado integralmente, formado corretamente, não num objeto particular ou em alguns objetos ou mesmo em muitos, mas em tudo o que aperfeiçoa a espécie humana; para que ele seja capaz de saber a verdade e não seja iludido pelo falso; para amar o bem e não ser seduzido pelo mal, para fazer

o que deve ser feito e não permitir o que deve ser evitado; para falar sabiamente sobre tudo, com qualquer um, quando necessário e não ser estúpido em nenhum assunto e finalmente para lidar com as coisas, com os homens e com Deus, em todos os sentidos, racionalmente e não precipitadamente e assim nunca se afastando da meta da felicidade. (COVELLO, *apud* COMENIUS, 1999. p. 5).

Comenius entendia a escola como a principal Instituição para educar os homens e transformar a sociedade, suas ideias podem ser sintetizadas na frase “Ensinar tudo a todos”, que por meio do método adequado permitiria superar todos os entraves e formar um bom cristão, integrado a sociedade com atitudes éticas, corretas e capazes de tratar a todos com igualdade e justiça. Observamos que a visão de educação de Comenius evidencia sua experiência como filósofo, religioso e educador que acreditava na construção de uma sociedade ideal iniciando pela educação da criança.

E, na verdade, uma vez que não há coisa mais difícil que desabituar-se daquilo a que se estava habituado (com efeito, o hábito é uma segunda natureza, e a natureza, ainda que se expulse com a força, volta sempre a aparecer) daí resulta que não há coisa mais difícil do que voltar a educar bem um homem que foi mal educado. Na verdade, uma árvore, tal como cresce, alta ou baixa, com os ramos bem direitos ou tortos, assim permanece depois de adulta e não se deixa transformar. (COMENIUS, 1957, p. 65).

O método proposto por Comenius compõe-se de fundamentos que consideram o educando e a sua capacidade de entendimento em cada etapa, o ritmo de aprendizagem, a natureza dos sentidos, a motivação pelo conteúdo que deverá ser encaminhado de forma prática e agradável. Na Didáctica Magna, cada capítulo é organizado desenvolvendo um conjunto de fundamentos que para o autor podem ser aplicados em todas as situações educativas tendo como fio condutor a ideia do amor pela criança e pelo ato de ensinar. Podemos relacionar como pontos centrais no método os seguintes entendimentos: a) a busca da sabedoria, moral e da perfeição; b) a natureza humana é única, mas existem inteligências diversas; c) existe uma harmonia

natural; d) a infância é a melhor fase para serem corrigidos os excessos e deficiências, porque as inteligências são novas.

Para Comenius, segundo Luzuriaga (1975) a educação tem por finalidade atingir a salvação, e a felicidade é uma visão religiosa, mas não específica de uma

determinada confissão religiosa, antes é religiosidade extra confessional íntima. Em verdade, os fins da vida e, portanto, da educação [...] são três: o saber, que compreende o conhecimento de todas as coisas, artes e línguas; a virtude ou bons costumes, que inclui não só as boas maneiras, como o domínio das paixões, e a piedade ou religião, isto é, a veneração interna pela qual a alma do homem se une ao Ser Supremo. Considera igualmente como um dos objetivos da educação a humanidade. [...] Para que o homem pudesse formar-se para a humanidade, Deus lhe outorgou os anos da juventude. (1975, p. 139-140).

Esta reflexão sobre o amor como parte do processo educativo também está presente no pensamento de Rousseau, no de Pestalozzi e nas obras pedagógicas de Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec).

Rivail consolidou na educação uma atividade missionária, afirmando que “não faltarei à minha missão, pois penso compreendê-la. Inimigo de todo charlatanismo, não tenho o tolo orgulho de acreditar cumpri-la com perfeição, mas tenho ao menos a convicção de cumpri-la com consciência”. (RIVAIL H.L.D., 2005, p. 115).

Rousseau privilegiava tanto a razão quanto o coração, propunha uma educação que respeitasse o desenvolvimento da criança. Em linhas gerais entendemos que em Rousseau é possível perceber os traços de uma educação integral. A proposta de educação natural de Rousseau era aproximar o homem do estado da natureza, o sentido de natureza, segundo Cambi, “assume pelo menos três significados diferentes: 1. como oposição aquilo que é social; 2 como valorização das necessidades espontâneas da criança e dos processos livres de crescimento; 3 com a exigência de um contínuo contato com um ambiente físico não urbano e por isso considerado mais genuíno.” (CAMBI, 1999, p. 346).

Pestalozzi, educador da segunda metade do século XVIII, contemporâneo da Revolução Francesa, adentrou ao século XIX com sua prática educativa que se caracterizou principalmente pelo método por ele desenvolvido.

O *método* desenvolvido por Pestalozzi é composto na realidade por *princípios educativos* que no seu conjunto constituem ideias que possibilitaram uma proposta diferenciada de educação. Os princípios educativos para Pestalozzi, segundo seu biógrafo H. Morf, citado por WANTUIL, são:

- I. A intuição é o fundamento da instrução.
- II. A linguagem deve ser ligada à intuição.
- III. A época de ensinar não é a de julgar e criticar.
- IV. Em cada matéria o ensino deve começar pelos elementos mais simples, e daí continuar gradualmente de acordo com o desenvolvimento da criança, isto é, por séries psicologicamente encadeadas.
- V. Deve-se insistir bastante tempo em cada ponto da lição, a fim de que a criança adquira sobre ela o completo domínio e a livre disposição.
- VI. O ensino deve seguir a via do desenvolvimento e jamais a da exposição dogmática.
- VII. A individualidade do aluno deve ser sagrada para o educador.
- VIII. O principal fim do ensino elementar não é sobrecarregar a criança de conhecimentos e talentos, mas desenvolver e intensificar as forças de sua inteligência.
- IX. Ao saber é preciso aliar a ação; aos conhecimentos, o *savoir-faire*.
- X. As relações entre mestre e aluno, sobretudo no que concerne à disciplina, devem ser fundadas no amor e por ele governadas.
- XI. A instrução deve seguir o escopo superior da educação. (2004, p. 105-106).

Para Pestalozzi a educação tinha por finalidade desenvolver as capacidades humanas, que são “a tríplice atividade de ‘espírito, coração e mão’, isto é, a vida intelectual, a vida moral e a vida prática ou técnica, as quais hão de ser cultivadas integral e harmonicamente.” (LUZURIAGA, 1975, p. 176).

Tanto Comenius quanto Pestalozzi nestes fragmentos citados não defendem um método propriamente dito, mas princípios que norteiam as relações educativas. O papel do professor é uma postura de ação frente à educação que hoje entendemos que poderíamos explicar pela “cultura escolar”. Pestalozzi sem dúvida viveu um contexto de transformações provocadas pela Revolução Francesa, segundo Marz

Alguns fizeram-no herói popular revolucionário, sem entender que apesar da grande simpatia inicial pela Revolução Francesa, ele não esperava nada de uma solução violenta dos problemas sociais. Ele viveu a evolução dessa revolução, ou seja, a discrepância entre as ideias e a realidade e, juntamente com seus oitenta órfãos, em Stanz, sofreu as suas consequências. As revoluções causam indizíveis sofrimentos e só produzem uma mudança de poder, não a conversão das almas. Pestalozzi preferia um caminho mais lento, porém mais promissor de uma sociedade mais justa e mais humana: a educação. Já outros viram nele exatamente o oposto de um revolucionário e carimbaram-no com a marca de lacaios dos poderosos. Toda a sua pedagogia social consistia em habituar os pobres à sua pobreza, para assim permitir aos ricos uma vida tanto mais livre de perturbações. Aferravam-se unilateralmente a sua tese: “O pobre deve ser educado para a pobreza.” Ignoraram sua verdadeira intenção: mostrar ao pobre caminhos para autoajudar-se – “caso contrário ninguém o ajuda” – e transmitir-lhe como – aliás, a todos os homens – compreensão de que “contentar-se com a própria condição e com as satisfações nela possíveis” constitui um elemento essencial da “educação para a sabedoria humana”. (MARZ, 1987, p. 88-89).

Um aspecto essencial no pensamento de Pestalozzi é a questão moral e segundo Incontri “Dentro da própria obra Pestalozziana, assim como em Rousseau, a questão da realização do homem como ser moral deve ser o objetivo básico de toda a operação pedagógica, de toda crença religiosa e de toda a organização social”. (INCONTRI, 1997, p. 22). Entendemos que a questão moral é, para a Doutrina Espírita, um princípio básico para a evolução individual e conseqüentemente da sociedade. Portanto, a proposta de uma educação espírita encontra nestes autores as bases teóricas para o pensamento pedagógico. Esta proposição de educação moral não significa,

entretanto, educação religiosa. Vejamos Luzuriaga que afirma que a educação religiosa não tinha visão de dogma ou de confissão propriamente, mas consistia em amor e busca do aperfeiçoamento. “Por isso, quase não é suscetível de ensino”. É um fato que a moralidade e a religiosidade não se adquirem por arte humana; e em si mesma [...] A educação religiosa baseia-se no amor materno e daí eleva-se à crença e ao amor cristão. (LUZURIAGA 1975, p. 178).

Uma contribuição fundamental de Pestalozzi foi pensar a educação do ponto de vista social. Larroyo, citando fragmento de “Como Gertrudes ensina seus filhos” afirma que até então nenhum pedagogo o havia feito.

O objeto da educação é preparar os homens para o que devem ser na sociedade. O indivíduo entregue ao arbítrio de seus instintos naturais, não passaria do estado de animalidade. Só pela obra da educação se alcança a natureza humana. A Europa incidiu em erro no problema da educação. De uma parte atingiu uma invejável altura com as ciências e as artes; de outra perdeu o total fundamento da cultura natural para a maioria do povo. Em nenhuma parte do mundo se encontrou uma maior altura, em nenhuma parte se aprofundou tão profundamente. Nosso continente se parece com a grande imagem mencionada pelo profeta, sua cabeça de ouro toca as nuvens, mas a instrução popular que deveria sustentar esta cabeça é inconsistente com os pés de barro. Na Europa a cultura do povo chegou a se um mero balbucio, tão fatal a fé como o conhecimento verdadeiro; uma instrução de meras palavras, que só contém algumas ilusões e nos mostra que não nos pode dar a repousante sabedoria da fé e do amor, antes pelo contrário, nos conduz à superstição, ao egoísmo e à dureza. (LARROYO, 1974, p. 582).

Entendemos que a aproximação do pensamento educacional espírita com Comenius e Pestalozzi fundamenta-se na preocupação desses autores com a educação das camadas populares, na crença na educação para transformação individual e na educação voltada para a natureza da criança. Neste sentido Rousseau recebeu críticas por desenvolver uma educação elitista – na sua obra Emílio, o personagem central estudava sozinho com um professor particular, algo comum à classe rica no Antigo Regime. Emílio, no

contato com a literatura ia aprendendo os valores e conceitos e assim desenvolvendo a concepção de um contrato social.

Comenius afirma que a transformação moral se dá a partir da infância. Nas obras pedagógicas de Hippolyte Rivail, fica evidente a preocupação com a formação moral da sociedade. Rivail, sendo discípulo de Pestalozzi, que fora seguidor de Rousseau, aplicou o seu método na prática e avançou no sentido de propor reformas amplas que pensassem as estruturas do sistema de ensino francês desde a formação de professores.

Não foi objetivo desse subcapítulo dar conta da complexidade dos pensadores citados, mas apontar elementos possíveis de compreensão da Pedagogia Espírita. Em relação a Rousseau queremos ainda lembrar a afirmação de Darton que as ideias do filósofo influenciaram de forma decisiva e “representavam uma nova atitude para com as crianças e um novo desejo de supervisionar sua educação, por parte dos pais.” (1986, p. 308). Ao menos a burguesia do século XVIII começou a assumir pessoalmente a educação de seus filhos, não deixando mais a cargo somente dos preceptores. Darton nos mostra por meio da história de um burguês envolvido pela leitura como “o rousseauísmo penetrou no mundo cotidiano [...] e ajudou a entender as coisas que mais importavam na existência: amor, casamento, paternidade – os grandes eventos de uma pequena vila e o material de que a vida era feita em toda parte, na França.” (1986, p. 309). Quanto à educação, porém, não podemos deixar de considerar que os preceitos pedagógicos e morais já vinham sendo abordados por pensadores católicos e protestantes nos séculos anteriores.

Na análise da proposta pedagógica do Lar Escola pretendemos investigar se há uma identidade entre a prática de uma pedagogia espírita e a vivência desta perspectiva no cotidiano da escola ao longo do período analisado ou se esta construção e inter-relação entre os três autores foi uma afirmativa do movimento espírita no sentido de estabelecer um lastro com o pensamento educacional. No próximo item vamos abordar aspectos históricos da pedagogia espírita no Brasil.

1.5 A PEDAGOGIA ESPÍRITA NO BRASIL

Hippolyte escreveu obras pedagógicas, discutiu formas de ensinar, propôs reformas, tornou-se depois, com o nome de Allan Kardec, a referência central para toda a Doutrina Espírita. Porém, não foi ele o criador do termo “Pedagogia Espírita”, essa expressão não foi por nós localizada em nenhuma de suas obras analisadas, algo evidente, visto que a codificação do espiritismo é posterior à sua caminhada como educador. Contudo, nas obras básicas da Doutrina, há muitas referências à educação como processo de transformação social³² e moral.

O termo Pedagogia Espírita foi criado por Herculano Pires, a partir da Revista Educação Espírita lançada por ele em 1971, após um congresso nacional que reuniu educadores com o objetivo de criar uma proposta pedagógica que professores adeptos do espiritismo pudessem desenvolver nas escolas em que atuavam. Pires aponta que

A tarefa da Educação Espírita é a formação de um homem novo. A Educação Clássica greco-romana formou o **cidadão**, o homem vinculado à cidade e suas leis, servidor do Império; a Educação Medieval formou o **cristão**, o homem submisso a Cristo e sujeito à Igreja, à autoridade desta e aos regulamentos eclesiásticos; a Educação Renascentista formou o **gentil homem**, sujeito às etiquetas e normas sociais, apegado à cultura mundana; a Educação Moderna formou o **homem esclarecido**, amante das ciências e das Artes, cético em matéria religiosa, vagamente deísta em fase de transição para o materialismo; a Educação Nova formou o **homem psicológico** do nosso tempo, ansioso por se libertar das angústias e traumas psíquicos do passado, substituindo o confessionalismo pelo consultório psiquiátrico e psicanalítico, reduzindo a religião a mera convenção pragmática.[...] Cabe

³² “[...] essa educação no presente, ela servirá de princípio ao seu progresso como Espíritos; pois, aquilo que houverem adquirido numa nova existência, já que voltarão, lhes servirá como bagagem intelectual, que os tornará mais aptos a adquirir novos conhecimentos.” (A Gênese, cap. I, item 42, p. 28); “A educação, bem entendida, é a chave do progresso moral.” (Livro dos Espíritos, questão 917); “Só a educação pode reformar os homens...” (Livro dos Espíritos, questão 796).

portanto à Educação Espírita formar o **homem consciente** do futuro que já começa a aparecer na Terra, senhor de si, responsável direto e único pelos seus atos, mas ao mesmo tempo reverente a Deus, no qual reconhece a inteligência suprema do Universo causa primária de todas as coisas. (EDUCAÇÃO ESPÍRITA, Revista n.º 3 out/Dez, 1972, p. 31-32).

A revista, porém, não conseguiu ser o fator de sistematização desta proposta, como almejava seu criador. Herculano Pires escreveu vários artigos comentando a educação, o referencial filosófico e os aspectos religiosos do espiritismo. Estes artigos foram reunidos no livro *Pedagogia Espírita* lançado em 1985, seis anos após a sua morte. Esse livro pode ser considerado o marco teórico inicial do movimento chamado Pedagogia Espírita. Posteriormente outros trabalhos surgiram como a tese de doutorado em educação de Dora Incontri, defendida na Universidade de São Paulo, em 2001, e publicada em livro com o título *Pedagogia Espírita – um projeto brasileiro e suas raízes*, em 2004.

Dora Incontri, nome que podemos apontar como referência, tanto pelas obras produzidas quanto pelo trabalho que desde 1998 vem desenvolvendo em prol de trazer ao meio acadêmico a Pedagogia Espírita, foi uma das pessoas responsáveis pela criação da Associação Brasileira de Pedagogia Espírita³³. Essa associação já realizou três congressos de Pedagogia Espírita, sendo que o primeiro foi no ano de 2004, na Universidade Santa Cecília, em Santos-SP³⁴.

³³ Os objetivos da ABPE, segundo o site institucional, são: a) estudar, pesquisar e divulgar a Pedagogia Espírita; b) incentivar a pesquisa na área da Educação; c) integrar o conhecimento da Pedagogia Espírita com outras áreas de conhecimento; d) aplicar na prática a Pedagogia Espírita, fundando escolas com sua própria receita ou em parceria com outras entidades, escolas, universidades e associações afins; e) promover grupos de estudos, cursos, simpósios, conferências, congressos e publicações para divulgação de suas atividades; f) dar assessoria a escolas, centros e grupos de professores ou pais que desejem colocar em prática propostas inspiradas na Pedagogia Espírita; g) incentivar a formação de associações regionais, estaduais ou municipais e coligá-las.

³⁴ Os Congressos de Pedagogia Espírita no Brasil foram: 1º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita-Ideia, escolas e projetos na Universidade Santa Cecília – Santos – em junho de 2004. O 2º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita Diálogos, verticalidade, práxis, também na Universidade Santa Cecília – Santos – em setembro de 2006 e o 3º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita Um projeto de inclusão integral: Ensinar tudo a todos na Uni-Ítalo – em Santo Amaro, em novembro de 2008.

Aquele congresso foi organizado como um dos eventos comemorativos ao bicentenário de nascimento de Allan Kardec.

Anteriormente, na década de 1940, também já ocorrerá uma tentativa de sistematização de uma proposta de pedagogia espírita pautada nas experiências educacionais de três educadores brasileiros, referências no movimento espírita: Anália Franco, Eurípedes Barsanulfo e Tomás Novelino. Foi na realização do Primeiro Congresso Educacional Espírita Paulista, convocado pela USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo).

Varias teses foram apresentadas para fixar os conceitos básicos da educação espírita. O resultado concreto desses debates foi a criação do Instituto Espírita de Educação em São Paulo, com sede própria, à R. Guarará, 140. Em 1951, no Segundo Congresso, foi realizada sua instalação e determinou-se também a fundação do Instituto Educacional Espírita Metropolitano, dedicado aos estudos e pesquisas pedagógicas. (COLOMBO, 1998, p. 74-75).

Na década de 1970 o próprio Herculano Pires discutia se era possível constituir uma Pedagogia Espírita pautado nas reflexões da pedagogia enquanto uma construção histórica da sociedade em busca da proposta de uma escola laica, ao mesmo tempo em que questionava o sistema e os objetivos da educação e de uma educação com características espíritas

O que podemos entender por educação espírita? (Esta expressão pode ser entendida em dois sentidos: 1º) como uma espécie de formação sectária das crianças e dos jovens, uma forma de transmissão dos princípios espíritas às novas gerações, e, portanto, um assunto doméstico, restrito ao lar e às escolinhas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas, à semelhança do que se faz nos catecismos das igrejas; 2º) como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o espiritismo está fazendo surgir na Terra. (PIRES, 2004, p. 113).

Se, por um lado, PIRES coloca na possibilidade de uma educação pautada na Doutrina Espírita uma visão salvacionista, semelhante a outras religiões, que para não ser sectária deveria ir além da formação do lar e das

instituições como os centros espíritas, por outro, ele critica a primeira forma de pensar a educação espírita afirmando que a educação familiar é natural. A educação nos centros espíritas é decorrência do processo social, mas o que é “negativo, obscurantista, retrógrado é querer-se reduzir a educação espírita a esse aspecto inicial do processo.” (PIRES, 2004, p. 113). E defende a criação de instituições de ensino espírita, porque somente nestas escolas seria possível a vivência de uma cultura espírita. PIRES afirma que

A prova de que as escolas espíritas surgiram atendendo às exigências de uma nova fase histórica está na espontaneidade de seu aparecimento. Os fundadores destas escolas agiram levados pelas circunstâncias. Sentiam nas escolas oficiais e mesmo nas particulares a pressão de dois lados sobre a mentalidade em formação de seus filhos. De um lado a pressão dos ensinamentos materialistas e de outro a pressão do ensino sectário. As crianças e os jovens que reagiam a essas pressões eram colocados em situação marginal perante os professores e colegas. Levados por essa pressão social os fundadores não pensaram, em geral, numa revolução educacional e cultural. Mas os fatos aí estão: centenas de escolas espíritas, de todos os graus de ensino, funcionam hoje no Brasil e em vários países da América. (PIRES, 2004, p. 115).

Apontamos aqui algum exagero do autor quanto ao número de escolas identificadas como espíritas, ele mesmo dá destaque somente a três instituições naquele período, o Colégio Allan Kardec em Minas Gerais, O Instituto Pestalozzi em São Paulo e as obras de Ney Lobo em Curitiba através do Colégio Lins de Vasconcelos. O Lar Escola Leocádio José Correia, ao que tudo indica, não era conhecido por ele. Anos antes, Dora Incontri fez uma crítica ao movimento espírita pela não implantação de escolas desta natureza: “Tanto que em matéria de asilos, orfanatos e obras diversas de caridade, o Espiritismo possui um número maior do que as igrejas católicas e protestantes, mas se tratando de escolas, o movimento espírita está em último lugar nas cifras apresentadas.” (2005, p. 94).

Herculano Pires, no livro *Pedagogia Espírita*, aponta ainda numa ampla discussão, bases históricas, científicas, religiosas, estéticas e práticas para a

organização de uma pedagogia espírita e afirma relativizando sua proposta como uma possibilidade de pensar a educação a partir da Doutrina Espírita

Existe a Pedagogia espírita na própria estrutura da Doutrina, mas qualquer sistematização que fizermos não será “a”, mas “uma” Pedagogia Espírita, sujeita a revisão futura. E poderão surgir no futuro tantas Pedagogias Espíritas quantas se fizerem necessárias de acordo com as diferenciações culturais que ocorrerem em diversos países. A unidade destes sistemas, entretanto, será garantida pelo modelo inicial e fundamental que permanece nos princípios essenciais da doutrina. Uma pedagogia só será espírita se estiver fundada nesses princípios. (PIRES, 2004, p. 120).

A tese de Dora Incontri (2004) fundamenta a Pedagogia Espírita no pensamento de Comenius, Rousseau e Pestalozzi. Identifica nestes três pensadores co-relações com o pensamento pedagógico de Rivail quanto aos conceitos específicos da Doutrina Espírita, como a reencarnação e a possibilidade de comunicação entre os polissistema material e polissistema espiritual³⁵. Em Pestalozzi, Incontri identifica a “valorização da razão, mas exaltando igualmente a subjetividade afetiva do estudioso e do educador e a sua intuição espiritual. (2004, p. 149). Em Rousseau “foi o profeta que não conseguiu elevar-se a altura da visão que teve” (p. 156). Quando analisa o relato de uma experiência vivenciada por Rousseau, Incontri afirma que Rivail,

³⁵ O verbete polissistema não existe catalogado em dicionários da língua portuguesa. Esta palavra, na verdade, é uma síntese na concepção da SBEE. Analisando a sua etimologia pode-se encontrar o prefixo poli (do grego poly), que significa “muitos ou diversos” e o sufixo sistema. O significado é “Sistema cultural dos espíritos encarnados e desencarnados, respectivamente; envolvem os eixos políticos e econômico, social e cultural, e aspectos, valores, técnicas, conhecimentos universais, alternativos, especialistas e individuais.” (CRUZ, 2008, p. 124). No nosso entendimento esta definição amplia o conceito de mundo espiritual de Kardec. Citamos um exemplo deste conceito no Livro dos Espíritos “Segundo os Espíritos, de todos os **mundos** que compõe o nosso sistema planetário, a Terra faz parte daqueles cujos habitantes são menos adiantados, física e moralmente. Marte lhe estaria ainda abaixo, [...] O Sol não seria um mundo habitado por seres corpóreos, mas um lugar de encontro dos Espíritos Superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, com os quais se comunicam por meio do fluido universal” (Kardec, 2001, p. 121), e no Evangelho segundo o Espiritismo “Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar.”(Kardec, 2000, p. 41, [grifo nosso]).

com um olhar investigativo, foi ao estudo dos fenômenos que intrigavam a sociedade parisiense na metade do século XIX.

Em Comenius, Incontri analisa a concepção de homem e de sociedade, a compreensão das potencialidades inerentes ao ser, as virtudes morais, a unidade entre todos os seres e a ideia de Deus. “Comenius idealiza assim uma síntese do conhecimento, em que harmonicamente ciência, religião e filosofia pudessem compor uma visão coerente das coisas. A originalidade da sua intenção é uma antecipação da proposta de Kardec.” (p. 130). Incontri afirma ainda que a Pedagogia Espírita se fundamenta em uma

linha de tradição humanista e espiritualista, que vai de Sócrates a Kardec, que tem alguns pontos de relevo, que são justamente os antecessores de Hippolyte Léon Denizard Rivail: Jan Amos Comenius, Jean Jacques Rousseau e Johann Heinrich Pestalozzi. A visita a esses educadores, para localizarmos a tradição em que se insere o espiritismo e, portanto, a Pedagogia Espírita, não é arbitrária. Rivail foi discípulo de Pestalozzi, que foi herdeiro de Rousseau e Comenius e está para todos como árvore frondosa, cujas ideias foram frutos de que todos se alimentaram. (INCONTRI, 2006, p. 15-16).

É no Brasil do início do século XX que a proposta de uma Pedagogia Espírita nasceu, a partir das experiências educacionais de três educadores brasileiros que constituíram as primeiras escolas de orientação espírita. Um dos primeiros educadores espíritas deste período foi Eurípedes Barsanulfo que, em 1907, fundou o Colégio Allan Kardec, na cidade de Sacramento, em Minas Gerais. Com a República, em tese, o país começava a se modificar politicamente, abrindo espaço para outras camadas participarem da organização econômica e política. A reorganização do Estado e a urbanização trouxeram novas necessidades para a população, o que possibilitou a escolarização de seus filhos e possibilitou seu acesso às carreiras burocráticas. Os intelectuais discutiam as mudanças e a necessidade de expansão da educação ao povo.

Eurípedes, como vereador, atuava na Comissão de Instrução Pública quando fundou em sua própria casa o Colégio Allan Kardec, com uma proposta

que segundo Bigheto estava “mais enraizada na tradição francesa, aquela mesma do século de Kardec, em que espíritas militavam socialmente, em sintonia com as doutrinas mais progressistas da época”. (BIGHETO, 2006, p. 107).

Eurípedes criou de fato uma proposta diferente para a época com classes mistas, onde não havia provas ou exames, castigos ou recompensas. Os alunos com maiores facilidades de aprendizado auxiliavam os demais. Todos eram estimulados a assumirem suas responsabilidades pelo processo de crescimento e aprendizado. A escola era gratuita e os professores voluntários. Outro aspecto a destacar era a presença de alunos e professores negros num período em que a discriminação era marcante e o negro tinha acesso dificultado às instituições de ensino. Bigheto afirma que

Eurípedes transformou o interior da escola. Partiu de um novo conceito de criança como ser reencarnado e espiritual, redefiniu os conteúdos, modificou o papel do professor, instaurou novos processos de ensino-aprendizagem, novos tempos e espaços pedagógicos, ou seja, uma nova organização e cultura escolar estavam no centro de sua proposta educacional. Rejeitou uma escola conteudista e procurou construir uma escola mais adaptada às necessidades das crianças. Seu pensamento e sua atividade pedagógica estão cheios de inovação e originalidade: constituíam pontos importantes de sua pedagogia a escola ativa, a co-educação, a educação integral, a abolição de castigos, provas e recompensas, ideais que figuravam entre as principais propostas da vanguarda brasileira. (BIGHETO, 2006, p. 78).

Segundo Incontri “o caráter progressista do colégio se revelava em variados aspectos, apontando em todos eles a confiança no ser humano”. (2004, p. 176). Corina Novelino, autora da biografia de Eurípedes nos relata

A nova linha pedagógica, que, aliás, já se tornava patente, sob muitos aspectos, em países europeus, como Suíça e França, através da escola Ativa de Pestalozzi, proporcionava a Sacramento, pela visão extraordinária de Eurípedes, o enriquecimento do contingente didático-pedagógico. O binômio professor-aluno e vice versa, incluindo o complexo conjunto de valores, que forma a problemática do Ser, constitui um dos fatores essenciais do assunto em pauta. Numa fase em que a

palmatória era voz mais que ativa no ambiente escolar, dominando as mais difíceis situações, mas, afastando mais e mais o aluno do professor, Eurípedes inaugurou a era do entendimento e do diálogo. O aluno passou a ser respeitado por valores naturais de que era portador em potencial, pois o mestre conhecia-lhe as faculdades racionais, as percepções, ideias, hábitos e reações condicionadas. Isto vinha estreitar o relacionamento entre o Professor e seus discípulos, criando com eles os laços de mútua confiança. (NOVELINO, 1979, p. 116).

Incontri compara “como Pestalozzi, que dialogava amorosamente com as crianças sobre qualquer problema de comportamento, também Eurípedes adotava tal postura, cujos efeitos eram palpáveis, dada sua autoridade moral e o forte vínculo afetivo com os alunos”. (2004, p. 176). Acreditamos que foi esta autoridade moral de Eurípedes que permitiu as inovações da escola. Sabemos que no período citado o ensino mútuo era uma inovação restrita a algumas escolas protestantes, visto que as escolas católicas restringiam o contato entre meninos e meninas. Quanto à metodologia utilizada na escola Incontri afirma que

Parte das aulas eras expositivas, em forma de explicações, mas em todos os setores, convocavam-se as ações do aluno. Para aula de ciências dissecação de animais; para aula de astronomia, observação dos astros. Para desenvolver o corpo, ginástica diária, exercícios respiratórios, aulas-passeio; para desenvolver a alma a prática da fraternidade e da oração. Para apurar a inteligência exercícios de racionalidade, observação atenta da natureza, reflexão crítica. (2004, p. 178).

Uma das inovações do colégio apontada pelos autores que citamos Novelino (1979), Incontri (2004) e Bighetto (2006) é o trabalho com a mediunidade. Eurípedes era médium de efeito e em sua biografia são muitos os episódios relatados. O Colégio oferecia uma aula de Evangelho

As quartas-feiras eram consagradas inteiramente ao estudo de O Evangelho Segundo o Espiritismo e o Livro dos Espíritos de Allan Kardec. Assistiam a essas aulas os alunos do colégio e inúmeros visitantes. O início das aulas dava-se às doze e meia horas, prolongando-se até as quinze horas aquelas lições

excepcionais para todos. [...] Baseados nas lições anteriores, os alunos formulam questões organizando perguntas objetivas. Cada aluno tem três minutos para emitir o questionário. Não raro, um aluno do curso primário – um menino convidava um rapaz do curso superior ou do Elementar. Momentos de expectativas coroam o sucedimento. Quase sempre o garoto sobrepuja o marmanjo, nos conceitos e na forma das questões. Coisas que somente o espiritismo pode explicar. (NOVELINO, 1979, p. 124).

Nestas aulas os alunos discutiam os fenômenos mediúnicos, e juntos com Eurípedes aprofundavam o estudo das religiões comparadas e ainda participavam caso desejassem das sessões mediúnicas, realizadas à noite no colégio. Santos também aponta a questão da mediunidade de Eurípedes e descreve o colégio a partir de uma experiência neste sentido

O pequeno colégio de Sacramento, hoje Patrimônio histórico da cidade e grande foco de interesses do turismo espírita, era palco de constantes ensinamentos pouco ortodoxos para a época e repleto de demonstrações da naturalidade dos fenômenos espíritas. Em certa ocasião numa das salas de aula, Eurípedes demonstrou aos seus alunos uma prova dessa diversidade de seus dons mediúnicos. Entrou subitamente em transe e, alguns minutos depois, conta aos presentes que assistira a uma reunião de importantes líderes mundiais numa ampla sala de um famoso palácio de Paris. O acontecimento relatado em detalhes por Eurípedes só aconteceria oito meses depois: Era a assinatura do histórico Tratado de Versalhes em 1919. (SANTOS, 2007, p. 230).

Eurípides faleceu ainda em 1918, vítima da gripe espanhola. O Colégio completou cem anos em 2007.

O segundo nome considerado precursor da Pedagogia Espírita é o de Anália Franco, nascida no Rio de Janeiro, em 1853. Anália formou-se professora pela Escola Normal de São Paulo e foi ativista social, militante do movimento feminista. Escreveu em jornais defendendo uma nova visão de educação, proclamando os direitos da mulher, defendendo, antes da República, a abolição e depois, o direito à igualdade dos negros. Publicou diversos textos sobre educação e métodos de ensino. Criou escolas maternais para acolher as crianças negras, especialmente as que eram colocadas na

roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia e asilos para receber mulheres envolvidas com a prostituição, além de escrever e publicar nos jornais opiniões que na época chocavam a sociedade paulista. Kishimoto aponta a atitude de Anália de pedir esmolas para manter suas obras

[...] uma professora espírita proteger negros, filhos de escravos, pedir esmolas pelas ruas em pleno regime monarquista, católico e escravocrata, gera um clima de antipatia e rejeição entre os moradores da região ante a figura daquela mulher considerada perigosa, e seu afastamento da cidade já é cogitado, quando surge um grupo de abolicionistas e republicanos a seu favor. Passados alguns anos Anália deixa algumas escolas maternais no interior para radicar-se em São Paulo e associar-se ao Partido Republicano. Após a abolição da escravatura e o advento da república, a educadora já tinha dois grandes colégios gratuitos para meninos e meninas. (KISHIMOTO, 1988, p. 53).

Anália criou também associações femininas. Kuhlmann Jr. afirma que senhoras da sociedade paulista

sob a direção de Anália Franco, espírita, filiada ao Partido Republicano, fundou-se uma sociedade destinada ao amparo e educação da mulher e da infância: a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva. O primeiro passo da entidade foi criar um Liceu Feminino, estabelecimento destinado a preparar professoras para escolas chamadas maternais (espécie de creche e jardim de infância) e uma escola noturna destinada à alfabetização da mulher. (2001, p. 87).

Anália ajudou também a criar a primeira banda de música de São Paulo e uma companhia de teatro feminina, cujos recursos em apresentações pelo interior do estado ajudavam a manter a “imensa obra de Anália que chegou a abrir mais de 100 casas infantis” (INCONTRI, 2004, p. 191). Monteiro cita que a própria Anália teria feito seu método para a educação infantil

As escolas maternais são escolas onde em cada página dos compêndios se encontra a noção de Deus, o meio de servi-lo e a obrigação de engrandecê-lo como Criador único, não só das crianças, mas de toda natureza que as rodeia, de todo universo que as circunda, outras tantas provas eloquentíssimas do poder, da grandeza, da sabedoria e da misericórdia do

Supremo Senhor, cuja glória é cantada em hinos escolares e proclamada em diálogos infantis. O fim a atingir nessas escolas não é somente dar à criança noções de leitura ou de cálculo, mas ampará-la e submetê-la a um conjunto de salutare influências, inculcando-lhes bons hábitos intelectuais, morais e físicos, maneiras corteses, e despertar a sua atividade espiritual, regulando-a gradualmente. O método praticado é essencialmente natural e familiar, sem nada de rígido e escolástico. Tendo a cultivar harmonicamente todas as faculdades da criança, e por isso não se subordina a qualquer dos métodos especiais e artificiais que se baseiam num sistema fixo, mas sim, colher em todos os métodos o que contiverem de aproveitável às diversas necessidades da criança. Durante as aulas as professoras tratarão com carinho e delicadeza, procurando sempre melhor educá-las do que instruí-las, isto de acordo com as suas tenras idades. (1908) (MONTEIRO, 1992, p. 56-57).

Há um consenso entre os autores analisados que a prática de Anália Franco não é propriamente da Pedagogia Espírita, mas que suas ideias, ações sociais e posições defendidas podem ser analisadas sob uma ótica espírita.

O terceiro educador discutido por Incontri (2004), Bigheto (2006) e Martins (2006), apontado como precursor da Pedagogia Espírita no Brasil é o médico Tomás Novelino, nascido em 1901, em Divinópolis, Minas Gerais. Tendo ficado órfão de pai e mãe, Tomás Novelino acabou interno no Asilo Anália Franco em São Paulo por quatro anos, depois foi levado por um tio para estudar no Colégio Allan Kardec, onde permaneceu até a morte de Eurípedes. Formou-se em medicina, mudou-se para Franca onde atuou como médico, chegando a diretor do Hospital Psiquiátrico Allan Kardec. Em 1944 Tomás e a esposa Maria Aparecida Rabello fundaram na cidade uma escola que originou o Educandário Pestalozzi, depois que souberam que um aluno, filho de pais espíritas, fora expulso de uma escola católica. No início a escola acolhia órfãos e crianças carentes em regime de internato e abria o externato para os filhos de famílias espíritas. A finalidade do educandário, segundo Jurkevics, era “promover a educação moral e intelectual, ministrando o ensino primário, o secundário e o religioso, norteados pela Doutrina Espírita, sendo seu principal objetivo a educação dentro dos princípios morais contidos na filosofia espírita cristã”. (1998, p. 95).

Tomás Novelino chegou a adquirir uma fábrica de sapatos para tentar uma experiência semelhante à de Pestalozzi em Neuhof, de educar pelo e para o trabalho, porém segundo Incontri

ficou demonstrado que a produtividade requerida para uma fábrica obter lucro não era compatível com o aprendizado profissionalizante dos adolescentes. Assim contrataram-se operários, e a fábrica de sapatos e o educandário foram crescendo paralelamente, resultando sua fusão na Fundação Pestalozzi. (INCONTRI, 1997, p. 137).

O que vai ao encontro de uma proposta de ideias sociais espíritas (COLOMBO, 1998) é que o lucro gerado pela fábrica vai ser utilizado na educação, inclusive para os filhos dos operários. Ao longo da sua trajetória, o educandário abrangeu as primeiras experiências com Lar Escola no Brasil, creche, ensino de 1.º e 2.º graus, cursos técnicos e formação de professores. O educandário Pestalozzi já foi objeto de estudo de Jurkevics, na pesquisa “Crenças e vivências Espíritas na Cidade de Franca”. Jurkevics, citando Incontri, aponta que

Nem o Educandário Pestalozzi, nem outra escola ou Instituição brasileira aplicou de fato, o método pestalozziano, pois qualquer influência de Pestalozzi que possamos rastrear nos séculos XIX e XX, ocorreu sempre de maneira indireta. Nenhum de seus textos foi traduzido integralmente para o português, e nenhum de seus discípulos diretos veio ao Brasil. No entanto, desde o seu início, o movimento espírita brasileiro manifestou interesse pelo pedagogo suíço, uma vez que Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita, havia estudado no Instituto Yverdon e foi, por mais de trinta anos, um dos maiores divulgadores do método pestalozziano na França. (JURKEVICS, 1998, p. 98).

Os autores e educadores que foram destacados pela proposta de uma pedagogia espírita têm um comum a visão de educação que se caracteriza pelo aspecto moral e por obras sociais. Entretanto, lembramos que estes dois aspectos por si sós não caracterizam a pedagogia espírita, pois são também trabalhados pelas escolas católicas e protestantes e, acreditamos, por escolas

vinculadas a outros credos religiosos, visto que o viés moral é pertinente a todas as religiões.

Incontri ainda afirma, reunindo estes autores que “se Eurípedes nos deu o modelo de Educação Espírita, atuando na prática, se Anália aplicou os princípios espíritas num projeto pedagógico de alcance social e se Novelino resumiu essas heranças, ante Ney Lobo³⁶ defrontamo-nos pela primeira vez com alguém que praticou e teorizou e, portanto, sistematizou princípios.” (2004, p. 201). Na obra de Incontri (2004) está sistematizado através do Manifesto da Pedagogia Espírita uma concepção desta Pedagogia que se fundamenta no ser inter-existente (com potencialidades espirituais e racionalidade vivenciada na prática espírita do bem), na compreensão da criança como um espírito em evolução, na vida como fenômeno espiritual, no mundo entendido como “morada temporária e educativa entre diversos mundos”, na educação como um “processo permanente de aperfeiçoamento do espírito”, e no educador como um “agente de mobilização da vontade de evolução do educando”. O manifesto da Pedagogia Espírita, lançado em 2004, ainda estabelece como princípios educativos o amor, a liberdade, a igualdade com singularidade, a naturalidade, a ação, a educação integral, aplicados na prática por meio de uma escola livre e afetiva, de atividades éticas, produções estéticas e intelectuais em que não existam castigos nem recompensas, que se cultive a espiritualidade, construa uma autogestão administrativa, uma co-gestão pedagógica numa proposta de escola social e escola universal.

Na segunda parte deste trabalho vamos analisar o Lar Escola na sua trajetória histórica, considerando se a Instituição na sua prática cotidiana conseguiu, ao longo dos anos, construir uma proposta pedagógica pautada na Pedagogia Espírita ou mesmo no referencial de uma cultura escolar e de uma “cultura espírita”. Para situarmos historicamente a Instituição em estudo vamos, no segundo capítulo, buscar as aproximações e a oposição entre o catolicismo e o espiritismo no Brasil por meio de recortes históricos do movimento espírita no país.

³⁶ Ney Lobo nasceu em Curitiba, em 1919, e foi diretor do Colégio Lins de Vasconcelos. Formado em letras e em filosofia, aos 90 anos ainda milita no movimento espírita.

2 DOCTRINA ESPÍRITA: UMA CAMINHADA NA BUSCA DE SUA AFIRMAÇÃO

A proposta deste capítulo é pensarmos a fundação do Lar Escola como uma Instituição de ensino a partir das aproximações e oposições entre o catolicismo e o espiritismo. Entendemos que para estudar especificamente uma Instituição de ensino espírita precisamos compreender o que é o espiritismo e como ele vem se situando no país. Como afirma Giumbelli (1997) “pretender falar de ‘espiritismo’ no Brasil implica imediatamente colocar-se sobre um terreno minado de ambiguidades, imprecisões e, sobretudo, de polissemias”, pois a ele estão associados práticas terapêuticas, curas, pensamento filosófico, pesquisa, ciência, mediunidade, caridade e assistência social, instituições e práticas de educação.

O Espiritismo, como doutrina, surgiu na França a partir de 1857 quando o então intelectual da educação Hippolyte Léon Denizard Rivail, adotando o pseudônimo de Allan Kardec³⁷ publicou sua primeira obra de cunho religioso denominada “O Livro dos Espíritos”. Maurice Lachâtre, contemporâneo de Kardec e editor de suas obras escreveu na época

Nascido na religião católica, mas educado em um país protestante, os atos de intolerância que ele teve que suportar a esse respeito fizeram-no, desde a idade de quinze anos, conceber a ideia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio durante longos anos, com o pensamento de chegar à unificação das crenças; mas faltou-lhe o elemento necessário para a solução deste grande problema. O Espiritismo veio mais tarde fornecer-lhe e imprimir uma direção especial aos seus trabalhos. Por volta de 1850, assim que se tratou da manifestação dos espíritos, Allan Kardec se entregou às observações perseverantes sobre estes fenômenos e se dedicou principalmente a deduzir deles as consequências filosóficas. Neles entreviu antes de tudo o princípio de novas

³⁷ Hippolyte Léon Denizard Rivail era um nome associado à história da educação e do ensino na França. Rivail afirmara segundo depoimento na Revista Espírita, lançada por ele, que adotará o pseudônimo que a ele fora revelado de uma encarnação anterior quando viveu entre os druidas, que não queria utilizar o prestígio do nome Rivail e também que os conhecimentos da Doutrina Espírita não foram elaborados por ele. O seu papel foi organizar e codificar um conhecimento já existente na história humana.

leis naturais: aquelas que regem as relações do mundo visível e do mundo invisível, reconheceu na reação deste último uma das forças da natureza, e seu conhecimento devia lançar luz sobre uma multidão de problemas reputados insolúveis, e compreendeu o alcance disso do ponto de vista científico, social e religioso. (LACHATRE, 2004, p. 306).

Como afirmou Lachatre, Kardec/Rivail dedicou-se a um estudo sério dos fenômenos antes de trazer a público as obras da Codificação Espírita que como ele mesmo afirma nos prolegômenos do Livro dos Espíritos

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham vestígios entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram patentes a todos. Os espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de Sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade. Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de os publicar. Em o número dos Espíritos que concorreram para a execução desta obra, muitos se contam que viveram, em épocas diversas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhuma personagem, cuja lembrança a História guarde, mas cuja elevação é atestada pela pureza de seus ensinamentos e pela união em que se acham com os que usam de nomes venerados. (KARDEC, 2001, p. 46).

O termo Espiritismo foi criado por Kardec para diferenciar a Doutrina dos Espíritos de outras práticas espiritualistas que segundo interpretações da literatura espírita sempre existiram na História da humanidade³⁸. Oito anos

³⁸ As concepções religiosas das sociedades orientais, como os Vedas, o estudo dos mistérios entre os gregos aceitando a palingenesia (nascer de novo), as interpretações de Sócrates e

depois, esta obra chegou ao Brasil, sendo lida pela camada populacional mais erudita da sociedade, visto que O Livro dos Espíritos e as demais ‘obras básicas’³⁹ aqui chegaram em francês. Foi Casimir Lieutaud, poeta e contista, nascido na França e radicado no Rio de Janeiro que criou e dirigiu uma escola particular que ensinava francês, quem publicou na língua francesa um dos primeiros livros de literatura espírita escritos no país – *Les temps sont arrivés*. Traduzido por ele em 1860 como “Os tempos são chegados”. Na sequência, Alexandre Canu traduziu e publicou o livro de Kardec, *O Espiritismo na sua forma mais simples*⁴⁰. Estes seriam os primeiros livros sobre o Espiritismo publicados no Brasil.

O Rio de Janeiro no século XIX além de capital administrativa era também o principal centro cultural brasileiro que mantinha laços com os países europeus, principalmente com a França. Segundo Azzi

a cultura francesa passará a caracterizar a vida das classes dominantes desejosas de romper com suas raízes afro-indígenas. Sonhava para sua prole uma educação pautada em valores europeus. As meninas e moças puderam receber essa formação nos colégios fundados por diversas congregações femininas de origem francesa. (AZZI, 1999 a, p. 22).

Esta atração pela cultura francesa foi um dos fatores decisivos para a leitura das obras de Kardec em francês e posteriormente em português. Com a tradução das primeiras obras, a partir de 1875, e com a organização gradativa dos grupos de estudo e depois dos centros espíritas, houve a divulgação e

Platão, os oráculos, as comunicações registradas pela Bíblia, a compreensão da sociedade egípcia de retorno, os fenômenos considerados bruxaria na idade média, por exemplo, as visões de Hildegard Von Bigen, no século XI, posteriormente Giordano Bruno e Joana d’ Arc.

³⁹ São as cinco obras consideradas essenciais para o conhecimento da Doutrina Espírita: O Livro dos Espíritos (1857); O Livro dos Médiuns (1861); O Evangelho segundo o Espiritismo (1864); O Céu e o Inferno (1865) e A Gênese (1868).

⁴⁰ Segundo Sylvia Damazzio, (1994) Kardec publicou também: Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas (1859); O que é Espiritismo (1859); Carta sobre o Espiritismo (1860); Resposta a Mensagem dos Espíritas Lioneses por ocasião do Ano Novo (1862); Viagem Espírita (1862); Resumo da Lei dos Fenômenos Espíritas ou Primeira Iniciação (1846); Coleção de Composições Inéditas (1865); Coleção de Preces Espíritas (1866); Estudo a Cerca da poesia Medianímica (1867). Em 1890 a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas publicou Obras póstumas, a partir de uma compilação de escritos deixados por Kardec.

popularização da doutrina. Analisando a literatura espírita percebemos que o conhecimento da Doutrina Espírita trouxe ao país uma visão muito diferente do que aqui era conhecido por religião, visto que o Espiritismo desde o seu início se identificava como Filosofia, Ciência e Religião. Mas tal qual na Europa despertou aqui uma forte oposição, tanto da área médica quanto e principalmente da Igreja Católica.

Foi a partir da segunda metade do século XX que o Espiritismo passou a fazer parte da cultura brasileira e novamente citando Giumbelli lembrarmos que

para que o Espiritismo pudesse ser qualificado como uma religião foi necessário que suas práticas e suas doutrinas tivessem se tornado equivalentes, vale dizer, designadas por um mesmo conceito a de outras religiões e também que os cientistas sociais fossem reconhecidos como os intelectuais mais capacitados para a sua observação”. (1997).

Dados da Fundação Getúlio Vargas e IBGE⁴¹ apontam que atualmente no Brasil as pessoas que se identificam como praticantes do Espiritismo estão entre as camadas mais escolarizadas da sociedade brasileira.

⁴¹ Estes dados foram analisados pela UNIFESP – UFJF, 2007.

2.1 ESPIRITISMO: RELIGIÃO, CIÊNCIA E FILOSOFIA — ALVO DA REAÇÃO CATÓLICA

Assim como na Europa, ocorreu aqui uma polêmica sobre o conceito espírita, seria o Espiritismo uma religião, uma doutrina ou somente uma filosofia com princípios morais?

Nas palavras de Kardec em *O que é o espiritismo* “O Espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, ele consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as consequências morais que decorrem destas relações”. (2004, p. 12). A expressão “consequências morais” gerou dúvidas entre os estudiosos do Espiritismo, de fato a doutrina tinha um caráter religioso? Num discurso publicado na Revista Espírita de 1868 que consistiu no último discurso proferido por Kardec ele aponta

Se assim é, perguntarão então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores. No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos glorificamos por isto, porque é a doutrina que funda os elos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as mesmas leis da natureza. Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Porque não há uma palavra para exprimir duas ideias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; desperta exclusivamente uma ideia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí senão uma nova edição, uma variante, se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes se levantou a opinião pública. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis porque simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral. (KARDEC, 1964, p. 357).

Entendemos que Kardec objetivava distanciar o Espiritismo das práticas religiosas tradicionais da época, demonstrando que o conceito compunha um

tripé formado também pela ciência e pela filosofia. No dicionário de Filosofia Espírita encontramos a seguinte definição para a Filosofia “a filosofia constituiu, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas uma à outra, indissoluvelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas”. (PALHANO, Jr. 2004, p. 129-130).

De qualquer forma para o catolicismo o espiritismo representou no século XIX e grande parte do XX uma ameaça a ser combatida pelos princípios defendidos. Em 1867 o “arcebispo da Bahia e primaz do Brasil [...] D. Manuel Joaquim da Silveira publicou uma pastoral [...] criticando os ‘erros perniciosos do Espiritismo’. D. Silveira via o Espiritismo como essencialmente religioso, ou antes, [...] um atentado contra a religião católica.” (SANTOS, 1997, p. 13).

Silva também mostra como o Espiritismo no Brasil foi alvo de ataques da Igreja através das cartas pastorais, bem como de artigos publicados na imprensa católica e laica. Os ataques à Doutrina a colocavam como “falsa, ilusória, herética e perigosa tanto para a fé como para a saúde mental.” (SILVA, 1993, p. 196).

Costa (2001) na sua tese faz uma análise histórica dos embates ocorridos entre espíritas e católicos do século XIX à primeira metade do XX e demonstra como a Igreja Católica no Brasil, no início da República, se opôs à formação do Estado laico, criando mecanismos para manter o quadro anterior, do Império, no qual estava vinculada ao poder. O objetivo da igreja não era retornar à condição anterior do padroado, mas “tornar-se e assumir a condição de religião líder, norteadora e consoladora da população” (COSTA, 2001, p. 81). Ainda mais que o movimento espírita apoiou a República como aponta Gilberto Freyre

O centro Família Spirita, de São Paulo que, embora convicto de ser “a paisagem iluminada que nos espera” a assegurada pelo “império do spiritismo”, reconhecia a necessidade de uma “República profana” que marchasse “correta pela senda da justiça, da ordem e do progresso”. O Espiritismo a confraternizar com o Positivismo. Reconhecendo ter a nação mudado de governo, “para manter o espírito da ordem”, julgava

não se dever admitir “a existência de jornais” que propagassem “ideias anacrônicas”, isto é monárquicas. Entretanto não concordava com a “bandeira provisoriamente levantada pela República”, por não respeitar as tradições gloriosas da nação, nem o legendário estandarte auriverde do País, sustentado com tanto heroísmo pelo exército “[...] Por onde se vê que até aos espíritas brasileiros preocupou em face dos acontecimentos de 15 de novembro, o problema da ordem e da integridade nacionais, dos quais a “república profana” deveria principalmente cuidar, deixando ao império do spiritismo” o cuidado com o progresso dos espíritos. (FREYRE, 1959, p. 8).

Freyre aponta com certa ironia a adesão à República e uma pretensão do Espiritismo de se tornar a religião hegemônica, postura esta que será analisada por Costa (2001), que demonstrou as atitudes de reação do Espiritismo em relação à ação do catolicismo. O clero no Brasil identificara “como grandes inimigos a serem combatidos nos campos político e religioso. Nos primeiros os comunistas e os socialistas e, no segundo, os protestantes e os espíritas, todos eles frutos do liberalismo” (COSTA, 2001,, p. 81). Para atingir este fim Costa aponta que a Instituição se apoiou nos religiosos e “utilizando a rede de escolas paroquiais com suas associações e um grande trunfo que era a imprensa católica e leiga.” (2001, p. 82). Para a igreja católica “urgia superar o laicismo e a descrença progressiva mediante o ensino das verdades da fé e da moral católica; urgia também por um dique ao avanço dos protestantes, dos espíritas e de outras crenças religiosas não católicas.” (2001, p. 82).

A condenação a separação entre Estado e Igreja já havia sido expressa por Leão XIII na Encíclica *Libertas Praestantissimum* ⁴²

⁴² Son muchos los que no aprueban la separación entre la Iglesia y Estado, mas que la Iglesia debe amoldarse a los tiempos, cediendo y acomodandose a las exigencias de la moderna prudencia en la administración pública del Estado. Esta opinión es recta sise refiere a una condescencia razonable que pueda conciliarse con la verdade y con la justicia; es decir, que la Iglesia, con la esperanza comprobada de un bien muy notable, se muestre indulgente y conceda a las circunstancias lo puede concederles sin violar la santidad de su misión. Pero la cosa cambia por completo cuando se trata de prácticas y doctrinas introducidas contra todo derecho por la decadencia de la moral y por la aberración intelectual de los espíritus. Ningún periodo historico se puede vivir sin religión, sin verdad, sin justicia Y como estas supremas realidades sagradas han sido encomendadas por el mismo Dios a la tutela de Iglesia, nada hay tan contrario a la Iglesia como pretender de ella que tolere con dissimulo el error y la injusticia o favorezca con su connivencia lo que perjudica a la religión. (DOCTRINA PONTIFICIA, 1958, p. 257-258).

são muitas as pessoas que não aprovam a separação entre a Igreja e o Estado, mas que a Igreja deve adaptar-se às vezes, cedendo às exigências modernas de prudência na administração pública do Estado. Esta opinião é correta e se refere a condescendência razoável que pode ser conciliada com a verdade e com justiça, ou seja, a Igreja, na esperança de um bem mui notável, se mostre indulgente e ao ceder as circunstâncias o faça sem violar a santidade da sua missão. Mas a situação muda completamente quando se trata de práticas e doutrinas introduzidas pela lei contra qualquer declínio na moral e aberração intelectual dos espíritos. Nenhum período histórico pode ser vivido sem religião, sem a verdade, justiça e sem a suprema realidade sagradas que foram conferidas pelo próprio Deus para a tutela da Igreja, nada é tão contrário à Igreja como pretender que ela tolere o dissimulo do erro e a injustiça com a sua conivência ou favorecimento em detrimento da religião. (DOCTRINA PONTIFICIA, 1958, p. 257-258)

Costa (2001) ainda afirma que pelos documentos por ele analisados fica evidente que o combate mais acirrado deveria se dar ao espiritismo. Abreu também relata este momento como

Os quatro inimigos do espiritismo cantavam hinos de triunfo por todas as quebradas. O Positivismo arvorado em mentor da República, ditava leis e reformas sociais de valor. O materialismo, liberto o Estado da tutela da Igreja Católica, embandeirara-se em arco pelas escadas, pelas academias, pelos tribunais, pelas repartições, pelas prefeituras, pelos hospitais, pelas sociedades científicas, pelos grêmios benemerentes, banindo de toda a parte, a vassouras, os vestígios de nossa velha civilização católica, até mesmo o símbolo do Crucificado. O Racionalismo campeava no Congresso, na imprensa, no Exército vitorioso, no Governo e no meio da rua. O clero, se não estava contente com a situação, acendia, contudo, velas por ver que ao menos um dos seus adversários, o que era preciso “odiar por dever de consciência”, já estava metido no Código Penal. (ABREU, 1991, p. 52-53).

No aspecto da Ciência podemos citar Campos que aponta as contradições no pensamento católico em relação à ciência, no período por ele estudado (1892-1950) no Paraná

No pensamento católico é possível relacionar o conhecimento produzido pela Ciência com a filosofia católica. Para os católicos, a ciência moderna negava a convivência pacífica entre o conhecimento racional-experimental e o conhecimento racional-especulativo. Na concepção dos católicos não havia contradição entre esses dois saberes, ao contrário, eles se complementavam. A ciência moderna acreditava que o seu papel era cuidar do seu objeto de estudo, sem a preocupação de discutir questões filosóficas ou metafísicas. [...] A autonomia moral e intelectual dos indivíduos não estava baseada somente na racionalidade científica, era constituída pela metafísica católica. As Ciências não tinham condições de prescrever imperativos morais; elas estavam sobremaneira comprometidas com as particularidades; não era possível que saberes fragmentados pudessem dar sustentação moral aos indivíduos; essa tarefa estava reservada à Metafísica. (2006, p. 150-151).

Na visão de Kardec, o Espiritismo é a ciência que veio revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual, e as suas relações com o mundo corpóreo, porque se ocorrem fenômenos espirituais, o Espírito é acessível à pesquisa científica. Na Introdução do Livro dos Espíritos, Kardec afirma que

a Ciência Espírita contém duas partes: uma experimental, sobre as manifestações em geral, e outra filosófica, sobre as manifestações inteligentes. Qualquer um que tenha observado apenas a parte experimental encontra-se na posição daquele que só conhece a Física pelas experiências recreativas, sem ter penetrado a fundo na ciência. (KARDEC, 2001, item XVII, p. 43).

Devemos considerar também que Kardec aponta uma possibilidade de relação muito interessante entre a ciência e a religião representada aqui pelo Espiritismo

O Espiritismo e a ciência se complementam um pelo outro; a ciência, sem o Espiritismo, se acha impossibilitada de explicar

certos fenômenos, unicamente pelas leis da matéria; o Espiritismo, sem a Ciência, ficaria sem apoio e exame. O estudo das leis materiais deveria preceder o da espiritualidade, porque é a matéria que primeiramente fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse aparecido antes das descobertas científicas, teria abortado como tudo quanto vem antes do tempo. (KARDEC, 1999, Cap. I, item 16, p. 17).

Ainda na obra *A Gênese* localizamos outra exposição de Kardec que também referencia a ciência

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, isto é, aplica o método experimental. Fatos de ordem nova se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele as observa, analisa e partindo dos efeitos às causas, chega as leis que a rege; depois deduz as consequências e busca as explicações úteis. O Espiritismo não estabelece nenhuma teoria pré-concebida [...] É rigorosamente exato, portanto, dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação e não o produto da imaginação. As ciências não fizeram progressos sérios senão depois que os seus estudos se basearam sobre o método experimental; mas, acreditava-se que esse método não poderia ser aplicado senão à matéria, ao passo que o é igualmente às coisas metafísicas. (KARDEC, 1999, Cap. I, item 14, p. 16).

Para os espíritas ou para a concepção de Espiritismo⁴³ da Sociedade Brasileira de Estudos espíritas, na qual aqui nos baseamos, a religião não se sobrepõe à ciência em nenhuma circunstância. Ambas são respaldadas pelo pensamento filosófico e perpassam todas as situações de vida do indivíduo.

⁴³ Percebemos nesta pesquisa que na concepção de ciência existe divergência entre as diferentes linhas de espiritismo que identificamos: a da Federação Espírita Brasileira, a da SBEE e a da Aliança Espírita. A SBEE tem um arcabouço teórico próprio construído a partir de pesquisas desenvolvidas pelo NEP (Núcleo de Estudos e Pesquisas). Deste ao longo de 50 anos grupos de participantes fazem aulas orientadas diretamente pelo Espírito de Antonio Grimm, tendo inclusive um glossário para leitura e entendimento dos textos que são ditados nestas aulas. Termos como *eslética*, existente em repouso, existente em trânsito, *polissistema*, ao que nos parecem foram criados pela instituição, visto que não os localizamos em dicionários da língua portuguesa. Destas aulas resultam trabalhos monográficos e de pesquisa com referencial de autores acadêmicos nas áreas das ciências físicas, biológicas e humanas. A SBEE não trabalha com o fenômeno espírita ou com a doutrinação de desencarnados, prática muito comum a diversos centros espíritas. Utiliza as obras básicas da Doutrina, mas compreende de forma diferenciada conceitos como obsessão, missão, provação, mediunidade e carma. Percebemos também que toda ação da instituição está voltada para os encarnados (vivos).

Até mesmo a fé deve ser racionalizada pelo crivo da ciência. Lembramos aqui Eliane Silva, que teorizando sobre o Espiritualismo entre 1850 e 1930 afirma que

O movimento espiritualista colocou-se como uma revolução do pensamento de sua época, num século que aboliu os preconceitos e perseguições religiosas e teve na ciência um avanço intelectual, um aliado valioso. Este movimento aplicou a ciência nas comunicações com os mortos, investigou os fenômenos na sua lógica e veracidade, mas, também, combateu o materialismo simplista e lançou bases para pensar as verdades religiosas, antes dominadas pelo dogmatismo da religião tradicional. Começou como ciência do mundo espiritual, da sobrevivência da alma, uma fé racional encarando os fatos sobrenaturais à luz da razão, sob princípios éticos e de veracidade comprovada, sem negação ou aceitação sistemática para, alguns anos mais tarde, transformar-se em um movimento religioso e filosófico específico. Uma ciência que virou religião e uma religião que virou ciência. (SILVA, 1997, p. 11).

Na Europa as comunicações espíritas⁴⁴ e a própria prática do espiritismo foram objeto de pesquisa de cientistas⁴⁵ reconhecidos academicamente no século XIX. No Brasil não localizamos pesquisas neste sentido no século XIX, até porque aqui a pesquisa nesta área ainda é recente e precisamos considerar que o principal viés assumido pela Doutrina no país naquele contexto foi a prática da filantropia⁴⁶.

⁴⁴ Comunicações são processos mediúnicos envolvendo os espíritos encarnados e desencarnados.

⁴⁵ Nomes como William CROOKES, químico inglês, Alexandre AKSAKOF, filósofo russo colaborador de Crookes nas pesquisas sobre materializações de espíritos e Johann Karl Friedrich ZOELLNER físico e astrônomo alemão estão entre os pesquisadores que na segunda metade do século XIX se dedicaram a estas pesquisas, segundo Arthur Conan Doyle no livro a História do Espiritismo, cujo título original é *The History of Spiritualism*, publicado em 1926, nesta obra em dois volumes o autor fez estudos do espiritualismo inglês e francês.

⁴⁶ Atualmente existem pesquisas em andamento na área médica tanto na USP quanto na UNB. Um exemplo é a pesquisa do neurocientista Sergio Felipe de Oliveira na USP que estudar a relação da glândula pineal e a mediunidade no processo de intercâmbio mediúnico e de transe.

2.2 ESPIRITISMO: FILANTROPIA, CARIDADE E HOMEOPATIA

Gilberto Freyre na sua obra *Ordem e Progresso*, já assinalou a presença do espiritismo no período anterior à República por meio de associações beneficentes. Estas associações trabalhavam com práticas caritativas. A caridade é uma característica essencial tanto no catolicismo quanto no espiritismo, porém no espiritismo o sentindo é mais amplo, visto que a evolução do espírito se dá principalmente pela prática da caridade. A caridade na visão espírita não consiste em dar esmola ou oferecer assistência social, mas, antes de tudo, empreender um processo educativo de si mesmo e do outro. Localizamos no Livro dos Espíritos a seguinte afirmativa

O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão. “A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira por que é praticado. Duplo valor tem um serviço prestado com delicadeza. Se o for com altivez, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá. “Lembraí-vos também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito ao benefício”. Disse Jesus: “Ignore a vossa mão esquerda o que a direita der.” Por essa forma, ele vos ensinou a não tishardes a caridade com o orgulho. “Deve-se distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede. O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muitas vezes sofre sem se queixar. A esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação. “Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual governa Deus os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. [...] Sede, pois, caridosos, praticando, não só a caridade que vos faz dar friamente o óbolo que tirais do bolso ao que vo-lo ousa pedir, mas a que vos leve ao encontro das misérias ocultas. Sede indulgentes com os defeitos dos vossos semelhantes. Em vez de votardes desprezo à ignorância e ao vício, instruí os ignorantes e moralizai os viciados. Sede brandos e benevolentes para com tudo o que vos seja inferior. Sede-o para com os seres mais ínfimos da criação e tereis obedecido à lei de Deus.” (p. 888, KARDEC, 2001, p. 354).

Sandra Caponi na sua análise “Da compaixão à solidariedade” cita Guizart que em 1824 afirmou

A caridade implica, sem dúvida, num maior sacrifício, porque sempre se apresenta ao espírito, sob traços vivos e personificados, a filantropia que considera, de um ponto de vista mais amplo, os males que combate e o bem estar que procura, está menos assistida pelos sentimentos de simpatia e de piedade. Um padre desce às celas e predica consolos. O filantropo, quando se ocupa dos presídios, é para estudá-los, para determinar sua finalidade [...]; e as reformas que introduz, longe de ficarem só ali, se transformam tarde ou cedo em instituições. (2000, p. 81).

Para o espiritismo a caridade se faz presente não só nas obras de assistência, mas principalmente nas ações educativas e sociais, seja por meio das instituições educacionais, quanto do próprio centro espírita. A SBEE tem entre seus lemas o uso do título “Universidade do Povo” e, segundo seus participantes, defende como principal prática de caridade a formação intelectual de seus adeptos por meio de pesquisas e estudos. A Instituição tem um currículo que estabelece as diretrizes para os grupos de estudos e exercícios da mediunidade. Estes grupos estudam além das obras da Doutrina, conteúdos de sociologia, história, antropologia, arte, química, física quântica e literatura. Este currículo é apresentado como “consequência das situações diversificadas que, no trato diário, a Instituição vive. Outrossim, é resultado do crescimento da demanda dos frequentadores – portanto nasceu da força do trabalho, da experiência educativa desenvolvida ao longo da história da SBEE.” (SABBAG, 1999, p. 5).

No século XIX, o princípio da caridade foi um dos fatores que contribuiu para a divulgação da doutrina e para o engajamento de seus defensores na luta pela Abolição e para a percepção da necessidade de assistência social à população escrava, assim como a necessidade de luta contra a miséria da população em geral.

No contexto histórico daquele século, marcado por epidemias e com uma tradição de inter-relação entre conhecimentos indígenas e práticas

trazidas pelos negros, a homeopatia veio ao encontro das vivências culturais e da necessidade médica que contempla ações que ajudarão o espiritismo a se tornar conhecido, uma vez que alguns centros espíritas aplicavam passes e recomendavam tratamento homeopático. Só a partir de 1850, após as grandes epidemias de cólera, varíola e febre amarela que o governo imperial decretou uma comissão para atender a saúde, quando foram então criados lazaretos para isolar os infectados como uma tentativa de conter as epidemias. A população carente continuava sem acesso a uma assistência médica regular, contando apenas com as Santas Casas de Misericórdia. Consideramos até natural que um grande número de doentes procurasse ajuda junto aos receitistas e curandeiros de toda ordem que pudessem aliviar os sofrimentos.

A precariedade da saúde pública, popularizando-se na prescrição de receitas homeopáticas e de passes mediúnicos⁴⁷, bem como o ideal de fraternidade e caridade através das orientações morais ministradas nos grupos familiares que estudavam o Espiritismo e depois nos centros espíritas propriamente ditos foi uma das razões da expansão do espiritismo e da própria divulgação da Homeopatia..

A história da homeopatia no Brasil tem vínculos iniciais com a Doutrina dos Espíritos, uma vez que foram dois médicos homeopatas que a trouxeram. Eles chegaram ao Brasil por volta de 1840, o francês Benoit Jules Mure e o português João Vicente Martins. Ambos eram médiuns e realizavam práticas de clarividência e psicografia. Após a morte daqueles médicos os tratamentos homeopáticos eram feitos através de médiuns que afirmavam incorporar os espíritos de Dr. João Vicente Martins (falecido em 1854) e Dr. Benoit Jules

⁴⁷ O passe mediúnico consiste numa imposição de mãos sobre a pessoa que recebe. Os espíritas defendem que neste gesto estão canalizando energia que ajudam a manter o equilíbrio de ambos, o que ministra o passe e a pessoa que recebe. Essa prática vem do magnetismo, que é anterior à codificação da doutrina. Uma das referências que localizamos nas obras básicas da Codificação está citada no capítulo 14 da obra A Gênese “São extremamente variados os efeitos da ação fluídica sobre os doentes, de acordo com as circunstâncias. Algumas vezes é lenta e reclama tratamento prolongado, como no magnetismo ordinário; doutras vezes é rápida, como uma corrente elétrica. Há pessoas dotadas de tal poder, que operam curas instantâneas nalguns doentes, por meio apenas da imposição das mãos, ou, até, exclusivamente por ato da vontade” e ainda “A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras: 1.º pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido; 2.º pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente e sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou acalmar um sofrimento (KARDEC, 1999, p. 251).

Mure, (falecido em 1858). O baixo custo, que possibilitava o acesso das camadas marginalizadas da sociedade, fez expandir esta forma de tratamento, bem como a aplicação de passes magnéticos, que depois foram continuados pelos espíritas e são hoje conhecidos como passes mediúnicos ou simplesmente passes espíritas.

Na época de seus desencarnes⁴⁸ o Espiritismo nem existia como Doutrina codificada por Allan Kardec. Bento e João Vicente realizaram um trabalho relacionado com a mais pura caridade, enquanto medicavam os corpos dos doentes, utilizavam-se da homeopatia e passes, reconfortavam seus espíritos com a orientação acerca de Deus e da vida espiritual. (LACERDA FILHO, 2005, p. 27).

Canuto Abreu, em artigo escrito na década de 1930, também aponta que “Bento Mure e Martins falavam ainda em Deus, Cristo e caridade quando curavam e quando propagavam. Aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso. Não o faziam por charlatanismo. Hahnemann recomendava esse processo auxiliar da Homeopatia”. (1991, p. 26). Giumbelli nos lembra que

A nova terapêutica logo ganha prestígio, disseminando-se pelas classes populares e ganhando adeptos entre a elite da Corte, desencadeando um enorme debate através de jornais de ampla circulação e de periódicos das associações médicas. As acusações dos médicos ligados à Academia Imperial de Medicina apresentavam várias facetas, que apareciam estritamente vinculadas. Sucediavam-se e intercalavam-se argumentos jurídicos (apenas o simples exercício da homeopatia era condenável, já que ilegal), científicos (a homeopatia era uma terapia inerte e nula; ou, ao contrário, seus medicamentos podiam envenenar os doentes), morais (homeopatas eram estrangeiros, de hábitos duvidosos) e

⁴⁸ O termo desencarne significa a morte. Kardec, na introdução do Livro dos Espíritos, assim explica: “A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. Há no homem três coisas: 1.º, o corpo ou ser material análogo aos animais e “animado pelo mesmo princípio vital; 2.º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3.º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o “Espírito. “Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos. O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal.” (KARDEC, 2001, p. 20).

políticos (os homeopatas eram perigosos, em função de sua ideologia socialista, para a ordem social e religiosa). GIUMBELLI, Emerson; Heresia, doença, crime ou religião: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 40, n.º2, 1997. (Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 12 out. 2008).

Para os espíritas a homeopatia remonta um saber científico numa proposta de ciência que pensa o homem na sua totalidade: corpo mente e espírito. Nesse sentido há uma relação direta com a concepção de ciência apropriada pelo espiritismo. Thiago explica a relação entre a homeopatia e o espiritismo

na homeopatia a ação dos medicamentos não é de natureza material, química, mas sim de ordem dinâmica, fluídica; no Espiritismo consideramos a trindade universal – Deus, Espírito e Matéria – e acrescentamos o perispírito, transformação do fluido universal, a fim de se poder unir o Espírito à matéria. Como o perispírito está ligado átomo a átomo, célula a célula ao corpo físico, tudo o que passa num, repercute imediatamente no outro. Nesse sentido, o equilíbrio funcional do perispírito pode ser perturbado por agentes fluídicos, da mesma natureza, portanto que ele, e essa perturbação, repercutindo no corpo físico, torna-o também enfermo. Do mesmo modo, pela ação de elementos também fluídicos, porém, salutares, pode normalizar-se o perispírito e, conseqüentemente, o organismo material, intimamente ligado a ele, volte ao seu normal funcionamento. (THIAGO, 1983, p. 13).

O atendimento com homeopatia e mesmo os passes aplicados pelos espíritas gerou tanto a oposição quanto o interesse da medicina institucionalizada Giumbelli aponta que

No período entre 1890 e 1940, o espiritismo torna-se alvo de preocupação para muitos médicos, que a partir de várias instituições e utilizando-se de vários meios, vão formular teorias e acusações para explicá-lo e deslegitimá-lo. Neste período e mesmo um pouco antes e um pouco depois dele os argumentos médicos poderão ser encontrados em teses das

faculdades de medicina, em debates nas suas entidades profissionais, em laudos médico-legais, em denúncias de funcionários sanitários; assumirão às vezes a forma de "campanhas contra o espiritismo" e serão constantemente encaminhados a autoridades policiais e governamentais; criarão polêmicas com aqueles que assumem sua identidade de espíritas, entre os quais se incluem muitos médicos, finalmente, serão defendidos, reapropriados e reinterpretados por criminalistas, advogados, juízes, jornalistas, padres e pastores interessados pela mesma questão. (1997)

No processo de expansão vivenciada pelo espiritismo no Brasil e na atuação na área de saúde foram abertos hospitais como os citados por Sanglard na cidade do Rio de Janeiro: "os hospitais ligados às entidades ou sociedades de auxílio mútuo como o Hospital Espírita (1912), para atendimento dos fiéis ao espiritismo" (2005, p. 139)⁴⁹. Para a Igreja Católica, porém, o atendimento de saúde ou cura realizada por espíritas era visto como "profanação do nome da caridade". Da mesma forma Azzi, citando declaração dos bispos do Rio Grande do Sul, aponta que eles advertiam "às autoridades públicas de que a concessão de auxílios e subvenções a instituições espíritas não se justifica face ao dispositivo do artigo 284 do Código Penal, que, em defesa da saúde mental da população, proíbe sabiamente a prática ilegal da medicina, como favorece o Espiritismo." (AZZI, 2008, p. 49). A princípio nos parece que a prática da caridade no aspecto de assistência à saúde só tinha valor quando realizada pela Igreja Católica, mesmo num país com tanta carência na área de saúde como o Brasil, "os prelados apelavam, entretanto para o rigor da lei quando a caridade era exercida por adeptos de outro credo religioso." (AZZI, 2008, p. 49). Também um jornal de Curitiba critica a prática da caridade afirmando que

[...] O Espiritismo quer absolutamente rivalizar com o catolicismo na prática da caridade, e até suplantá-lo se for possível, pelo menos nas ruas desta capital. Por isso desde algum tempo ele não se poupa a trabalhos. Não tendo gostado

⁴⁹ No Brasil, segundo dados da FEB existem mais de 100 hospitais espíritas, que foram fundados entre o final do século XIX e meados do século XX.

de uma reunião composta de várias pessoas de quase todas as classes, que houve há meses, para tratar do modo de socorrer os pobres da cidade, o Espiritismo entendeu que podia encarregar-se sozinho de tal missão, a qual além de ser um título de glória para a neo-magia, seria ainda um meio efficacíssimo de propaganda espírita. (A República, 03/06/1918).

Acreditamos que um dos fatores que permitiu o crescimento do espiritismo no Brasil no século XIX e posteriormente no século XX foram as diversas formas de assistência à saúde desenvolvidas pelos adeptos da doutrina e pelos centros espíritas. O próprio Frei Kloppenburg critica esta ação apontando que “a promessa de cura é indiscutivelmente o mais poderoso fator de atração que o espiritismo oferece à massa popular.” (1995a, p. 129). Entre outras esta é uma das razões que de certa forma permitiu aos espíritas ocuparem um espaço social na carência vivenciada pela população na ausência de práticas efetivas de saúde desenvolvidas pelo poder público.

2.3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO ESPIRITISMO NO BRASIL E NA FRANÇA

Mesmo com os embates com o catolicismo, que abordaremos especificamente no próximo item, observamos que no Brasil o Espiritismo não se constituiu num movimento homogêneo. No século XIX ocorreram confrontos ideológicos entre os espíritas, dividindo-os em pelo menos três correntes:

Uma linha era constituída pelos científicos que se interessavam fundamentalmente pela fenomenologia. A segunda corrente englobava os chamados ‘Espíritas puros’ – pessoas que aceitavam as partes científicas e filosóficas do espiritismo, mas recusavam sua faceta religiosa. Os ‘místicos’ por sua vez enfatizavam exatamente o lado evangélico da doutrina e, embora considerassem toda a obra de Kardec, propunham como item básico a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo. As divergências se agravaram de acordo com os trabalhos da casa. O grupo Confúcio era espírita puro, fazendo inclusive constar em seus estatutos que adotava apenas o livro dos espíritos e o livro dos médiuns. Com o tempo, os místicos insatisfeitos foram deixando a Instituição e fundando outros agrupamentos. (ARAIA, 1996. p. 103-104)⁵⁰.

Outro ponto de divergência surgiu no movimento espírita na década de 1880, com a edição de um livro do advogado francês J. B. Roustaing, denominado “Espiritismo cristão – ou a revelação da Revelação: os quatro evangelhos”, publicado na França em 1866. Esse livro apresentava teses polêmicas totalmente diferentes das ideias da codificação de Kardec, como por exemplo, em relação à “encarnação de Jesus”, que para os chamados Kardecistas foi um “espírito evoluído” que nasceu e passou por todas as vicissitudes de um ser encarnado. Já para Roustaing, Jesus seria portador de um “corpo fluídico”, portanto não poderia ser comparado aos humanos. Segundo Araia “Kardec observou que a obra de Roustaing não se opunha às revelações contidas em ‘O Livro dos Espíritos’, mas não assimilou suas teses mais ousadas, as quais colidiam frontalmente com as crenças da Igreja

⁵⁰ O grupo espírita Confúcio, que foi fundado no Rio de Janeiro em 1873, é considerado pelo Movimento espírita o precursor dos Centros Espíritas na cidade do Rio. Este grupo fazia assistência gratuita com homeopatia e realizou as primeiras traduções da obra de Kardec.

Católica. Decidiu oficialmente deixá-las à avaliação do tempo, sem aprová-las ou vetá-las de imediato” (1996, p. 103), visto que entendia que o Espiritismo deveria ir se adaptando às novas descobertas e estudos, porém estas duas concepções geraram debates e divisões entre os espíritas. Godoy⁵¹ no prefácio da obra de Canuto Abreu assim se refere a este período, citando um personagem sem dúvida de grande importância na história do espiritismo no Brasil do século XIX

O quadro era realmente desalentador e representava verdadeira dispersão. Este panorama perdurou até quando surgiu no cenário espírita a figura apostólica do Dr. Bezerra de Menezes, espírito moderado e pacificador, que assumindo a Presidência da Federação Espírita, conseguiu reduzir as proporções da dispersão generalizada.” (GODOY, 1981, p. 30).

Este personagem é Bezerra de Menezes, que foi educado em uma família católica. Ganhou de presente, de Joaquim Travassos, um exemplar de *O Livro dos Espíritos*, foi aí que ele teve o primeiro contato pessoal com a Doutrina Espírita. Abreu afirma que Bezerra “como toda gente culta, naquela grande aldeia que era a Corte ao tempo do Concílio do Vaticano, discutia e estudava religião e ouvia falar da doutrina de Allan Kardec” (1991, p. 28) e segundo um texto publicado pelo próprio Bezerra na Revista Reformador, reflete que o mesmo “repelia semelhante doutrina, sem conhecê-la nem de leve, pelo temor de perturbar a tal e qual paz que me trouxera de volta a religião de meus maiores, embora com restrições”. Estas restrições eram relativas à Igreja e ao Estado. (ABREU, 1991, p. 28).

Em seus escritos posteriores, Bezerra afirmara que ao ler o livro, imediatamente identificou-se com seu conteúdo, parecendo que sempre conhecera esta literatura. Bezerra de Menezes, em 1886, se declarou publicamente espírita e passou a escrever através do jornal o Reformador. Segundo Costa, Bezerra de Menezes “expõe os princípios espíritas, comparando-os com os dogmas católicos, criticando os conceitos de céu,

⁵¹ Paulo Alves Godoy (1914-2001) foi jornalista, autor de vários livros espíritas, fundou diversos jornais espíritas no Estado de São Paulo. Foi militante espírita e ajudou através de sua obra na imprensa a divulgar o espiritismo no Brasil e exterior, principalmente por meio de palestras realizadas na Argentina e em Portugal.

inferno, pecado original, origem do homem, defendidos pelo catolicismo, apresentando desde o início um discurso de polêmica contra o principal adversário do Espiritismo no Brasil.” (COSTA, 2001, p. 64-65).

Quando se tornou adepto e defensor público da doutrina, passou a ter vários problemas no meio em que vivia no Rio de Janeiro, tanto que seus biógrafos relatam fases de extrema pobreza devidas a sua relação com a Doutrina. Canuto Abreu cita um texto em que Bezerra relataria

Deu-me na cidade e eu morava na Tijuca, à uma hora de viagem em bonde. Embarquei com o livro e, como não tinha distração para a longa viagem, disse comigo: ora, adeus! Não hei de ir para o inferno por ler isto. Depois, é ridículo confessar-me ignorante desta filosofia, quando tenho estudado todas as escolas filosóficas. Pensando assim abri o livro e prendi-me a ele como acontecera com a Bíblia. Lia. Mas não encontrava nada que fosse novo para meu espírito. Entretanto tudo aquilo era novo pra mim! Eu já tinha lido ou ouvido tudo o que se achava em “O Livro dos Espíritos [...] Preocupei-me seriamente com este fato maravilhoso e a mim mesmo dizia: parece que eu era espírita inconsciente, ou como se diz vulgarmente, de nascença.” (ABREU, 1991, p. 30-31).

Segundo Costa, Bezerra

Defendendo a reencarnação ou a possibilidade de vidas múltiplas, procura mostrar a incoerência da existência única pregada pelas outras religiões cristãs. A inconveniência desta teoria estava no conceito de maldade e injustiça de Deus para com seus filhos, ou então como explicar as diferenças entre as pessoas [...] contesta a existência do inferno como pregado pelos católicos. A aceitação de tal pregação das penas eternas – transforma o catolicismo em uma crença que eterniza o mal. Para ele esta teoria representava o fracasso de Deus na sua obra criadora, visto fazer a divindade injustiça e discriminação contra seus filhos. [...] Bezerra está criticando pontos chaves da pregação Católica. O Primeiro é o pavor de cair nas garras do demônio, e para isto não basta seguir as determinações e orientações da igreja. O segundo a esperada e sonhada felicidade eterna junto aos anjos e santos, cuja ascensão está no agir e obedecer às normas ditadas pelas autoridades e clérigos eclesiásticos, visto que Fora da Igreja não há salvação, o afastamento ou desobediência representa a perdição. (COSTA, 2001, p. 65-67).

Bezerra, assim como Leocádio Correia, fez parte do grupo de médicos e políticos que no século XIX se preocupavam com a questão da educação no país. Em uma sessão da Câmara dos Deputados de 1883 ele assim se pronunciara a respeito do professor

[...] porque nós devemos antes de tudo zelar a instrução pública, que é aquilo que mais carecemos na nossa terra, e mesmo porque, num cargo simplesmente administrativo, o indivíduo se habilita a prestar bons serviços ao público em um ano, ou meses mesmo, mas não é no prazo de um, dois, três ou quatro anos que qualquer se habilita a ser um bom professor, a executar os deveres desse cargo que é especial. (KLEIN FILHO, 2000, p. 66).

Bezerra de Menezes foi presidente da Federação Espírita Brasileira por duas vezes. Esta federação foi fundada em 1884, no Rio de Janeiro, com a função de organizar o movimento espírita delimitando o seu campo de atuação e distinguindo-o de outras práticas religiosas que também se utilizam dos aspectos da mediunidade e da comunicação espiritual, como as religiões de matriz africana.

É ela a primeira Instituição que responderá pelos rumos do Movimento Espírita no país. A FEB objetivava regulamentar o funcionamento dos centros espíritas e dos grupos de estudo familiares, em que, segundo sua orientação, deveriam ser priorizados os estudos da doutrina. A ata da fundação da FEB indica que estavam “reunidos os doze espíritas reconhecidos”. (WEGUELIN, 2005, p. 151).

O Espiritismo se organiza então como religião num modelo federativo e os centros espíritas para se filiarem à Federação precisavam aceitar como fundamentação teórica somente os livros de Kardec. A obra de Roustaing foi excluída do conjunto da literatura correntemente aceita pelos espíritas.

A Federação consegue uma unidade no movimento espírita, porém outras divisões por questões teóricas ainda ocorrem até meados do século XX, quando por meio do Pacto Áureo⁵², assinado em 1949, ocorreu uma unificação

⁵² Vamos comentar este pacto no próximo item, pois, no nosso entendimento, ele foi um dos fatores que acirrou a perseguição da igreja ao Espiritismo.

do movimento espírita brasileiro.

Considerando o referencial teórico da FEB podemos apontar que o Espiritismo pode ser resumido, a priori, em cinco princípios fundamentais que sustentam o corpo Doutrinário e caracterizam a prática educacional da doutrina. São constituídos pela crença em Deus, pela imortalidade da alma, pela pluralidade das existências, a comunicabilidade dos espíritos e a evolução⁵³. Desses princípios, os dois primeiros são preceitos aceitos pelos cristãos e protestantes. O diferencial do Espiritismo está justamente na ideia de reencarnação e na mediunidade. O que mais entrou em choque com a Igreja Católica foi a reencarnação. Os espíritas não negam os princípios do cristianismo nem a história do catolicismo, e mais que isso, consideram sua religião como cristã. Reconhecem o catolicismo como uma etapa fundamental na história da humanidade, mas é o caráter reencarnacionista e evolucionista do espiritismo que faz com que seus “adeptos o considerem como o estágio mais avançado das culturas judaicas-cristãs e entendem que a sua revelação⁵⁴ ocorreu somente no século XIX” (JURKEVICS,1998). Porque, no entendimento dos espíritas, somente naquele período o pensamento ocidental atingiu um

⁵³ Situando estes princípios resumidamente de acordo com o Livro dos Espíritos: **Deus**: “Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas” (questão 01); **Imortalidade da alma**: “Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Eles povoam o Universo, além do mundo material.” (questão 76); “As almas não são mais do que os Espíritos. Antes de se ligar ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, e depois revestem temporariamente um invólucro carnal para se purificar e esclarecer.”(questão 134-b); **Pluralidades das existências**: “Na justiça de Deus e na revelação, pois não cansamos de vos repetir: Um bom pai sempre deixa uma porta aberta a seus filhos para o arrependimento. A razão não diz que seria injusto privar irrevogavelmente da felicidade eterna todos aqueles cujo aperfeiçoamento não dependeu de si mesmo? Não são filhos de Deus todos os homens? Somente entre os homens egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem perdão.” (questão 171); **Comunicabilidade dos espíritos** “Não podendo os Espíritos aperfeiçoar-se, a não ser por meio das tribulações da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de crisol ou de depurador, por onde têm que passar todos os seres do mundo espírita para alcançarem a perfeição”(questão 196); **Evolução**: “São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.” (questão 114 do Livro dos Espíritos).

⁵⁴ Para o Espiritismo a codificação, contida nas obras de Kardec, é a terceira revelação. De acordo com o Evangelho segundo o Espiritismo “A lei do Antigo Testamento está personificada em Moisés; a do Novo Testamento em Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, **mas não está personificada em ninguém**, porque ele é o produto do ensinamento dado, não por um **homem, mas pelos** Espíritos, que são as vozes do céu, em todas as partes da Terra, e por inumerável multidão de **intermediários**. **Trata-se, de qualquer** maneira, de um ser coletivo, compreendendo o conjunto dos seres do mundo espiritual, cada qual trazendo aos homens o tributo de suas luzes, para fazê-los conhecer esse mundo e a sorte que nele os espera. (2000, p. 42).

grau de avanço e concepção filosófica, científica e tecnológica capaz de compreender as explicações trazidas pela Doutrina Espírita. Segundo Jurkevicz, o Espiritismo pode ser entendido como

Uma revelação de espíritos comunicantes e codificado por Allan Kardec, esse novo corpus religiosos apresentou-se inicialmente como ciência, isto é, estudo fenomenológico das relações entre o mundo material e o mundo espiritual. Posteriormente essa nova doutrina recebeu uma abordagem filosófica (reflexão sobre os fenômenos mediúnicos cientificamente estudados) e se completou em postulados religiosos (prática efetiva do que foi apontado pela filosofia espírita) baseado fundamentalmente em um assistencialismo caritativo. (JURKEVICZ, 1988, p. 11).

Em países europeus como a França, Suécia, Itália, Alemanha e Espanha, bem como nos Estados Unidos, predominou o caráter científico-filosófico do Espiritismo, enquanto no Brasil o caráter religioso, devido principalmente às questões sociais vivenciadas no século XIX, com a ausência quase total de infra-estrutura para saúde e educação, agravada pelo fato de que parte da população era formada por ex-escravos que viviam em condições precárias. Jurkevicz aponta que naquele período “os espíritas brasileiros promoveram uma efetiva obra evangelizadora e proseletista, que lhes permitiu demarcar gradativamente, seu ethos suas fronteiras sociais, resultando na consolidação deste pensamento religioso”. (1998, p. 11).

Em 1848, pouco tempo antes da edição do Livro dos Espíritos, que marca o início oficial do Espiritismo, teve início o longo pontificado de Pio IX, que esteve à frente da Igreja Católica por trinta anos “este pontífice se orientaria mais para o reforço das instituições internas da igreja e para uma atitude de defesa” (GADILLE, s.d., p. 209) que resultou na estruturação e auge do catolicismo ultramontano, bem como na centralização do poder de Roma. Azzi, avaliando as etapas históricas da Igreja aponta que

o projeto ultramontano desdobrava-se, desse modo, em duas vertentes principais: por um lado, afirmava a necessidade de que todos os católicos passassem a viver em plena consonância com as diretrizes do Pontífice Romano,

constituído por Deus para ser o guia de salvação da humanidade; por outro, reforçava a ideia de que a Instituição eclesiástica era uma organização eminentemente espiritual, e por conseguinte, superior a todos os governos políticos, cuja preocupação era fundamentalmente o bem-estar material das pessoas. (AZZI, 2006, p. 12).

Em 1870 Pio IX proclamou o Concílio Vaticano I, que, entre outras medidas que reforçaram o poder da igreja, aprovou a Infalibilidade do papa. Este período corresponde à trajetória de Rivail na França, como já abordamos no primeiro capítulo. Na França houve um grande crescimento das congregações religiosas, como a dos jesuítas, que conseguiram aumentar tanto o número de adeptos para o clero, quanto as escolas e instituições católicas. A Lei Falloux, de março de 1850, concedeu à igreja a “liberdade do ensino secundário”, que coincide com o afastamento do professor Hippolyté Rivail da Educação na França. A igreja, nestes anos todos, além do esforço no sentido de conquistar domínio efetivo de vários setores do ensino passou a adotar uma disciplina mais rígida, com a criação de centros para uma preparação melhor do clero. Começou a abrir para a participação dos leigos em obras religiosas como “a Sociedade de São Vicente de Paulo, a Sociedade de Economia Caritativa de A. de Melun, as Uniões para a Paz Social” (GADILLE, p. 210). Esta abertura social da igreja ajudou a formação posterior dos círculos católicos de operários, que se organizaram em vários países europeus, bem como outras instituições e segmentos da igreja formados por leigos que no Brasil do século XX vão exercer um combate acirrado à expansão do Espiritismo.

Marchi (1989a), no seu estudo sobre a prática e o discurso católico no Brasil, aponta que em São Paulo os Centros Operários Católicos foram estimulados pela Igreja, pois congregando operários, agricultores e patrões criavam uma prática mutualista que permitia

preservar a ordem social e [...] melhorar as condições de vida dos trabalhadores. Dessa forma ao invés de apoiar as greves, os católicos a elas se opunham, preferindo fazer acordos com os patrões e exigir do Estado a aprovação de leis em benefícios dos trabalhadores. A especificidade das condições

de vida e das relações de trabalho exigia uma ação direta da igreja naquilo que, sem dúvida, se caracterizava como a questão social, identificada em São Paulo, em sua particularidade, como questão operária. (MARCHI, p. 240).

Marchi, quando analisa o papel do leigo, afirma ainda que “a igreja mantém o controle e dá a diretriz a toda a ação, naturalmente submissa ao poder da Santa sé, através dos bispos e do clero.” (1989a, p. 74).

Entendemos que um dos fatores que ajudou a organização do Espiritismo, e de outras religiões, na França foi justamente a abertura obtida pelas conquistas da Revolução Francesa. Segundo Damazio

estabelecer-se a crença de que a conversão às ideias modernas excluía a possibilidade de aceitação do sobrenatural em suas múltiplas formas. Havia uma intensa busca das leis da natureza e das sociedades, a partir da herança recebida dos séculos anteriores, quando o dogma racional da imutabilidade das leis naturais esvaziara a fé no sobrenatural. (DAMAZIO, 1994, p. 9).

Damazio aponta que a Ciência, na busca do racionalismo e das explicações para todos os fenômenos, “afastou as causas externas, transcendentais – afastou Deus” gerando uma forte reação da Igreja Católica que se colocava como religião universal. Surgiram na Europa e nos Estados Unidos inúmeros grupos e movimentos que reagiram ao “materialismo estabelecido”⁵⁵ que não atingiam o pensamento científico pelas explicações dogmáticas e sem base em pesquisa. O Espiritismo não se colocava como uma doutrina fechada, mas a partir de dois princípios centrais para o pensamento religioso: a existência de Deus e a imortalidade da alma se colocavam como uma proposta a ser construída fundamentada nas

⁵⁵ Nos Estados Unidos da América, vários casos de fenômenos mediúnicos e de formação de grupos religiosos marcaram a reação contra o materialismo estabelecido. Segundo Jean Prieur, a América viu surgir os Mórmons em 1850, o Moderno Espiritualismo, resultado das ocorrências mediúnicas com as irmãs Fox; e, nas últimas décadas do século passado, a Sociedade da Torre de Vigília do Sião, organizada por Charles Taze Russel, que se transformaria nas Testemunhas de Jeová; a Teosofia do Coronel Olcott e de Madame Blavatski; o Adventismo de Mrs. Whitte; a ciência cristã de Mary Baker Eddy, fundadora da Igreja de Cristo. Qualquer tentativa de legitimar esses vários movimentos, porém, esbarrava nos estreitos limites da Ciência. (DAMAZIO, 1994, p. 10).

descobertas da ciência, com base na racionalidade. Para Damazio “era uma vertente do espiritualismo eclético do século XIX.” (1994, p. 11).

Na profusão de correntes de pensamento do século XIX, marcadas pelo evolucionismo e pelo cientificismo, observamos que tanto do ponto de vista do idealismo, quanto do materialismo, há uma compreensão da necessidade da mudança e nesta perspectiva as correntes espiritualistas conquistam espaço. Valle sintetiza este contexto de ideias afirmando que

O idealismo transcendental funcionou como uma espécie de provocação para o surgimento de várias correntes que nos séculos XIX e XX buscaram dar respostas a pontos ignorados ou considerados não resolvidos pelo idealismo: o voluntarismo de Herbart, Shopenhauer, Kierkegaard, Nietzsche, Freud, Jung e Dilthey; o materialismo de Stirner, Feuerbach, Marx e Engels, o realismo de Rosmini, Gallupi e Gioberti; o positivismo de Comte, Darwin, Spencer, Ardigò e Stuart Mill, os vários espiritualismos de Ravaissón, Renouvier, Lachelier, Boutroux, Blondel, Maritain, Lotze, Wundt, Dilthey e Kardec, com nuances mais ou menos sutis, o existencialismo de Husserl, Heidegger [...] (VALLE, 2004, p. 207).

Concordamos com Valle quando esta aponta o Espiritismo codificado por Kardec como uma das correntes espiritualistas daquele contexto, mas queremos lembrar que Kardec dá outro sentido ao termo espiritualismo. Na introdução do Livro dos Espíritos ele faz esta distinção

Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm aceção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a aceção que

lhe é própria. Diremos, pois, que a Doutrina Espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem os espiritistas. (KARDEC, 2001, p. 9).

Essa diferença é importante para a compreensão do Espírito. Espírita e Espiritismo foram termos criados por Kardec para diferenciar o que ele iria propor no Livro dos Espíritos e nas demais obras da Codificação.

Por outro lado, este foi um período marcado por uma conjuntura política e social extremamente instável, alternando-se regimes e formas de governos, bem como períodos de crises econômicas. Segundo Costa

O Espiritismo na França não substituiu outra religião, visto que a sua organização ocorreu num momento em que as outras religiões, a exemplo do catolicismo e protestantismo encontravam-se em ascensão. Apresentou-se, portanto, como um novo credo religioso e que vai angariar um número considerável de adeptos e representantes dos mais diversos segmentos da sociedade francesa e mundial. (COSTA, 1995, p. 37).

No Brasil, além das questões sociais, outros fatores que precisam ser melhor estudados permitiram a expansão e consolidação do Espiritismo. De Mario (2002) faz um estudo inicial, apontando na própria formação cultural do país este avanço da Doutrina. O que podemos aqui concluir, a priori, é que a legitimação do Espiritismo no território brasileiro incomodou a Instituição até então maior detentora do pensamento religioso brasileiro, a Igreja Católica.

2.4 PERSEGUIÇÕES AO ESPIRITISMO E SUA EXPANSÃO

Quando o Espiritismo chegou ao Brasil, sendo divulgado por meio de periódicos nas cidades de Salvador e Rio de Janeiro, o país era oficialmente católico, o que equivalia a um atestado de bom comportamento numa sociedade conservadora. “Para colar grau nas faculdades do Estado, para exercer empregos públicos, para desempenhar as funções de deputado e senador, era necessário o juramento católico.” (BARROS, 1982, p. 330). Havia certa tolerância religiosa, mas esta era para os estrangeiros, porém a formação cultural do país acabava gerando um grande sincretismo. Este mesmo autor também afirma que

antes do fim do Império, o catolicismo não era, propriamente posto em causa. Era católico ou maçom, católico se considerava o próprio anticlerical. Na realidade andavam quase todos muito longe do catolicismo, mais ciosos da autoridade do Império do que dos ensinamentos da igreja. (BARROS, 1982, p. 323).

Da mesma forma Damazio aponta que era possível no Brasil adotar novas teorias sem entrar em choque diretamente com a igreja. “Frequentavam-se as missas e procissões assim como as lojas maçônicas ou as reuniões positivistas, da mesma forma consultar-se-iam os médiuns receitistas, nos fins do século, sem renunciar à crença oficial”. (1994. p. 12).

A igreja atuará nos mais diversos locais do país na perspectiva de manter o controle sobre os fiéis, evitando qualquer dispersão que pudesse aproximar do Espiritismo, como podemos perceber em Tavares ao analisar o Bispado de Dom Sebastião Laranjeiras em Porto Alegre. Ele aponta que “com o passar do tempo, em função das doutrinas racionais e filosóficas, que conduziam os espíritos ‘ao mais radical ceticismo’. A defesa do domingo santificado passou a ser associada a um combate travado para que o seu

rebanho não se perdesse para o Protestantismo e o Espiritismo em ascensão.” (TAVARES, 2007, p. 85).

Na análise dos trabalhos diversos que enfocam a situação da igreja no século XIX percebemos que há uma oposição clara ao espiritismo e que esta vai se acentuar ao longo do século XX, este combate sem dúvida passa pela necessidade de controle sobre os fiéis.

Em 1860 o governo imperial baixou o decreto n.º 2711 de 19/12/1860 que estabelecia que toda sociedade religiosa ou política para se constituir legalmente necessitava de aprovação episcopal. Um “parecer do arcebispo de Salvador Dom Manoel Joaquim, sobre um pedido da Sociedade Espírita Brasileira foi taxativo ‘o espiritismo é um atentado formal contra a verdade católica’.” (MAIOR, 2002, p. 63). A igreja Católica combatia o espiritismo como uma doutrina herética. Nas Instruções do Monsenhor Miguel Martins, ele afirma que “Alem de diabólico, o espiritismo é muito danoso. Elle produz a nevrose, a lesão cardíaca, a tuberculose e outros encommodos. Elle muito mais damnifica pela cura”. (1917, p. 179). O monsenhor justifica a ação da igreja contra os que participam do espiritismo “com muita razão a Egreja catholica lança pena de excommunhão contra todos os espiritistas, contra os que assistem ás suas sessões, mesmo por curiosidade, contra os que vão no espiritismo procurar remédios para curar as enfermidades”. (1917, p. 184). Na mesma instrução o monsenhor ainda cita

Eis como seculares illustrados e insuspeitos pronunciam-se sobre a perversidade do espiritismo. Olavo Bilac diz: O espiritismo é um perigo publico, uma calamidade social, como a syphilis, a tuberculose, a varíola. Contribuir de qualquer modo para propagar esta moléstia, é cometer um crime; e a imprensa deveria ser a primeira a calar qualquer noticia dessas aparições forjadas pela superstição dos tolos ou pela espertezas dos maliciosos. (1917, p. 184).

Estes exemplos iniciais já demonstram o que viria pela frente na conturbada relação entre espiritismo e catolicismo no Brasil. Bencostta aponta que

A relação da Igreja Católica com as práticas políticas dos diferentes regimes que governaram o Brasil tem demonstrado sua capacidade de articulação em se adaptar às mudanças ocorridas na sociedade brasileira, principalmente por entender ser a laicização do Estado, oficializado na primeira Constituição da República, um mal que poderia interferir na fé e no comportamento do povo católico e, desse modo, contribuir para o seu afastamento da doutrina oficial da Igreja. Em janeiro de 1890, o Governo Provisório decretou a separação da Igreja do Estado, obrigando a hierarquia católica a construir uma nova relação com um Estado que procurava, a todo custo, identificar suas práticas políticas àquelas dos modernos Estados liberais. Tais práticas, presentes no projeto de Constituição Nacional sancionado pelo Congresso Federal em novembro daquele mesmo ano, aprovaram a Instituição do casamento civil, precedido sempre do casamento religioso; a laicização dos cemitérios, sendo sua administração, a partir daquele momento, de caráter público; o estabelecimento do ensino leigo nas escolas públicas; o corte das subvenções do orçamento da União à Igreja e a negação dos direitos políticos aos religiosos. Em parte, o episcopado nacional entendia que a perda dos privilégios da Igreja, ocasionada pelas transformações de natureza político-social implementadas pela República, não significou a perda de sua liberdade de ação pastoral. Aquele momento de transição entre a oficialidade da religião católica e a sua exclusão da organização estatal foi utilizado pelo pensamento oficial da Igreja na ardorosa defesa da sacralização do poder civil. (1999, p. 225).

Marchi, (1989 b) também aponta que “A separação foi um ato unilateral e à Igreja coube apenas aceitá-lo. Nem por isso conformou-se em estar fora do Governo e perder o poder [...] O estado era declarado leigo, mas a sociedade continuaria católica” (p. 218). Esta perspectiva de olhar da Instituição para a sociedade reforça a sua ação no sentido da hegemonia de pensamento.

Ao longo do século XIX os jornais católicos faziam uma forte oposição à divulgação de qualquer movimento que pudesse ser associado ao Espiritismo. Naquele período vários jornais espíritas foram fundados. Luís Olympio Teles de Menezes, jornalista baiano, membro do Instituto Histórico da Bahia, taquígrafo e deputado provincial foi o responsável pela divulgação em português das primeiras obras básicas de Kardec, bem como da fundação do primeiro jornal espírita brasileiro “Echos de Além Túmulo”, criado por ele em 1869. Este jornal

circulou por poucos meses. Podemos analisar que o próprio nome do jornal causou rejeição, visto que jornais posteriores trazem denominação mais leves no sentido do sobrenatural. Santos aponta que o jornal trazia a seguinte informação “O Echo D’Além-Túmulo deduzira de cada assinatura realizada 1\$000, cuja soma será anualmente publicada e destinada para dar liberdade aos escravos, de qualquer cor, do sexo feminino, de 4 a 7 anos nascidos no Brasil” (SANTOS, 2007, p. 181).

A atuação dos espíritas está presente em diferentes jornais tanto no século XIX quanto no XX, mas na maior parte das vezes é marcada por críticas bastante contundentes. Kishimoto cita matéria publicada sobre as escolas de Anália Franco no jornal São Paulo em 1908

Essas escolas para uns suspendem a taboleta de institutos leigos, acolhendo a todos judeus, protestantes, espíritas, livres-pensadores, catholicos, para outros, a quem não soem bem a denominação de Institutos sem religião, falam de Deus e Jesus, em Maria e assim vão enganando as consciências tímidas e desconfiadas, que se não apercebem de que aquelles santos nomes, envolvidos em taes escolas nada significam senão uma profanação a mais a acrescentar às outras a que o espiritismo se entrega. (KISHIMOTO, *apud*. Jornal São Paulo, SP, 29/01/1908, p. 1; 1988, p. 53).

No início do século XX, já tinham sido lançados e estavam circulando no Brasil 19 jornais espíritas, sendo que o maior número destes foram editados na cidade de Curitiba. Eram eles Mensageiro, (Manaus, Amazonas). Sófia e Lua & Fé (Belém, Pará). A Cruz, (Amarante, Piauí). Doutrina de Jesus, (Maranguape, Ceará). A Semana, (Recife, Pernambuco). A Verdade, (Palmares, Pernambuco). O Espírito Alagoano e A Ciência (Maceió, Alagoas). Revista Espírita (Salvador, Bahia). Reformador, (Rio de Janeiro). Fraternização, Verdade e Luz, A Nova Revelação, O Alvião e a Doutrina, (Curitiba, Paraná). Revista Espírita, (Porto Alegre, Rio Grande do Sul). A Reencarnação, (Rio Grande do Sul). O Allan Kardec, (Minas Gerais). (RIO, 2006. p. 59).

A aproximação entre práticas terapêuticas e o Espiritismo fez com que a Doutrina fosse enquadrada como prática de transgressão à Lei pelo Código

Penal de 1890, inserindo-a como prática ilegal da Medicina. Evidentemente que esse Código Penal atingiu todas as formas de manifestações espiritualistas bem como as religiões de matriz africana. O Código Penal aponta em três artigos do Capítulo III – Dos crimes contra a Saúde Pública

Art.156 – Exercer a Medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo ou o magnetismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos.

Art.157 – Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismã e cartomancias para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim para fascinar ou subjugar a credulidade pública.

Art.158 – Ministras ou simplesmente prescrever, como meio curativo para uso interno ou externo, e sob qualquer forma preparada, substância de qualquer dos reinos da natureza, fazendo ou exercendo assim, o ofício denominado de curandeirismo: [...]. (DAMÁZIO, 1994, p. 94-95).

A Federação Espírita Brasileira protestou por meio de vários artigos na imprensa contra o governo republicano que não respeitava a liberdade de culto, tal como defendera na propaganda republicana. Mesmo assim ocorreram prisões naquele século que continuariam pelo XX. Em 1905 a sede da FEB foi invadida pela diretoria Geral de Saúde Pública, para lavrar autos de infração por exercício ilegal da Medicina contra o médium receitista Domingos Filgueiras. Em 1937 a Sede da Federação foi novamente fechada com ordem do Ministro da Justiça “por 72 horas, embora se mantivesse absolutamente neutra na efervescência política da época, atitude que recomendava a todos os espíritas”. (BARBOSA, 2002, p. 92). Em 1941 ocorreu nova intervenção sobre a mesma alegação.

Em 1943, a portaria n.º 10.194, determinava que “os espíritas eram perigosos para a sociedade”, causando mais problemas para a Federação Espírita. Para continuidade da proposta espírita de pesquisa e estudo optou-se por transformar os centros espíritas existentes no Brasil em entidades filantrópicas e de assistência social.

“Fora da Caridade não há Salvação⁵⁶”, esta frase exprime bem os rumos do Espiritismo no Brasil do século XIX, que pelas características culturais do Brasil permitiram que o Espiritismo aqui tivesse mais um caráter religioso do que filosófico e científico, tal qual a orientação inicial de Allan Kardec. Conforme Stoll (2003) e Jurkevics (1998) o Brasil é atualmente um dos países que mais produz obras de literatura espírita, sendo que alguns destes médiuns e divulgadores como Chico Xavier, e Divaldo Franco têm seus livros publicados em inúmeros países.

A Expansão do Espiritismo no Brasil, no entanto, tem também relação com a maçonaria. A presença de maçons entre os intelectuais e políticos desde o início do século XIX que defendiam as ideias iluministas de liberdade e igualdade, segundo Cleusa Colombo

os grãos mestres sabiam e professavam que a alma é imortal e que os mundos visível e invisível se intercomunicam. [...] O Espiritismo realiza todas as aspirações generosas e caridosas da Franco-Maçonaria; sanciona as crenças que esta professa, dando provas irrecusáveis da imortalidade da alma: conduz a humanidade ao objetivo que se propõe: união, paz, fraternidade universal. (1998. p. 50).

Entendemos que há uma relação de complementaridade filosófica entre os espíritas e os maçons, visto que a maçonaria, nas palavras do Frei Kloppenburg, se intitulava como uma “Instituição filantrópica e progressiva que lutava pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da Humanidade por meio do cumprimento inflexível do dever desinteressado do bem e da investigação constante da verdade.” (1995, p. 219). Sem dúvida o autor, referência oficial da Igreja no Brasil, no combate às ‘heresias’, ironiza a partir dos próprios objetivos da maçonaria enquanto Instituição filosófica e filantrópica. Tanto maçons quanto espíritas foram alvos das campanhas difamatórias e sofreram perseguições, o que fez que nascesse entre ambos

⁵⁶ “*Fora da caridade não há salvação* consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira por que adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. (KARDEC, 2000, Capítulo XV, item 8 p. 201

uma identificação solidária. Para combater a maçonaria a Igreja publicou várias encíclicas papais e, em 1884, Leão XIII, referindo-se a essas publicações, de vários de seus antecessores, na Encíclica *Humanum Genus*, assim se refere

O intuito fundamental e o espírito da seita maçônica tinha sido posto em plena luz pela manifestação evidente dos seus modos de agir, pelo conhecimento dos seus princípios, pela exposição das suas regras, dos seus ritos e dos seus comentários, aos quais, mais de uma vez, se haviam juntado os testemunhos dos seus próprios adeptos. Em presença desses fatos, simplíssimo era que esta Sé Apostólica denunciasse, publicamente, a seita dos maçons como uma associação criminosa, não menos perniciosa aos interesses do cristianismo do que aos da sociedade civil. Decretou, pois, contra ela as penas mais graves com que a Igreja costuma fulminar os culpados, e proibiu filiar-se a ela. (Leão XIII, 1884).

Também na Pastoral Collectiva, de 1911, há a seguinte orientação “Afastem-se os fiéis das sociedades secretas, perversas e proibidas pela Igreja, das más companhias, das familiaridades com os ímpios e hereges, dos divertimentos e recreações em que correm riscos as suas crenças religiosas.” (Capítulo V, p. 13).

A Pastoral Collectiva de 1915 é explícita em apontar os espíritas como hereges “os espíritas devem ser tratados, tanto no foro interno como no foro externo, como verdadeiros hereges e fautores de heresias, e não podem ser admitidos à recepção dos sacramentos, sem que antes reparem os escândalos dados, abjurem o espiritismo e façam a profissão de fé.” (PASTORAL COLLECTIVA, 1915, p. 27).

Em documento denominado Pastoral Collectiva da Província Ecclesiastica da Bahia e de Belém sobre a *Encyclica Pascendi Dominici Gregis* de Pio X que discorria sobre o Modernismo, já havia a posição clara da igreja quanto ao evolucionismo

Para concluir toda esta matéria da fé e seus diversos germes, resta-nos por fim, Veneráveis Irmãos, ouvir as theorias dos modernista acerca do desenvolvimento dos mesmos. – Teem elles por princípio geral que numa religião viva tudo deve ser mudável e mudar-se de facto. Por aqui abrem caminho para

uma de suas principais doutrinas, que é a da evolução. O dogma, pois, a Igreja, o culto, os livros sagrados e até mesmo a fé, si não forem cousas mortas, devem sujeitar-se às leis da evolução. Quem se lembra de tudo o que os modernistas ensinam sobre cada um destes assumptos, já não ouviria com pasmo a afirmação deste principio. Posta a lei da evolução, os proprios modernistas passam a descrever nos o modo como ella se effectúa. E começam pela fé. Dizem de forma primitiva que a fé foi rudimentar e indistinctamente commum a todos os homens; porque se originava da própria natureza e vida do homem. Progrediu por evolução vital; quer dizer, não pelo accrescimo de novas formas, vindas de fora, mas por uma crescente penetração do sentimento religioso na consciência. [...] observamos que embora as necessidades sirvam de estímulo para a evolução, si ella não tivesse outros estímulos sinão esses facilmente transporia os próprios limites da tradição, e assim, desligada do principio vital, já não levaria ao progresso, mas à ruína. Estudando mais a fundo o pensar dos modernistas, deve se dizer que a evolução é como o resultado de duas forças que se combatem, sendo uma dellas progressiva e a outra conservadora. A força conservadora esta na Igreja e é a tradição. (IGREJA CATÓLICA, Pastoral Collectiva 1908, p. 33-34).

O documento continua descrevendo porque a Igreja se opõe à ideia da evolução como proposta de mudança e resgata ainda a posição de Pio IX que afirmara

Estes inimigos da revelação divina, que exaltam com os maiores louvores o progresso humano, desejariam com temerário e sacrílego atrevimento introduzil-o na religião catholica, como se a mesma não fosse obra de Deus, mas obra dos homens e de algum systema philosophico, que se possa aperfeiçoar por meios humanos". (1908, p. 35).

O Espiritismo se coloca como doutrina filosófica que acompanha os processos da ciência e do pensamento e se aperfeiçoa constantemente pela ação humana. Citando o Concílio Vaticano a Pastoral ainda aponta

A doutrina da fé por Deus revelada, não é proposta à intelligencia humana para ser aperfeiçoada, como uma doutrina philosophica, mas é um deposito confiado à esposa de Christo, para ser guardado com fidelidade e declarado com infallibilidade. Segue-se, pois, que também se deve conservar sempre aquelle mesmo sentido dos sagrados dogmas, já uma

vez declarados pela santa Madre Igreja, nem se deve jamais afastar daquele sentido sob pretexto e nome de mais elevada compreensão. (p. 36).

Percebemos a afirmação taxativa, sem possibilidade de questionamentos. Por outro lado a literatura espírita propõe reflexão permanente. Da mesma forma Pio XI já havia se manifestado em relação ao conceito de imortalidade no Documento *Mit Brennender Sorge* (Com Profunda Preocupação).⁵⁷

A imortalidade, no sentido cristão, é a sobrevivência do homem depois da morte terrena, como indivíduo, para a eterna recompensa ou para o eterno castigo. Quem com a palavra *imortalidade* não quer expresar mais que uma sobrevivência coletiva na continuidade do próprio povo, para um porvir de indeterminada duração neste mundo, perverte e falsifica uma das verdades fundamentais da fé cristã, e abala os alicerces de qualquer concepção religiosa, a qual requer um ordenamento moral universal. Quem não quer ser cristão deveria, ao menos, renunciar a enriquecer o léxico da incredulidade com o patrimônio linguístico cristão.

Voltando a Encíclica *Humani Geniris*, há uma orientação do papa para a obrigação dos responsáveis pelas ordens religiosas atuarem no sentido de preparar os futuros sacerdotes para conter os erros

ordenamos aos Bispos e aos Superiores das Ordens e Congregações religiosas, impondo-lhes gravíssima obrigação de consciência, que cuidem diligentissimamente de que nem nas aulas nem em reuniões e conferências, nem em escritos, de qualquer gênero, sejam propaladas as falsas opiniões de qualquer maneira ensinadas aos seminaristas ou aos fiéis”. (n.º 40, Pio XII).

Da mesma forma são conclamados os professores a atuarem no magistério no sentido de manter intacta a doutrina católica

⁵⁷ La inmortalidad, em sentido cristiano, es la sobrevivencia del hombre después de la muerte terrena, como individuo personal, para la eterna recompensa o para el eterno castigo. Quien con la palabra inmortalidad no quiere expresar más que una sobrevivencia colectiva en la continuidad del propio pueblo para un porvenir de indeterminada duración en este mundo, pervierte y falsifica una de las verdades fundamentales de la fe cristiana e conmueve los cimientos de cualquier concepción religiosa, la cual requiere un ordenamiento moral universal. Quien no quiere ser cristiano debería al menos renunciar a enriquecer el léxico de la incredulidad con el patrimonio lingüístico cristiano. (MIT BRENNENDER SORGE, Doctrina Pontificia II, 1958 p. 656).

Os Professores dos Estabelecimentos Eclesiásticos saibam que não poderão exercer, com consciência tranquila, o ofício de ensinar que lhes foi confiado, se não aceitarem religiosamente as normas que aqui estabelecemos e se as não observarem exatamente no ensino de suas matérias. Este acatamento e obediência, que no seu assíduo trabalho devem professar para com o Magistério da Igreja, instilem-nos também na mente e na alma dos seus alunos. Procurem com todo o empenho e entusiasmo concorrer para o progresso das ciências que ensinam; mas abstenham-se também de ultrapassar os limites que, para a defesa da fé e da doutrina católica, lhes demarcamos. Às novas questões que o progresso moderno suscitou deem a contribuição de suas diligentíssimas pesquisas, mas com conveniente prudência e cautela. Finalmente, não julguem, levados por um falso irenismo, que se possa obter o suspirado retorno dos dissidentes e dos errantes ao seio da Igreja se não lhes ensina, sinceramente, sem nenhuma corrupção nem nenhuma diminuição, toda a verdade professada pela Igreja. (n.º 41-42, PIO XII).

Em outra Pastoral colectiva (1911) há uma orientação direta para que “todos os catholicos se abstenham da superstição e das maldades do espiritismo, segundo o dicto do Espírito Santo (Capitulo V, p. 13). O documento ainda conclama que os “Revds Parochos e confessores instruem e repprehedam os fiéis, que pensam ser-lhes licito frequentar as sessões espíritas, por não terem ouvido nunca ahi cousas torpes ou impas (id, p. 13).

A preocupação da igreja em educar para “manter intacta a verdade católica” é demonstrada em documentos do século XIX e do XX. A Pastoral Collectiva (1911) conclama a urgência da “criação de escolas catholicas sob a inspecção do Parocho, quando não possam ser regidas por elle. Muitos se assustam com a idéa de crear escolas, parecendo cousa impossível”. (PASTORAL COLLECTIVA, LIV). O mesmo documento apontava que a educação

Verdadeiramente christã requer três factores indispensáveis: a família, a escola, a egreja; os paes, os mestres, o padre. Si faltar um delles ficará manca e estropeada a obra da formação

do homem, e quando lograrem algum resultado os esforços de um ou de dous desses factores, há grande perigo que este seja ephemero. Todos elles porem dependem do padre. O padre é que há de santificar a família, informar a escola, e completar na igreja essa obra ingente, que começa na terra e vae resilir no céu. (PASTORAL COLLECTIVA, LIII).

Quando trata da Doutrina Christã a Pastoral (1911) aponta “que nas grandes cidades, e principalmente nas que possuírem universidade, lyceus e gymnasios, se fundem escolas de religião, destinadas a instruir sobre as verdades da fé e os preceitos da vida christã a mocidade que frequenta as aulas publicas, das quaes foi banido o ensino religioso. (Capítulo III, p. 7).

Por outro lado, não podemos deixar de apontar que o próprio Espiritismo sem dúvida tem muitas relações com o catolicismo. Ao lermos as obras de Chico Xavier, considerado a maior expressão da doutrina no país, percebemos uma base no pensamento católico. Esta visão de Chico Xavier também é identificada por Bernardo Lewgoy. Para este autor a

concepção espírita de Chico Xavier – de resto vinculada à concepção cármica de justiça – é compensada pela força de sua composição com as crenças e práticas oriundas de um catolicismo familiar, de culto aos santos e à figura de Maria, transformadas através da moeda comum do circuito da intercessão e da graça, da relação personalizada com Jesus e com benfeitores espirituais, tudo isto numa construção eminentemente sincrética, ainda que nunca reflexivamente enunciada. (LEWGOY, 2001).

Voltando ao século XIX, lembramos que aquele contexto teve características bem significativas para o Espiritismo no Brasil. Foi a chegada e consolidação no país, juntamente com o embate sofrido para se manter nas práticas de assistência social devido às pressões sofridas pelo código penal. Foi a relação com a maçonaria e as demais religiões de práticas mediúnicas que são representadas na formação cultural do país com a religiosidade nativa indígena, com a africana trazida pelos escravos e que na junção com o pensamento católico gerou um processo sincrético extremamente próprio do território brasileiro. Pesavento nos trás uma referência de cultura na perspectiva de entender este processo também como “uma forma de

expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, as ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já é um significado e uma apreciação valorativa.” (PESAVENTO, 2005, p. 15).

Da mesma forma Burke nos lembra “como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade – laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante – trabalhar com a ideia de tradição libera os historiadores culturais da suposição de unidade ou homogeneidade” (BURKE, 2005, p. 39).

Entendemos que a base cultural do Brasil foi um dos pilares que permitiu a expansão do espiritismo no Brasil do século XIX. Que o sincretismo gerado no convívio entre religião católica, outras manifestações afros e indígenas e o conhecimento da Doutrina Espírita criaram um ethos cultural que foi se consolidando no país.

Os espíritas em geral não aceitam este processo de sincretismo e estabelecem fronteiras entre Espiritismo e demais religiões, principalmente à Umbanda⁵⁸. Lewgoy analisa este processo do Espiritismo no Brasil

Religião letrada e racionalista, ela principia por ser adotada pelos segmentos de elite do Brasil pré-republicano. Ainda que alguns de seus pioneiros tenham participado de causas progressistas como o abolicionismo, o espiritismo se populariza não pelo heroísmo ou pelo profetismo de seus pioneiros, mas sim através da oferta de serviços de cura (o chamado “receitismo mediúnico”, cf. Damazio, 1994 e Giumbelli, 1997) passando, após, por movimentos de fragmentação interna e concorrência com outras religiões mediúnicas, especialmente a partir dos anos 20, como aconteceu em sua relação com a umbanda. Leigo e anticlerical, o espiritismo kardecista sofre transformações no século XX, absorvendo tendências que pareciam correr em leitos ideológicos, culturais e políticos distintos: uma cultura letrada erudita de um pequeno e nunca inteiramente autônomo campo intelectual, cultivada na crítica

⁵⁸ A Umbanda formou-se no século XIX, do sincretismo entre as religiões afro, o Catolicismo e o Espiritismo. Em geral os terreiros de Umbanda além das imagens de santos católicos, têm imagens de Allan Kardec e utilizam conceitos do Espiritismo, mas com significado diferente. Para ficar num só exemplo: no Espiritismo a presença de um espírito é denominada *manifestação*, na Umbanda, *incorporação*. A própria nomenclatura autoevidencia a diferença de conceito.

literária dos jornais, na Academia Brasileira de Letras e nos colégios da República Velha um certo modernismo, cientificista, meritocrático e nacionalista, que absorvia com um pesado viés militarista o humanismo racionalista do kardecismo e que extravasava suas consequências para uma composição com outros segmentos sociais, através da extensão desse modelo pelo corporativismo profissional, que incluía profissões ligadas a um projeto de nação, como a educação e a medicina. (2001, p. 48).

Um momento significativo que queremos destacar na História do movimento espírita foi, no século XX, a realização de diversos congressos estaduais que antecederam o 2.º Congresso Pan-Americano no Rio de Janeiro. Contando com representantes do movimento espírita de vários países, este encontro resultou na elaboração de um documento chamado pelos espíritas de “Pacto Áureo de Confraternização Geral dos Espíritas” do Brasil, transcrito na íntegra na revista *Reformador* de novembro de 1949. Este pacto representou a construção de uma unidade entre as instituições espíritas existentes até aquele momento no país e uma definição nos rumos do movimento espírita e na sua consolidação como prática religiosa no Brasil. O pacto é composto de 18 artigos, transcrevemos aqui somente o primeiro “Cabe aos Espíritas do Brasil pôr em prática a exposição contida no livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, de maneira a acelerar a marcha evolutiva do Espiritismo”. (LOBO, 1997, p. 227). A obra citada foi psicografada em 1938 por Chico Xavier

Está claro que a doutrina não poderá imitar as disciplinas e os compromissos rijos da Instituição romana, porque nas suas características liberais, o pensamento livre, para o estudo e para o exame, deve realizar uma de suas melhores conquistas e nem é possível dispensar, totalmente, a discussão no labor de aclaramento geral. A liberdade não exclui a fraternidade e a fraternidade sincera é o primeiro passo para a edificação comum. Dentro, pois, do Brasil, a grande obra de Ismael⁵⁹ tem a sua função relevante no organismo social da Pátria do Cruzeiro, vivificando a seara da educação espiritual. E não tenhamos dúvida. Superior às funções dos transitórios organismos políticos, é essa obra abençoada, de educação genuinamente cristã, o ascendente da nação do evangelho e o

⁵⁹ Ismael seria o espírito protetor do Brasil.

elemento que preparará o seu povo para os tempos do porvir. (s/d p. 230-231).

Os espíritas de estados do sul, liderados por Lins de Vasconcelos organizaram um movimento chamado de 'Caravana da Fraternidade'⁶⁰ com o objetivo de visitar os Estados da região Norte e Nordeste, principalmente os estados que ainda não tinham se decidido sobre o Pacto Áureo

Em todas as cidades, a Caravana procedeu da maneira seguinte: (I) Conferências culturais para o grande público, que atraíram verdadeiras multidões a elas, tarefa quase que da responsabilidade do prof. Leopoldo Machado; (II) Reuniões de mesa-redonda para reajustamento de pontos de vista de choque, das quais o ideal da unificação sempre saiu vitorioso, por isso que de todas elas foram lavradas as respectivas atas; (III) Visitas de estímulo às instituições espíritas de assistência social; (IV) Programas sociais, organizados pelos irmãos visitados.

A Caravana procurou, assim, colimar vários objetivos, como sejam: a) Maior aproximação dos espíritas, visionando o ideal de unificação social da Doutrina; b) Propaganda cultural do Espiritismo, no mundo profano; c) Maior estímulo às obras de assistência social inspiradas pela Doutrina; d) Levar ambientação doutrinária aos lares, de vez que os caravaneiros sempre preferiram hospedagem nos lares de irmãos. (LOBO, 1997 p. 273).

A reação da Igreja ocorreu com a organização da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 1952, e com a "Campanha Nacional de Esclarecimento aos Católicos", que terá no Frei Boaventura Kloppenburg a sua maior expressão no combate à Doutrina Espírita. Frei Boaventura, segundo o autor espírita Deolindo Amorim (1955), fazia ataques ao espiritismo justamente por estes ataques representarem um plano da igreja no sentido de convencer os católicos a se manterem vigilantes quanto à heresia que representava a doutrina. "A campanha não é, portanto, de Frei Boaventura, mas da Igreja. A Igreja fala pela boca de frei Boaventura. Se, portanto, Frei Boaventura fala em nome da Igreja, e por ordem da Igreja, tudo quanto ele diz representa o

⁶⁰ Na descrição destas viagens estão relacionadas as escolas espíritas visitadas. No Rio Grande do Norte estão listadas três escolas e entre essas a "Escola Espírita Leocádio Correia".

pensamento da igreja.” (Mundo Espírita, 31 jul. 1956, p. 4). Na biografia autorizada e produzida a partir de seus diários, frei Boaventura aponta como teria iniciado esta campanha

Em 1951, quando comecei a lecionar Teologia Dogmática em Petrópolis, fui despertado também para o problema do Espiritismo no Brasil. Várias circunstâncias me levaram então a dedicar todo o tempo livre ao estudo do Espiritismo, – memorizou em seu “Álbum Pessoal”. – Comecei então uma autêntica Campanha Nacional de Esclarecimentos aos católicos sobre o Espiritismo. Isso fez com que me tornasse conhecido no Brasil inteiro. Todas as férias eram aproveitadas para fazer conferências, pelo Brasil afora. Só Deus sabe quanto falei e escrevi naqueles anos. Só fui liberado dessa campanha quando da nomeação, por João XXIII, para o Concílio Ecumênico, em 1961. Dez anos, portanto, durou a minha fase espírita. (SCHIERHOLT, 1999, p. 28).

O autor justifica o interesse de Frei Boaventura a partir de seus envolvimento com a formação de sacerdotes, mas ao citar a fala de D. Carlos Mota, reafirma a preocupação da hierarquia maior da Igreja

Para a melhor preparação pastoral dos futuros sacerdotes franciscanos procurou conhecer bem a realidade religiosa do povo brasileiro. Ainda em 1951, em São Paulo, participou de um congresso teológico sobre a Encíclica *Mediator Dei*. Deliberando sobre o tema do próximo congresso pretenderam alguns a Ação Católica. Porém, o Cardeal paulistano, D. Carlos Mota, opinou pelo Espiritismo, baseado no alerta do próprio papa: o Espiritismo é o maior perigo do Brasil. Mas acharam o tema árido demais. Frei Boaventura votou a favor da proposta do Cardeal Mota. (SCHIERHOLT, 1999, p. 29).

Azzi aponta como o trabalho do Frei Boaventura foi tão eficiente que, em 1953, Dom Helder Câmara, apoiando-se nos estudos do Frei perguntava “se não era a hora de pedir ao santo padre que excomungasse os espíritas. Em 4 de setembro desse mesmo ano o prelado comunicava a este teólogo franciscano que na reunião da CNBB, o episcopado adotara oficialmente a campanha nacional contra a heresia espírita”. (AZZI, 2008, p. 627). Costa em relação ao embate entre católicos e espíritas na década de 1950 ainda afirma que

O debate em torno de questões políticas, médicas e de ensino, encontram seu fato detonador na doutrinação e na disputa de fiéis. As campanhas promovidas pela Igreja Católica contra o Espiritismo representam uma reação a uma ideologia doutrinária religiosa, que surge a amealhar fiéis no seu rebanho. A reação e acusações por parte dos espíritas apresentam-se como forma de coibir a ascensão e proeminência de uma religião que há muito já exercia grande poder espiritual e temporal, e que reagiu prontamente a uma invasão em sua seara. (COSTA, 2001, p. 119).

Em Documento do Secretariado Nacional de defesa da Fé e da Moral, são listadas várias atitudes práticas que a igreja deveria assumir no combate ao espiritismo, entre elas destacamos

Atendendo a muitos que procuram o espiritismo em busca de remédio ou chegam à heresia através das obras sociais espíritas.

A – Medidas a adotar:

Suscitar obras sociais católicas ou de inspiração católica, que se antecipem às obras similares mantidas pelo Espiritismo, ou lhes contrabalançam a eficácia caso tenha cabido ao Espiritismo a iniciativa;

Atuar junto ao Conselho Nacional de Serviço Social e aos Exmos. Congressistas, mostrando a incongruência de manter o art. 284 do Código Penal a atribuir subvenções a instituições espíritas que, a pretexto de caridade, vão promover exercício ilegal de medicina;

Esclarecer aos católicos sobre as penalidades para os que contribuem, com dinheiro ou com trabalho para obras heréticas.

B – Maneira prática de agir:

O Secretariado Nacional de Ação Social está apto a prestar sugestões concretas a respeito da fundação de um secretariado ou departamento diocesano que coordene e oriente toda obra social católica da diocese. O secretariado terá cuidados especiais quando se tratar de fazer face a instituições sociais espíritas. (KALVERKAMP, Frei DESIDÉRIO. & KLOPPENBURG, Frei BOAVENTURA, 1961. p. 13).

Na biografia do frei Kloppenburg há uma explicação da necessidade da campanha de esclarecimento aos católicos “o alerta repercutia por toda a parte.

Na Primeira Reunião Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, de 17 a 20 de agosto de 1953, em Belém, os cardeais e arcebispos, representando todo o Episcopado Nacional, depois de terem maduramente estudado o problema criado pelo Espiritismo no Brasil” (p. 29) visto que despreparados e cheios de problemas eram uma isca para o domínio dos espíritas

sem formação cristã adequada, esquecidos do seu aprendizado catequético, com problemas conjugais, familiares, econômicos, de saúde, por curiosidade ou em busca da sorte, muitos católicos desfilavam nos Terreiros de Umbanda e Quimbanda, Centros Espíritas, Lojas Maçônicas, Oficinas Esotéricas; pediam a bênção do padre e os passes da mãe-de-santo; frequentavam meditações teosóficas ou consultavam cartomantes, tarô, búzios, bolas de cristal, mapa astral, magias, horóscopo, numerologia e uma infinidade de entidades cabalísticas a explorar a ignorância do povo, como que desorientados e sem pastor. Praticamente todas essas entidades se auto-afirmavam ser apenas uma corrente “filosófica” e não uma religião. Não sendo religião nem igreja, davam a impressão de que o local era público, onde apenas se praticava o bem, num ambiente de paz. A consciência não despertava nenhuma desconfiança de que houvesse alguma transgressão à fé ou se praticasse algum mal. (SCHIERHOLT, 1999, p. 29-30).

Na arquidiocese de Curitiba, os Boletins Eclesiásticos fazem repetidos convites para que os sacerdotes acompanhem as palestras do Frei Boaventura “Uma semana de Estudos sobre o Espiritismo e as ciências ocultas, irradiando por duas rádios, palestras diárias” [...]. (Boletim Eclesiástico. Ano XXI n.º 34, 1957).

Até mesmo autores como Azzi, especialistas na História da Igreja Católica no Brasil com mais de trinta livros publicados sobre o tema, passa sutilmente pela questão do combate ao Espiritismo na década de 1950, como se esta ação fosse prática institucional, ao citar no seu “História da Educação Católica no Brasil – Contribuições dos Irmãos Maristas”, aponta que em Minas Gerais havia um grande número de candidatos empenhados na Congregação Marista, que em 1957

após longo período preparatório, receberam a fita de congregados 12 aspirantes. A outros foi concedida a fita de aspirantes apenas. Numerosos são também os candidatos que embora não usassem a fita, frequentam as reuniões e anseiam por participar do exército de Maria. Nota-se ação empreendedora. Empenha-se para que cada um ostente o próprio distintivo, assine a Revista estrela do mar, porta voz do espírito Mariano no Brasil, e insiste sobretudo na prática do bom exemplo. Durante a semana santa em conjunto com o Colégio Nossa Senhora das Dores, mantivemos na cidade, para esclarecimento doutrinário, a exposição de cartazes Anti-espíritas (AZZI, 1999b, p. 50).

Ao analisar a relação entre cultura, religião e patriotismo o mesmo autor cita um depoimento em que um aluno escreve “Ofereci minha vida pela grandeza do Brasil, e ela pertencerá, toda inteira, à minha pátria. Comunistas, judeus e maçons, portanto atentai bem: eu não vós pertenço” (AZZI, 1999 a, p. 118), mas não há na obra nenhuma referência ao Espiritismo.

Observamos que o auge da campanha contra o espiritismo ocorreu entre os anos de 1951-61, o período em que Kloppenburg dirigiu a Revista Eclesiástica Brasileira. Nas palavras do próprio Frei

Dediquei todo o tempo livre disponível à campanha nacional de esclarecimento dos católicos sobre os movimentos espiritualistas no Brasil, particularmente sobre o Espiritismo. Não há cidade maior no Brasil que naquela década não me conheceu pregando ou fazendo conferências em igrejas, colégios, salões e praças públicas” (SCHIERHOLT, 1999, p. 1).

Em outra obra, escrita pelo próprio Kloppenburg na década de 1980, ele afirma

Não sou novato em matéria de espiritismo. Na década de 50 publiquei sobre a matéria livros, cadernos, folhetos e artigos sem conta. Era antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), quando defendíamos nossa fé cristã e nossa Santa Igreja contra os ataques de seus adversários. E entre eles estava evidentemente o espiritismo. Era a apologética. Meus escritos então, estavam sem dúvida marcados pelo ânimo de defesa da fé, para a orientação dos católicos. De um de meus folhetos (Por que o católico não pode ser espírita) chegamos a tirar, em

sucessivas edições de cem ou duzentos mil exemplares, mais de um milhão de cópias.

Veio então o Concílio com seu apelo ecumênico para o diálogo e a união. Dizia-se que o Vaticano II acabara de vez com a apologética. Em consequência e obediência, afastei-me da liça. Meus livros sobre a matéria não foram mais publicados. Os espíritas respiraram então à vontade. (KLOPPENBURG, 1995, p. 7).

O Espiritismo enfrentou resistências, oposições, campanhas contrárias por parte da Igreja Católica e se consolidou. Sem dúvida, podemos fazer uma leitura simbólica desse processo, do receio da Instituição católica, porque paralela e gradativamente ocorreu uma legitimação da Doutrina Espírita que colocava em jogo tanto o éthos religioso quanto o poder político. Lembrando Eliade “o símbolo revela certos aspectos da realidade os mais profundos que desafiam qualquer meio de conhecimento.” (ELIADE, 1991, p. 8).

Vamos à análise do pensamento da Igreja no Concílio Vaticano II. Interessa-nos refletir se de fato as orientações do Concílio conseguiram estabelecer relações pautadas no diálogo entre a Igreja Católica e o Espiritismo no Brasil.

2.5 O CONCÍLIO VATICANO II E O ESPIRITISMO

Até fins da década de 1950, sem dúvida, a oposição da Igreja Católica a outras vertentes religiosas era muito forte. Azzi, ao comentar o avanço dos protestantes no Paraná naquela década de 1950 afirma que

A importância que o tema da defesa da fé católica assumiu dentro da CNBB, coloca em evidência que, apesar do propósito de novos rumos, permanecia subjacente uma mentalidade de neocristandade. “Em última análise, o sonho dos prelados era que a igreja católica assumisse papel de liderança na evolução sócio-econômica do país, obtendo desta forma a marginalização de outras crenças religiosas.” (AZZI, 1999 b,p. 174).

O autor demonstra que a Igreja prega que há uma forte necessidade de reação contra o avanço dos protestantes no caso no norte do Paraná, mas os espíritas são o principal alvo de perseguição ideológica. Este quadro começa a mudar somente a partir do início da década de 1960, marcada por uma renovação na Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, realizado entre os anos de 1962 e 1965.

Na arquidiocese de Curitiba havia uma expectativa positiva em relação ao Concílio. Na primeira carta circular de 1963, o arcebispo Dom Manuel da Silveira d'Elboux aponta “Tenho esperanças de que terminados os trabalhos do Concílio, uma nova estrada se abrirá ao clero no campo do apostolado católico. A Igreja estuda carinhosamente os males do nosso século e, sob a ação inspiradora do divino espírito santo, saberá indicar o roteiro seguro para a conquista das almas”. (Boletim Eclesiástico. Ano XXVI, Carta Circular n.º 1 de 26 de março de 1963).

Os documentos do Concílio Vaticano II, por nós analisados, não fazem menção diretamente ao Espiritismo, mas às questões apontadas vão dar um novo rumo que será significativo, não somente para o espiritismo, mas também para outras religiões. Na Declaração *DIGNITATIS HUMANA*E sobre a Liberdade religiosa

Acreditamos que esta única religião verdadeira se encontra na Igreja Católica e Apostólica, à qual o Senhor Jesus confiou o encargo de a levar a todos os homens, dizendo aos Apóstolos: «Ide, pois, fazer discípulos de todas as nações, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos prescrevi» (Mt. 28, 19-20). Por sua parte, todos os homens têm o dever de buscar a verdade, sobretudo no que diz respeito a Deus e à sua Igreja e, uma vez conhecida, de abraçá-la e guardar. O sagrado Concílio declara igualmente que tais deveres atingem e obrigam a consciência humana e que a verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte. Ora, visto que a liberdade religiosa, que os homens exigem no exercício do seu dever de prestar culto a Deus, diz respeito à imunidade de coacção na sociedade civil, em nada afecta a doutrina católica tradicional acerca do dever moral que os homens e as sociedades têm para com a verdadeira religião e a única Igreja de Cristo. Além disso, ao tratar desta liberdade religiosa, o sagrado Concílio tem a intenção de desenvolver a doutrina dos últimos Sumos Pontífices acerca dos direitos invioláveis da pessoa humana e da ordem jurídica da sociedade. (CONCÍLIO VATICANO II – Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa – 1).

Observamos que nesta declaração a posição da Igreja é de respeito à individualidade do homem, ela não deixa de se colocar como a verdade, mas, por outro lado, o caminho desta conquista se faz pela própria ação da Igreja e não mais como força de domínio pelas verdades pregadas. Jacques Dupois, teólogo católico afirma que a “perspectiva do Concílio era pastoral e não doutrinal. Relativamente às outras religiões, a intenção do Concílio era promover entre elas e o cristianismo novas atitudes de recíproca compreensão, estimular diálogo e cooperação”. (DUPOIS, 2004, p. 88).

Por outro lado, precisamos destacar que se não há referência direta ao espiritismo, há menção e destaque ao papel dos bispos, apontados como responsáveis pela condução

dos novos discípulos. Dotados da autoridade de Cristo, são doutores autênticos, que pregam ao povo a eles confiado a fé que se deve crer e aplicar na vida prática; ilustrando-a sob a luz do Espírito Santo e tirando do tesouro da revelação coisas

novas e antigas (cfr. Mt. 13,52), fazem-no frutificar e solicitamente afastam os erros que ameaçam o seu rebanho. (CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM, Capítulo III).

Também, quando trata das disciplinas necessárias à formação dos religiosos, o texto aponta a necessidade de que eles

sejam ainda iniciados no conhecimento das outras religiões mais espalhadas em cada região, para que melhor possam conhecer o que de bom e de verdadeiro têm, segundo a disposição de Deus, aprendam a refutar os seus erros e possam comunicar a plena luz da verdade àqueles que não a têm. (DECRETO OPTATAM TOTIUS, Capítulo V).

Dupois faz uma análise contextualizada do Concílio, mostrando o avanço que ele representou.

É importante, além disso, situar o Vaticano II na história conciliar da igreja. O Concílio de Florença (1442) assumira o mais rígido entendimento do Adágio *Extra ecclesiam nulla salus*. Um século depois (1547), o Concílio de Trento, com sua doutrina de “batismo de desejo” afirmara solenemente a possibilidade de salvação para aqueles que se encontram fora da Igreja. Os documentos seguintes da igreja reafirmaram – embora não sem grande cautela – essa possibilidade. Mas quase nunca os documentos da igreja – conciliares ou não – se pronunciaram no decurso de séculos sobre as religiões como tais e muito menos de modo minimamente positivo. O Concílio Vaticano II teria sido o primeiro na história conciliar da igreja a falar positivamente de outras religiões, embora com cautela. (DUPOIS, 2004, p. 88).

Edênio Valle, avaliando o Concílio 40 anos depois, afirma que o Vaticano II foi uma tentativa válida e necessária de busca de uma nova “figura histórica” para uma “Igreja que demorou demasiado em aceitar os desafios das mudanças que haviam ocorrido no mundo, em especial após a revolução francesa e o advento da modernidade. Pretendo dizer e mostrar, com isto, que o projeto do Vaticano II ainda não se definiu inteiramente”. (VALLE, 2006, p. 51).

É significativo pensarmos que o Concílio Vaticano II se referiu às outras

religiões separando-as em cristãs e não cristãs. Entre as tratadas pelo Documento como não cristãs, estão o Hinduísmo e o Budismo. Ao mesmo tempo em que a Igreja afirma respeitar o Budismo, aponta sutilmente que a religião que traz a verdade é o Cristianismo

A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, verdade e vida» (Jó. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas (CONCÍLIO VATICANO II – Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs – 4).

Em relação ao Islamismo o documento ressalta a existência de vários pontos em comum com exceção da aceitação de Jesus como Redentor da humanidade. O Documento exorta ainda a conciliação entre as duas religiões superando as divergências do passado

A Igreja olha também com estima para os muçulmanos. Adoram eles o Deus Único, vivo e subsistente, misericordioso e onipotente, criador do céu e da terra que falou aos homens e a cujos decretos, mesmo ocultos, procuram submeter-se de todo o coração, como a Deus se submeteu Abraão, que a fé islâmica de bom grado evoca. Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente. Esperam pelo dia do juízo, no qual Deus remunerará todos os homens, uma vez ressuscitados. Têm, por isso, em apreço a vida moral e prestam culto a Deus, sobretudo com a oração, a esmola e o jejum. (CONCÍLIO VATICANO II – Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs -3).

Quanto ao Judaísmo o documento reconhece a primazia do povo judeu, por entre eles ter nascido Cristo “deles é a adopção filial e a glória, a aliança e a legislação, o culto e as promessas; deles os patriarcas, e deles nasceu, segundo a carne, Cristo (Rom. 9, 4-5), filho da Virgem Maria”, destaca

ainda que também os “apóstolos, fundamentos e colunas da Igreja, nasceram do povo judaico, bem como muitos daqueles primeiros discípulos, que anunciaram ao mundo o Evangelho de Cristo”; mas destaca a importância dos cristãos pelo fato de terem sido eles que pregaram o Evangelho de Cristo. O Documento também cita Paulo que afirmara que os

judeus continuam ainda, por causa dos patriarcas, a ser muito amados de Deus, cujos dons e vocação não conhecem arrependimento. Com os profetas e o mesmo Apóstolo, a Igreja espera por aquele dia só de Deus conhecido, em que todos os povos invocarão a Deus com uma só voz e ‘o servirão debaixo dum mesmo jugo’. (CONCÍLIO VATICANO II – Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs I. 4(11)).

O documento continua na sua defesa ao Judaísmo afirmando que “sendo assim tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e aos judeus, este sagrado Concílio quer fomentar e recomendar entre eles o mútuo conhecimento e estima, os quais se alcançarão, sobretudo por meio dos estudos bíblicos e teológicos e com os diálogos fraternos”. Mas não deixa de fazer a crítica e acusação que a Igreja sempre imputou aos judeus

Ainda que as autoridades dos judeus e os seus sequazes urgiram a condenação de Cristo à morte não se pode, todavia, imputar indistintamente a todos os judeus que então viviam, nem aos judeus do nosso tempo, o que na Sua paixão se perpetrou. E embora a Igreja seja o novo Povo de Deus, nem por isso os judeus devem ser apresentados como reprovados por Deus e malditos, como se tal coisa se concluísse da Sagrada Escritura. Procurem todos, por isso, evitar que, tanto na catequese como na pregação da palavra de Deus, se ensine seja o que for que não esteja conforme com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo. Além disso, a Igreja, que reprovava quaisquer perseguições contra quaisquer homens, lembrada do seu comum patrimônio com os judeus, e levada não por razões políticas, mas pela religiosa caridade evangélica, deplora todos os ódios, perseguições e manifestações de anti-semitismo, seja qual for o tempo em que isso sucedeu e seja quem for a pessoa que isso promoveu contra os judeus. (CONCÍLIO VATICANO II – Declaração Nostra Aetate sobre a Igreja e as Religiões não-cristãs I 4, (13)).

O Concílio, portanto, faz uma avaliação pragmática das religiões citadas, mas também reconhece um valor positivo nas tradições religiosas e um certo dom divino. Sendo assim, o cristão deve romper com os preconceitos que dividiram, mas ao mesmo tempo a garantia da salvação está completa no cristianismo. (DUPOIS, 2004).

Dupois (2004) retoma ao Documento Conciliar analisando a famosa máxima da igreja, e depois atualizada ou apropriada pelo Espiritismo na perspectiva da caridade

O que fica então por dizer a respeito do axioma segundo o qual “fora da Igreja não há salvação”, axioma que, obviamente, se baseava no pressuposto da identificação do Reino de Deus com a Igreja? [...] O axioma encontra a sua origem em alguns Padres da igreja dos séculos IV e V, especialmente em Cipriano de Cartago e Fulgêncio de Ruspe. Mais tarde acabou sendo incluído nos documentos oficiais da igreja, especialmente no IVº Concílio de Latrão, de 1215 (Denzinger, n.º 802) na bula Unam sanctam, de Bonifácio VIII, de 1302 (Denzinger, n.º 870, 872, 875), e no Decreto para os coptas, do Concílio de Florença, de 1442 (Denzingern, 1351). Este último documento afirma: “A igreja crê firmemente, confessa e anuncia que, ‘nenhum daqueles que estão fora da igreja católica, não só os pagãos, [citado por Fulgêncio de Ruspel], mas tampouco os judeus ou os heréticos e os cismáticos poderão atingir a vida eterna, mas irão para o fogo eterno, preparados para o diabo e para seus anjos’ (Mt, 25,41) se, antes da morte a ela não se unirem. (DUPOIS, 2004, p. 256).

Na afirmação quanto à caridade, o documento do Concílio se aproxima da perspectiva do pensamento espírita. A Caridade para o Espiritismo é colocada como necessidade premente que permite a evolução. Nos documentos do Concílio consta que

Deus é caridade e quem permanece na caridade, permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo. 4,16). Ora, Deus difundiu a sua caridade nos nossos corações, por meio do Espírito Santo, que nos foi dado (cfr. Rom. 5,5). Sendo assim, o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele. Para que esta caridade, como boa semente, cresça e frutifique na alma, cada fiel deve ouvir de bom grado a palavra de Deus, e cumprir, com

a ajuda da graça, a Sua vontade, participar frequentemente nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, e nas funções sagradas, dando-se continuamente à oração, à abnegação de si mesmo, ao serviço efectivo de seus irmãos e a toda a espécie de virtude; pois a caridade, vínculo da perfeição e plenitude da lei (cfr. Col. 3,14; Rom. 13,10), é que dirige todos os meios de santificação, os informa e leva a seu fim (131). E, pois, pela caridade para com Deus e o próximo que se caracteriza o verdadeiro discípulo de Cristo. (CONCÍLIO VATICANO II – Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. Capítulo V – 42).

No livro de Kloppenburg editado em 1986, ele afirma que após mais de vinte anos do Concílio não houve com os espíritas “nem dialogo, nem muito menos união”. (1995, p. 7). Poderíamos até encontrar algumas semelhanças no texto do Concílio sobre a caridade com a literatura espírita, mas não podemos perder o referencial das obras de Kardec quanto a esta prática e a percepção da caridade no Espiritismo como evolução. Kloppenburg, em fins do século XX reafirma que

para conservarem as aparências cristãs e se acobertarem sob o manto cristão, os espíritas repetem as palavras de Jesus sobre a caridade e proclamam o princípio: ‘Fora da caridade não há salvação’ [...] E a igreja seguramente não rejeita o espiritismo por causa deste princípio. A Igreja Católica tem sido sempre e ainda hoje continua sendo a pregoeira máxima da caridade cristã. (KLOPPENBURG, 1995, p. 165).

A partir da pesquisa nos Boletins da Arquidiocese de Curitiba entendemos que esta posição de Kloppenburg na década de 1990 é específica e não mais uma postura oficial da Igreja. Nas décadas de 1950 e 1960 Kloppenburg foi a voz oficial da igreja. O Concílio Vaticano II se não transformou as relações entre Igreja e espiritismo, ao menos adotou uma postura reservada. Evidente que para firmarmos esta posição precisaríamos aprofundar as pesquisas em fontes documentais e com outro recorte histórico que permitisse uma conclusão mais ampla, porém nosso objetivo aqui é entender o movimento espírita, as perseguições sofridas ou não por ele e as repercussões destas ações no nosso objeto de pesquisa.

2.6 O ESPIRITISMO NO PARANÁ E EM CURITIBA E A SBEE

É provável que o conhecimento da Doutrina Espírita tenha chegado ao Paraná através de Paranaguá, devido ao porto e à cidade ter sido um pólo de difusão para o Estado. Por lá chegavam os livros básicos da doutrina e também a revista “O Reformador”, publicada pela FEB no Rio de Janeiro desde 1883, por meio de comerciantes e de intelectuais que mantinham contato com a corte e posteriormente com a capital da República. Manoel da Cunha, um comerciante português vindo do Rio de Janeiro, trouxe as primeiras obras espíritas para o Paraná e as divulgou entre seu círculo de amigos, quando chegou a Curitiba, por volta de 1870.

O primeiro centro espírita do Paraná, segundo os registros da FEP, fundado ainda no século XIX, em 1897, foi o Centro Spirita de Corityba, seguido pelo Grupo Paz, Amor e Caridade na cidade de Castro, e na sequência o Centro Allan Kardec, fundado em Antonina, em 1902. A Federação Espírita do Paraná também foi fundada naquele ano

Aos vinte e quatro dias do mês de Agosto de mil novecentos e dois, reunidos na sala de redação da "A Doutrina", rua América número nove, às dez horas da manhã, os abaixo assinados, convidados pela mesma redação para o fim de tratar-se da fundação da Federação Espírita do Paraná, ahi, de commum accôrdo, resolveram o seguinte: 1.º – Fundar nesta cidade de Curityba, capital do Estado do Paraná, uma Sociedade Espírita para o estudo e propaganda da doutrina: 2.º – Formular as bases para a organização da projectada Sociedade: 3.º – Dar á mesma o título de Federação Espírita do Paraná, tendo por fim principal o disposto no parágrafo 1.º, e unir pelos laços da federação todos os Grupos Espíritas existentes neste Estado, formando uma só comunhão como único meio de recorrer para sustentar a decadência da propaganda espírita. (Ata de Fundação da FEP, 1902, p. 1).

O primeiro presidente da FEP foi o jurista Sebastião Paraná. O Estatuto da FEP afirma que sua caminhada objetivava

- I. Propagar a Doutrina Espírita de acordo com os princípios estabelecidos por Allan Kardec; investigar e estudar, com reflexão e prudência, os phenomenos e sua influência no mundo material.
- II. Fazer público tudo quanto ocorrer a respeito dos mesmos phenomenos, salvo resolução em contrário da Directoria.
- III. Exercer e pregar a moral, praticar a caridade por todos os meios a seu alcance, concorrendo para tornar effectivos os laços da fraternidade e solidariedade humana. (Estatuto da Federação Espírita do Paraná, 1903, p. 3).

Em 1906, por meio de Romário Martins, a FEP conseguiu com a prefeitura de Curitiba a doação de um terreno no Bairro São Francisco. Em 1915, após a desapropriação e indenização pela PMC, a FEP construiu a sede atual no centro da cidade. Atualmente o imóvel é tombado pelo patrimônio histórico. A FEP representa no Paraná a organização mais antiga ligada ao Movimento Espírita. Schimmelpfeng (2006) escrevendo sobre a filantropia entre os imigrantes alemães no Paraná cita o “Deutsche Harmonische Spiritualische Grupe, vinculado à Federação Espírita do Paraná”. (SCHIMMELPFENG, 2006, p. 77).

Esta ação filantrópica é destacada pela própria FEP em dois momentos. Na epidemia de gripe espanhola, em 1918, e que

Criou para a capital paranaense sérios problemas de hospitalização das classes menos favorecidas. Revelando o espírito de solidariedade, a Direção da Federativa Estadual ofereceu as suas dependências para abrigar os enfermos pobres, repetindo ações do ano de 1914, quando se propôs a receber as crianças, filhas de fanáticos do Contestado e que foram encontradas em desamparo. (FEP, 2002a, p. 25).

Na década de 1940, a Federação Espírita do Paraná e a Federação do Rio Grande do Sul organizaram Congressos Espíritas para discutir os rumos do movimento espírita no sul do Brasil, visto ser este período o de maior enfrentamento com a igreja católica.

No Paraná e em Santa Catarina reunirão nos dias 28, 29 e 30 de março futuro os espíritas locais para estabelecerem entre as

associações lá existentes uma mais perfeita e segura unidade de ação no campo da doutrina, e ainda, deliberarem entre uma consulta que lhes foi dirigida sobre quais bases que deveria assentar uma organização nacional que de fato represente o pensamento espírita brasileiro. (Jornal Mundo Espírita, Curitiba, 03 fev.1945, p. 1).

A FEP, ao longo de seus mais de cem anos, criou diversas instituições de assistência social como o Albergue Noturno (1915), o Hospital Espírita de Psiquiatria Bom Retiro (1945), a Escola Profissional Maria Ruth Junqueira (1956), o Colégio Lins de Vasconcellos (1960-1998), diversas creches, e programas de rádio e televisão. E foi a responsável pela edição do jornal Mundo Espírita, entre os anos de 1932/52. Destas vamos nos referenciar no Colégio Lins de Vasconcellos que foi inicialmente pensado como Instituto de Educação Allan Kardec, teve inclusive o lançamento da pedra fundamental em 1952, mas com a morte de Lins de Vasconcellos⁶¹ a escola recebeu o seu nome. Ney Lobo, na biografia de Lins, cita ata de reunião do conselho deliberativo da FEB que aponta “O confrade GHIGNONE propõe que o Instituto que está sendo construído, denomine-se ‘Lins de Vasconcelos’, e que o conjunto de construções da Federação passe a chamar-se ‘Allan Kardec’”. (LOBO, 1997, p. 109).

O Colégio Lins de Vasconcelos ao longo de seus 38 anos desenvolveu uma proposta educativa que se diferenciava das demais escolas privadas na cidade. Uma das características era a cidade mirim, em que os alunos desenvolviam práticas de cidadania, com eleição, bancos, atividades administrativas, legislativas, etc., fundamentadas numa ética espírita. Que seria uma proposta do próprio Lins, em 1918, citada por Lobo

⁶¹ Lins foi um militante do movimento espírita paranaense, que na década de 1920, juntamente com outros representantes da sociedade paranaense protestaram contra o Governo do Estado do Paraná, por aquele estar entregando áreas de terras à Igreja sem que houvesse aprovação da Assembleia Legislativa, questão esta que ficou conhecida como “Questão dos Bispados”. Lins, que era cartorário concursado, foi demitido do cargo. Desempregado e passando dificuldades, acabou tendo que morar no prédio na FEP, porém, depois envolvido com a atividade da industrialização paranaense acabou enriquecendo, deixando mais tarde grande parte de seu patrimônio para a FEP, inclusive a área em que foi construído o Hospital Bom Retiro e posteriormente o Colégio.

a educação social e política deve ser ministrada nas escolas mediante o estabelecimento de repúblicas escolares, formando um governo com todos os seus órgãos, e cujos cargos serão exercidos pelos próprios alunos, com o fim de desenvolver os conhecimentos e a visão político-social das crianças (LOBO, 1997, p. 308).

No livro de Herculano Pires (2004), *Pedagogia Espírita*, ele traça uma série de orientações para os educadores organizarem a escola numa proposta que venha ao encontro da Doutrina Espírita. Em 1968, no IV Congresso de jornalistas e escritores espíritas de Curitiba, Herculano propõe um programa de estudos espíritas para as escolas espíritas em quatro anos de estudos, sendo composto pelas disciplinas: Introdução ao Espiritismo, Filosofia Espírita, Introdução à Ciência Espírita, Introdução à Religião Espírita. Não temos elementos para analisar se esta proposta pensada por Herculano foi aplicada no Colégio Lins de Vasconcelos ou em outra Instituição de ensino espírita. Podemos afirmar que o Colégio Lins de Vasconcelos trabalhou com uma perspectiva de educação espírita, com práticas diferenciadas e que consideravam o referencial da Doutrina. Em 1949 Lins escreveu sobre a necessidade de

Reativar com vigor a campanha de Alfabetização. É mais importante fundar e manter cursos de Alfabetização em todos os centros espíritas e até nos lares espíritas, do que criar e manter escolas com cursos primários completos. O Distrito Federal e os estados arrecadam bilhões de cruzeiros de impostos, e são eles que têm obrigação de criar e manter escolas. A intervenção dos espíritas só se justifica nos lugares abandonados pelos governantes que não saibam ou não possam cumprir seus deveres. (LOBO, 1997, p. 305).

O Colégio Lins de Vasconcelos funcionou até 1998. Em julho daquele ano foi arrendado por 35 anos para o grupo OPET, passando a se chamar Unidade OPET Bom Retiro. A cidade mirim foi desativada. A partir daí a escola passou a seguir a organização metodológica do grupo, descaracterizando a proposta da Instituição de uma educação com perspectiva espírita. Toda a documentação histórica da escola está confiada à FEP, que mantém arquivo

documental da memória de Lins de Vasconcelos e dos registros do Colégio⁶².

No Paraná a presença da Igreja católica sempre foi significativa. Podemos encontrar um exemplo na formação da própria Universidade Federal do Paraná. Campos (2006) analisa a disputa entre os grupos que representaram esta construção e afirma:

os católicos entendiam que a universidade deveria se responsabilizar pela formação moral, espiritual, associando os conhecimentos oriundos do desenvolvimento científico aos preceitos religiosos, mas, principalmente, exercer a formação de novas elites, com o objetivo de organizar um Estado catolicizado; os grupos envolvidos no processo de constituição da Universidade do Paraná, assim como no de federalização estavam imbuídos da convicção de que no ensino superior estava o destino da nação, portanto, cabia a ele preparar as elites dirigentes deste país. (CAMPOS, 2006. p. 18).

Queremos lembrar uma das características próprias do Paraná apontada por Boschilia

Na sociedade paranaense, bem como nos demais estados da região Sul, o perfil demográfico dos habitantes, com forte representatividade de descendentes de imigrantes católicos, contribuiu para a permanência do movimento ultramontano e dos colégios católicos por um tempo mais prolongado do que em outras cidades. Na década de 1950, por exemplo, enquanto nos grandes centros urbanos as instituições católicas davam lugar aos estabelecimentos leigos, em Curitiba, ao contrário, as ideias ultramontanas ainda encontravam eco junto à população e mais de uma dezena de congregações religiosas aqui se instalavam para gerenciar estabelecimentos católicos. (BOSCHILIA, 2002, p. 57).

A partir dos Boletins Eclesiásticos da Arquidiocese de Curitiba é possível perceber também aspectos desta religiosidade em diversos momentos como na realização do Congresso Eucarístico de Curitiba, reproduzido no Jornal A Cruz de Cuiabá

⁶² Verificamos o acervo de fontes sobre o Colégio Lins de Vasconcelos e percebemos que sua proposta e trajetória podem ser objeto de pesquisas futuras.

Os quatro dias do congresso foram memoráveis para Curitiba. A população da rica e moderna cidade, o movimento insólito das ruas parecia que tinham dobrado. A ordem daquela avalanche de povo era índice do sentimento religioso. Os pontificais da abertura e encerramento e as sessões da noite se revestiram de uma solenidade sem par, abrilhantada pelos corais. Tudo executado impecavelmente. Neste particular, o Congresso de Curitiba foi insuperável. A nota, porém, de mais valor espiritual foram as comunhões gerais. A chave de ouro do magno certame de fé foi a procissão de encerramento. Tudo era grandioso: a multidão, a carruagem com o rico ostensório de ouro e pedrarias, os grandiosos e inocentes pagens da Eucaristia, o povo, que do lado aplaudia, cantava e adorava, as flores, os fogos de artifício que irrompiam do Palácio do Governo, os Hosanas ao salvador Eucarístico, superando certamente as aclamações de Jerusalém no dia de ramos. – Dom Orlando Chaves – Arcebispo de Cuiabá. (BOLETIM ECLESIASTICO, Ano XXIII, 1958, n.º 36, p. 79).

Segundo Azzi, os Congressos Eucarísticos eram momentos significativos para reafirmar o poder e a influência da Igreja, porque constituíam “uma das manifestações públicas mais importantes utilizadas pela Igreja Católica para reafirmar a sua presença na sociedade”. (AZZI, 2008, p. 436), Eram grandes demonstrações públicas, em que os fiéis eram convocados pela hierarquia da Igreja. Demonstrava e reafirmava a força da Instituição e principalmente tinha por objetivo “reafirmar a preeminência da fé católica entre o povo brasileiro, de forma a marginalizar o mais possível a ação de outras denominações religiosas”. (AZZI, 2008. p. 436). O autor também aponta que a grande manifestação dos Congressos Eucarísticos era a forma de mostrar ao “governo o poder e autoridade da Igreja e que o “país devia pautar sua atuação pelas orientações básicas da doutrina católica, emanadas da Santa Sé”. (AZZI, 2008. p. 436).

Dias (1996) estudando a representação que os congressos eucarísticos significavam para a hierarquia católica também aponta

o zelo do episcopado pela ortodoxia tentava implantar a disciplina sobre o catolicismo popular vigente em nosso país no século passado. Pela prática deste sacramento os bispos pretendiam divulgar a ortodoxia entre os fiéis, por meio de uma

catequese que recuperasse o mistério da redenção, centro da Fé católica [...] os padres passariam a ter a oportunidade de manter os fiéis unidos e submissos, por um culto que tem garantida legitimidade no sagrado.” (DIAS, 1996, p. 108).

Dias analisa o período entre 1922 e 1933, no qual ocorreram dois Congressos Eucarísticos. O Congresso realizado em Curitiba em 1958 foi o VII e também teve a característica de ressaltar a religiosidade da capital paranaense e do Estado. A religiosidade marcante na cidade também foi um fator de disputa de espaço para conter a expansão do Espiritismo. São inúmeras as situações presentes nos Boletins Eclesiásticos durante as décadas de 1950 e 1960. São apresentados fatos de diversas situações narrados por sacerdotes solicitando pronunciamento da arquidiocese, por cartas de fiéis endereçadas à cúria com dúvidas que resultavam em orientações gerais para as paróquias.

No Boletim n.º 34, a partir de uma discussão sobre a ação da caridade espírita há uma recomendação para que em caso de doenças o “católico não deve se internar em hospital judeu, protestante e espírita” (BOLETIM ECLESIAÍSTICO, Ano XXI, 1957). O Conselho que os sacerdotes devem ministrar a sua comunidade é se internar sempre somente em hospital católico e mais ainda se empenhar, pois que o “ideal é ter um hospital católico em cada cidade”. Em outro boletim, desse mesmo ano, há uma orientação até curiosa quanto à realização de missas

Os padres têm celebrado missas de 7.º, e 30.º dia e aniversário de morte por pessoas espíritas, amasiadas ou suicidas, que morreram sem os sacramentos da igreja. 1) O sacerdote deve pedir o endereço para ter o entendimento da situação com o vigário local. 2) Comunicar-se com o vigário para saber se o caso deve ser atendido. 3) Quando a missa não puder ser na paróquia fornecer um documento por escrito. (Carta circular do Exmo. – Curitiba, 21/11/1957, BOLETIM ECLESIAÍSTICO, Ano XXI, 1957. n.º 34).

Assim como em todo o Brasil, o Paraná não ficou a parte na discussão do Espiritismo e na reação a esse. Para parte da população extremamente católica, a mobilização da Igreja vai representar tanto curiosidade quanto

repulsa em relação à Doutrina que também aqui crescia gradativamente.

Em meados da década de 1950, os Documentos da Igreja em Curitiba trazem as orientações para as ações de combate ao Espiritismo. Na primeira Carta circular da Arquidiocese de Curitiba, em 1954, um dos itens para o ano é justamente a campanha desenvolvida nacionalmente, com o título “Campanha contra o Espiritismo” (Circular n.º 1, de fev. de 1954) que vem com as seguintes orientações:

Procurem os Revmos. Srs. Vigários e reitores de Igreja iniciar decidida campanha de esclarecimento aos católicos contra os erros do Espiritismo. Sirvam-se dos opúsculos de Revmo. Pe. Frei Boaventura que foram compilados justamente para este fim a pedido da Excelentíssima comissão nacional dos senhores bispos. A campanha deve ser feita de maneira suave e persuasiva, com a apresentação da sólida doutrina da igreja, evitando-se ataques pessoais e linguagem áspera ou atitudes que possam provocar comentários menos favoráveis ao sacerdócio católico. Seria de desejar que as pregações fossem feitas durante o tempo quaresmal. (BOLETIM ECLESIASTICO – Ano XVIII – 1954 n.º 31).

Em março de 1955, um ano depois, a cúria tem nos seus Boletins um Relatório detalhado das obras assistenciais da FEP que aponta que “O Albergue Noturno, obra de assistência da Federação Espírita do Paraná desde a sua fundação a 11/04/1915 até 31/12/1954 atendeu a 241.129 pessoas. No ano de 1954 foram atendidas 19.525 pessoas.” Este relatório mapeia também o que há de espiritismo, protestantismo e maçonaria em todas as paróquias de Curitiba. E aponta que na região do bairro “Santa Cândida há 2 templos na vila Tingui, onde há grande proselitismo”. (BOLETIM ECLESIASTICO, Ano XIX, n.º 32, p. 56). Deduzimos que um destes “templos” pode ser a sede da SBEE que desde sua fundação localiza-se naquele bairro.

Foi no cinquentenário da FEP, em meio a um debate nacional promovido pela Igreja Católica contra o movimento espírita, que foi fundada na cidade pelo professor Maury Rodrigues da Cruz, outra Instituição espírita, a SBEE (Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas), em 1953. A SBEE retoma no seu nome a memória da Instituição fundada por Kardec em Paris SPEE (Sociedade

Parisiense de Estudos Espíritas) e esta Instituição, pelo que pudemos pesquisar, constituiu uma caminhada própria, embora não fosse uma dissidência da FEP. Diverge daquela Instituição pela compreensão que faz da Doutrina Espírita⁶³ e pela ênfase dada à formação na área da ciência e da filosofia. Quanto à prática da caridade e do estudo da doutrina, a trajetória desta Instituição foi delineada em conformidade com o movimento espírita do Estado, buscando a transformação social, como aponta Cruz

Entendendo que o Espiritismo detém a força do novo, é agente de transformação sócio-cultural, devemos como espíritas trabalhar pela evolução espírito-social, promovendo alterações constantes que renovem e tragam respostas e satisfações em todas as direções da vida humana. Devemos olhar a sociedade como um sistema de interdependência, onde as variações estruturais em certo setor, provocam tensões e processos de adaptação noutros setores. São as leis gerais do movimento que permitem a evolução social. (CRUZ, 2000, p. 6).

A SBEE, como as demais obras filantrópicas e o Lar-Escola Leocádio José Correia estão diretamente ligadas à figura do Professor Maury. Relatos históricos produzidos por participantes da SBEE narram aspectos muito significativos da vida de Maury Rodrigues da Cruz e de sua atividade mediúnica, que teria se iniciado aos dois anos, quando começaram a ocorrer fenômenos estranhos, “De repente, o menino passa a ter um comportamento estranho, como se fosse outra pessoa, pensando e agindo como se tivesse mudado de personalidade”. (Ata da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 5). São inúmeros relatos de situações vividas pelo garoto. Quanto a sua vida escolar

Maury fez o curso primário no Grupo Escolar do Bacacheri. Naquela época tanto a Vila Tingui como o Bacacheri, eram dominados por extensas propriedades particulares. Ali também estavam localizadas amplas áreas destinadas à internada do Exército. Assim, ruas e caminhos eram escassos, o que obrigava Maury a uma jornada a pé de seis km até chegar ao grupo escolar. Quando chegou ao curso secundário, Maury

⁶³ Já apontamos algumas diferenças anteriormente. Consta no site da Instituição e em diversas obras que a SBEE tem como missão “reconceituar o Espiritismo”.

transferiu-se para o Colégio Estadual do Paraná, lá permanecendo até seu término. O percurso até o colégio era feito parte a pé e parte de ônibus. As manifestações da mediunidade de Maury estiveram presentes no decorrer de toda sua vida escolar. Na escola primária eram comuns as notificações de que o menino houvera tido delírios, vertigens, ou então de que assumira comportamentos próprios de pessoas adultas. Na escola secundária, parece já existir um controle maior exercido pelos espíritos, para as manifestações ocorridas. E elas aconteciam antes e após as aulas, mas agora assumindo toda a característica de um atendimento espiritual, coordenado e dirigido. E este atendimento era diário a um número que muitas vezes passava de 20 a trinta pessoas. (Ata da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 19).

O Núcleo Espírita Afonso Pena, que deu origem a SBEE, surgiu a partir da iniciativa de um tio de Maury Rodrigues – o General Clovis Chagas de Azambuja e foi formado

por volta de 1952. As manifestações de ordem mediúnica ocorridas com Maury, tinham se intensificado como nunca, particularmente o atendimento a pessoas e a produção de fenômeno ectoplasmático⁶⁴. Contava ele com 12 anos então – o General Clóvis Chagas de Azambuja – que já tivera em sua vida uma longa convivência com a Doutrina Espírita, fundou um pequeno núcleo espírita, como forma de coordenar as atividades desenvolvidas pelo médium e também atendendo aos impositivos do plano espiritual – que já via condições de estruturação de tal núcleo. (Ata da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 24).

De acordo com as atas, este núcleo foi transformado, a pedido do espírito do Dr. Leocádio José Correia, em Centro Experimental de Estudos Espíritas Afonso Pena, com a sigla CEEEAP e deu início a um trabalho de assistência social na comunidade da Vila Tinguí, sendo auxiliado por sua tia Hermínia Rolim Lupion (ex-primeira dama do Estado). Em 9 de março de 1965 durante reunião dos membros da CEEEAP

houve a manifestação do Irmão Leocádio José Correia, que anuncia uma nova organização para a CEEEAP, que deveria inclusive se estender a nível nacional, com a criação de

⁶⁴ Segundo o Espiritismo o ectoplasma se constitui de um fluido, presente no corpo humano, que permite a materialização de espíritos desencarnados.

núcleos de estudos espíritas em outras cidades. Nessa mesma ocasião, ficou constituída uma comissão encarregada de estudar os estatutos que sugeriam a nova organização”. (Ata da V Semana de Estudos Espíritas, 1981, p. 34).

Em Curitiba duas escolas espíritas foram criadas nas décadas de 1950 e 1960, justamente em meio à campanha da igreja católica contra o espiritismo. Quando da entrevista com o fundador do Lar Escola, Professor Maury Rodrigues da Cruz, o questionamos sobre alguma oposição direta ao Lar Escola. Na visão dele a escola não sofreu nenhuma forma de perseguição pois

Sim, a oposição ao Espiritismo foi muito forte, mas nunca sofreu diretamente na escola. Eu venho de uma família tradicional do Paraná e, desde muito cedo, eu sempre fui muito forte. [...] Eu acho que essa proposta minha, absolutamente clara, concisa, funcional por que é uma educação funcional, eles nunca conseguiram me atingir e eu nunca soube que alguém quisesse depor contra mim, ou quisesse falar alguma coisa. Pelo contrario, eu sempre recebi. Desde muito cedo, quando eu comecei na escola, eu já fiz um grupo e comecei a atender, junto com meus aluninhos, aqueles que eram um pouco maiores e com a família, a um asilo de velhos. Eu fazia uma visita por semana, depois eu comecei, atendia, por exemplo, idosos, eu fundei a escola experimental Maria Montessori noturno. O curso primário noturno fui eu que fundei. Havia aqui muito analfabeto. Consegui. Organizei e fiz funcionar o grupo escolar durante muito tempo, fui o primeiro diretor. Para alfabetizar pessoas, possibilitar que alguns pudessem terminar o curso primário antigamente e também fazia aula em casa, ajudava essas pessoas, sempre em torno do Doutor Leocádio. O doutor Leocádio sempre foi aquela figura, eu diria assim, exponencial e substancial na minha vida. (CRUZ, Maury Rodrigues da Cruz – Entrevista. Curitiba, 18/10/2007).

Esperamos com outras entrevistas e a pesquisa documental nos arquivos do Lar Escola Leocádio José Correia esclarecer este aspecto que ainda nos gera dúvidas, pois identificamos nas fontes da arquidiocese restrições a hospitais, escolas e solenidades com orações espíritas e até mesmo à pessoa dos espíritas. Mesmo durante a realização do Concílio Vaticano II encontramos documentos que fazem referência ao necessário distanciamento dos espíritas, como nas orientações quanto a missas realizadas por ocasiões de formaturas:

Nos últimos anos nos programas de formatura tem aparecido no mesmo convite: missa, culto e preces espíritas. Na arquidiocese de Curitiba aconselha se:

Procurar combinar com antecedência as cerimônias que serão realizadas.

No caso de persistirem os promotores da missa na inserção no mesmo programa de cultos e preces espíritas, procurar convencê-los de fazer convites a parte para os atos de ação de graça e para cada crença.

Caso figure neste programa depois de advertido, procure-se cancelar a missa anteriormente combinada, salvo gravis murmuratio populi. (BOLETIM ECLESIAÍSTICO, Ano XXVI, 1963 n.º 39).

Em outra orientação de 1964, quanto ao uso de amuletos, após encaminhar as orientações e procedimentos para as benções das casas e na aplicação dos sacramentos está registrado como dever dos sacerdotes “Fomentar as benções litúrgicas. Se o sacerdote não benze, procuram os fiéis o padre da igreja brasileira que está fazendo verdadeiro proselitismo com as benções dos doentes. Se o padre se negar a dar a benção, o povo busca o Espiritismo, porque acredita nas superstições”. (Boletim. Eclesiástico., Ano XXVII, n.º 40, jan. 1963).

O propósito deste capítulo foi refletir sobre aspectos da história do Espiritismo para compreendermos esta prática na cidade de Curitiba e situarmos o Lar Escola como uma Instituição educacional espírita. Para uma trajetória de fato do Espiritismo em Curitiba seria necessário pesquisa aprofundada sobre a temática. No próximo capítulo vamos situar a figura histórica de Leocádio Correia no século XIX para podermos compreender a sua atuação como patrono da escola durante o século XX.

PARTE II – DA TEORIA À VIVÊNCIA NA PRÁTICA

3 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, O HOMEM, AS IDEIAS E SEU TEMPO

“Cada encontro do aluno com o professor há de ser a primavera, os seus encantos, a vida em flores, a poesia e o amor.”
(Leocádio Correia)

O patrono do Lar Escola Leocádio José Correia foi um médico que viveu no século XIX, em Paranaguá. A imagem dele, as ideias, as frases estão presentes na memória das pessoas e nos documentos relacionados ao Lar Escola, como se ele fizesse parte do seu dia a dia. Mas, quem foi Leocádio Correia? Por que suas ideias são tão presentes? Neste capítulo vamos tentar responder a estas questões, procurar, ainda que de forma incipiente, conhecer melhor a figura, o contexto em que viveu e as ideias defendidas por ele, já que ainda hoje estão presentes na Escola.

Leocádio fazia parte de uma das famílias tradicionais do litoral paranaense. O pai, Manoel José Correia, era comerciante português e a mãe Gertrudes Correia, nascida em Paranaguá, era dona de casa. O casal teve 8 filhos, sendo que três morreram antes de completar um ano de idade. Entre os irmãos de Leocádio estão Manoel do Rosário, que recebeu o título de Comendador em 1886⁶⁵ e Maria José, que se tornou a Baronesa do Cerro Azul. Leocádio Correia foi, portanto, cunhado do Barão do Cerro Azul, personagem da Revolução Federalista no Paraná.

⁶⁵ O título de Comendador era destinado a Leocádio Correia por indicação da Princesa Izabel, que o conheceu nas comemorações da inauguração da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá. Com a morte repentina de Leocádio, em 1886, o Imperador D. Pedro II manteve o título para o Irmão mais velho de Leocádio, Manoel, político e jornalista, como uma homenagem à cidade de Paranaguá.

Leocádio nasceu em 1848 e faleceu em 1886. Quando nasceu o Paraná constituía ainda a 5.^a comarca de São Paulo, pouco tempo depois, porém, ocorreu a emancipação política, tornando-se a Província do Paraná. Segundo Romário Martins

Ao se instalar a Província, a Comarca da qual ela se constituiu contava em seu território com duas cidades: Curitiba e Paranaguá, sete vilas – Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, São José dos Pinhais, Príncipe (Lapa), Castro e Guarapuava, seis freguesias [...] e quatro capelas curadas. [...] Paranaguá comercialmente era mais importante, então, que Curitiba. Sua população era de 6.533 habitantes [...] Tinha 133 casas comerciais, 2 hotéis, 6 alfaiatarias, 7 ferrarias, 2 marcenarias, 5 engenhos de serrar, 11 de socar e 8 de moer. De sua edificação 55 eram sobrados e 498 eram térreas. Sua produção agrícola era café, mandioca, arroz, milho, feijão e cana de açúcar. Havia manufaturas de cabos e betas de imbê, artefatos de barro e de madeira. Fabricava-se aguardente e pilava-se arroz, em quantidades exportáveis. (MARTINS, s/d. p. 328).

José Augusto Leandro estudou a comarca de Paranaguá no período entre 1850-1888, recorte histórico muito próximo ao período da vida de Leocádio Correia. Este autor aponta uma das questões ainda pouco estudadas pela historiografia do Paraná, o comércio de escravos, analisando a formação da riqueza das famílias ligadas ao comércio observou que

Os ricos de Paranaguá, além de possuir escravos, orgulhavam-se em pontilhar a paisagem da cidade com prédios assobradados, casas térreas e armazéns na Rua da Praia; também deleitavam-se com o ir e vir de suas embarcações que, muitas vezes, chegavam ou saíam da baía com carregamentos suspeitos. Mas é possível afirmar com convicção que as habitações urbanas, ao lado da propriedade de escravos, constituíam as faces mais imediatas que identificavam os poderosos naquela sociedade, pelo menos até os primeiros anos da década de 1880. Assim, se nos questionarmos acerca de uma possível mudança na face material da riqueza dos bem afortunados parnanguaras entre 1850-1888, não encontraremos, ao longo deste período, grandes modificações. Pelo contrário, tudo indica uma estabilidade no entendimento do que caracterizava a riqueza naquela sociedade. Talvez a única novidade esteja no fato de

que entre os mais ricos, apólices da dívida pública e ações de companhias de navegação tenham surgido como estratégia de manutenção ou ampliação do capital num momento (especialmente depois da Lei do Ventre Livre) em que eram nítidos os sinais do final do regime escravocrata no país. (LEANDRO,2003, 117).

Em seus 38 anos de vida, Leocádio Correia participou ativamente da vida política e social da cidade nas áreas de saúde, cultura e educação. Atuou como ator, escreveu e dirigiu peças de teatro, foi deputado provincial e, posteriormente, vereador por duas legislações, foi inspetor de saúde dos portos de Paranaguá e de Antonina, foi inspetor paroquial de escolas de Paranaguá, sendo que Inspetor Paroquial era considerado o cargo mais importante na cidade. Todas estas atividades desenvolvidas em paralelo ao exercício da Medicina, vocação que exerceu plenamente e pela qual ficou conhecido como o “Médico de homens e de almas”.

Leocádio Correia é até hoje lembrado e reverenciado pela memória de Paranaguá por seu papel no atendimento às famílias carentes, constituindo-se numa espécie de mito no imaginário da cidade. Sua história é contada de forma poética em dois livros, o primeiro, “A vida do Dr. Leocádio”, editado em 1979 pela Prefeitura de Paranaguá, de autoria de Valério Hoerner Junior⁶⁶, teve as duas primeiras edições lançadas e esgotadas rapidamente⁶⁷. O segundo, “Brumas do Passado: Dr. Leocádio Médico de Homens e de Almas”, lançado como romance biográfico e de ficção de Rubens Correa do Centro de Letras do Paraná foi editado em 1995. O Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá mantém um arquivo especial sobre Leocádio Correia contendo, além dos materiais produzidos por ele, jornais, edições históricas, material biográfico, súmulas das homenagens e discursos proferidos no Clube Literário. Por ocasião do centenário de sua morte foi homenageado com cadernos especiais por vários jornais de Curitiba e de Paranaguá, bem como por produções cinematográficas paranaenses.

⁶⁶ Hoerner escreveu um primeiro livro chamado *O morto vivo* em 1977.

⁶⁷ Em maio de 2007, por ocasião das comemorações de 121 anos de falecimento de Leocádio José Correia este livro foi reeditado pela Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas com acréscimos e revisão do autor.

Leandro (2003) localizou o folhetim “Scenas do Mar” escrito por Leocádio, em que ele descreve um dialogo entre dois marinheiros do navio Neptuno em 1852 e mostra aspectos da realidade local, em que o trabalho como marinheiro poderia garantir uma melhoria de vida:

- O nosso cobre é o mais bem ganho que há debaixo do sol.
- E também mais mal gasto.
- Lá isso é verdade: ele em nossas mãos escorrega como se lhe deitassem sebo.
- Menos o do João Gallego que está em terra com uma bodega e os cobres não os ganhou ele de outra forma senão a puxar pelos cabos.
- Mas também ajuntou-os em bom tempo: acabou-se o tráfico da escravatura, que foi onde ele atolou as botas! Aquilo sim, era um louvar a Deus! Quando o navio desovava a negrada, via dinheiro e dinheiro de encher a vista! A vida não era má... pondo de parte o risco de ir dar com o costado em Serra Leoa ou Santa Helena...(2003, p. 66).

De acordo com Leandro

João Gallego devia ser, à época em que o folhetim foi escrito (1870), um pequeno comerciante atuante em Paranaguá. Ele provavelmente existiu na "vida real", e juntamente com Manoel Antonio Guimarães auxiliou no delineamento do arcaísmo daquela sociedade. Outros elementos presentes na narrativa de "Scenas do Mar" foram todos "copiados" da realidade: o nome do navio (Neptuno), o seu itinerário (Paranaguá-Montevideú), bem como o costume da devoção e do pagamento de promessas, por parte dos marinheiros, à Nossa Senhora do Rocio. (LEANDRO, 2003. p. 66).

O objetivo deste capítulo é situar Leocádio Correia enquanto inspetor paroquial a partir dos relatórios produzidos por ele, bem como compreender a construção do mito e a relação com as ideias e representações presentes no Lar Escola ao longo destes quarenta anos do recorte temporal.

3.1 ASPECTOS DA VIDA DE LEOCÁDIO CORREIA

Inicialmente Leocádio manifestou interesse em seguir a carreira religiosa. Como em Paranaguá não havia seminário, foi enviado para o Seminário de São Paulo, onde estudou por cinco anos. De acordo com Augustin Wernet, esse seminário foi fundado por Dom Antônio Joaquim de Melo e, com uma educação extremamente rígida, representou uma organização e moralização do clero de São Paulo. O código interno previa normas como o horário em que os alunos deveriam acordar – às cinco horas da manhã, períodos de férias, extremamente curtos para evitar que o contato com o mundo exterior pudesse interferir na formação recebida, a qual tinha o objetivo de “regenerar o país pela religião romana exclusivista e intolerante, como confessam a Cúria romana e os ultramontanos” (1987, p. 117). Leocádio, como os demais seminaristas da época, estudava

Matérias como Dogmática, Teologia, Moral, História Eclesiástica e as diversas disciplinas filosóficas ficaram quase que exclusivamente sob a responsabilidade dos capuchinhos. Os professores nacionais deram mais as aulas de Latim, Francês, Inglês, Aritmética, Geografia, Retórica, Música e Física. (WERNET, 1987, p. 116).

Posteriormente Leocádio foi enviado ao Colégio Episcopal de São Pedro de Alcântara no Rio de Janeiro, porém, em 1868 pouco antes de fazer os votos religiosos, começou a questionar o papel da igreja em relação à escravidão. Na visão de Leocádio, a igreja pregava a igualdade entre os homens, mas justificava a escravidão como uma Instituição normal e necessária à vida do Império. Apesar de sua família ter escravo, segundo os autores da sua biografia, Leocádio sempre aprendeu a tratá-los de forma diferente, não aceitando a posição de muitos senhores no trato desumano com a escravidão.

O estudo já citado neste capítulo de Leandro aponta uma situação que Leocádio encontrará ao retornar a Paranaguá no tocante à escravidão, a

[...] pauta da riqueza de alguns negociantes paranaenses de grosso trato, especialmente os da praça de Paranaguá, também os resultados advindos do comércio negreiro. Ele contribuiu não somente na moldagem de uma sociedade escravista no Paraná, como também é revelador de uma cultura política e econômica fundada na reiteração de "uma sociedade historicamente solidária com a exclusão".

Nesse sentido, vale lembrar que muitos livres pobres não apenas presenciaram a circulação ilegal de africanos na baía de Paranaguá, como também alguns deles tomaram parte ativa, como trabalhadores, no suporte às atividades ilegais do tráfico. Como bem lembra Jaime Rodrigues, "tal comércio contava não só com pontos de apoio na África e com navios negreiros, mas também com receptadores nos locais de chegada desses navios [...]". Em nosso caso, certamente alguns desses receptadores locais eram moradores das próprias comunidades espalhadas pela baía de Paranaguá. (2003, p. 64-65).

Aos 19 anos, após deixar o seminário, foi para o Rio de Janeiro estudar Medicina. Sua vida acadêmica foi marcada pela participação na política estudantil, lembrando que o Brasil vivenciava a Guerra do Paraguai. Além da literatura e da participação no movimento abolicionista, escreveu textos que foram encenados no Rio de Janeiro e mais tarde em Paranaguá. "O Teatro mereceu a sua atenção e estudo, tendo se utilizado do palco cênico para a sua campanha contra a escravidão negra." (Gazeta do Povo, 16 maio 1986).

A atuação de Leocádio Correia com o teatro é também destacada na história do Clube Literário de Paranaguá

[...] Leocádio Correia, estimulando os moços a escrever peças, cujos ensaios ele dirigia pessoalmente, e foi tanta a sua atividade e tão eficiente o seu papel na orientação dos que se dedicavam às Letras, que Paranaguá foi, durante tanto tempo, um dos maiores centros literários do Brasil. Influenciado pelo entusiasmo envolvente de Leocádio José Correia, escreveu Leôncio Correia, um drama "Talento e Ouro", que subiu a cena no Teatro Santa Cecília, obtendo inigualável êxito. E não esqueçamos de dizer que a Plateia parnanguara, culta, era

exigente e difícil de contentar (DIRCEU LACERDA, apud Ribeiro Filho, 1972, p. 51).

Durante a faculdade ministrou aulas particulares de língua portuguesa e língua francesa. Leocádio Correia, como os demais filhos de famílias aristocráticas daquele período, tinha um bom domínio da língua francesa. A maior parte da literatura médica estudada na faculdade era em língua francesa. As aulas ministradas por ele tinham por objetivo complementar a mesada que recebia da família num período em que seu pai passou por uma fase de crise financeira.

Segundo Ferreira (2001), FONSECA (2001) e EDLER (2001) a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro se caracterizou, até a década de 1860, por um discurso científico-médico pautado em disputas entre correntes de influência francesa que propunham a intervenção direta do médico com sistemas como sangrias, dietas, sanguessugas ou na corrente que defendia a confiança no poder da natureza. Leocádio, cursando medicina entre os anos de 1867 e 1873, passou por aquele período de transição nos debates entre as tendências médicas as quais os citados autores afirmam ter permanecido até a década de 1860 e “somente no final da década de 70 os novos temas relacionados ao advento da medicina experimental começam a repercutir significativamente no ambiente intelectual daquela Instituição determinando mudanças no padrão de ensino vigente”. (2001, p. 72).

Formado médico, Leocádio retornou a Paranaguá, em 1873, onde começou a atender em sua clínica particular e ao mesmo tempo consultar a população carente na Santa Casa de Misericórdia. Ele também, com frequência, percorria a periferia da cidade para atender pessoas em situação de abandono. Ficou conhecido em Paranaguá pelo seu temperamento humanitário e pelo carisma que exercia, sendo uma figura respeitada e considerada em vários meios.

A partir de 1872, Paranaguá começou a conviver com o medo da febre amarela. Naquele ano, uma epidemia matou muitas pessoas em Antonina. O Dr. Leocádio começou um trabalho de monitoramento e acompanhamento dos casos que apareciam, registrando e anotando sintomas e evolução individual.

Enquanto acadêmico, no curso de Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, Leocádio Correia conviveu com um dos grandes nomes da medicina brasileira daquele período – o Doutor João Vicente Torres Homem. Leocádio foi encarregado por ele de coletar minuciosos apontamentos das preleções do Dr. João Vicente, tarefa esta que garantiu subsídios para a publicação das lições sobre a febre amarela do renomado catedrático em 1872. No prefácio da obra consta

Não era minha intenção publicar estas lições, porém entre meus discípulos há um que dispõe de rara habilidade de poder extrair fielmente os discursos que ouve sem servir-se para isso dos sinais de taquigrafia; esse moço que se chama Leocádio Correia e que tem sempre tomado as minhas lições, tomou essas que aparecem hoje publicadas. Para que saíssem mais completas e não se ressentissem das lacunas inevitáveis ao sistema até então seguido, o mesmo aluno, de acordo com seus companheiros, contratou um perito taquígrafo para tomá-la por extenso. Depois de confrontada a decifração com os extratos, o Sr. Leocádio Correia conseguiu apresentar um resumo fiel das minhas lições sobre a febre amarela, pedindo-me o corrigisse a fim de ser publicado, pois assim desejavam todos os meus discípulos, de quem ele era o legítimo representante no pedido que fazia. À vista do que acabo de expor eu não podia nem devia negar-me a satisfazer tão louvável pedido, muito honroso e lisonjeiro para mim. (HOERNER, 1977, p. 92).

O que foi de grande valia no exercício de sua profissão, quando se deparou com a ameaça presente da febre amarela, em meados do ano de 1877, em Paranaguá e Antonina.

Em 1875, quando assumiu cargo de inspetor sanitário dos portos de Paranaguá e Antonina, determinou a inspeção de todos os navios antes de atracarem no porto. Em geral, esta inspeção era feita por ele, só autorizando o desembarque quando constatava não haver nenhuma suspeita da doença.

Em 1877, porém, um navio à vela alemão vindo do Rio de Janeiro com mais de 50 tripulantes, a maioria já atingida pela febre, ancorou em Paranaguá com bandeiras de alerta da situação interna. Segundo Hoerner

A tripulação do brigue alemão sucumbiu. Apenas os dois marinheiros não afetados puderam ao cabo de um mês desembarcar. Não ficou nisso, porém. Os casos de febre começaram a proliferar. Os remédios eram poucos. Os conhecimentos a respeito do mal eram pequenos. Já haviam morrido 113 livres, 70 escravos e somente 1 ingênuo. Conforme relatório da época. [...] Dr. Leocádio tomou providências, as que pôde. Alertou a população por meio de folhetos impressos, na maioria às suas expensas, uma vez que as verbas inexistiam. Recomendou a todos os princípios de higiene [...] precisava estudar. A febre amarela carecia de maiores conhecimentos científicos. O Dr. Leocádio estudava, pesquisava, associava casos, experimentava sem riscos, procurava enfim um meio de debelar a epidemia. (HOERNER, 2007, p. 145-146).

Esta epidemia, em 1878, atingiu a população de Paranaguá, fazendo vítimas em todos os níveis sociais, contudo, a população escrava foi a mais atingida e a que teve maior número de vítimas. Muitas famílias que tinham posses saíram da cidade, que foi isolada, inicialmente, por via marítima, posteriormente, pelas estradas, impedindo a entrada e saída das pessoas.. Até mesmo a filha do Dr. Leocádio, Clara, de um ano e meio, contraiu a doença, quando ele, como um último recurso, testou na filha um remédio produzido em conjunto com o boticário da cidade. Dr. Leocádio, já no início da epidemia, mandou seus estudos experimentais utilizando ervas para a faculdade do Rio de Janeiro e esperava testes e autorização das autoridades sanitárias do Império para usar a fórmula criada por ele. A resposta nunca chegou, mas após Clara ter sido a sua primeira cobaia, vários casos da doença foram sanados. Gondra afirma que

A febre amarela, por exemplo, foi um objeto que atraiu um contingente significativo de alunos de Medicina que tomaram esta questão como objeto das teses que escreviam no final de seus cursos. Nestes casos, a educação dos indivíduos comparecia como um dos requisitos necessários para eliminar o flagelo que abatia a corte. (GONDRA, 1998, p. 49).

Uma das formas de controle da doença, determinada pelas autoridades da capital da província, foi o isolamento de parte da população escrava na Ilha

de Valadares. A esta prática Dr. Leocádio Correia foi contrário, alertando dos riscos que poderia gerar, os quais de fato confirmaram-se anos depois, na violenta revolta com assassinato de todos os guardas que vigiavam os escravos, nas fugas, rebeliões e ameaças à cidade que se estenderam por vários meses.

Esta revolta ainda não é significativamente estudada pela historiografia paranaense, uma das fontes possíveis são os relatos de Leocádio sobre a angústia que sentiu com o confinamento daqueles seres humanos. Em 1878 foi publicado no Jornal Gazeta Paranaense o Relatório do então presidente da Província, Dr. Rodrigo Otavio de Oliveira Menezes, no qual este relata a situação da saúde em vários pontos da província e faz referência ao Dr. Leocádio afirmando que

[...] Na cidade de Antonina onde a febre amarela causou sérios estragos despovoando quase essa importante cidade. A epidemia começou a 15 de fevereiro e até 5 de abril já tinha atacado 179 pessoas, das quaes falleceram 51. Na cidade de Paranaguá não poucos os caso e fataes da mesma epidemia se tem manifestado. Graças a boa sorte desta população e aos cuidados do Sr. Dr. Leocádio Correia, um dos dignos membros desta Assembleia, não temos que lamentar grandes perdas. Tenho satisfeito a todas as requisições que me tem dirigido a comissão sanitária desta cidade. No resto da província, o estado sanitário é satisfactorio. (Gazeta Paranaense, 12 / 06/1878).

Foi ainda durante o surto da febre amarela que, em 1876, Leocádio pela primeira vez visitou Curitiba, quando veio para assumir o cargo de deputado provincial, tendo sido eleito para o mandato de 1876/1877, sendo reeleito para outro mandato de dois anos. Nas memórias de Leocádio, a grande importância daquela viagem foi ter estabelecido contato com o Dr. Muricy, de quem se tornou muito amigo e também do Dr. Trajano Reis, além da convivência maior com o primo e político Eufrásio Correia. Segundo Corrêa

O seu mandato é fundamental para o partido conservador, pois Leocádio é uma espécie de elo de ligação com os liberais que tem por ele o maior respeito, é monarquista, mas acima de

tudo é um convicto abolicionista e o partido conservador respeita os abolicionistas, ainda que monarquistas, dadas às tendências republicanas que andam se manifestando entre os liberais”. (CORRÊA, 1989, p. 121).

Naquele período as sessões eram realizadas dia sim, dia não. O quanto a viagem até Paranaguá era difícil, escreveu Bigg-Wither ao dizer que em 1872 “uma viagem entre Paranaguá e Curitiba representava uma temerária aventura: através desse caminho atroz – diz ele – os cavalos patinharam e as carroças rangeram durante três horas. Qual o motivo por que elas não se desconjuntaram com tão tremendo esforço e solavancos, sempre será um mistério para mim. (BIGG-WITHER: 1974, p. 41). Leocádio resolve então permanecer em Paranaguá para não se afastar da atividade médica, visto que na cidade, além dele, existiam somente mais dois médicos. Toma então a atitude de subir a cada dois meses, quando então ficava uma semana na capital para dar conta de suas obrigações como parlamentar. Segundo HOERNER, “Certamente pela forma distante como atuava não foi um parlamentar de muito destaque, porém sua presença junto ao governo provincial foi de inigualável importância ao Partido Conservador.” (1979, p. 96).

Na edição de 2007, Hoerner cita que

Atendia o Dr. Leocádio as aspirações de Manuel Euphrasio Correia, presidente da Assembleia durante o período, que por sua vez desejava a continuidade do parente na vida política. Sua presença facilitaria sua própria atuação no meio parlamentar. Cuidando o Dr. Leocádio da educação na Província, matéria essa sempre merecedora de cuidados especiais do médico e educador, era para os presidentes, tanto da Assembleia como da Província o homem certo no lugar certo, consciente e convicto. (HOERNER, 2007, p. 175)

Leocádio Correia não aceitou concorrer para o terceiro mandato, optando por disputar a Câmara de Vereadores de Paranaguá em 1879. Um aspecto interessante da sua atuação política foi ele ter sido, desde estudante, um abolicionista convicto e, ao mesmo tempo, um monarquista e, como outros políticos da família, pertencer ao Partido Conservador. Para ele, a abolição da

escravatura não precisava ser resultado da mudança de regime político do país. Os contemporâneos de Leocádio Correia reconheciam este ideal e questionavam a sua permanência no Partido. Numa conversa entre dois membros do Clube literário em 1884, Leocádio é descrito como

[...] outra inteligência brilhante, quase foi padre! Mal terminou os estudos primários matriculou-se no Seminário de São Paulo. Fez todo o curso de humanidades. Iniciou os estudos que o levaria a carreira clerical. Súbito, porém, como aconteceu ao Padre Vieira, dá-lhe um estalo na cabeça. Abandonou o seminário e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Recebeu o grau de doutor em 1873, defendeu importante tese. Recebeu os mais calorosos elogios do ilustre mestre doutor Torres Homem, de quem guarda profunda afeição e respeito. Aqui é o homem dos pobres, mas vive encasulado numa família católica e pertencente ao partido conservador. Mas tenho a impressão que em breve baterá as asas, pois não tolera a escravidão. (TOURINHO, 1986, p. 537).

Monteiro Tourinho, contemporâneo de Leocádio, segundo CAMPOS (2006), teria apresentado a Rocha Pombo a obra de Camille Flammarion⁶⁸, físico francês que conviveu com Allan Kardec, tendo produzido obras que são referências na Doutrina Espírita. Esta citação nos faz pensar que Leocádio Correia, sendo um intelectual, e tendo convivido com nomes que conheciam a Doutrina Espírita, manteve-se fiel à sua formação religiosa no catolicismo, sem se influenciar pelo pensamento presente na elite intelectual da época, o espiritismo.

O historiador Romário Martins, ao abordar a luta pela abolição na Província do Paraná também cita o Dr. Leocádio

“A sociedade Redenção Paranaguense conseguiu realizar prodígios de êxitos. Só num dia, a 28 de Setembro de 1884, entregou cartas de alforria a 40 cativos. [...] o Dr. Leocádio José Correia, médico ilustre e humanitário, grande delicado e luminoso espírito ainda agora evocado pelos paranaenses, precisou dar uma ama para o seu primogênito, que é hoje o Dr.

⁶⁸ Camille é autor, entre outras das obras de: Os mundos imaginários e os mundos reais; As maravilhas celestes; Deus na natureza; Contemplações científicas; Narrações do infinito; Sonhos estelares; A morte e seus mistérios. (CAMPOS, 2006, p. 36).

Leocádio Cisneiro Correia. Comprou uma negra sadia e jovem, mas antes de lhe confiar o filho, libertou-a para que seu primogênito não se alimentasse de leite escravo”. (MARTINS, s/d, p. 309).

Leandro, estudando os inventários da comarca, cita a mãe de Leocádio e confirma a afirmação quanto à posse de escravos na família

Em 1882 falecia Dona Gertrudes Pereira Corrêa, esposa do capitão Manuel do Rosário Correa, mãe de um conhecido médico na cidade de Paranaguá, o Doutor Leocádio Correa. Apesar de possuir apenas uma escrava à época de sua morte, Dona Gertrudes era uma mulher muito rica. Na cidade era proprietária de dois sobrados na Rua da Praia, que totalizavam 9 contos e 700 mil réis. Assim como Araújo Triste, possuía apólices da dívida pública, ações da Companhia Progressista e apólices do empréstimo nacional de 1868. Esses papéis totalizavam pouco mais de 25 contos de réis. Seu monte-mor bruto foi estipulado em 58 contos, 903 mil e 227 réis e a partilha foi dividida por cinco filhos, todos casados, sendo três residentes em Paranaguá e duas em Curitiba. (LEANDRO, 2003. p. 104).

Observamos que no inventário é referenciado apenas o nome de Leocádio José Correia. Este documento, citado por Leandro, nos permite apreender a importância de Leocádio como médico na cidade de Paranaguá. Sem dúvida, pois, Leocádio é um personagem marcante na história da cidade no século XIX.

3.2 LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA: INSPETOR PAROQUIAL DAS ESCOLAS DE PARANAGUÁ

O Paraná, até 1853 constituiu a 5ª Comarca de Paranaguá. Segundo Trindade e Andreazza, quando

da instalação da Província, a situação da instrução pública era precária. Apenas 615 alunos frequentavam os cursos de primeiras letras, numa população de 62.000 habitantes. O ensino secundário era praticamente inexistente e o pouco que havia em Curitiba buscava atender à demanda local e do interior da Província.

Em 1870, o incentivo trazido pela regulamentação introduzida pelo governo imperial nos cursos de preparatórios às academias superiores (Direito, Medicina, Farmácia, Exército e Marinha) provocou o desenvolvimento do ensino secundário, principalmente no campo da iniciativa privada, o que lhe dava um cunho elitizante.

Desde 1846, houvera a tentativa de introduzir na Comarca o ensino secundário, com a criação de um Liceu, dirigido a uma clientela exclusivamente masculina e que funcionou intermitentemente até o final do século. Sua organização tinha várias imperfeições, principalmente no que tocava ao rol das matérias. Em 1876, o antigo Liceu reabriria seus cursos sob a denominação de Instituto Paranaense, funcionando em conjunto com a Escola Normal. Essa Instituição, inicialmente destinada, como o Liceu, a uma clientela masculina, também não vingou antes do período republicano. O número de alunos matriculados nos dois estabelecimentos não ultrapassava, à época, duas dezenas por ano. (TRINDADE e ANDREAZZA, 2001, p. 61).

O quadro geral da educação na província não era diferente do restante do país. Poucos jovens que tinham condições financeiras cursavam o ensino superior, como foi o caso de Leocádio Correia. Trindade e Andreazza nos lembram que

Em Paranaguá, Castro, Ponta Grossa e Morretes também houve tentativas de criar colégios secundários públicos e particulares, paralelamente às aulas avulsas financiadas pelo governo. Essas aulas eram ministradas por um professor, geralmente provido por concurso, que oferecia uma ou mais

matérias que correspondiam aos interesses da administração pública e às solicitações da comunidade. Eram mais comuns as aulas de latim, francês, inglês, aritmética, geometria, geografia e, mais tarde, de ciências naturais, química e física. Nas escolas particulares, ensinava-se também português, alemão, história e, na década de 1880, eram ofertados os cursos de preparatórios, para o ingresso nas academias superiores. As matérias escolhidas para o exame de admissão às academias mostram claramente a preferência pelas humanidades – sobretudo, pelos idiomas – que marcava a sociedade da época. (TRINDADE, 2001, p. 62).

Paranaguá, mesmo assim, era considerado de acordo com as autoras citadas (2001) um importante centro cultural da província, visto desde 1840 já ter inaugurado o Teatro Paranaguense, e ter alguns nomes conhecidos na Província ou mesmo no cenário nacional, como na música o compositor Brasília Itiberê, na poesia os poetas Fernando Amaro e Júlia da Costa e nas artes plásticas a pintora Iria Correia, considerada a primeira pintora do Paraná. Iria era prima de Leocádio Correia.

Quanto à educação das primeiras letras, desde 1834, quando o império definiu que a instrução primária e secundária eram de competência dos governos provincial, este ensino ficou praticamente abandonado no país. Em Paranaguá não foi diferente. Quando Leocádio assumiu a inspetoria, em 1885, esta situação se arrastava desde a década de 1830.

Por que um médico se envolveu com a área da educação? Podemos citar Gondra que analisando a contribuição da Medicina no século XIX nos mostra como

o movimento de ampliação da medicina, especialmente quando ela toma para si o dever e a responsabilidade de definir regras para a organização e funcionamento da educação escolar, possibilita reconhecer heranças que foram engendradas no que diz respeito ao modo de compreender o desenvolvimento físico intelectual e moral da juventude da corte e nele intervir a partir de uma perspectiva médica e higienista [...] Objetivas e neutras, enfim. Heranças que compõe o limite, elementos constitutivos de uma cultura escolar que transversaliza o tempo, forjando doutrinas, interpretações e informando práticas escolares. (GONDRA, 1998, p. 40-41).

Leocádio Correia, sempre demonstrou preocupação com a Educação. Tanto no jornal Gazeta Paranaense, quanto no Dezenove de Dezembro. Dos anos pesquisados há referências a projetos de Educação encaminhados ou sugeridos por ele. No período em que foi deputado, assumiu a presidência da Comissão de Ensino instalada naquela casa legislativa. Anteriormente, quando retornou a Paranaguá, formado médico, foi convidado a participar, no Clube Literário de Paranaguá, da Folha Literária editada pelo Clube, da qual era redator Ityberê. Seus artigos no jornal, bem como os discursos que proferiu, em geral faziam referência à importância que a educação tinha ou deveria ter para a sociedade local e para o país.

Foi Leocádio que apresentou a proposta para a criação de um curso noturno preparatório para pessoas que não tiveram acesso à escolarização depois das cadeiras de primeiras letras. O curso abrangia as áreas de inglês, francês, geografia, história, poética e retórica. Ele, inclusive, atuou como professor neste curso, ministrando aulas de teatro, francês e português.

Em 1882, o Clube Literário instalou oficialmente um Curso Mercantil que era uma proposta do presidente da província Dr. Carlos Augusto de Carvalho. Esta iniciativa teve tal repercussão que recebeu mensagens de congratulações do Imperador D. Pedro II. Leocádio tendo sido o orador da sessão afirmava

O século XIX perpetuará a era soberba de seu mais célebre impulso! Enquanto rasgando o espaço, despertando a natureza virgem, a locomotiva aproxima as distâncias, acorda os ermos, povoa os desertos, e desfaz os estorvos que se opõem ao ímpeto de seu curso vertiginoso; – enquanto o vapor afrontando as ondas, rompendo os oceanos, vencendo a fúria dos mares, liga o Velho ao Mundo Novo; – e o telégrafo, maravilhando o Universo leva em suas asas, quase tão rápido como o pensamento, o próprio pensamento; – a instrução, esteio sólido de toda a civilização, difundindo-se por sua vez, espanca as trevas da inteligência iluminando os ínvios desertos da razão e estendendo suas produtoras raízes, novos horizontes descortinam a outras grandezas superiores, e de dia para dia patenteia, demonstra que por ela e só por ela que essa revolução de ordem física tem se manifestado nesses prodigiosos frutos da inteligência humana esclarecida!

Maravilhas fecundas que assoberbam esta época das luzes, e que confundiriam os séculos idos se pudessem ressurgir do abismo do nada em que jazem! Meus senhores! A noite espessa que envolve as eras primitivas do mundo da humanidade nos impossibilita de devassar o segredo da origem da civilização, da ciência e da instrução; e se não podemos assim avançar que o berço das luzes da razão foi o próprio berço da humanidade. (Clube Literário, 21/07/1882).

Podemos analisar nesta exposição de ideias o conhecimento, a oratória e a capacidade em estabelecer relações entre os movimentos vivenciados na Europa com o sonho de transformação e crescimento na longínqua cidade de Paranaguá.

Leocádio Correia continua expondo a importância da escola como a mola propulsora e a responsável pelo desenvolvimento das sociedades.

Esta ideia esteve presente no pensamento intelectual até meados do século XX, quando a escola é vista como a força “regeneradora da sociedade” sendo representada por nomes como Anísio Teixeira e Fernando Azevedo. (VIEIRA, 2003) Odalia, analisando Oliveira Viana, aponta que “a educação proposta por [ele] tem como fonte de inspiração e como alavanca de seu desenvolvimento, o político”, pois só o Estado é capaz de introduzir em todas as atividades “o princípio ético ou o sentido do bem comum e nacional” (ODALIA, 1997, p. 160). Este autor também afirma que estas ideias são “uma das mais queridas e mais ardorosamente defendidas, a de que só é possível alcançar-se o bem comum, a nação solidária, se estas ideias forem ensinadas e massivamente difundidas entre o povo” (ODALIA, 1997, p. 160).

Leocádio, nesta perspectiva de reflexão, assim continua o discurso

Deixemos de lado as tradições maravilhosas das épocas remotas; não nos importem as eras heroicas ou fabulosas, porque elas abdicaram em favor dos templos históricos; assistamos na velha Ásia ao desmoronamento do império de Assur, e vejamos ressurgir de suas ruínas os três reinos de Nino, Belesis e Arbace, tão fecundos para a civilização; – respeitemos as lágrimas da altiva Samaria que chora sobre suas ruínas a dispersão dos filhos de Israel, mas, ao mesmo tempo, alegremo-nos, porque luz jaz no horizonte, tão brilhante como aquela que guiou os magos ao berço do Deus Infante – a

estrela nuncia da rainha do mundo, da Roma dominadora, onde Tarquino, o Prisco lançou os alicerces dois primeiros templos, e as bases da primeira escola! O templo e a escola! A fé e a instrução! A religião e a ciência! Síntese grandiosa e divina! Elo primo da cadeia da civilização! Fonte maravilhosa de sua sublime origem! A escola foi e será sempre o farol luminoso que guiará a humanidade ao seguro porto da redenção moral. Desprezar a luz que dele irradia é com certeza buscar o naufrágio do espírito nos turvos baixios da ignorância! Foi dos frutos colhidos na escola que a inteligência ilustrada produziu os cantos imortais que eternizaram os nomes de Homero e Virgílio! Foi dos frutos colhidos na escola que a inteligência ilustrada imaginou e levou a efeito essas máquinas prodigiosas que centuplicaram a fecundidade do trabalho! Foi dos frutos colhidos na escola que surdiu esse monstro de fogo que nos arrebatou, rasgando a terra e devorando o espaço! A escola é tão necessária, a instrução tão preciosa, como o alimento que nos nutre! O espírito, como o corpo, carece de seiva para viver: o pão do espírito é a sua ilustração e as primeiras sementes desta só na escola são colhidas! E por isso, Senhores, que entre todos os povos atualmente, com uma unanimidade triunfante, as atenções são atraídas para a criação de escolas. (Clube Literário, 21/07/1882).

Leocádio Correia também lembra o papel político, o destaque, a ação do presidente da Província e do Clube Literário como uma Instituição de redenção da sociedade via educação

É por isso, Senhores, que o Clube Literário, inaugurando hoje o seu curso de instrução popular, cumpre gratamente dois deveres imperiosos: – relembra neste momento o nome do atual administrador da Província que, imbuído da sublime ideia da regeneração pelo ensino, e compenetrado dos sagrados direitos do povo, lhe facultou o templo da ciência – e convida esse mesmo povo para, no recinto desse santuário, vir beber a água da vida e entoar os cânticos simbólicos de sua redenção moral – Tenho concluído! (Clube Literário, 21/07/1882).

Em 1885 Leocádio Correia foi nomeado Inspetor Paroquial das Escolas de Paranaguá pelo então presidente da Província, Alfredo d'Escagnolle Taunay⁶⁹. Fora indicado por Idelfonso Pereira Correia, o Barão do Cerro Azul.

⁶⁹ Segundo Romário Martins (s.a.p. 33) Alfredo d'Escagnolle Taunay foi o presidente que mais demonstrou interesse pela questão cultural da província. Além da urbanização da capital, da construção da Catedral, investiu muito na Biblioteca Pública. No início do seu governo esta

Segundo Hoerner Jr. a sua nomeação “poderia resolver alguns problemas mais delicados ocorrentes em Paranaguá, inclusive devido às infiltrações de Republicanos na área educacional, [...] o nome do médico parnanguara para a função por ele ser monarquista e leal ao regime.” (HOERNER, 1979, p. 111).

Um destes problemas foi o embate político com José Cleto da Silva, o professor Cleto, outro nome da educação paranaense no século XIX. Segundo o historiador Vicente Nascimento Jr.

José Cleto da Silva, que como professor primário e mestre de várias gerações, se antecipou em muitos anos aos princípios da Moderna Pedagogia, não se limitando a ensinar o alfabeto, mas estudando a psicologia de cada aluno e a eles aplicando os elementos da verdadeira educação cristã sem espírito sectário, mas combatendo nas almas virginais entregues aos seus cuidados os preconceitos sociais da época e, em pleno regime escravocrata e monárquico, incutindo-lhes ideais de liberdade e fraternidade, como ao afirmar que todos os homens, sem exceção de raça, nasceram seres livres e iguais; e, juntando o exemplo à palavra, dispunha que nos desfiles escolares e no recinto da escola, os alunos de cor se colocassem e tivessem assento ao lado dos brancos, porque todos eram cristãos e brasileiros filhos do mesmo Deus e da mesma pátria. (NASCIMENTO Jr., 1980, p. 396).

O embate entre os dois começou justamente porque o Professor Cleto, respeitado e influente professor na atuação no Magistério, era também dono e editor do jornal Livre Paraná que fazia campanha aberta pela Proclamação da República. Leocádio questionava a atuação de Cleto, sendo ele funcionário do poder público “pregar deliberadamente” contra este poder.

Ninguém mais do que o professor Público tem dever de atender e ensinar o respeito devido às autoridades constituídas, às instituições do paiz, às opiniões particulares de cada um para que as Doutrinas que alimenta e expõe possam ser bebidas pelos educandos a si confiados. (Relatório da Inspectoria Parochial de Paranaguá 15/12/1885).

Esta disputa política foi parar nos jornais. Tanto o Jornal do partido

tinha apenas 564 volumes, ao final passou para 2.671.

Liberal o 19 de Dezembro, quanto o jornal representativo do partido conservador a Gazeta Paranaense trazem acalorados debates sobre o fato ocorrido. Percebemos que o Dezenove de Dezembro abre amplo espaço para a defesa do Professor Cleto, publicando inclusive carta pessoal acompanhada de termo de visita do Inspetor Geral de instrução de 1870, 1873 e 1875. O Professor Cleto apresenta os documentos afirmando

São elles os meus títulos de gloria alcançados nos combates contra a ignorância serão as armas que empregarei na campanha de diffamação. encetada contra mim por meus ferozes e encarniçados inimigos. E com estes documentos e com outros de não menor importância vinte e tanto dos quaes estão em poder da presidência da província que hei de confundir os meus detractores, aniquilar a iniquidade que comigo se esta praticando interrar o publico de quando são capazes os homens que se prestam as mesquinhas vinganças assentando, quaes vis mercenários nas fileiras do exército da devastação. [...] Jamais tive a intenção de publicar a minha fé de officio; porque a isso era aconselhado pela modéstia e pela prudência, e não o faria hoje si não foram as circumstancias em que me têm colocado. (José Cleto da Silva –12/02/1886, publicado em Dezenove de Dezembro, Curitiba, 21/02/1886).

Os documentos que se seguem publicados na integra em várias edições do jornal Dezenove de Dezembro são compostos por relatórios, termos de visitas, sempre elogiosos ao professor Cleto como o do Dr. Bento Fernandes do termo de visita realizados desde agosto de 1870, do qual destacamos um fragmento

O professor inteligente, convencido e dedicado, mostra-se altamente compenetrado da gravidade do logar que occupa. Encontrei o tão subordinado ao seu papel, que, bem se poderia dizer possui a verdadeira paixão do ensino. Tudo ahi anima e é animado, o mestre e os discípulos. (Dezenove de Dezembro, 21/02/1886).

Até mesmo um relatório anterior escrito por Leocádio Correia numa visita realizada em 1871 e na qual Leocádio teria escrito

Assistindo as lições da 1.^a e da 2.^a classes, e examinando alguns dos alunos da 3.^a tive occasião de apreciar o progresso

de todos elles, e o methodo de ensino que não póde deixar de ser muito satisfactório. Tendo-se tornado por mais de um título, digno já de todas as encmios, cabe-me a vez de louvar-lhes também e tecer-lhes os merecidos elogios a que julgo-o com direito pelos interesses que sempre lhe reconheci em prol da instrucção em geral e da infância em particular. Paranaguá, 16 de agosto de 1871 – (Dezenove de Dezembro, 24/02/1886, p. 3).

Este relato no jornal nos despertou vários questionamentos. Teria Leocádio visitado a escola quando ainda não era inspetor de ensino? Na qualidade de médico, porque se preocuparia com as questões referentes ao método de ensino utilizado pelo professor? Visto que uma das razões apontadas na historiografia para a presença médica na escola está relacionada à preocupação com a higiene e a saúde, se Leocádio Correia visitou a escola de Cleto e emitiu este parecer, este fato ocorreu quando ele ainda era estudante de medicina, porque teria assinado com o título de doutor? Também ocorreu-nos que a data do documento não foi publicada corretamente, mas por outro lado, não há nenhuma outra matéria no jornal nem afirmando, nem contestando, ou melhor, não localizamos nada neste sentido. De qualquer forma o documento citado no jornal foi escrito quinze anos antes deste momento de crise.

Ao que tudo indica, os relatórios publicados no jornal fazem parte de um conjunto de documentos pessoais que Cleto afirmara no jornal que pensava que constituiriam a sua “única herança que fructo do trabalho honrado de longos annos, poderia deixar a meus filhos, só a elles” (Dezenove de Dezembro, 12/02/1886). Questionamos-nos o que levou de fato o professor a divulgar estes relatórios: necessidade de comprovar o nome honrado? Vaidade? Justificar as ações questionadas pelo Inspetor Leocádio Correia? Não encontramos uma resposta, mas percebemos uma campanha forte do jornal Dezenove de Dezembro contra Leocádio Correia que se iniciou antes mesmo da situação envolvendo o professor Cleto. Em janeiro foi publicada uma matéria acusando a Santa Casa de Misericórdia e o Doutor Leocádio de ter expulsado vários doentes do hospital. Segundo o jornal a notícia teria sido informada “[...] por pessoa digna de todo o credito.” (Dezenove de dezembro,

29/01/1886). Na Gazeta Paranaense há uma cobrança de explicações da veracidade da notícia. Esta explicação, porém, não é contemplada pelo jornal.

No mês de março de 1886, o citado jornal apresentava várias páginas do caso entre Leocádio e Cleto com manchetes pejorativas como “Actos de um doutor parochial contra si mesmo”, nesta matéria são reveladas as respostas dadas aos requerimentos do Professor Cleto por Leocádio Correia, documentos enviados ao presidente da província e às autoridades da educação na capital, nos quais Leocádio pede providências para coibir os abusos do professor Cleto que, segundo o documento, vinham ocorrendo desde 1878.

Neste ínterim um distinto e honrado cidadão, amigo do dr Leocádio, offereceu-se para intervir com os seus bons officios de amizade a fim de que o inspector parochial fizesse com lealdade e justiça a conferencia do mappa com o livro: responsabilizou-se pela restituição do livro, que levou com um novo mappa, conforme ao primeiro, e o requerimento do professor pedindo attenciosamente ao inspector se dignasse a authenticar-lo. O que pensou os leitores que aconteceu? Que o Sr. Dr. Leocádio recusou-se simplesmente a authenticar o mappa? Engano! Por uma portaria de uma insolência sem exemplo, estranhou severamente o procedimento inqualificável do professor, por ter-lhe mandado um requerimento sem envolver, nem subscripto, advertindo para não prosseguir em tão desrespeitoso procedimento! Exigiu prova de identidade de pessoa de alguns dos alumnos aprovados e certidão de baptismo de outros! Declarou o livro eivado, de vícios, omissões, sophismas, etc. etc. tudo quanto a imaginação escaldada no ódio e na sede de vingança era capaz de produzir. E tudo isso era falso! Concluiu declaradamente que não restituira o livro e ia remette-lo ao presidente da província para verificar de si aquelles defeitos! Há qualificação para um procedimento desta ordem, ao mesmo tempo violento, inepto, abusivo da confiança de um homem de bem, que interviera como amigo? Precisaria isso de commentario para provocar a mais solenmne reprovação publica?! Digam-nos as consciencias sãs, os homens honestos de todos os credos políticos. E nos prosseguiremos. (Dezenove de Dezembro, 28/03/1886).

É interessante pensarmos que o Jornal assume uma clara defesa do professor Cleto e acusa Leocádio de desenvolver uma perseguição inexplicável

ao famoso professor, porém os documentos escritos por Leocádio não nos parecem revelar esta postura, a leitura que fazemos é de atitudes profissionais coerentes da parte do inspetor.

Os embates entre ambos estender-se-ão por todo o período da inspetoria de Leocádio e serão agravados quando, segundo a correspondência consultada, Leocádio teria constatado irregularidades na prática do referido professor e encaminhado relatórios com as atividades do professor Cleto, o qual teria redigido incorretamente os relatórios de alunos destinados a exames finais, tendo alterado nomes de alunos e filiações. Contrapondo a questão percebemos que Leocádio Correia, em outubro de 1885, já emitiu o seguinte boletim a todos os professores de Paranaguá

A visa a V Senhorias que de hoje em diante, no último dia de cada trimestre decorrido, devem os mappas trimestrais de matricula e frequência das escolas sob minha jurisdição ser entregues a esta inspetoria, que será rigorosa no cumprimento dos pré-citados artigos. Outrossim, estes mapas na ato da assinatura declarará v. Sra se é professor vitalício, effectivo, contratado, interino, [...] ou simplesmente particular. (Circular para todos os Professores e Professoras, 07/10/1885).

Vários documentos redigidos por Leocádio fazem referência à atuação do Professor Cleto, bem como de outros professores da cidade. Na maioria das vezes os textos são de elogio e reconhecimento à prática dos professores. O embate com o Professor Cleto culminou no documento que se segue

Pois bem, a condutta civil do professor José Cleto da Silva tem sido de certa época para hoje, a negação absoluta a todas esses necessários deveres: Esta Inspetoria tem sido por elle asperamente atacada – a primeira autoridade desta Comarca, considerada e respeitada pella magistratura brasileira, insultuosamente massacrada no jornal de propriedade deste professor, e sob arrogância de sua própria firma – a Presidência da província desrespeitosamente enxovalhada, a própria família Imperial não tem escapado aos seus assaltos pérfidos e malignos. Belo exemplo a ser seguido pelos futuros cidadãos que educa [...] aponto delitos graves. Não quero sacrificar, desejo corrigir, não imponho pena, aspiro a sansão da lei, não me exita a paixão, demove-me o apaziguamento

que urge de vez ser acertado só para a harmonia do público serviço como para a paz política e social já tão gravemente abalada. (Relatório da Inspectoria Parochial de Paranaguá, Professor Honório da Costa Lobo, 24/12/1885).

O debate público desta questão travada no jornal resultará, no ano seguinte, no pedido de demissão de Leocádio Correia, que, em 5 de maio de 1886, escreveu ao Director Geral de Instrução lembrando que em fevereiro e março já enviara telegrama e ofício solicitando sua demissão do cargo e que não recebera atenção ou resposta. Leocádio neste documento solicita pela quarta vez a exoneração de seu cargo, se dizia decepcionado com a falta de resposta das autoridades da capital aos relatórios emitidos anteriormente. Neste ínterim o Professor Cleto teria conseguido sua transferência para a capital com a intervenção do jornal Dezenove de Dezembro. Este se constituiu no último escrito de Leocádio, visto que ainda naquele mês de maio de 1886, ele faleceu, provavelmente em decorrência de febre reumática.

A morte de Leocádio teria causado um forte impacto na cidade de Paranaguá, como foi lembrando em sessão solene no centenário do fato ocorrido em 1986

Hoje 18 de maio de 1986, faz cem anos que Paranaguá foi sacudida pela notícia, inesperada então, da morte do Dr. Leocádio José Correia. O luto em que se quedou a cidade no dia 18 de maio de 1886 é indescritível em dias de hoje. Tanto por decorrência das próprias circunstâncias do século XX, que insiste em enevoar os costumes formais do passado. Sabe-se, entretanto, que não houve aquele a ficar alheio ao acontecimento. Não havia um só pescador, um morador da periferia que não tivesse comparecido à câmara ardente, que se armara com pompa e luxo para o adeus ao amigo protetor. Fosse em seu consultório médico ou em suas visitas frequentes e extemporâneas aos casebres palafitados dos mangues do Itiberê os clientes do Dr. Leocádio eram atendidos de forma eficaz. (Clube Literário de Paranaguá – Centenário da Morte do Dr. Leocádio José Correia – 18/05/1986, p. 2).

No mesmo discurso é citado de forma sutil a situação entre Leocádio e o Professor Cleto

Quando fora indicado para a Inspeção Paroquial de ensino, manifestou-se como sendo uma suprema glória poder zelar pelo ensino nas escolas da Paróquia. E muito embora a morte o tenha surpreendido nesta função política, constata a história que encontrava-se demissionário no momento fatal, justamente por causa de um assunto administrativo, o qual avultou-se por si só, em decorrência de desentendimentos ou abusos políticos praticados sob a bandeira republicana. Ora a propaganda republicana crescia dia a dia e o Império há tempos vinha mostrando sinais de cansaço. Isto é inegável. E os partidos lançavam mão do que lhes parecia disponível. [...] (Clube Literário de Paranaguá – Centenário da Morte do Dr. Leocádio José Correia – 18/05/1986, p. 5).

Voltando ao ano de 1886, quando da disputa entre ambos, percebemos que mesmo após o professor Cleto ter conseguido sua transferência para Curitiba, o Dezenove de Dezembro, no final do mês de março traz novamente uma matéria elogiando o Professor Cleto e atacando Leocádio Correia, afirma que “Acha-se na capital o distinto professor publico [...] que durante 18 annos exercera o magistério com a proficiência, zelo e distinção”, o jornal ainda afirma que

Até hoje, muito de propósito temos guardado segredo e silencio acerca da atroz perseguição ultimamente desenvolvida de modo revoltante e menos digno pelo inspector paroquial de Paranaguá contra este verdadeiro apostolo do ensino, que, de seu próprio perseguidor já recebera em documento official pomposos elogios. (Dezenove de Dezembro, 27/03/1886, p. 1).

Três outras matérias ainda são publicadas pelo jornal naquele mês de março explicando todas as ações e as razões da perseguição de Leocádio ao professor Cleto, do ponto de vista do jornal. Devemos lembrar que este periódico pertencia ao Partido Liberal no qual Professor Cleto era participante ativo.

Pelos documentos que analisamos dos jornais e na correspondência específica não temos elementos para definir a causa real da briga entre Leocádio e Cleto. Ambos foram eminentes homens de seu tempo. Como um era conservador e outro liberal, muito provavelmente esta disputa refletiu as posturas políticas de cada um.

O mesmo jornal Dezenove de Dezembro, por ocasião do falecimento de Leocádio José Correia, publica apenas uma nota lamentando a morte do grande médico, enquanto que a Gazeta Paranaense publica em destaque no noticiário “Sabemos que sepultou-se hontem esse nosso inditoso amigo, sendo que o seu enterro, foi acompanhado por mais de duzentas pessoas [...] Em virtude desse passamento fecharam-se as Repartições públicas, sendo que não haverá aula nas escolas públicas por três dias.” (20/05/1886, p. 2). Por outro lado, o próprio Professor Cleto se manifesta no jornal republicano “Livre Paraná” de Paranaguá afirmando que a morte do médico ainda tão jovem“ [...] contristava o coração dos que compreendem o vácuo enorme aberto pela sua ausência...”.(LIVRE PARANÁ,22/05/1886). Segundo Hoerner “a autenticidade da afirmativa é inegável, mas não ironizava, nem sofismava, porque a seriedade da questão exigia um comportamento publicamente educado. O inflexível antagonista, traduzindo o respeito e a consideração que espontaneamente devia ao adversário, fora o autor da contristada manifestação.” (GAZETA do POVO, 1986, p. 06).

3.3 AS IDEIAS E AS ESCOLAS

O primeiro documento escrito por Leocádio Correia como inspetor foi o relato da visita que fez à escola que compunha a primeira Cadeira do Sexo Masculino e a Segunda do Sexo Feminino em 1885. Inicia o relatório com

Crentte que a instrucção é o principal esteio de todo o progresso, assim como a sólida base de todos os proveitos morais, sem os quais o bem estar necessário por todos os modos seria impossível, empenho-me pela sua diffusão e desenvolvimento nestte districto, onde ella tem sido tão desastradamente descurada, chamando em auxílio de meu espírito, empenho às formas que possam elevar com amor para o desenvolvimento que não de hoje aspiro. (Relatório da Inspectoria Parochial de Paranaguá – A João Pereira Lagos – Diretor Geral de Instrução, 23/09/1885).

Nos vários documentos analisados percebemos esta relação entre a escola e mudança da sociedade. Na sequência, o Termo de Visita à sala da Escola da Primeira Cadeira do Sexo Feminino, percebemos a paixão e entusiasmo com que Leocádio Correia descreve o trabalho da professora, bem como a atuação da educadora enquanto exemplo para as alunas a ela confiadas

Levo a mais grata e lisonjeira impressão, satisfeito por ter podido pessoalmente apreciar o bom conceito merecido em que é tida sua digna diretora, D. Maria Júlia da Silva; e se o louvor que assim desde logo maniffesto e teço pode atuar de algum modo em seu espírito, concorra toda sua influência para mais despertar-lhe o louvável estímulo, assim como o entusiasmo lícito e sincero pela profissão a que tão delicadamente se consagrou. É difícil e [...] a missão de preceptoras, e enorme a responsabilidade que sobre seus hombros pesa.

Aquela que, imbuída de seus altos e sublimes deveres consegue sair vitoriosa e ilesa desse tirocínio espinhoso, torna se o alvo de todo o respeito social e atrai sobre si as benemerências da pátria, conquista por demais grandiosa, que tem sido já a apartilha das Santas. Isto que acabo de explicitar

patenteia-se demonstrativamente, mesmo no nosso pequeno centro de convivência em algumas matronas que ali vivem, veneradas por aquellas que revestidas hoje do papel de perfectas mães de família, eram ainda homens frágeis e mimosas meninas que o menor sopro matutino poderia polluir e cretar, mas que por ellas guiadas e bebendo nellas os salutaes conselhos, as imitando no exemplo, por sua vez transmittem a herança recebida, envolvendo de satisfação o lar doméstico, felicitando a família e moralizando a sociedade! (Termo de Visita à Primeira Cadeira do Sexo Feminino de Paranaguá, 30/09/1885).

Leocádio continua tecendo elogios não só à prática pedagógica da professora Maria Julia como também à sua figura feminina

Filha esposa e mãe! Tal a missão da mulher. Filha ela carece saciar-se de exemplos prolíficos, nas fontes fecundas do bem para o bom desempenho de seu papel ulterior; esposa tem de ser o Anjo Bom do lar, amenizando as contrariedades domésticas; mãe tem o dever de incutir os sãos princípios recebidos em novos corações que lhe pertencem, para neles só prover o bem, origem de toda a harmonia, tão necessária ao bem estar social! Se a educação doméstica tem seu quinhão de obrigações restrictas nesse solene afã de resultados úteis, às preceptores cabem também – e principalmente – o dever de bem guiar e bem formar corações virgens de maus estímulos consolidando e formando neles os affetos nobres inebriando enfim os tenros espíritos com os perfumes da pureza que só podem vivificar, exaltar, enobrecer e santificar naqueles que recebem suas puríssimas emanações! A missão da professora em baixa comparação, digo, a professora em baixa comparação é o centro de um círculo ininterrupto de onde emanam aquellas trez cordas – filha, esposa e mãe – que ela não pode deixar de retemperar e conservar no grau preciso de afinação para a harmonia final do trino incomparável que define, resume, exalta, enobrece e santifica também a mulher! (Termo de Visita à Primeira Cadeira do Sexo Feminino de Paranaguá, 30/09/1885).

Kuhlmann, analisando a formação das instituições de educação infantil, vai nos demonstrar que esta ação vem desde o século XIX, mas que efetivamente ocorre no início do período republicano e que naquele momento o discurso em relação à mulher era o discurso da apologia ao papel feminino,

ressaltando a mulher como a grande figura capaz de conduzir a nação ao progresso por meio da educação. Kuhlmann também cita que “a mulher era a auxiliar dos médicos, mas também dos políticos, dos juristas e da religião católica, espírita ou protestante.” (2007, p. 478).

Observamos ainda que neste documento de Leocádio, além da valorização das qualidades femininas, transparece mais uma vez a crença na educação como fator de ascensão social

Do conhecimento particular que tenho da digna professora D. Maria Julia da Silva, que tão bem tem sabido representar aqueles três papeis, já na família, já na sociedade, elevando-se da sua modesta origem ao pináculo relativo às posições sociais, estou certo que a infância a si confiada só poderá colher de si a abundância de princípios sãos que sempre tem alimentado, augurando desde já a digna professora a ufanía de realizada a sua obra, encontrara em suas discípulas fiéis imitadoras de seus exemplos e virtudes. Em minha visita encontrei 51 meninas, frequência ordinária, achando-se matriculadas 55. Notei boa ordem, explicação, alegria respeitosa, regularidade na distribuição do ensino e, sobretudo, muito adiantamento em todas as “classes” como praticamente verifiquei denotando tudo. Em resumo: que maior não pode ser o esforço empregado pela professora para o fiel desempenho de seu encargo. (Relatório da Inspectoria Parochial de Paranaguá – 29/09/1885).

Em outro relatório Leocádio Correia, da mesma forma, elogia o trabalho da Professora Maria Bernardina Cordeiro

Visitando hoje inesperadamente a sua escola notei da parte da Professora a mesma pontualidade e actividade, o mesmo zelo pelo aperfeiçoamento instructivo e moral de suas alunas e da parte destas o respeito nessessario, a delicadesa attenciosa e o comportamento ameno exemplar, seguros indícios de bom exemplo e [...] que a digna professora tem sabido incutir nos juvenis espíritos das educandas. Encontrei presentes 26 meninas, sendo a frequência diária da Escola de 27 a 30 alunas. [...] Verifiquei o adiantamento em todas as matérias do ensino. Satisfeito assim por ter tido mais uma ocasião de louvar a Emerentissima Professora. (Relatório da Inspectoria Parochial de Paranaguá, 30/09/1885).

Chama-nos atenção neste relatório o fato do inspetor fazer visita surpresa nas escolas. Seria essa atitude uma prática investigativa ou decorrência até das dificuldades de comunicação na época?

Uma das preocupações de Leocádio Correia era com a vivência e conhecimento da religião católica. Naquele mesmo ano ele envia correspondência ao padre Vigário geral de Paranaguá, comunicando que está atuando como Inspetor Paroquial das escolas da cidade e que, tendo seu antecessor desobrigado o estudo da doutrina católica na escola e a frequência aos templos externos, ele sugere ou de certa forma determina a retomada da obrigatoriedade da prática da doutrina católica

O templo e a escola constituem-se dois primos da cadeia da moral e da vigilância. Um significa a fé, o outro representa a instrução; esta sem aquella abriria o caratter ao fatal septicismo, aquella sem esta seria cegueira da consciência, fonte interior guia união das ações do homem. A religião é tão nessessária ao espírito, como o alimento ao corpo, se os seus sãoos exercícios foram descuidados por alguns maos predecessores, é tempo ainda de despertar, porque sem os preceittos saluttares que della só emanarão, a escola jamais attingirá seus fins, qual de formar bons e exemplares cidadãos, presentes membros sociais de seus múltiplos deveres já em relação a si própria, já quanto ao semelhante, a família, a sociedade e a pátria. Imbuído destas verdades solennes e [...] resolvido obrigar a população escolar a assistir uma vez por semana o santto sacrificio da missa. Estou certo auxiliar-me-a vossa Reveremndicimma neste alto empenho dignando-se assim a marcar hora e dia para o espiritual exercício, desculpando-me se sem indicar tenha eu escolhido o sábado por ser este o dia que o espírito devotto da cidade consagra a sua Paróchia. Inspectoria Parochial de Paranaguá (Correspondência enviada ao Pároco – 05/10/1885).

Observamos que esta postura é coerente com a visão do partido conservador do qual Leocádio Correia participava. Este contexto é marcado pelo embate com as ideias republicanas, e com a de grupos que começam a defender a proposta de uma escola laica que, posteriormente, com a Proclamação da República, foi viabilizada, dada a separação que houve entre a

Igreja Católica e o Estado logo após a Proclamação. Instituiu-se assim a escola pública laica de fato.

Leocádio, antes de assumir o cargo de inspetor, defendeu a criação de uma escola na comunidade do Rocio. Uma das áreas da cidade de Paranaguá marcadas pela pobreza e prostituição. Nesta comunidade foi criada a Cadeira Promíscua (escola para meninos e meninas). Na visita que faz àquela sala ele escreve relatório, cobrando das autoridades atenção à escola

Mais indispensável julgo hoje a sua manutenção, porque a meu ver se ella está longe ainda de ter alcançado o seu fim [...] é um bairro bastante povoado, vegetação originalmente no Largo Perímetro do Rocio, grande número de crianças. [...] Não considero, como outros, que esta escola seja um empenho dispensável [...] a cadeira promiscua do Rocio é uma necessidade. O seu carácter promiscuo facilitando a instrucção e a educação dos dois sexos e sua vizinhança da cidade, exigindo que aquella fracção de um povo civilizado confira idênticos benefícios quando as forças phisicas, higiênicas e outras lhe impedem de recebê-las no seu quadro principal [...] Tem sido o Rocio o terreno ingratto que por causas fáceis de debelar não tem cedido aos esforços [...] empregados, mas as terras ainda não corrompidas também produzem, e assim como o artifício conseguem fortificar o solo estéril, as fructas novas carecem dos meios adequados para seu amadurecimento útil e sua reprodução benéfica. (Inspectoria Parochial de Paranaguá – Termo de Visita 09/10/1885).

Observamos neste documento que ele, conhecendo a cultura local, defende a continuidade da Escola Promíscua, mas se empenha ao redigir buscando sensibilizar as autoridades da realidade local. Kubo nos lembra que esta situação era inclusive prevista na legislação “havia a recomendação de que o número de alunos de cada sala não ultrapassasse sessenta meninos ou quarenta meninas. Indicava-se, ainda, que a frequência promíscua só seria permitida nas localidades onde não houvesse escolas para ambos os sexos”. (KUBO, 1986, p. 58).

Leocádio, ao mesmo tempo, responsabiliza os pais pelas condições de vida das crianças, quando afirma que naquele bairro predominava a ignorância e a pobreza e os pais queriam repetir para os filhos a vida que tinham

A má vontade da família, eis o principal embaraço, único talvez motivado ou não [...] que tem impedido o aproveitamento da população infantil deste bairro, e se tal estado das coisas não pode continuar, se temos dever e obrigação educar este povo, abrir-lhe os olhos e mostrar o mal que a si mesmo fomenta o vício moral que a si próprio causa. (Inspeccoria Parochial de Paranaguá – Termo de Visita 09/10/1885).

Schimmelpfeng (2006, p. 95), observa em outro contexto esta mesma explicação para as necessidades da população local, citando jornal de Curitiba

Buscava-se então dar significados para o empreendimento, incutindo no conjunto da população – sobretudo nos pais – a importância da escola e a observância do período em que as crianças deveriam ser nela matriculadas, encaminhadas e mantidas regularmente. Nesse sentido, recorria-se a alguns artigos de efeito, declarando-se que "A instrução diminue a perversão; quer dizer o alfabeto diminue o crime" (Jornal do Commercio, 19 mar. 1884).

Leocádio continua neste relatório descrevendo a Cadeira Promiscua do Rocio e explicando a pobreza local como consequência da baixa frequência à escola

Por ocasião da minha visita ao observar o número de allunos em relação a população alli existente, e em extremo desprezado diante de não pequeno número de crianças de ambos os sexos, que vi vagando pelo bairro entregues aos mais proveitosos mister da vivacidade. Encontrei presentes apenas 7 meninos, sendo um dos quais filho da professora e 7 meninas. O número de matrículas e de 6 meninos e 10 meninas. A frequência ordinária é inferior aquela que observei, segundo informações da mesma professora. Notei muito boa ordem na escola, apesar do acanhamento da sala em que ella funciona e quer meninos, quer meninas mostrarão applicação, exemplar comportamento e achavão se modestamente vestidos. Examinando alguns em leitura rudimentos de gramática, taboada, doutrina e calligraphia, conclui que se a frequência da escola fosse mais assídua e não influísse as circunstâncias que expus, melhores seriam as provas colhidas e maiores os proveitos. (Inspeccoria Parochial de Paranaguá – Termo de Visita, 09/10 /1885).

Os Relatórios trazem ainda referência à necessidade do ensino noturno, alguns desses elogiam as iniciativas de grupos particulares que iniciaram cursos secundários noturnos, mas cobra das autoridades também cursos instituídos pelo poder público, visto que estes atenderiam ao segmento da população alforriada da escravidão que naquele período já atingia um número significativo em Paranaguá

A aula noturna nesta cidade merece sobre todos os pontos de vista a solicitude do Governo Provincial ao qual muito a recomendo; só lhe resta chamar a si muitos soldados perdidos que ahi vegetão e que facilmente serão atraídos quando convictos do bem que se lhes propõe, certos da riqueza que se lhes mostra e oferece. A escola noturna de Paranaguá, chamando a si aquelles que a dura lei da escravidão deserdou e que decretamente grato da abolição hoje eleva e proclama, facilita o corretivo do mal que por longo tempo nos aflingiu e presta relevante serviço moral, cujos efeitos e resultados de não ensinar resulta serão no curto prazo satisfatoriamente verificados. Visitando-as hoje pela segunda vez percebo o interesse que a ella liga e observando a concorrência dos alunos, a atenção por todos dispensada ao estudo, as provas de aproveitamento de cada um, resta-me louvar muito. Louvor ao digno professor aos alumnos, aquelle pela vocação exigida, pello interesse manifesto que mostra pelo progresso. (Sala da Escola Noturna de Paranaguá – Inspectoria Parochial de Paranaguá – 14/10/1885).

Leocádio finaliza este relatório afirmando a expectativa pelo fim da escravidão e a necessidade do poder público se preparar para acolher esta população nos bancos escolares como garantia do progresso e desenvolvimento do país.

As circunstâncias singulares da actualidade reclamão de prompto providências para os dias próximos que aguardão o paiz: uma lei libérrima e applaudida o já tem elles os filhos de escravos, bem como outra políticos e humanitários, tenham – a em expurgar a pátria e apagar este nome do vocabulário civil e social. Ingenuos e ascendem de ser, pois legítimos cidadãos em um futuro que não está longe, convém com todas as dores

aproveitáveis do presente preparar esta cadeira do futuro [...] só a instrução ao mesmo tempo apresenta e completa, é preciso desde já ir preparando terreno em que possa nascer e crescer a planta brotando esta liberdade, e se a queremos viçosa, abundante ela rica proveitosa, seja a escola a estufa purificadora que a aqueça e concorra para o transplante profícuo. (Inspeção Paroquial de Paranaguá – 14/10/1885).

Em discurso de 1882 Leocádio já fizera referências a questão da escravidão afirmando “E em breve, uma geração nova atestará ao mundo que o Brasil riscou de seu vocabulário o plural – escravos – para substituí-lo por outro mais nobre e elevado – cidadãos – que seus filhos são livres e tem igual direito, perante a pátria e perante a lei.” (Club Literário de Paranaguá, 09/08/1882).

Leocádio Correia como inspetor paroquial em sua atuação frente às escolas de Paranaguá, bem como seu discurso médico se enquadram na afirmação de Gondra de que a

tradição gestada pela presença médica no controle das questões educacionais [...] seria o caráter triunfalista de que se reveste a educação no Brasil [...] em diferentes períodos subsequentes é alçada à condição do melhor e, às vezes, o único remédio para os problemas e crises da ordem urbana fabril e capitalista.” (GONDRA, 1998, p. 66).

Ainda que Paranaguá fosse uma economia tradicional, o discurso do médico-inspetor remete à posição apontada por Gondra, como podemos perceber no discurso pronunciado por ele na Câmara dos vereadores em dezembro daquele ano, no qual cobra das autoridades a atenção para a educação

Todos os governos, todos os pensadores dirigem suas vistas para a instrução popular – a aspiração sôfrega da era, a expectativa profética da humanidade, nas phrases eloquentes e expressivas de um vulto da oratória brasileira. Seremos alheios á esse movimento regenerador?

A festa que a câmara municipal faz hoje, solemnica, se incumbe de por nos responder. Galardoando o mérito daqueles que souberão bem colher os fructos da instrução e do ensino,

recompensa que gratamente lhes affetará a alma, ella attrahe, excita, e estimula mil outros imitadores que contenderão também, por um dia, alcançar dádiva lisonjeira.

A testa do ensino do município, convencido do enorme alcance desta solemnidade infantil, crente dos resultados profícuos que della hão de infalivelmente advir, está firme no propósito de encorajar, por todos os meios, o progresso do ensino público. (Discurso proferido no salão da Câmara Municipal de Paranaguá no ato solene de distribuição dos prêmios aos alunos das escolas primárias pelo inspetor Paroquial, Dr.Leocádio José Correia – 19/12/1885).

Observamos que Leocádio Correia durante a sua vida no século XIX foi um intelectual do seu tempo, envolvido com as questões da saúde, da educação, e da arte. Católico e defensor dessa religião ele, ao contrário de outros intelectuais do período, não se envolveu com a Doutrina Espírita. No entanto no século XX seu nome está associado a instituições educacionais cuja proposta de organização pedagógica é orientada pelo viés espírita⁷⁰. Entendemos que esta relação foi construída pela autoridade moral de Maury Rodrigues da Cruz, também um intelectual do século XX, um médium que constituiu várias instituições associadas ao nome Leocádio Correia a partir da vivência das “manifestações” de Leocádio Correia⁷¹ enquanto espírito. A legitimidade desta relação entre Maury Rodrigues e o espírito de Leocádio é garantida pelo reconhecimento do grupo de sustentação a estas instituições: a SBEE, o Lar Escola, o Campus de assistência social e mais recentemente a Faculdade. Leocádio Correia, enquanto espírito manifestante, mantém a continuidade de acordo com a visão da Doutrina Espírita de uma atuação engajada em questões sociais, éticas, de compromisso com os menos favorecidos e com a evolução, entendida aqui na perspectiva do conhecimento.

Nos diversos documentos que analisamos escritos por Leocádio, na

⁷⁰ Um dos fatores que possibilitava a aproximação de intelectuais com o Espiritismo era o domínio da língua francesa, visto que as obras espíritas eram escritas neste idioma. Entre os nomes que demonstraram publicamente interesse pelo espiritismo estão Castro Alves, (suas obras apresentam vários elementos do espiritismo) Coelho Neto, Bittencourt Sampaio, Julio César Leal, Quintino Bocaiúva, Antonio Gonçalves da Silva (Batuíra), Cairbal de Souza Schutel, Anália Emília Franco, Eurípides Barsanulfo e Machado de Assis.

⁷¹ Maury Rodrigues da Cruz afirma que o espírito de Leocádio José Correia se manifesta através dele desde 1947, realizando atendimento médico na SBEE e que foi o próprio Leocádio que orientou para a construção das instituições educacionais.

maioria das vezes encontramos a defesa da Igreja, porém neste fragmento de discurso realizado na Assembleia Legislativa durante seu mandato, identificamos uma crítica explícita à Instituição, quando Leocádio afirma

A inquisição, esse tribunal de chamas, atea as suas fogueiras, inventa os suplícios, os mais atrozes, abafa os soluços dos mártires, mas não consegue sufocar as consciências nem dominar os pensamentos; e se, durante tantos séculos também humilhou a humanidade e torturou muitas vítimas inocentes, das cinzas destas surgem tremendos vingadores que derruem o seu trono tirano emancipando a crença de tantos anos ameaçada! (TOURINHO, 1986, p. 526).

Porém no mesmo discurso ele também afirma que “o século que produziu Bossuet, ardente defensor da fé, viu nascer também Voltaire, o corifeu da descrença! Aquele arrancava Turenne das garras do protestantismo, este aliciava prosélitos contra o cristianismo.” (TOURINHO, 1986, p. 527).

Em vários jornais editados na cidade de Curitiba encontramos referências históricas ao personagem Leocádio José Correia, como cidadão parnaguara, pela sua atuação como médico e exemplo de literato e político. A partir da década de 1960 também muitas citações ao trabalho beneficente de Maury Rodrigues da Cruz junto às obras assistenciais que receberam o nome de Leocádio José Correia. Uma citação em especial nos chamou a atenção, a de Valfrido Piloto no Jornal Gazeta do Povo, quando em matéria sobre o centenário de falecimento ele escreve “Paranaguá e os paranaenses em geral envidamos todos os esforços para compreender e honrar este espírito de luz. Daí os tributos de hoje e sempre nesta cidade e em nossos corações.” (17/05/1986)⁷². Chama-nos atenção a expressão “espírito de luz”, aspecto este que queremos analisar na sequência como uma das representações construídas sobre a figura de Leocádio Correia pelo Espiritismo na SBEE e no Lar Escola.

⁷² Valfrido Piloto é um nome representativo da intelectualidade paranaense, foi advogado, historiador, filósofo jornalista, poeta e ensaísta. Foi o fundador da Academia Paranaense de Letras e ocupou a cadeira n.1, publicou sua primeira obra na década de 1930 e a partir daí publicou mais de 55 livros. Teve uma atuação reconhecida também em defesa de judeus perseguidos naquela década, bem como em 1964, usou seu prestígio intelectual para defender presos políticos do regime militar. Faleceu em 2006, aos 103 anos.

3.4 O IRMÃO LEOCÁDIO: O ESPÍRITO E O MITO

Quando o Doutor Leocádio José Correia faleceu, em 1886, o Livro dos Espíritos de Allan Kardec, já tinha sido publicado, há cerca de 30 anos. Era conhecido em Paranaguá por pessoas da convivência do próprio Leocádio, como o Comendador Alfredo Caetano Munhoz, espírita convicto, fundador da revista “*A Luz*”, a primeira do gênero no Brasil, órgão do Centro Espírita de Curitiba. Localizamos alguns relatos de conversas políticas que teriam ocorrido entre os dois. Não localizamos, porém, nenhum indício de que teriam discutido religião. Historicamente não temos elementos para esta afirmativa que se constitui em dedução pessoal.

Para ilustrar essa passagem nos reportamos novamente a Tourinho que cita o episódio em que após o término de uma sessão solene do Clube Literário, na qual o Dr. Leocádio havia sido o orador, conversavam amigavelmente Lúcio Pereira e Monteiro Tourinho. Ambos proferiam conjecturas a respeito do que poderia sair da conversa entre duas mentes brilhantes como as de Dr. Leocádio e o comendador Alfredo Caetano Munhoz. Um católico e o outro espírita convicto. Quando Tourinho pergunta a Lúcio se ele acredita que o Comendador Munhoz possa fazer do Dr. Leocádio um espírita convicto, Lúcio teria dito:

– “Só depois de morto”! Quando o espírito abandona o seu invólucro material sai em busca do céu católico, com seus anjos, harpas, santos... São Pedro sisudo, com a grande chave da porta do céu... e, lá em baixo, Lúcifer à espera de clientes... Mas como nada disso encontra, conforma-se em situar-se no plano que merece pelas obras praticadas na terra...
– Duvido... – retrucou Monteiro Tourinho em tom de caçoada. (TOURINHO, 1986, p. 537).

A relação do professor Maury Rodrigues da Cruz, o fundador do Lar Escola e Leocádio Correia, indica que esta “profecia” de Lúcio se concretizou, pois segundo Maury desde 1947 ele manifesta o espírito do Dr. Leocádio, que na SBEE é chamado de Irmão Leocádio. Esta informação de Maury Rodrigues da Cruz está documentada em atas no MUNESPI e confirmada pelos

participantes da SBEE e diferentes fontes escritas e orais. Segundo o próprio Maury, Leocádio teria afirmado por meio de psicofonia que começara a se manifestar por volta de quatro anos após sua morte, quando ele então se comunicava espiritualmente em alguns Centros Espíritas na cidade de Palhoça, em Santa Catarina. A partir de 1930 teria dado continuidade às manifestações no litoral daquele estado por meio de um médium chamado Melo, sobre o qual não se tem registros históricos. Posteriormente teria iniciado o mesmo trabalho de atendimento espiritual no Paraná, manifestando-se nas cidades de Castro, Antonina, Piraquara e Campina Grande do Sul. Mas as manifestações mais conhecidas e documentadas, inclusive pela FEP, foram por meio dos médiuns Chicuta Nogueira, em Morretes, e Baduca, em Paranaguá.

Conforme as fontes pesquisadas no MUNESPI e na FEP, antes de Maury Rodrigues da Cruz, o espírito de Leocádio Correia já teria iniciado um trabalho de atendimento médico por meio da mediunidade de Francisco Antônio da Costa Nogueira Júnior, conhecido como Chicuta Nogueira⁷³, Leocádio teria se manifestado também por meio de Baduca, Balduína Maria Lobo de Andrade. Nos arquivos do MUNESPI estão documentadas entrevistas realizadas com familiares da Baduca⁷⁴, os quais narraram que a médium iniciou a comunicação com o espírito de Leocádio em torno de 1922, na sua própria casa, prescrevendo receitas médicas sob a orientação do espírito de Leocádio Correia.

⁷³ Segundo documentos do Munespi, Francisco Antônio nasceu em 21 de fevereiro de 1861, na cidade de Morretes. Era descendente de imigrantes franceses e portugueses. Consta que foi casado, pai de quatorze filhos. Comerciante, posteriormente coletor federal e agente dos Correios. Aos quarenta anos sofreu um grave acidente que o levou a afastar-se do trabalho porque perdeu totalmente a visão. Após esse episódio, teria desenvolvido de forma intensa a mediunidade que já existia. Segundo relatos existentes no MUNESPI, através de um simples aperto de mão, conseguia fazer o diagnóstico de quem o cumprimentava. O tratamento médico ministrado por ele era por meio de água fluidificada. Faleceu em 1941, aos 80 anos, vítima de colapso cardíaco.

⁷⁴ Balduína Maria Lobo de Andrade. – Baduca. Nascida em 16 de abril de 1884 em Paranaguá-PR, casada com Miro da Costa Lobo, por seu intermédio começou a frequentar o Centro Espírita Paz e Luz, em Paranaguá. Em 1916, ficou viúva e como costureira passou a sustentar seus filhos, mesmo assim não abandonou as reuniões mediúnicas. Em 1943, Baduca começou a sentir os primeiros sintomas do glaucoma que iria deixá-la cega aos setenta anos. Apesar da doença continuou a atender aos necessitados. Em agosto de 1953 sua filha Irani faleceu. Os anos que se seguiram foram de recolhimento e orações constantes. Baduca faleceu aos setenta e quatro anos em julho de 1957. (Fonte: MUNESPI)

Na FEP constam relatos de manifestações em outros médiuns na cidade de Curitiba, como a médium Lídia Kuster Schutzler, desde a década de 1930 e que ele fundou em 1954, no bairro de Santa Quitéria, um Centro Espírita também denominado Leocádio José Correia. Esta Instituição espírita desenvolve trabalho de assistência social, mas não tem registros de outras manifestações posteriores do espírito de Leocádio José Correia.

Na SBEE o espírito do Irmão Leocádio, durante as décadas 1960 e 1970, realizava por meio da mediunidade de Maury Rodrigues da Cruz diferentes trabalhos mediúnicos como efeitos de levitação, materialização de objetos em parafina e gesso⁷⁵, transfigurações, análises premonitórias e vidência. A partir de 1980 o Espírito de Leocádio José Correia restringiu a produção de efeitos físicos e tem centrado nas ações educativas e na assistência médica. Os que participam da Instituição costumam, quando tem alguma enfermidade, aconselhar-se primeiramente com o Dr. Leocádio que posteriormente indica algum médico encarnado⁷⁶.

A SBEE possui cerca de cinco mil membros, entre os quais muitos médicos, de diversas especialidades, que trabalham em conjunto com o Dr. Leocádio, que não costuma contrariar o tratamento indicado pelos colegas "que aqui vivem", porém, procura estudar com eles para alcançar a cura dos pacientes. Nos casos de cirurgias realizadas em hospital, o Doutor Leocádio "acompanha" os médicos onde presta auxílio, seja por meio de intuição ou de comunicação direta.

Nos núcleos da SBEE localizados fora de Curitiba, existem também as receitas médicas indicadas pelo espírito de Leocádio Correia. Funciona da seguinte maneira: Uma pessoa enferma procura algum centro ligado à SBEE e os médiuns conversam com ela para saber qual é o seu problema. Fazem diversas perguntas e conforme as respostas vão colocando na ficha alguns

⁷⁵ Estas informações constam em diversos documentos do MUNESPI, que mantém em exposição permanente os objetos materializados pelo médium nas primeiras décadas. A materialização consiste em peças que reproduzem parte do corpo do espírito manifestante inicialmente em ectoplasma, que depois mergulhadas em gesso ou parafina assumiram forma definitiva. (Informações do MUNESPI).

⁷⁶ Termo usado pelos espíritas para designar às pessoas/espíritos que vivem na Terra e possuem corpo material.

números que são códigos criados pelo próprio Dr. Leocádio e, após o cruzamento e combinação destes números, as fichas são levadas à Curitiba, onde são avaliadas pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, que manifestando o espírito de Leocádio Correia, subscreve as receitas e o tratamento indicado. Todas as receitas são então avaliadas por médicos participantes da SBEE e que assinam a receita entregue ao paciente⁷⁷. Porém o principal trabalho desenvolvido em conjunto com o espírito é um trabalho educativo com os mais de cinco mil participantes da Instituição. Segundo orientações do próprio Leocádio Correia o Centro Espírita constitui a “Universidade do Povo”.

Nesta ação educativa o espírito do Irmão Leocádio emite mensagens diversas que são gravadas, transcritas e editadas em livros publicados com certa periodicidade. Estudando algumas das mensagens atribuídas ao seu espírito, percebemos uma intensa atividade assistencial voltada à saúde física, mental e espiritual dos participantes e da sociedade em geral.

O centro espírita como Universidade do Povo, são os caminhos da vida e a vida. Não fala em salvação, mas em iluminação pelo conhecimento e sabedoria. Não trabalha com parênteses, com suspensão no tempo, com dogmas, rituais cabalistas, mas demonstra o quanto significa conhecer para controlar a vontade, vivendo plenamente com lucidez e coragem. Sendo o centro espírita a vida e os caminhos da vida, faz cultura, produz fatos sociais que materializam intensa e extensa envergadura, ou seja, alcançam a sociedade humana como um todo (a manifestação dos espíritos, o passe fluídico, as mensagens de efeito e de causa). (CRUZ, 1996, p. 59).

Segundo o Professor Maury, “nas mensagens psicografadas. O Dr. Leocádio procura esclarecer as pessoas sobre a necessidade da oração, da caridade, do papel do médium na sociedade, do valor da Doutrina Espírita e do amor”. (1977, p. 3). Ainda segundo Maury sempre que o Espírito de Leocádio Correia se manifesta ele afirma que “a educação é o instrumento para a transformação do mundo”. (CRUZ, Maury Rodrigues da Cruz – Entrevista. Curitiba. 18/10/2007, p. 13).

⁷⁷ Dados da SBEE indicam que são atendidas por semana em torno de 300 pessoas neste processo de consulta e receita médica, além de outros tratamentos realizados pela Instituição.

A relação entre educação e Espiritismo está presente principalmente nas obras de Allan Kardec. No *Livro dos Espíritos*, Kardec afirmará que a Educação tem por finalidade não apenas instruir, mas transformar o homem, dando-lhe uma concepção diferente da vida, baseada na supremacia do espírito e dos valores morais. Segundo ele a educação que é o elemento que a Ciência econômica não considerou

Não a educação intelectual, mas a educação moral, e não a educação moral através dos livros, mas a que consiste na arte de formar os caracteres, a que forma hábitos: pois a educação é o conjunto de hábitos adquiridos [...] A desordem e a imprevidência são chagas que só uma educação bem compreendida pode curar. (KARDEC, 2001, p. 289).

Percebemos que nas mensagens do espírito de Leocádio Correia há uma proposta de educação moral pautada numa filosofia de educação espírita, que consiste em Educar para a Liberdade. Educando para a liberdade, no sentido de cada vez mais fazer com que o homem alongue o seu olhar para o sentido e o significado da vida e veja as pessoas com as quais caminha junto. Ser livre significa também não estar confinado à realidade que parece limitada pelos sentidos físicos. A felicidade não é um acontecimento individual, sua natureza é a interconexão. As mensagens transmitem a ideia de que ser livre é desenvolver a disciplina interior, inclusive do pensamento, ou seja, a ênfase é a construção moral do indivíduo. Como podemos observar nesta mensagem de Natal de Leocádio Correia, psicografada⁷⁸ por Maury Rodrigues da Cruz.

LAR ESCOLA DR. LEOCADIO JOSÉ CORREIA

Amor, luz, justiça, vida

Uma porta, para a liberdade que todos os dias cuidadosamente se abre para confortar, amparar, educar, construir a criança, os homens, as mulheres, os aflitos.

Assim, dia a dia, realiza a grande sementeira do bem.

O Lar Escola é instrumento de união da criatura com o Criador

É a chuva que cai, para frutificar os campos da existência.

É a luz da esperança que ilumina os recessos da alma,

⁷⁸ De acordo com o Livro dos Médiuns “Psicografia é a escrita dos espíritos pela mão de um médium”(KARDEC, 1998, 352).

provendo a felicidade que é exercida pelo ato consciente de doação, e recepção.

É o elo invisível, cujo começo se chama amor, e cujo fim é evolução na eternidade.

O Lar Escola é flor da alegria, que nos inspira a linguagem do amor, o sentido da caridade, a força do perdão, numa eloquente demonstração de unidade entre o corpo e o espírito, a razão e a sabedoria.

O Lar Escola é processo de compreensão da vida.

É juventude, esperança, caminhada, educação, fé, transformação.

É o Evangelho de Cristo, o amor, o trabalho, a liberdade, a luz na noite escura.

O Lar Escola é o eterno, nascer.

Que a Paz do Evangelho, a luz espiritual, os eflúvios do amor, despertem no teu ser. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Mensagem de Leocádio Correia psicografada. SBEE, Dezembro de 1990).

Em outra mensagem, em 2004, ou seja, 14 anos depois, percebemos que a reflexão permanece na mesma linha, o Lar Escola como um instrumento de transformação social a partir da ação educativa voltada para o amor

[...] O Lar Escola estuda, pesquisa, trabalha, ensina e vive a força dinâmica da academia da espiritualidade.

O currículo do Lar Escola sensibiliza a todos a fazer a sementeira do bem, libertando pelo conhecimento o espírito das algemas da ignorância, do materialismo e da morte, construindo a consciência crítica da eternidade.

A escolaridade do Lar Escola está sempre enriquecendo, acrescentando e transformando para melhorar a vida.

Cada encontro do aluno com o seu professor há de ser a primavera, os seus encantos, a vida em flor, a poesia e o amor.

O cotidiano do Lar Escola se faz criticamente pela consciência, o exercício da ciência, a filosofia e a religião, pela assimilação da verdade sem adulteração. É a força plena e permanente

Do evangelho redivivo de Cristo.

[...] (CRUZ, Maury Rodrigues; da Mensagem de Leocádio Correia psicografada. SBEE, Dezembro de 2004).

Existe uma regularidade das mensagens atribuídas a Leocádio Correia em datas comemorativas específicas como no dia das mães, das crianças, dos professores e no natal

MENSAGEM AO PROFESSOR

O Professor deve viver o evangelho da vida.

O Mestre deve ensinar com suavidade o vigor. Cada encontro discípulo-professor é uma experiência entre dois mundos.

Quando somos o conhecimento, sentimos a plenitude da realização da vida.

O educador sabe, sente que seu trabalho implica, sobretudo em amor que é a consagração da verdade, a afirmação do espiritual.

Caro Professor, no dia que te consagram, quero felicitar-te como grande herói anônimo. Não faz mal que te esqueçam. A tua mensagem percorre espaços que não conheces; tuas palavras são continuamente reproduzidas; teus gostos são memorizados, materializados com novas funções; tua bondade é exemplo que conduz, anima e fortalece; o conhecimento que transmites se multiplica; és imortal.

Mestre, tua vida é um poema de fé e trabalho. A cada segundo crias linhas definidas, rastros luminosos; cada discípulo é eco do teu saber. Não deves esquecer que, como plasmador da consciência crítica, és o responsável pela liberdade, pela felicidade dos teus orientandos. O que pensas, sentes, falas, o que és, tudo atua na alma do educando...

Professor, bandeirante do saber, espírito forte, crê, ama, trabalha e terás sempre a dimensão da verdade, do universo em que vives.

O abraço amigo e sincero do admirador

(CRUZ, Maury Rodrigues; da Mensagem de Leocádio Correia psicografada. SBEE, 15 de outubro de 1983).

Anualmente são publicadas dezenas destas mensagens psicografadas por Maury Rodrigues da Cruz e atribuídas ao espírito de Irmão Leocádio. Em todas as entrevistas já realizadas e, demais fontes escritas do Lar Escola consultadas, percebemos que há uma identidade dos profissionais que atuam na escola com as orientações do espírito o que podemos explicar como a personificação do mito. Até mesmo a criação da escola é atribuída a ele. Segundo o seu fundador

A grande preocupação parte da observação que tive como professor primário de escolas isoladas aqui da comunidade, onde eu percebia na minha caminhada até chegar à escola um grande número de crianças, que eu diria assim, sem recreação,

sem atenção de adultos. Comecei a pensar seriamente. Conversando com o Doutor Leocádio, o espírito do Leocádio José Correia, chegamos à conclusão, num primeiro momento de que devíamos criar, quem sabe, uma escola tipo colmeia, onde tivéssemos casas e tivéssemos mães, mães evidentemente sociais que pudessem atender essas crianças, porque já no atendimento que fazíamos no antigo agrupamento espírita Afonso Pena, a gente ensinava as mães quanto ao comportamento, educação dos filhos. Recebíamos, às vezes, geralmente nos sábados à tarde antes do trabalho nós atendíamos algumas crianças, fazíamos recreação com elas, ajudávamos, conversávamos nos interessávamos por elas, isto foi amadurecendo até que nós entendemos que deveríamos constituir o Lar Escola, o primeiro lar de meninos Doutor Leocádio José Correia. A ideia era só de meninos. Por que meninos? Porque as meninas eram muito domésticas. Os meninos ficavam na rua. Então a ideia era trazer os meninos para um atendimento com pessoas voluntárias que pudessem ajudar. Aquele grupo de sábado continuava conosco, continuava atendendo, ajudando, mas as atividades no centro espírita eram muito intensas. Tivemos que nos ater à construção do centro e deixamos um pouco a ideia de construir o Lar Escola ou essas pequenas casas, para constituirmos mães sociais ou casais que atendessem as crianças. Não foi possível. Até que nos veio à ideia de criar um Lar Escola a partir dos diálogos com o Doutor Leocádio. O Doutor Leocádio pensava em uma escola que fosse estruturada na visão do lar, da família, sempre com a ideia de que o fundamento deste Lar Escola seria o amor, até por que o Doutor Leocádio nos ensinou ao longo da minha vida de que o amor era o “remédio para todos os males” (CRUZ, Maury Rodrigues da Cruz – Entrevista. Curitiba. 18/10/2007)

Da mesma forma Jamille Meger⁷⁹ se refere à fundação do Lar Escola como a realização de um sonho do espírito Leocádio Correia quando ele ainda vivia

A ideia desta escola foi, é claro, do Doutor Leocádio José Correia. Ele uma vez nos falou que ele pensava numa escola assim quando ainda estava encarnado em Paranaguá. Uma vez ele nos disse isso, estava demorando muito pra concretizar

⁷⁹ Jamille Meger atualmente tem 75 anos, nasceu em 02/09/1934. Participa da SBEE desde a década de 1960. Ajudou desde as primeiras campanhas para a construção do Lar escola, sempre atuando como voluntária. A partir do ano de 1980 quando se aposentou como funcionária da Justiça Federal passou a trabalhar como voluntária em tempo integral no Lar escola.

certas coisas aqui, e ele apontou: vocês precisam trabalhar para esta concretização. Só que a primeira ideia era fazer um internato, atender crianças e educá-las até os dezoito anos. Com o passar do tempo – pela demora de conseguir terreno –, chegamos à conclusão de que não era maior a tarefa de fazer um orfanato, mas o mais importante era educar num processo de amor. Porque tinha que dar responsabilidade aos pais e apoiar os pais para que eles criassem os filhos com a nossa ajuda e assim se fez. O Doutor Leocádio falou do trabalho como ele gostaria que a escola fizesse para cumprir essa missão.

Essa ideia, primeiro falou, claro, com o professor Maury e o professor Maury foi passando para os médiuns que estavam próximos a ele e aí foram chamadas algumas pessoas para organizar uma campanha para começar a construção, lá nos anos 1960. Quando tivemos a doação do terreno, que era irregular, inteiro irregular tanto que ele começa nesta rua aqui em frente e termina na rua debaixo, mas era uma barroca só. Não tinha nada, aqui era mato na frente, precisava dar a volta, era bem distante do centro de Curitiba, parecia impossível, mas a campanha foi tanto e a ajuda recebida que a fundação do Lar Escola se deu em 1963. (MEGER, Jamile Elias. Curitiba. 05/04/2008).

Em praticamente todas as obras consultadas e mensagens editadas pela SBEE e atribuídas ao espírito de Leocádio Correia há citações referentes à educação como “Quando o homem alcança o processo da Educação, espiritualiza a vida, liberta-se do tempo, entra triunfante na Eternidade”. (CRUZ, 1997, p. 23). Percebemos que há um entendimento de que todo processo de construção exige colaboração. Para que ocorra o conhecimento, é preciso que haja um repetidor, um professor que exercite e um educador que promova a educação. Logo a instrução é a causa, o exemplo é a referência e a educação é o efeito. Afinal, “educar é integrar o homem à vida, na vida; é conscientizar o ser a se auto-descobrir”. (CRUZ, 1997, p. 29).

Na visão dos participantes do Lar Escola e da SBEE, Leocádio José Correia é sem dúvida um dos grandes agentes organizadores e implementadores do processo educativo proposto pela Doutrina dos Espíritos. Uma das frases citadas é “A escola espírita ensina pacientemente o homem a se administrar, portanto, a governar o seu próprio ser.” (CRUZ, 1997, p. 174).

Analisando esta presença constante no imaginário percebemos que a

construção de um mito em torno do nome de Leocádio José Correia, tem base primeiramente na sua história de vida. Quando faleceu, aos 38 anos, no apogeu da carreira, ele não era visto apenas como médico humanitário, solidário, generoso ou alguém de bom coração que se compadecia com os sofrimentos dos outros e principalmente com os dos mais pobres. Era médico, mas atuava também no desenvolvimento da cultura local, assim como da política. A elite política de Paranaguá provavelmente depositava em sua figura a esperança da cidade de obter uma maior representatividade junto ao Governo Provincial. Por ter sido deputado por dois mandatos e, conforme já apontamos, não ter concorrido ao terceiro por opção pessoal, ele representaria a “voz” de Paranaguá na capital, na Assembleia. Sua morte representou, então, o desamparo dos mais diversos estratos sociais, que viam no bondoso médico a esperança política, a resolução para seus problemas materiais, a garantia de sua saúde física. Não sabiam que futuramente atuaria também para minorar os sofrimentos da alma, por meio das manifestações e comunicações espíritas.

Estes fatores contribuíram muito para que sua história fosse construída e difundida entre os mais diferentes segmentos sociais de Paranaguá, em todo o litoral paranaense e em Curitiba. As populações carentes tinham também as suas tensões e contradições sociais e, por isso, passaram a buscar soluções para seus conflitos onde poderiam encontrá-las, mesmo que fossem em planos e/ou dimensões diferentes da sua realidade: o espiritual, o metafísico, criando um mito-protetor. Na SBEE e no Lar Escola Doutor Leocádio José Correia observamos que o mito assumiu o caráter de identidade, de modelo a ser seguido pelos participantes.

A análise do sentido de mito é ampla, passando pelo campo da antropologia, da história, da política, da religião, da ficção. Ginzburg, por exemplo, indica que para “entender algo da história do século XX, é necessário analisar o uso político do mito.” (2001, p. 74). Chauí (1994) faz uma leitura de Claude Lévi-Strauss, mostrando como este analisa a categoria de pensamento mítico como a reunião de experiências, narrativas e relatos que se agregam até compor e produzir um mito que explica a origem das coisas, suas funções e finalidades. Segundo Lévi-Strauss os mitos possuem três características de

importância significativa. Primeiro uma função explicativa, na qual o presente é explicado por alguma ação do passado cujos efeitos permanecem no tempo, como os mitos de origem, o mito da descoberta. A segunda é a função organizadora das relações sociais de modo a legitimar e garantir a permanência de um sistema de proibições e permanências. Em muitas culturas a religião se apresenta como sistema explicativo geral e legitimador, oferecendo causas e efeitos, distinção entre o bem e o mal, as relações entre seres, valores morais e também a sustentação ao poder político. E, finalmente, em terceiro lugar, o mito teria a função compensatória na qual narra uma situação passada, e que serve tanto para compensar como para garantir que um erro passado foi corrigido no presente. Esta categorização analisada por Chauí (1994), a partir da antropologia, nos permite recuperar na perspectiva histórica e lembrar a “construção das tradições ou invenção das tradições” como diz Hosbsbawm (1998).

Eliade aponta que o mito “fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor a existência”. (1986, p .8). Mikosz e Souza em estudo específico sobre Leocádio escreveram que

Ele pressentia maus acontecimentos, como por exemplo, a revolta dos negros degradados na Ilha dos Valadares, quando de uma epidemia da febre amarela (1877/78). Além de lutar junto às autoridades da época para reverter esta absurda situação, Leocádio foi o único que se atreveu a entrar na Ilha. Atendeu aos enfermos, levou-lhes comida e medicamentos, aconselhou-os a não se revoltarem, porém, sua oratória foi em vão. Ao deixar a Ilha em seu barco voltou refletindo e pressentindo o que estava por acontecer. Naquela mesma noite acordou com a notícia da revolta dos negros que assassinaram todos os guardas presentes na Ilha, ateando fogo à senzala em seguida. De sua casa Leocádio enxergava as labaredas e sofria muito com a atitude daqueles pobres infelizes prevendo o pior para eles. Os negros que sobreviveram às tropas públicas enviadas para acabar com todos, receberam na prisão os cuidados do Dr. Leocádio. Essas histórias e tantas outras vem sendo narradas oralmente por várias gerações. Por isso a figura do médico traz tantas esperanças a quem a ele recorre. (SOUZA e MIKOSZ, 2004, p. 52-53).

Aqui temos um exemplo da narrativa oral ajudando a construir o mito na função explicativa das relações sociais desenvolvidas no contexto sócio cultural em que Leocádio viveu. Retomando Hobsbawm lembramos que o tempo carrega consigo as evidências e “ao restabelecer uma parte pequena, mas emocionalmente carregada de um passado perdido, de algum modo restabelece o todo.” (HOBBSAWM, 1998, p. 27). Da mesma forma, outro trabalho monográfico mostra a permanência de Leocádio Correia agora como espírito orientador

No dia 03 de agosto de 2007, em psicofonia na SBEE ele sugeriu que em todas as escolas deveria existir a disciplina “amor”, através da qual exercitaria-se o “amar ao próximo como a si mesmo”, um dos pilares da doutrina cristã. Ele nos alerta acerca de quando optamos pelo amor, em detrimento ao ódio, a vingança, passaremos por uma transformação pessoal que nos possibilita sermos mais naturalmente amorosos conosco e com os outros. Mudando a natureza e a qualidade dos nossos relacionamentos. (MARTINS, 2007, p. 27).

Apreendemos aqui o sentido de mito, não apenas no sentido de narrativas fabulosas, históricas ou pseudo-históricas, mas também de figuras humanas (o herói, o médico, o espírito de luz, o pedagogo do amor), de conceitos e noções abstratas (a nação, a pátria, etc.), ou de projetos de ação que não se realizarão jamais. Pois, o reforço da tradição ou a formação rápida de uma tradição, capaz de controlar a conduta dos homens, parece ser a função dominante do mito. E é nesse caso que se encaixa a figura mítica do Dr. Leocádio. De acordo com os instrumentos de manutenção da ordem social e/ou cultural, os mitos sempre estarão presentes nas diversas sociedades quando se fizerem necessários. Seja para determinar regras de conduta coletiva, seja para preencher um vácuo de poder, seja para eliminar conflitos, ou ainda, quando houver uma desorganização dos princípios que as norteavam e/ou que lhe davam forma e conteúdo, mas que, de repente, deixam de existir. A morte do Dr. Leocádio encaixa-se nessa situação. Bem como a posterior manifestação de seu espírito.

Lembrando, a função principal do mito “consiste em revelar os modelos

exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho e a educação, a arte ou a sabedoria” (ELIADE, 1986, p. 13).

Valério Hoerner, no primeiro livro que escreveu em 1977 sobre Leocádio Correia, reuniu depoimentos de descendentes de pessoas que conviveram com o Dr. Leocádio no século XIX. Em um destes depoimentos, narra a vivência de uma família com uma filha chamada Leocádia, concebida pela mãe em idade mais avançada

[...] – Quem escolheu o nome vizinha
Meu marido. Para ele, Deus no céu e o Dr. Leocádio na Terra.
Sabe ele é espírita e acredita piamente que o Dr. Leocádio
ainda pratica suas ações... Bobagem dele!
Verena, o que conhecia do Dr. Leocádio era justamente
naquela dimensão. Houve até um padre que criticava muito os
fiéis dados a espiritismos, sabe lá mais o que. Para ela, pelo
que se falava na sua simplicidade, o espiritismo era fora da lei,
não queria nem saber. Não gostava sequer do nome da rua em
que morava, porque o padre vivia dizendo aquele nome
associado às críticas ao espiritismo. Rua Dr. Leocádio. Viu
então, a um canto do quarto, a fotografia de um homem de
barbas a olhar para o infinito... Embaixo o nome, Leocádio
Correia, data de nascimento e morte. Viveu tão pouco pensou.
[...] (HOERNER JR, 1977, p. 45).

Podemos refletir que o Dr. Leocádio Correia viveu e morreu dentro de um modelo comportamental que possibilitou, por parte de seus contemporâneos, a construção mental de um mito histórico e filosófico. Chauí aponta que o símbolo mítico pode “não representar, mas encarnar aquilo que é significado por ele, leva a dizer (como faz Lévi-Strauss) que o pensamento mítico é um pensamento sensível e concreto, um pensamento onde imagens são coisas e onde coisas são ideias, onde as palavras dão existência ou morte as coisas.” (CHAUI, 1994, p. 163). Por fim, retomando Eliade, lembramos que entendemos o mito aqui como “uma realidade cultural extremamente complexa, e que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares.” (ELIADE, 1986, p. 121).

É nesta perspectiva que apontamos a construção do mito no imaginário

coletivo, considerando o ideário filosófico da Doutrina Espírita. Tanto que na História do Espiritismo Doyle (s/d) aponta uma busca significativa ao Espiritismo após a primeira guerra. Esta busca era decorrente de milhares de famílias terem perdido os filhos na Guerra e, neste sentido, o Espiritismo é uma temática desafiante que procura responder às situações presentes no cotidiano.

O Espiritismo aborda um Universo dual, com um componente material e outro espiritual. Isto nos abre uma gama de possibilidades de estudo. Leocádio Correia, no século XX, transita nestes dois universos e podemos apontar que de acordo com o princípio exposto por Kardec, na questão 115 do Evangelho, que os espíritos foram criados por Deus, com a missão de, por meio da evolução, atingir a perfeição a partir do seu aprendizado. Segundo o Espiritismo, cada espírito tem a possibilidade de evoluir e aprender com seus próprios erros e experiências, percorrendo um longo processo até compreender a relação entre Deus e o Homem, alcançando uma harmonia entre o conhecimento, a moral e a inteligência. Nesta perspectiva, Leocádio Correia seria um espírito que atingiu o grau de evolução que o permite se manifestar na terra, ajudando os encarnados a também evoluírem. Jurkevicz, na leitura que fez de Pierre ANSART (1978), aponta que

nenhuma prática social é redutível unicamente aos seus elementos físicos e materiais. É necessário que esta se realize numa rede de sentidos e que ultrapasse a segmentação dos gestos individuais. Nessa perspectiva, o mito construído ou em construção, expressa uma experiência cotidiana, um imaginário vivido, coletivamente, além de ressaltar o modo de relações dos homens consigo mesmos, e com os outros, atribuindo-lhes, quase sempre, uma forma magnificante, quando não dramática. (2004, 161-162).

O Espiritismo estuda o Homem, sobretudo o Espírito, seus problemas, sua origem, sua destinação, lançando conhecimento aos mecanismos das relações dos Homens que vivem na Terra com aqueles que temporariamente deixaram a terra, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento. Dessa forma garante uma interpretação da vida, isto é,

responde àquelas perguntas que a humanidade sempre questionou, sobre o porquê da vida, de onde viemos e para onde vamos? Podemos perceber, a priori, que a vida de Leocádio José Correia, pelos documentos e relatos bibliográficos, se adapta a estes princípios, garantindo a manutenção e sustentação ideológica das ações educacionais espíritas. No próximo capítulo vamos analisar o Lar Escola propriamente dito, aspectos de sua trajetória e, nesta, a ação do espírito de Leocádio Correia.

4 LAR ESCOLA: LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA DO IDEAL AO REAL

O que os espíritas esperam do mundo de amanhã?
É a pergunta que a eles deve ser feita neste momento.
E o espírita de bom senso deveria responder: [...]
Que a criança fosse realmente respeitada como o futuro da humanidade[...]
Que a educação não fosse privilégios de minorias.

(Leocádio Correia em 13/06/1979).

4.1 DA CRECHE À FACULDADE: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS, CONQUISTAS E RECUOS.

Escrevemos este capítulo considerando aspectos da trajetória do Lar Escola Dr. Leocádio Correia, como as suas questões pedagógicas, sua proposta curricular e suas ações educativas norteadas pela visão espírita. Aqui objetivamos analisar as problematizações iniciais da pesquisa, os aspectos apreendidos do cotidiano escolar a partir do conceito de cultura escolar. Analisamos fontes documentais como a primeira proposta curricular, materiais pedagógicos, diários e cadernos da década de 1970 e 1980, os relatórios de atividades anuais e as atas, além de vasta documentação manuscrita do arquivo pessoal da professora Disabel. Consideramos estas fontes como vestígios que nos permitiram questionar se a prática pedagógica evidenciada no primeiro capítulo foi de fato possibilitada por esta escola. Nosso objetivo aqui foi construir uma análise fundamentada nas fontes da trajetória da escola como proposta e prática de uma educação espírita.

Ao desenvolvermos a pesquisa percebemos que as memórias de nossos entrevistados se confundem com a memória da Instituição Lar Escola e da SBEE. As fontes pesquisadas nos possibilitaram apreender fragmentos de uma cultura material expressa no cotidiano, nos permitindo esboçar o perfil de alunos, professores, diretores ou seja, dos atores desta história e das mudanças vivenciadas na proposta da Instituição, bem como as manifestações de valores e comportamentos que a permearam ao longo do tempo. Nossa

intenção é mostrar a cultura escolar própria de uma Instituição de orientação filosófica espírita.

Nesta tentativa de retratar o Lar Escola Dr. Leocádio José Correia retomamos a sua idealização pelo patrono homenageado com seu nome. A ideia inicial da Instituição teria sido do próprio Leocádio Correia que se “manifestando” por meio do professor Maury, há alguns anos antes, já teria proposto a formação da Instituição escolar. Maury Rodrigues e os participantes da SBEE, na época ainda CEEEAP (Centro Experimental de Estudos Espíritos Afonso Pena) já desenvolviam um trabalho assistencial e de orientação com as crianças e as mães nos sábados à tarde. Era um trabalho de recreação com histórias que permitiam uma reflexão sobre princípios da doutrina espírita.

Os outros espíritos orientadores da CEEAP, a Irmã Marina Fidelis e o irmão Grimm, também apontavam a necessidade de se educar de forma mais sistemática as crianças carentes da região em que se localizava o Centro Espírita, na época um bairro extremamente pobre de Curitiba. A questão era constante nas reuniões e estudos mediúnicos, nos quais os “espíritos orientadores” cobravam ação efetiva dos participantes, a ideia foi amadurecendo e o grupo entendeu que era importante

não montar um depósito de crianças, mas sim construir uma casa, onde elas permanecessem o dia todo. Ou então criar uma colmeia e colocar uma senhora que pudesse tomar conta, mas sem jamais pretender eliminar a figura do pai e da mãe. O ideal dos espíritos-guias seria que o Lar Escola fosse sempre uma “agência do social”, sempre promovendo a família, as crianças e a comunidade, e, não, por exemplo, seccionando as crianças da família – posições firmes principalmente de Marina Fidelis, Afonso Pena e outros. (SBEE – DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA, LIVRO III, 1981, p. 503)⁸⁰.

Observamos que os relatos documentais da criação do Lar Escola trazem esta interação entre o chamado polissistema material e o polissistema espiritual. As discussões e planejamentos feitos pelos participantes eram mediados pelos comentários do espírito do Irmão Leocádio, os relatos nos

⁸⁰ Esta fonte é constituída de um série de estudos realizados como trabalho final dos grupos de exercício mediúnico do ano de 1980 da SBEE que estão documentadas na Biblioteca da SBEE.

revelam que a proposta tinha a expectativa de atender aos espíritos orientadores, no sentido de que a escola possibilitasse a reunião de fato das mães e das crianças, formando famílias numa ótica diferente de pensamento, qual seja, não apenas a família biológica com responsabilidade conforme a tradição, mas famílias pautadas na ótica do amor e da transformação social.

Esta ideia vinda constantemente de Leocádio José Correia e apoiada pelos demais guias espirituais, foi materializada pelo professor Maury Rodrigues da Cruz que, juntamente com os demais membros do CEEAP – futura Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, a 5 de janeiro de 1963 funda o Lar dos Meninos Dr. Leocádio José Correia. Em junho daquele mesmo ano o seu primeiro Estatuto foi registrado em cartório. Poucos meses depois, em outubro, foi constituída a sua primeira diretoria sob a presidência de Maury Rodrigues da Cruz, registrado em ata como presidente vitalício enquanto manifestasse vontade de permanecer à frente da Instituição⁸¹.

O trabalho daquele grupo de pessoas começou de imediato, na própria Sede do CEEAP⁸², apoiando as mães e crianças carentes que residiam próximas ao Centro espírita. Lá eram desenvolvidas práticas de assistência social que geravam ações efetivas de ajuda à comunidade local, como atendimento médico e distribuição de alimentos. Eram grandes as necessidades da população das proximidades, porém, aos poucos e de acordo com o número de voluntários, estes serviços foram sendo ampliados, incluindo o atendimento às gestantes e nutrízes; a distribuição de calçados e roupas aos carentes; o atendimento pediátrico, o atendimento médico e odontológico além de orientações para atividades domésticas como artesanato e preparação de alimentação mais saudável.

A proposta do Lar não era apenas assistencialismo, mas a consolidação de um espaço físico capaz de experienciar na prática as ideias discutidas pelo grupo e orientadas pelo espírito de Leocádio Correia. O

⁸¹ Fizeram parte desta primeira diretoria também os seguintes componentes Vice-presidente: Oscar kurowski, 1.º secretário: Joaquim Narciso Pedroso Borges, e no Conselho fiscal: Ivone Gutierrez Valente, Wilson Bernardo Cordeiro, Francisco Xavier, Fauzer Abrão Davi e Jule de Oliveira.

⁸² O CEEAP vai passar a se denominar SBEE em 1965.

primeiro passo efetivado em nome do Lar dos Meninos Dr. Leocádio Correia foi criar equipes de trabalho e fazer uma avaliação do custo inicial para a construção de uma sede própria, adequada a receber o maior número possível de crianças, além de prestar o atendimento educativo às famílias, no sentido de construir de fato um Lar Escola como tantas vezes teria explicado nas preleções Leocádio Correia. Feito esses estudos constataram-se as dificuldades para construção imediata. Como arrecadar a verba necessária para a aquisição do terreno e para a construção do prédio? Os próprios participantes da SBEE deram início a uma política de formação de cotas que, se não contemplava a construção planejada, permitia pensar na consolidação do espaço tão sonhado e, principalmente, naquele momento, ajudar algumas obras que eram realizadas pela Sociedade como o atendimento a famílias carentes e a mães solteiras. Uma parte do valor destas cotas foi sendo guardada para a futura construção do prédio da Instituição.

A função inicial do Lar de Meninos Dr. Leocádio José Correia era mais um trabalho comunitário, de apoio às pessoas carentes: provê-las de livros e outros materiais escolares, distribuir algum dinheiro para fazer frente às suas necessidades mais imediatas, pagar o retorno de acadêmicos que vinham estudar em Curitiba, moravam na Casa dos Estudantes e não tinham recursos suficientes para visitarem às suas respectivas famílias em diversas regiões. Até mesmo membros da SBEE que frequentavam curso universitário e que não tinham possibilidades de se manter nele, eram auxiliados. (SBEE – Documentos Do Lar Escola, Livro III, 1981, p. 504).

Maury Rodrigues da Cruz relembra

Então começamos com pessoas voluntárias, criaturas que queriam criar, trabalhar conosco e ajudar nesta composição. Quero salientar que fomos muito ajudados, no primeiro momento, por pessoas que tinham interesse em promover as crianças. Elas visitavam as casas das pessoas, visitavam as crianças, tratavam-nas bem, com amizade, com afeto. Fomos gradualmente permitindo que surgisse, então, a oportunidade de constituir uma casa para crianças com nome Leocádio Jose Correia e com a proposta de educação pensada por ele. (CRUZ, Maury Rodrigues da; Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

Foram criadas também outras comissões para expandir a arrecadação de fundos e apoiar a construção de equipes de trabalho que promoviam atividades diversas como chás e festas beneficentes, em prol da construção do prédio. Outra comissão também foi organizada para arrecadar materiais de construção, estas visitavam os comércios de Curitiba pedindo doações, muitas pessoas doavam sobras de tijolos, areia, madeira.

Odila⁸³ era uma das únicas moradoras próximas à área, mais tarde ela foi trabalhar no Lar Escola e lembra que

Quando o Lar Escola começou a construir aqui, tinha uma placa na esquina com a imagem do Dr. Leocádio, eu estava fazendo a minha casinha aqui na frente. Acho assim que foi o espírito dele que me trouxe para morar aqui perto. Eu sou católica, mas sempre tive muita afinidade com o Dr. Leocádio. Quando começaram a construir aqui eu também comecei a fazer a minha casinha e aí fizemos uma parceria, chegamos a trocar materiais. Teve uma caixa d'água que ficou pequena e era do tamanho que eu queria. (NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues. Entrevista, Curitiba 03/08/2009).

Paralelo a estes trabalhos continuava o cuidado com as crianças por meio de atividades de orientação às famílias e atividades lúdicas com os pequenos que era feito na própria sede da SBEE. Em abril de 1969 o Sr. Raul Suplicy de Lacerda, fez a doação de uma área de terra, medindo aproximadamente 12.000 m², para que fosse construída a sede própria do Lar Escola. Raul vinha de uma família católica, eventualmente participava de alguma reunião na SBEE, mas sensibilizado com a pobreza da região e com o trabalho constante dos voluntários fez a doação do terreno.

Já com o local destinado para levantar o prédio foi escolhida a data de 18 de maio de 1969, data que marcava 83 anos do falecimento de Leocádio Correia, para o lançamento da pedra fundamental. A cerimônia foi organizada, noticiada em jornais da cidade e contou com a presença de várias autoridades públicas, como Ommar Sabagg, que na ocasião era o prefeito municipal de

⁸³ Odila nasceu em 1944 e é graduada em Artes e especialista em Educação Especial. É professora aposentada pela SEED, e pela PMC, trabalhou por vinte anos no Lar Escola e, atualmente, mesmo após duas aposentadorias, continua atuando em uma escola de educação especial.

Curitiba; o General Luiz Carlos Tourinho, e os desembargadores Enrique Nogueira Dormunf e Marçal Justen, além de grande número de representantes, diretores, associados e pessoas que emprestaram sua colaboração ao Lar dos Meninos.

Às 10 horas teve início o acontecimento, falando na ocasião o Presidente da entidade, Sr. Maury Rodrigues da Cruz, que se referindo ao evento, agradeceu ao prestígio dado ao ato pela presença de todos, bem como ao Dr. Raul Suplicy de Lacerda, doador da área de terra onde estava sendo lançado o marco para a construção do Lar dos Meninos. A seguir Dr. René Dotti, conhecido jurista e advogado paranaense, usou a palavra, enaltecendo a alma, mencionando os princípios filosóficos e sociais do Espiritismo e ainda destacando o papel do Dr. Leocádio José Correia, inclusive quando encarnado, um benemérito das obras sociais e filantrópicas, marcando, como espírito uma sequência de seu incansável trabalho. Em seguida o Dr. Omar Sabbag, prefeito municipal fez uso da palavra, dando seu integral apoio à causa e colocando à disposição da entidade, dentro de suas disponibilidades, recursos para o auxílio na construção. Em seguida o livro Original de Atas, com a assinatura dos presentes, mais os selos postais em vigor, exemplares de jornais do dia, moedas foram encerradas em uma urna e esta colocada em uma fenda na terra, revestida de tijolos onde os presentes cimentaram a laje de concreto, sendo então oficializada e lacrada a primeira pedra de construção do Lar dos Meninos. (LIVRO DE ATAS DO LAR ESCOLA – 18 de maio de 1969)⁸⁴.

Desta data em diante os participantes das comissões, motivados pelo recebimento de um terreno amplo e arborizado numa região tão carente e com pessoas que necessitavam de tanto apoio, decidiram pela construção imediata de uma sede modesta, mas que pudesse receber as crianças em tempo integral, além de desenvolver o trabalho educativo com as famílias.

O Lar Escola começou de fato em uma pequena creche na casa de madeira⁸⁵, considerada “a célula inicial do Lar Escola foi inaugurada as 11h00

⁸⁴ Este livro teve início no dia 30 de setembro de 1963, contém 100 folhas, todas rubricadas por Maury Rodrigues da Cruz e foi usado até o ano de 1988, quando foi aberto o livro de Atas II).

⁸⁵ Esta casa foi preservada com as características de construção e abriga atualmente parte da biblioteca da instituição, principalmente livros raros como obras de Sociologia e História do início do século XX.

do dia 26 de março de 1972, portanto nove anos após a sua fundação. Este núcleo ficou sob os cuidados da Senhora Yvonne Gutierrez Valente”. (LIVRO DE ATAS DO LAR ESCOLA. 26 de março de 1972), que, de acordo com o Professor Maury, foi “designada pelos guias espirituais para construir, organizar e tomar conta da creche”.

A família de Yvonne participou da construção desta primeira casa que foi montada na parte mais baixa do terreno. A casa, apesar de simples, contemplava todo o necessário a um bom atendimento: berçário, sala de refeições e recreação, instalação sanitária, cozinha, lactário, ambulatório médico.

A Yvonne Gutierrez Valente já nos ajudava nos trabalhos na SBEE. Ela era uma frentista como eu, indicada pelos guias espirituais, alguém que enfrentava que ia para as regiões pobres atrás de ajudar as pessoas com as quais trabalhávamos, queria promover a infância. Imediatamente ela se encarregou de construir a casa que ainda tem aqui. Ali começamos a receber crianças das sete da manhã às cinco da tarde com aconselhamento do Doutor Leocádio. Começamos também a receber a família, ouvir as mães, geralmente mães solteiras, começamos enfim a estimulá-las a criar os filhos, a amá-los a devotar-se um pouco a eles. Começamos a mostrar a eles de que se Deus tinha concebido uma relevante missão de educar alguém, era necessário que elas assim se comportassem e o trabalho foi efetivamente se incorporando, tomando um rumo até um pouco diferenciado do que se imaginávamos. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista. Curitiba. 18/10/2007).

Em novembro de 1970 por orientação do Espírito de Leocádio Correia o nome de Lar dos Meninos foi mudado para Lar Escola Dr. Leocádio José Correia. Esta mudança ocorreu devido à ampliação do objetivo da Instituição e da necessidade de atender crianças de ambos os sexos. Começava a se efetivar por meio da creche a proposta inicial da Instituição, um Lar Escola que amparasse e educasse as crianças, além de desenvolver práticas educativas com as famílias.

O trabalho inicial de dona Yvonne foi aos poucos reunindo outras pessoas que passaram a atuar como voluntárias e a fazer campanhas para a

construção de um novo prédio, maior e em alvenaria, visto que a região crescia, e assim aumentava o número de crianças necessitando de atendimento. A creche iniciou com sete crianças, em pouco tempo tinha 25, depois 30 crianças que recebiam cuidados além dos três anos de idade. Todas eram crianças pertencentes a famílias carentes e as mães em geral trabalhavam como diaristas. Atuando no serviço doméstico, deixavam os filhos na creche às sete horas da manhã, indo buscá-los no final da tarde. Maury relembra que naquele período junto com Yvonne Valente participava também a senhora Hermínia Rolim Lupion, mulher do governador Moisés Lupion que atuava junto a LBA (Legião Brasileira de Assistência), distribuindo agasalho à população carente. E também Ana Sebastiana Patitucci que fora governanta na casa da família Lupion e que participava da educação tanto de Maury Rodrigues quanto dos primos dele. Outra pessoa que participou ativamente das campanhas segundo Maury foi “a dona Lurdes Cannet, imediatamente como simpatizante do espiritismo, Dona Lourdes ajudou muito a comunidade de modo geral, nos ajudou muito e construímos essa sede”. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista. Curitiba.18/10/2007).

Uma das preocupações da Instituição, além da assistência médica e educacional, era oferecer às mães orientação sobre os aspectos de higiene, puericultura e apoio psicológico no sentido de educar os filhos dando continuidade ao trabalho da escola em termos de valores. Segundo o professor Maury

Essa era uma região inóspita ainda, muito pobre, mas não tinha favela. Eram casas modestas, esparsas, alguns descendentes de poloneses, mas sem acesso à informação, à instrução. Nós nos preocupávamos em dar também orientação mais ampla a estas famílias. Quando percebíamos que era uma mãe solteira, dávamos atenção plena à mulher, para que ela pudesse compreender a sua missão de mãe, e também seu direito de cidadania. Tinha um grande número de crianças e era maior ainda o número de pessoas que procuravam a creche, que queriam colocar o filho conosco. Instituição pública nesta região só tinha a escola Maria Montessori e nenhuma outra creche. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista. Curitiba.18/10/2007).

A área geográfica em que se localizava a creche começou a ser loteada por volta de 1955. As primeiras famílias, procedentes do meio rural, foram atraídas pelo baixo custo dos terrenos. Por serem na grande maioria moradores do meio rural, tornou-se fácil fixar residência, pelo espaço físico e local de tranquilidade para os que tem o hábito de conviver com a natureza. Aquelas famílias traziam conhecimentos que herdaram dos antepassados, baseavam sua subsistência nas plantações, atividade esta que foi sendo gradativamente desativada com o aumento da densidade populacional do bairro e do modo de existir do meio urbano. Aos poucos o bairro foi recebendo infra-estrutura mínima. Mudanças foram ocorrendo, mas a população, apesar de se considerar urbanizada, mantinha ainda hábitos da vivência rural, presentes nas formas de expressão, atividades braçais e vocabulário característico. O tipo de moradia principal era a “meia-água”. Não existia nenhuma praça ou área de lazer. As crianças brincavam nos terrenos baldios. Fontes do arquivo do Lar Escola demonstram um estudo feito na época sobre a população do bairro em que foi observado que

Havia um baixo rendimento familiar e como características:
Alto índice de mortalidade infantil;
Reduzida expectativa de vida ao nascer;
Consumo de calorias abaixo do normal;
Consumo predominante de féculas (raízes);
Baixo índice de escolaridade.
Alto índice de anemias e verminoses;
(Pesquisa de Campo – Assistência Social da SBEE, 1976, p. 1).

O início do trabalho na creche demonstrou que esta realidade levantada na pesquisa do bairro se comprovava, que as crianças, na sua maioria, eram vítimas da pobreza e desnutrição e que o cuidado era essencial para reduzir as taxas de mortalidade. Yvonne e outros voluntários que vivenciaram os primeiros anos da Instituição deixaram relatos escritos, descrevendo como aos poucos as crianças foram se tornando mais fortes, saudáveis, graças à alimentação baseada em cereais, verduras e frutas e outros alimentos doados, além de tratamentos médicos e muito carinho.

A proposta de estender a educação às famílias também começava a se

consolidar no campo da saúde, higiene, sentimentos e moral e religioso.

Eu vi coisas que nunca pensei que podiam existir. Por exemplo, a pobreza extrema. Hoje é outra a realidade das crianças que são atendidas, mas quando comecei aqui as crianças na sua maioria vinham descalças, com as perninhas roxas, cheias de barro, tinham que ir direto pro banho, agasalhar. Tanto que a gente tinha muita roupa usada de criança, então a primeira coisa era dar um banho, um leite quente. Muitas vezes víamos situações que nos penalizavam. Um dia eu estava atendendo uma pessoa ali na frente da escola, vinha uma senhora assim magérrima com uma criança no colo e com três crianças no chão, assim magrinhos, e de repente a criança no colo começou a gritar desesperada, porque passou outra criança comendo um pão. Quando percebi chamei aquela senhora e soube que a família estava morando num terreno vago aqui perto. A criança do colo tinha mais de um ano, mas parecia de poucos meses de tão desnutrida que estava. Os maiores todos tinham problemas pela falta de alimentação. Trouxemos aquelas crianças para o Lar Escola. [...] oferecemos-lhes um trabalho, o pai sabia cortar grama, mas a situação de todos era muito precária. Eles não conheciam vaso sanitário. As professoras no começo tinham que ensinar tudo. Tudo era básico para essa população. (MEGER, Jamile Elias. Entrevista. Curitiba. 09/09/2008).

Uma preocupação constante no atendimento às famílias era que o trabalho não degenerasse em paternalismo, prática que ao invés de promover o ser humano, criaria dependências e reforçaria a sua condição de “carente”, estimulando a sua permanência naquele estado.

Além do trabalho voluntário de toda a diretoria composta por pessoas que eram eleitas anualmente entre o quadro de associados da SBEE e de Yvonne Valente como diretora executiva, trabalhavam ainda na creche: zelador, cozinheira, lavadeira, atendente e médicos e dentistas voluntários.

O dia a dia das crianças na creche, pelo que está descrito nos relatórios era bem limitado em termos de atividades diferenciadas. Era organizado da seguinte forma:

Chegam as crianças à creche às 7:00 horas, sendo-lhes promovida a higiene e a primeira refeição. Após o que os bebês ficam ao ar livre sempre que o clima permite e os

maiores no terraço para as brincadeiras de estimulação precoce;

Às 10:30 novamente fazem higiene e almoço, seguido da oração e após vão todos ao berçário para a sesta;

Às 14:00 fazem nova higiene, recebem outro lanche e brincam até 16:30, quando após a higiene se preparam para o jantar que geralmente é uma substancial sopa;

Às 17:30 as mães vêm buscar seus filhos e, os pequenos, ainda levam para casa uma mamadeira para a noite. (LIVRO DE REGISTRO 1979, p. 3).

Aos poucos a creche se tornou um modelo de organização e higiene, e foi construindo uma proposta de atividade que pode ser considerada como o embrião da proposta curricular do próprio Lar Escola Dr. Leocádio José Correia, nos anos posteriores. Começaram a desenvolver trabalhos de estimulação com as crianças, superando uma visão de que a escola infantil se destinava apenas a cuidar da alimentação e segurança. Os voluntários do Lar Escola, seguindo orientação do Irmão Leocádio, atuavam com a certeza de que as crianças eram espíritos encarnados para desenvolverem seu potencial e conhecimento que traziam de outras vivências. Acreditavam que superando as condições impostas pela pobreza poderiam ser os agentes de transformação da realidade local, por isso a importância que percebiam no trabalho com a educação infantil.

A creche se mantinha com recursos provenientes de promoções filantrópicas, contribuições espontâneas da comunidade espírita e dos poucos pais que poderiam colaborar, além da venda de livros aos participantes da SBEE.

Um dos momentos destacados na época da creche, tanto nos documentos quanto na memória dos entrevistados, eram os Natais, momento este em que eram reunidas as crianças e seus familiares e com doações obtidas partilhavam de um lanche e de diferentes atividades que visavam manter o significado do natal enquanto festa familiar. No final ainda as famílias levavam para casa

uma sacola com gêneros alimentícios que continha: 1 kg de

arroz, 1 kg de feijão, 1 kg de açúcar, 1 kg de farinha, 1 lata de óleo, 1 pacote de macarrão e 1 lata de doce. E uma sacola com uma roupinha, 1 conguinha, 1 meia (se bebê, talco e sabonete se maior – 1 pasta de dente, 1 escova, 1 sabonete e um brinquedo). Os doces e salgados que sobravam do lanche eram distribuídos às famílias dos menores. (SBEE, LIVRO III – LAR ESCOLA 1981. p. 509).

Para a maior parte das famílias atendidas pelo Lar Escola, aquela comemoração era aguardada com muita expectativa, visto ser o único momento festivo que presenciavam pelo transcorrer das festas natalinas.

As mães ganhavam a sacola com gêneros alimentícios para atender as crianças durante os dez dias de recesso do final do ano, quando funcionários, voluntários e atendentes tinham férias coletivas para comemorar as festas junto de seus familiares. Foi um tempo muito bonito, sendo muito boa a ideia que ficou do núcleo inicial que, após a inauguração da sede maior, passou para o Serviço Social da SBEE. (A SEMENTE n.º 15, Ano 5 mar/abril SBEE 1986 p. 5).

No início dos anos 1970, a campanha para a construção de um prédio maior e em alvenaria que pudesse atender realmente o maior número de crianças continuava. O terreno em que estava localizada a creche, apesar de muito irregular era amplo, com diversas frentes, e possibilitava a construção de um prédio escolar com salas de aula, biblioteca, espaço para recreação, teatro e local para a formação educativa das famílias.

Naquele período o Lar Escola é citado em muitas reportagens de jornais da capital como modelo no cuidado e atendimento ou reforçando a participação na ampliação da Instituição

O Lar Escola está sendo montado para ser um exemplo de Assistência a menores, tudo isso sem contar com auxílios oficiais, mas nascido dos continuadores da obra do médico Leocádio José Correia, natural de Paranaguá que durante sua curta, mas profícua existência dedicou-se a assistência aos pobres e fez da medicina o seu sacerdócio. (JORNAL DIÁRIO DO PARANÁ. 2.º Caderno. 30/08/1974).

Já existiam estudos anteriores de engenheiros e arquitetos participantes da SBEE tomando por base a estrutura do terreno e o

aproveitamento de forma a manter as árvores que existiam, preocupação constante do Professor Maury

Nossa escola está cercada por um cinturão verde, isto é muito importante. É o verde que permite ao homem manter o seu equilíbrio, as suas raízes. Cada vez que precisamos tirar uma árvore para construir um espaço, me dói demais. Sinto que o verde precisa ser constante. Eu tenho uma consciência quando eu falo isso de que nós estamos nesse momento tentando, recobrando alguns valores gregos, valores da cultura ocidental. Não estes valores que a natureza está para ser explorada. A natureza não é para o homem explorar e me parece que quando São Francisco sai e começa a falar sobre os fatos da vida o respeito aos animais, imediatamente nos voltamos um pouco e começamos a romper aquele modelo que a nossa época está nos impondo. Vivemos um modelo cartesiano, já vamos nos encaminhando para esse cartesiano, que é até agora temos que ser sensibilizados a perceber o meio em que vivemos, perceber os rios poluídos, uma crise existencial, então nessa linha do cognitivo, do afetivo que também deve ser pelo habitat, meio que vai alcançar a pátria. Que bom o pinheiro do Paraná, que boa a cor da terra, por exemplo, do Paraná, que bom saber que o meu país é quase um continente e tal, mas tudo isso é também uma composição afetiva, histórico-afetiva. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

O projeto inicial, atendendo a sugestão do Irmão Leocádio, era da construção de pequenas casas, formando uma colmeia, que seriam utilizadas como unidades familiares. Uma das senhoras que atuava na creche Luiza Pereira Dorffund havia sugerido o Lar comunidade onde cada unidade comportaria no máximo oito crianças sob o cuidado de pessoas adultas que morariam na casa, formando assim verdadeiras famílias. Porém o terreno doado apresentava uma topografia muito irregular e este tipo de construção geraria um alto custo porque precisaria de toda uma infra-estrutura que permitisse ligar as residências entre si, além de aterros e mesmo assim não garantiria o atendimento a um grande número de crianças como vinha sendo manifestado em todas as campanhas para doações.

Outros projetos foram pensados até o projeto final, em forma de U, que foi apresentado a uma comissão da SBEE, presidida pelo Prof. Maury.

Aprovado o projeto retomaram as equipes para angariar fundos que permitissem a sua viabilização. A PMC garantiu a terraplanagem e durante longo tempo as máquinas da prefeitura e do Departamento de obras trabalharam. Foram necessários três tratores, um segurando o outro para não escorregar terreno abaixo, devido às péssimas condições em termos de topografia e de erosão no local. Terminada a terraplanagem iniciou-se a busca de verbas para a mão de obra. A Instituição

recebeu verba do instituto de Assistência ao Menor (IAM) areia de Irmãos Mauad, pedra da prefeitura, concreto da Betonex, madeira da Bettega, ferro da Impar, vidro da Cometa. Com a ajuda do Sr. João Livramento e Dona Nerea Sarmiento iam de empresa em empresa de Curitiba pedindo doações. Assim, em Janeiro de 1978 iniciou-se a construção do prédio do Lar Escola. (SBEE, LIVRO III – LAR ESCOLA 1981, p. 513).

A construção foi realizada pelo engenheiro Roberto Luiz Valente, filho de Dona Yvonne. Em maio daquele ano (1978) praticamente todas as paredes estavam na altura de receber o telhado, porém no mês de julho ocorreu uma forte ventania que descobriu quase 50% da área construída, provocando um grande prejuízo. Mas apesar de todas as dificuldades, a construção prosseguiu. A Instituição conseguiu a doação com outras empresas dos azulejos, tacos, dos materiais elétricos e hidráulicos e, com a ajuda da primeira dama do Estado, Maria de Lurdes Canet, conseguiu-se a verba que permitiu o término dos acabamentos do prédio, além da ajuda da prefeitura municipal de Curitiba que garantiu a terra, a grama e o paisagismo

Duas semanas antes da inauguração, todos os membros da SBEE se reuniram em um mutirão de limpeza, acabamento e algumas horas antes, ainda se trabalhava, aprontando tudo para a inauguração (SBEE Entrevista – Engenheiro Roberto Luiz Valente, 12/12/1980).

Em entrevista gravada em 1990 o Coronel Graça⁸⁶ assim se referiu a este período

⁸⁶ O Coronel Geraldo Miranda Graça nasceu no Rio de Janeiro em 1928. Foi esposo de Miraita e durante muitos anos teve participação ativa no Lar Escola, se afastando em decorrência de problemas de saúde. Não foi possível entrevistá-lo devido ao quadro de saúde.

Conseguimos muitas doações para a construção do Lar Escola, era dinheiro, madeira, material. Também nós vivíamos pedindo, eu chegava aos lugares e as pessoas já sabiam que vinha algum pedido. O Lar Escola ficou pronto, mas faltava a equipe, vários médiuns se propunham a ajudar, mas era um tal de cada um puxar para o seu lado. Ai veio a irmã Miraita que acabou coordenando a inauguração e ela está lá até hoje. (SBEE. Entrevista Coronel Geraldo Graça, 29/10/1990).

Enfim tudo pronto e organizado ocorreu a inauguração oficial do novo prédio no dia 12 de março de 1979, prédio este que até hoje comporta o Lar Escola

A solenidade teve início com o hasteamento dos pavilhões nacional, estadual e municipal, ao som do Hino Nacional. A bandeira nacional foi hasteada pela Sra. Maria de Lurdes Araújo Canet, representando seu marido, o então governador do Estado do Paraná, Jaime Canet Junior, a bandeira do Estado pelo vereador Donato Gulin, presidente da Câmara Municipal de Curitiba na época. A bandeira do município, pelo Sr. Dr. Maury Rodrigues da Cruz. O hino nacional foi executado pela banda da polícia Militar do Estado do Paraná

Ao fim deste ato, o Presidente da Instituição convidou a todos para que se dirigissem à porta principal do prédio, onde foi desatado o laço da fita inaugural. Quebrando o protocolo foi convidada para fazê-lo uma criança que estava nas imediações – tendo sido também ela, simbolicamente, a primeira pessoa que entrou no prédio.

A seguir o presidente, convidou a todos para ocuparem o “hall” de entrada do prédio, onde se realizou o descerramento do quadro com o retrato do Dr. Leocádio José Correia, numa homenagem ao grande idealizador e incentivador dessa obra, que por reconhecimento e gratidão empresta-lhe o nome. Para esse ato, foram convidados o Sr. Antonio Alves de Araújo e Sra. Silva Araújo, descendentes do Dr. Leocádio quando da sua última encarnação aqui na terra. (LIVRO DE ATAS I, 12 de março de 1979).

No discurso pronunciado na sequência o Prof. Maury Rodrigues da Cruz retoma a inspiração da proposta

Em 1963, inspirados e orientados pelo chamamento do Espírito do Irmão Leocádio José Correia, fundamos com o apoio dos médiuns da Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas e da comunidade, o lar que por homenagem leva seu nome. A luta

começou, e dia após dia, campanha após campanha, crescia o ideal. Nasceu a creche [...] Não paramos, queríamos materializar o idealizado, recorremos à comunidade, aos poderes constituídos e recebemos gradativamente o que pedíamos [...]. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

Maury retoma a inspiração para a proposta da escola, não somente o prédio e os cuidados materiais, mas o que diferenciaria o Lar Escola de outras instituições de atendimento a crianças seria que a

A filosofia do Lar Escola está estruturada na educação para a liberdade. Será uma escola sem grau. O seu currículo flexível permitirá a autoatualização constante no processo educativo. Aqui estaremos vivenciando o ideal da democracia espiritualista, o respeito à dignidade da pessoa humana, à igualdade de direitos, o respeito integral à criança, à justiça social, à educação sem condicionamento, ao evangelho de Cristo com coragem, fé no cenário da vida. (SBEE – DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA. LIVRO III. 1981 p. 516).

Na ata de inauguração consta ainda que “inaugurando o prédio que passou a ser a sede física desse espírito de benemerência de há muito alentado pelo incansável Dr. Leocádio José Correia e que, por fim ganhava o início de plenitude dessa nova realização”. (SBEE, DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA, LIVRO III. 1981, p. 517).

Atendendo ao convite do Irmão Leocádio José Correia e por designação do presidente da entidade, professor Maury, através da portaria 01/79, assumiu a direção executiva a Professora Miraita Gomes Graça. Dona Yvonne Valente, que até então tinha dirigido a creche, passou a atuar como colaboradora de Miraita, permanecendo como vice-presidente e ajudando na Instituição até sua morte.

Em mensagem psicofonada na mesma noite na SBEE através do Professor Maury, Leocádio Correia afirma

Vocês entronizaram o meu retrato naquela Casa e por respeito a mim, companheiro de vocês, que converso só quase no noturno com vocês, mas que quase diariamente tenho visitado vocês, que fossem abnegadamente humanos para todos e

particularmente para que o Lar Escola fosse uma casa de amor. Que as crianças que frequentassem o Lar Escola, fossem amanhã verdadeiros pólos existenciais de amor. Que fossem criaturas que pudessem realmente transformar, que de cada dez, pelo menos um saísse dali em condições existenciais de amar. Para isso eu vou precisar muito de vocês, mas muito mesmo. Não é para fazer comida e quem sabe para ir lá se doar espiritualmente. Não é só arranjar donativos de ordem física, não. É para vocês exercitarem um pouco, passarem a mão na cabeça de uma criança, conversarem, fazerem reuniões e assim sucessivamente. Quero pedir para vocês que de tudo o que fizerem não esperarem reconhecimento. A vida na terra não é de reconhecimento, é de constante trabalho. O Lar Escola há de trazer reconhecimento, pois reconhecimento maior que o de professor não deve existir:

- É observar que vocês conseguiram modificar o comportamento e eu gostaria que o Lar Escola tivesse nas 300 famílias ligadas, que não fossem só as crianças, mas que todas as famílias estivessem ligadas à escola. Que nós tivéssemos um canal de circulação e que nossas mensagens chegassem a elas, não num sentido de imposição, mas que os espíritas soubessem viver com católicos, protestantes e religiosos em geral, numa concepção de homem, numa concepção de política humana. Que Deus abençoe e pague a todos vocês e que não lhes falte a força para realmente se integrarem. (Mensagem Psicofonada de Dr. Leocádio José Correia aos médiuns da SBEE, 12/03/1979).

O espírito de Leocádio continua ainda afirmando

Vocês hoje me comoveram muito mais do que todos os outros dias que vocês fizeram homenagens públicas: Vocês hoje fizeram uma casa religiosa, uma casa educativa, uma casa de amor. Nós vamos trabalhar. Levem para a casa de vocês este meu sentimento espiritual bom, este meu muito obrigado em nome daquelas crianças, não é em meu nome, mas no das crianças. Elas precisam ser felizes e eu sei que vocês vão fazê-las, eu sei que vocês vão fazê-las felizes. Quando vi o número de pessoas que lá foram, eu senti que elas descobriram que nós queremos fazer as crianças felizes, mas não serão só as crianças, serão também os seus pais e nós vamos fazer um pouco daquilo. Que Deus vós pague! (Mensagem Psicofonada de Dr. Leocádio José Correia aos médiuns da SBEE, 12/03/1979).

Percebemos aqui a relação direta entre as ações dos participantes da

SBEE e a vontade manifesta do espírito de Leocádio Correia, estas mensagens psicofonadas, são repassadas aos participantes, o que nos leva a acreditar que foi criada uma “cultura espírita” legitimada pelo espírito. Os relatórios de atividade sempre fazem referências aos estímulos e às ordens recebidas do Dr. Leocádio em todos os momentos da Instituição.

O Dr. Leocádio determinará que, imediatamente após sua inauguração, o atendimento comece com o maior número de crianças. Assim, já no dia 13 iniciaram-se as matrículas e o preparo da alimentação. A diretora Miraita Graça, escolhida poucos dias antes da inauguração, precisou se desdobrar junto à família, amigos e médiuns da SBEE, para fazer o Lar Escola funcionar. Estes se revezavam no preparo da alimentação, para servir as refeições e atender as crianças, que de imediato começavam a aparecer. Não existiam professores, nem atendentes, somente um reduzido número de funcionários vindos do núcleo inicial. Podemos dizer que o trabalho não foi perfeito, mas por ter sido o primeiro, teve um valor extraordinário. Muitos médiuns da SBEE largavam suas casas e vinham ajudar, dando grande apoio a Miraita. (A SEMENTE n.º 15, Ano 5 mar/abril, SBEE, 1986, p. 5).

Com o passar dos anos o Lar Escola foi alternando o tempo de permanência das crianças na escola, inicialmente até aos 12 anos, depois até aos 15, retornando para 12 anos, ampliando novamente até aos 15 de acordo com os recursos existentes e a disponibilidade de pessoal.

Entre os anos de 1985 e 1987 desenvolveu uma experiência com cursos profissionalizantes para os alunos que completavam 15 anos e precisavam sair da Instituição. Foram criadas oficinas de cerâmica, de datilografia, de marcenaria, o que permitiria manter as crianças por mais tempo na escola. Segundo os relatórios anuais, esta prática era oferecida aos menores adolescentes porque participando de diferentes oficinas estavam protegidos de envolvimento com as atividades de rua e da marginalização que já começava a se evidenciar no Bairro.

Até 1989 a Instituição funcionou somente com os recursos recebidos das instituições públicas e as doações de pessoas da SBEE ou de voluntários. A colaboração financeira dos pais era bem restrita e ocorria espontaneamente,

visto que a clientela era marcada pelas dificuldades econômicas. Naquele ano a Assembleia Geral de associados deliberou para retomar o atendimento além dos 12 anos. Para este atendimento fazia-se necessário ampliar a arrecadação de recursos. Foi então aprovado que 10% das vagas fossem destinadas a crianças não carentes e que as famílias poderiam custear a sua permanência no Lar Escola.

Segundo o Sr. presidente, ao invés dos pais colocarem seus filhos em outras escolas ou creches pagas, poderiam vir a colocá-los no Lar Escola, sempre observando o número máximo de vagas para este fim. Todo o dinheiro arrecadado seria integralmente destinado a suplementar o atendimento aos menores carentes [...] A assembleia concluiu que em hipótese alguma tal procedimento iria descaracterizar a filosofia central de trabalho do Lar Escola que é o atendimento ao menor carente. (Ata da Assembleia Geral Ordinária dos Associados do Lar Escola Dr. Leocádio José Correia. 21/03/1989).

Esta prática permitiu uma condição diferenciada, conviviam crianças carentes ao extremo com crianças de classe média e que os pais optavam pela educação infantil na Instituição. Esta proposta vinha se somar ao atendimento às crianças com necessidades especiais, por meio do Centro de Atendimento Especial Dr. Leocádio José Correia. Criado em 1982. Este centro foi fundado pela professora Odila Terezinha Domingues Nascimento, que atuava na coordenação das atividades artísticas da Instituição. A Professora Odila, sendo especializada em atendimento a crianças especiais percebeu que algumas das crianças atendidas no Lar Escola apresentavam características de deficiências leves e de dificuldades na aprendizagem.

O CAE atende crianças em classes de educação pré escolar e estimulação precoce. Este atendimento é dirigido, após avaliações às crianças consideradas limítrofes, com dificuldades de aprendizado e que devem conviver com todos, trabalhando e interagindo no social. Cedidas pela Secretaria de Educação do Estado, o CAE atende às crianças através de professores especializados. (O Desafio de Educar para a liberdade e Cidadania – Material de Divulgação, 1994, p. 4).

Odila, professora há 44 anos, com anos de experiência na educação especial lembrou práticas diferenciadas realizadas pelo Lar Escola.

Eu acho que a primeira escola que se preocupou com a inclusão aqui em Curitiba foi o Lar Escola. Nós reuníamos todas as crianças, as do CAE e as das outras turmas e fazíamos atividades juntas. Eu lembro de uma vez que montei pipas e fomos eu e algumas professoras e as crianças empinar as pipas aqui em frente onde era só campo. Era muito bonito ver os alunos ajudando os portadores de necessidades especiais, ver a alegria deles com a pipas subindo e eu já mostrava a matemática, (na medida das varinhas, da rabióla), em geografia, (a direção do vento). (NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues – Entrevista Curitiba 03/08/2009)

O CAE recebeu alunos das classes especiais das escolas Maria Montessori e Santa Agda, além de crianças portadoras de deficiências múltiplas. Em 1998 este centro atendia 60 crianças. Naquele ano, porém, teve suas atividades encerradas em decorrência de grave crise financeira com a suspensão das verbas de convênios. Os convênios estaduais e municipais, que por muitos anos tinham garantido o pagamento dos professores e serventes e que representavam quase a totalidade do orçamento, foram cortados ou reduzidos. Dos 38 professores que a Instituição chegou a ter com o corte dos convênios, apenas 12 puderam continuar contratados diretamente pelo Lar Escola.

Disabel, que estava à frente da direção da escola, tinha por hábito escrever todas as situações vividas no Lar Escola e através de perguntas tentar encontrar a solução. Em fevereiro de 1998 ela registrou

O convênio com a SEED foi suprimido para 1998, no lugar dele darão uma subvenção social de 20.000 anuais pagos em 4 parcelas de 5000. Esta importância vai ser suficiente para pagar apenas 4 professoras. Eles nos dizem que não podem assumir nenhum compromisso para 1999 porque pode mudar o governo. Assim para este ano perderemos 10 professores. Da SMCR estiveram hoje no Lar, para nos entrevistar sobre o caso. Vão submeter ao setor de convênios. Mas eles já anteciparam que é praticamente certo que a SMCR não dará contribuições para pagamento de professores de Berçários e

Escolares, de vez que nas creches da prefeitura essas crianças de berçários são atendidas por assistentes treinadas e supervisionadas e os escolares por moças com segundo grau, também treinados.

Pensamos em algumas atitudes:

Diminuir o número de alunos.

Dispensar psicóloga, fonoaudióloga e fisioterapeutas, o que vai nos permitir contratar mais 4 ou 5 funcionários.

Mas só vamos admitir funcionários alfabetizados e que possam fazer treinamentos.

[...] (Anotações pessoais de Disabel Blond de Mattos, 02/02/1998).

Disabel escreveu folhas e folhas tentando encontrar soluções para que o Lar continuasse com o trabalho de tantos anos, mas a única solução foi mesmo o fechamento do CAE e das Unidades escolares.

Na memória das pessoas que viveram aquele momento foi o mais triste da história do Lar Escola, que naquele ano tinha 520 alunos sendo atendidos nas três unidades da Instituição: a unidade de pré-escolares, a unidade de escolares e a unidade de educação especial. Aquelas duas unidades foram fechadas. O Lar Escola manteve apenas a educação infantil. Jamille lembra que

Quando terminou a classe especial, foi muito difícil e o que foi mais difícil para nós, foi liberar os maiores, porque o Lar Escola na época era a única escola de Curitiba que tinha atendimento às várias deficiências. Tínhamos aqui um menino, por exemplo, que era cego e tinha problema motor, então aqui tínhamos atendimento especializado nas duas deficiências. Tinha criança que tinha três deficiências, elas ficavam o dia todo aqui com as especialidades de todas as áreas, as mães entregavam às sete horas, pegavam as cinco, ficavam tranquilas. Quando avisamos que o CAE iria acabar e elas saíam procurando vagas nas outras escolas, umas vinham chorando das escolas, porque nenhuma tinha todas as especialidades juntas. Então como uma mãe que precisava trabalhar ia poder levar a criança de manhã em um lugar e à tarde em outro, como ia dar comida pra criança [...] Sentavam com a criança falando: o que eu vou fazer com o meu filho? Elas choravam e nós também chorávamos, foi muito difícil, muitas de nós que trabalhávamos naquele momento começaram a ficar em depressão. Aí o doutor Leocádio me chamou um dia lá no final do trabalho e me

disse: Filha, vocês tem que pensar numa coisa que o Lar Escola cumpriu uma função até agora. Falou assim, deu uma força que a partir daquele dia começamos a entender as coisas melhor, entendemos que precisávamos continuar firmes com a educação infantil e assim está até hoje. (MEGER, Jamile Elias, Entrevista, Curitiba, 05/04/2008).

A Professora Mônica também lembra que naquele ano

Foi um momento de muita emoção no final de 98 a educação especial estava se encerrando aqui no Lar Escola. E foi por causa da educação especial que eu voltei pro Lar Escola. Nós tínhamos um grupo de trabalho legal, bem significativo e... saber que no final de 98 era o ultimo ano de educação especial. Sabíamos das dificuldades desde o começo do ano, mas foi em outubro que foi confirmado que no ano seguinte, 99, não ia ter mais a educação especial e todos os alunos tinham que ir pra outras escolas. Eu tinha uma turminha de educação especial que era uma graça, então todo o trabalho construído durante até aquele momento... No ano seguinte eu sabia que eles iam pra outras escolas cada um pra uma escola, porque geralmente cada escola atende a um tipo de clientela. A APR é só PC, é A Primavera é só distúrbio de conduta, aqui a Professora Odila pegou varias clientelas, pegou DM, pegou Down, pegou deficiente visual, pegou PC. Nossa, no início foi uma salada, mas nós organizamos uma sala só de DM leve, uma só de PC e assim por diante. A minha sala era DM leve, são os educáveis que a gente chama o aluno que tem todo o potencial pra se desenvolver. Então, tinha o trabalho naquele ano com aquela turma e o que ia acontecer no ano seguinte? Eles não iam estar mais aqui. Aí foi em outubro que a gente ficou sabendo e em dezembro tinha aquelas peças de encerramento em que as crianças se apresentam. Sabe, a gente ensaia eles durante alguns meses e no último dia eles se apresentam e nós, em outubro, ficamos sabendo que ia terminar? Com muita coragem a gente continuou o trabalho até o final do ano e fizemos uma apresentação maravilhosa que eu acho assim que foi a coisa que mais me marcou, porque nós nos vestimos de branco e eles se vestiram de branco e a gente cantou aquela musica "Marcas do que se foi, marcas... Nossa, foi muito emocionante. Todo mundo chorou. Mães choraram, nós choramos, as crianças choraram porque no fim a gente já sabia que no outro ano eles e nós não iríamos mais estar ali. As crianças também sabiam, claro que do jeitinho delas, e foi uma pena muito grande foi muito triste que a gente soubesse que aquele momento ali era o último momento nosso junto com eles, então foi um momento muito cheio de emoção, a gente se

abraçou, daí as crianças, nossa, as mães ficaram assim bem emocionadas... a gente tocou essa música a gente sabia. [...] O que vai ser destas crianças? Mas depois soubemos que algumas crianças evoluíram, foram em frente, embora algumas tenham retrocedido. Aqui vinha sendo feito um trabalho contínuo, então, de repente, foi cortado. Então foi uma coisa assim, foi uma lembrança muito triste. É a única coisa na minha carreira de Magistério que não gostaria de ter vivido. (BILLÓ, Monica Leandra, Entrevista, Curitiba, 16/07/2009).

Em paralelo a esta trajetória de avanços e recuos nas faixas etárias e nas modalidades de atendimento um trabalho que caracterizou a Instituição ao longo dos anos foi o trabalho com o voluntariado. Ao lado do Lar Escola foi construído um prédio, no qual funcionavam as várias atividades de apoio, destacando-se o artesanato. Esta atividade, que começou na década de 1960 com um grupo de senhoras que confeccionavam os uniformes das crianças, as roupinhas e cobertas para as mais carentes, se manteve consolidando um grupo permanente que criou o “Bazar da Amizade, onde mais ou menos 25 senhoras voluntárias preparam todo o artesanato” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES. 1994, p. 2)⁸⁷. A diretora atual da Instituição, Regina⁸⁸ chegou ao Lar Escola por meio desta atividade, ela lembrou que

Conheci o Lar Escola e soube que precisavam de ajuda na costura e como eu sabia costurar, tinha máquina, vim aqui para saber e comecei a ajudar a fazer os aventalinhos, esse modelo que até hoje as crianças usam. Era lá no início dos anos 1980, na época da Miraíta. Eu não via o bazar como um local de matar tempo, mas um local em que as pessoas estavam se ajudando. Já vi muitas vezes lá na SBEE o Irmão Leocádio falar: Eu quero que você vá trabalhar lá no bazar! A pessoa vem sem até saber o porque . Ela ajuda, mas também é ajudada na convivência que se estabelece entre o grupo. [...] Tem o momento da oração, do lanche, na verdade tem uma visão de ajuda. Quem vê de fora pensa é uma reunião de mulheres que se reúnem para tricotar. (PERNA, Regina Lucia Natal Nunes, Entrevista, Curitiba, 20/08/2009).

⁸⁷ Atualmente este mesmo grupo realiza três formas de bazares que geram rendimento para aplicação no Lar Escola e no Campus de Atendimento Social, também no Bairro Santa Cândida.

⁸⁸ Regina Lúcia Natal Nunes Perna, tem 54 anos, é formada em Letras e Pedagogia . É a quarta diretora na trajetória do Lar Escola.

Foi por meio dos bazares que o atendimento às famílias carentes foi sendo mantido ao longo dos anos, foi também ele que permitiu a fundação do Campus de Assistência Social, também localizado no Bairro de Santa Cândida. Com o tempo a região em que está o Lar Escola foi recebendo infra-estrutura, as próprias casas foram melhorando, surgiu um comércio, foram construídos conjuntos habitacionais e condomínios destinados à classe média. Assim, a assistência social foi deslocada praticamente toda para o campus, que apesar de estar localizado no mesmo bairro, fica próximo a uma área de invasão e sem estrutura

Em depoimento gravado para o Museu da SBEE, o Coronel Geraldo Miranda Graça lembrou esta trajetória

Conseguimos inaugurar o Lar Escola. Depois veio a construção do Campus Social, também não tinha dinheiro, mas vieram doações, eu assumi a frente. Anos depois foi pedido para que se fizesse o aumento da cozinha que estava muito pequena para o número de crianças. Eu percebi então que já estavam descaracterizando o projeto do prédio, que precisávamos fazer uma construção integrada, aproveitando o lado do terreno que estava ocioso, mas para isso era preciso consultar a equipe espiritual, no mesmo dia veio a resposta do irmão Leocádio, que estávamos no caminho certo. Parecia que fazíamos uma sala e no ano seguinte já não dava mais, o espaço já estava tomado de crianças. Foi aí que o professor Maury teve a ideia de usar o espaço da escola para uma universidade no período da noite. Aliás, o Maury sempre sonhou em criar uma faculdade. (Entrevista gravada SBEE Geraldo Miranda Graça, 29/10/1990).

Ao longo de quase cinco décadas o Lar Escola foi sendo construído e caracterizando o seu entorno sempre em nome do seu patrono. Coronel Graça lembra que no final da década de 1980, na Assembleia de Associados do Lar Escola da qual ele participava a ideia do Professor Maury foi aprovada com a proposta da FALEC (Faculdade Dr. Leocádio José Correia).

Nós entendemos que a área do bairro Santa Cândida está ficando com uma densidade muito grande e não é mais uma comunidade tão carente. Com o tempo o Lar Escola deverá ir para outra região mais carente e aí ficar só para uma

universidade que tenha o objetivo de construir uma academia para pesquisar. Se falamos que espiritismo é ciência, filosofia e religião é preciso criar pesquisa, criar massa crítica com capacidade de pesquisa, usar este embrião para criar pesquisa, para elevar a categoria e criar pesquisa científica de fato. Eu tenho a impressão que esta faculdade vai criar uma massa de pesquisadores, de acadêmicos. Estou enxergando neste prisma. (SBEE, Entrevista, Coronel Geraldo Graça, 29/10/1990).

O primeiro prédio para a faculdade foi construído naquele mesmo ano de 1990, ao lado do Lar Escola, mas a Faculdade Dr. Leocádio José Correia só entrou em funcionamento no ano 2000, quando o MEC autorizou o início do curso de Pedagogia. Com o fim dos convênios ocorrido lá em 1998, o Professor Maury percebeu que a ideia da faculdade não era apenas um sonho, mas uma possibilidade real de voltar a atender um maior número de crianças. O Lar Escola é a mantenedora da faculdade, porém a renda auferida pela FALEC é destinada às obras do Lar Escola. Antes ainda houve outra tentativa, em 1997, quando o Lar Escola, já antecipando o quadro de dificuldades financeiras, montou uma proposta para a criação do Colégio Dr. Leocádio José Correia com abrangência de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, com caráter particular, cujos recursos seriam destinados à manutenção das crianças carentes atendidas pelo Lar Escola. Foi autorizado pela SEED e iniciou com uma turma de primeira série, porém devido à baixa procura pediu a cessação no ano de 1998.

Na narrativa desta trajetória lembramos Chartier quando este autor aponta que “as representações coletivas e simbólicas encontram na existência de representantes, individuais ou coletivas, concretos ou abstratos, as garantias de sua estabilidade e de sua continuidade”. (CHARTIER, 2006, p. 38). Neste processo a imagem simbólica de Leocádio Correia é o polo propulsor e orientador da Instituição.

4.2 UM ESPAÇO PENSADO PARA A CRIANÇA: ASPECTOS FÍSICOS E PEDAGÓGICOS

Na placa de inauguração do Lar Escola está uma frase de Leocádio Correia, psicofonada por meio de Maury Rodrigues da Cruz “O amor é a revelação de Deus no coração dos homens.” Esta frase, pelo que apreendemos das fontes orais e escritas, expressa a *missão* da Instituição ao longo do tempo. Localizamos em um texto de homenagem ao Dr. Leocádio em 1982 a afirmação que “ao ler tão significativa oração mentalizamos o Pai e a todos nós que ao Lar Escola nos dedicamos e almejamos que todos possamos ter sempre a revelação de Deus em nossos corações e saibamos externá-la através de ações de amor positivo, enérgico e equilibrado.” (Memória do Lar, Disabel Ruth Bond de Mattos, 13/05/1982, p. 2).

No Hall de entrada do Lar Escola encontram-se os bustos de Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita e de Leocádio José Correia, o patrono do Lar Escola. Sob este está colocado em placa de bronze um pensamento ditado pelo próprio Leocádio “Se alguém errou não esqueçam que esse alguém é um homem, é gente, é pessoa humana e, como tal deve ser tratado, porque é o reflexo de vocês mesmos.” Sob o busto de Kardec lê-se: “O Espiritismo revela a solidariedade que liga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos”. Os bustos de Leocádio Correia e Allan Kardec, de uma forma ou de outra, estão a informar que na escola seguem-se os ensinamentos de ambos e que eles ali são personagens admirados e inspirados, lembramos aqui a concepção de mito exposta por Eliade (1986) como modelo exemplar.

Entre eles um quadro com a representação clássica do rosto de Jesus Cristo. Na sequência estão expostos vários quadros de psicóptografias⁸⁹ com motivações infantis. Este é um aspecto que chama muito a atenção em todos os espaços: corredores, salas de aula, refeitório e biblioteca. Sempre observamos a existência de telas artísticas. Nos corredores que dão acesso às

⁸⁹ Manifestação mediúnica através da qual o médium produz obras de arte por intervenção do espírito.

salas e ao berçário, destacam-se grandes telas azuis que lembram o mar. São pinturas que transmitem sensação de tranquilidade propícia a um ambiente destinado à educação infantil.

Uma imagem muito presente nas telas são as figuras de palhaços. Uma das histórias contadas pelos participantes da SBEE e do Lar Escola faz referência a uma situação vivida por Leocádio Correia, contada por ele mesmo e transmitida por meio da memória oral, quando, no século XIX, morando em Paranaguá e assistindo a um espetáculo de circo, reconheceu no palhaço um colega do curso de Medicina que não se formou. Na conversa que Leocádio teve com ele após o espetáculo, este lamentava não ter concluído o curso, foi quando Leocádio afirmou “Meu amigo eu me formei médico do corpo, mas você é um médico da alma”.

Disabel, quando entrevistada, nos relatou que sempre o Lar Escola expôs as obras produzidas pelo grupo de psicoptografia da SBEE por orientação e pedido do Irmão Leocádio, que muitas vezes recomenda inclusive qual quadro deve ser mudado de parede ou substituído por outra motivação, visto que estas obras têm função terapêutica, ajudam a tranquilizar tanto as crianças quanto as pessoas que visitam a Instituição.⁹⁰

Na recepção ainda estão colocados dois painéis com fotos de atividades desenvolvidas pelas crianças. Segundo relato dos entrevistados, a exposição das fotografias tem sido uma prática constante da Instituição, que procurou divulgar junto às famílias a vivência das crianças no cotidiano do Lar Escola.

A biblioteca, que teve início em setembro de 1980 com a professora Nancy Westphalen, era um dos locais mais procurados pelas crianças. Esta biblioteca foi desde o início aberta à comunidade. Alunos das escolas públicas do Bairro, ao longo dos anos se habituaram a usar a biblioteca do Lar Escola para pesquisa e leitura.

Todos os espaços da escola mantêm as características de quando foram construídos e pensados pelos primeiros voluntários e por Miraita. Nas salas de aula, além do “cantinho da leitura”, com revistas, dicionários, livros didáticos, de

⁹⁰ Na pesquisa no MUNESPI, constatamos que existem em acervo mais de 2000 telas produzidas pelo processo de psicoptografia, estas peças, porém, não podem ser vendidas por orientação “manifestada” pelo espírito de Leocádio Correia.

literatura infantil e infanto-juvenil, há também o “cantinho do verde”, onde sempre foi trabalhado com as crianças o respeito e a valorização dos elementos da natureza. Em algumas salas têm frases nas paredes com mensagens otimistas. Todas as salas sempre tiveram a chamada das crianças em caixa alta, para que todos, desde os pequenos, tivessem contato com a língua escrita, bem como o calendário para, além de conhecerem os algarismos, irem compreendendo a ideia de tempo cronológico.

As salas de brinquedo, com organização própria para cada faixa etária, são equipadas com brinquedos de pano, de borracha, de plástico, sonoros, brinquedos de encaixe, brinquedos com reaproveitamento.

No hall da escola ainda há uma pequena mesa que oferece livros, jornais, gibis e revistas, para que enquanto os pais aguardem a criança possam fazer algum tipo de leitura. Sempre há também sobre essa mesa mensagens do Dr. Leocádio.

Esta estrutura que descrevemos brevemente faz parte do Lar Escola desde 1979, quando foi inaugurado, apesar de mudanças terem ocorrido com ampliação de espaço e cessação de outros.

Retomamos o período da inauguração da nova sede. De imediato começaram as matrículas que ocorriam após uma triagem feita por um grupo de voluntários da SBEE. A procura foi grande, visto que em todo o bairro Santa Cândida os locais de atendimento à criança eram bem restritos. Inicialmente as crianças foram cuidadas pelos voluntários e por estudantes da UFPR e do Instituto de Educação Professor Erasmo Pilotto de Curitiba. A presidência e a direção do Lar Escola efetivaram convênios com a SEED e a PMC para que aquelas instituições governamentais designassem professoras para atuar junto ao Lar Escola. O governo do Estado liberou 4 professoras e a Prefeitura mais quatro. Os demais funcionários foram contratados. A diretora Miraíta, em entrevista para o Museu da SBEE alguns anos depois, lembrou que

o início do Lar Escola não foi fácil, ao contrário do que se imagina hoje vendo uma escola tão consistente, foi bastante difícil começar. E só se conseguiu realizar as atividades propostas, graças à colaboração de voluntários, cuja tarefa se tornou menos árdua com a chegada dos professores das

instâncias públicas. (SBEE, Entrevista, Miraita G. Graça, em 10/12/1986).

O Lar Escola sempre teve como uma de suas características o trabalho voluntário e foi no período inicial, de acordo com Miraíta, que foram estabelecidas as diretrizes para o voluntariado, com termo de compromisso. Os voluntários se comprometiam em auxiliar o trabalho dos professores e atendentes nas diferentes atividades da escola, mas sempre observando os princípios de higiene: banho, unhas, dentes e cabelos; auxiliando para que a alimentação fosse farta, saudável e adequada à faixa etária; ajudando na sociabilidade das crianças visando adequado comportamento em grupo e boas maneiras em seus diversos aspectos básicos; atuando no acompanhamento nos estudos; nas atividades de recreação, jogos e educação física.

Disabel também registrou nas suas memórias que “nessa época as novas crianças parecem verdadeiros bichinhos: estranharam muito o bom ambiente de higiene, de alimentação e mesmo a decoração que, em pouco tempo reduziram a papel picado”. (Memória do Lar Escola Disabel Blond de Mattos, anotações pessoais, 1982).

Com o prédio inaugurado, o corpo de voluntários e professores foi se construindo a composição da escola de acordo com o regimento interno aprovado alguns dias antes da inauguração o Lar Escola seria composto por

I – Unidade de Pré-escolares que compreende:

Berçário

Escola Maternal

Jardim de infância

Pré-primário.

II – Unidade de Escolares que compreende:

Setor de Estudos

Atelier de Criatividade

Biblioteca

Setor de Esportes e Recreação

III – Serviço Psicopedagógico

IV – Serviço de Saúde que compreende:

Consultório Médico

Gabinete Odontológico

V – Serviço Social

VI – Serviço administrativo que compreende:

Secretaria
Almoxarifado
Aprovisionamento
(Regimento Interno do Lar Escola Dr. Leocádio J. Correia.
07/03/1979. p. 3).

Esta divisão em unidades e serviços foi a forma encontrada para materializar a proposta da Instituição. Cada setor teria uma organização independente e, ao mesmo tempo, interligada no todo, sempre com uma pessoa responsável pela unidade que comandaria as atividades tanto de voluntários, de atendentes, quanto de professores conveniados. A unidade de pré-escolares, por exemplo, atendia 130 crianças, que eram reunidas em classes de acordo com a faixa etária que abrangia de três meses aos sete anos. E que permaneciam durante todo o dia na Instituição. Fazia parte desta unidade o Berçário, o Maternal, o Jardim I, o Jardim II e o Jardim III. As crianças eram divididas em classes de acordo com a idade. No maternal, os de 3 e 4 anos. No jardim I, as crianças de 4 a 5, no Jardim II, os de 5 e 6 anos e no Jardim III, os de 6 e 7 anos que lá permaneciam até quando entravam na escola regular e passavam para as unidades de escolares. O berçário era coordenado por Suzy Arruda, uma ex-atriz que depois de ter participado de várias telenovelas e produções cinematográficas, mudou-se para Curitiba e esteve na coordenação daquela unidade por muitos anos. Em entrevista para o acervo do Museu da SBEE lembrando sua participação Suzy afirmou

Eu recebo as voluntárias as orientando quanto ao tipo de trabalho: recreação e estímulo para as crianças. Sempre procurei dar atenção a cada problema individual das 25 crianças entre 3 meses a 2 anos que pertencem ao berçário. Meu trabalho com as crianças é a parte da alegria, valorizo a espontaneidade: Ajudo as crianças a brincar, dançar, pular, aprender a andar em velocípedes. A minha maior finalidade a frente do berçário é fazer estas crianças serem alegres e felizes. Eu noto o resultado desse trabalho: vendo as crianças que quando chegaram ao Lar Escola eram tão fechadas que não se comunicavam e hoje, brincam, riem e conversam como crianças que são estimuladas, que recebem toda atenção. (SBEE. Entrevista gravada, Suzi Arruda, 10/12/1980).

Dona Disabel⁹¹ que foi a terceira diretora do Lar Escola, cargo que ocupou por 12 anos lembrou que

Suzi é que criava as brincadeiras através de livros ou de conselhos de amigas e ela ainda supervisionava a parte de banho e de nutrição para os pequenos, higiene das panelas e das mamadeiras. E quando as crianças passavam da creche para o maternal, assim, ainda assim ela procurava acompanhar porque conhecia cada criança. (MATTOS, Disabel Bond de Entrevista. Curitiba. 26/06/2006).

Suzy criou uma rotina para a organização do berçário que se iniciava às 7 horas e obedecia a uma sequência, quando as crianças chegavam eram encaminhadas para o banho, faziam o lanche da manhã e na sequência iam para as atividades de recreação, no fim da manhã faziam novamente a higiene e almoçavam. Depois as crianças faziam a sesta. Durante o período em que as crianças dormiam Suzy fazia uma “mentalização de amor, dava passes nas crianças atendendo ao pedido do Irmão Leocádio” (Entrevista – arquivo SBEE – Suzi Arruda em 10/12/1980).

Quando as crianças acordavam, após a sesta, recebiam um lanche, tinham novamente atividades de recreação, faziam a higiene e recebiam o jantar, quando então eram preparadas pelas pessoas que as cuidavam para esperarem as mães, que em geral vinham direto do trabalho. As crianças eram estimuladas a irem diretamente para o colo das mães para estreitar o vínculo, visto que permaneciam a maior parte do tempo no Lar Escola e o período que ficavam em casa com a família era restrito, já que abrangia o período noturno em que as crianças em geral dormiam. Os bebês começavam a falar e a andar no Lar Escola.

Do Maternal ao Jardim III haviam outras duas coordenadoras, uma para cada período, porém toda a unidade ficava sob a coordenação geral de Suzy, que estabelecia um cronograma geral junto com as demais coordenadoras, criando uma rotina de tempo necessário ao desenvolvimento da disciplina escolar. Para todos estes grupos de atendimento as atividades eram assim

⁹¹ Disabel Bond de Mattos, nascida em 13 de maio de 1927. Professora normalista, participante da SBEE e do Lar Escola como voluntária. Assumiu a direção da escola em 1995, permanecendo no cargo até o início de 2007. Faleceu no corrente ano de 2009, aos 82 anos.

divididas: higiene escolar, lanche, recreação, higiene, almoço, descanso, recreação e jantar.

A metodologia utilizada com todas as classes da unidade de pré-escolares consistia em atividades realizadas para o desenvolvimento da coordenação motora, dobradura, recorte, colagem, desenho livre, desenho dirigido, atividades livres, calendários, conversação, recreação dirigida e livre, música, canto, histórias e interpretações dirigidas. O objetivo destas atividades era desenvolver nas crianças as habilidades motora, visual, psíquica, social, mental e auditiva, de acordo com a faixa etária e as possibilidades das crianças.

No currículo para as unidades de pré-escolares está estabelecido que as atividades sejam organizadas para interligar com as demais áreas para gerar

- a. Estímulos sob todos os aspectos para permitir a evolução plena do bebê.
 - b. Atividades visando o pleno desenvolvimento da criança em faixa etária de maternal
 - c. Atividades variadas: artísticas, criativas, recreativas, jogos, pantomimas, televisão, radio, filmes, slides com histórias em disco, teatro infantil, expressão corporal, etc.
 - d. Educação religiosa, introdução à educação moral e cívica
- (SBEE-DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA, LIVRO III, 1981, p. 525).

Nos próximos itens exemplificaremos como estas atividades eram trabalhadas. A diretora Miraíta declarava em entrevista em 1986 que “procurava-se seguir para todos os pré-escolares o planejamento inicial, com as atividades estímulos indispensáveis, visando à prontidão para a leitura e escrita e, mais amplamente para a própria vida.” (Entrevista – arquivo SBEE – Miraíta G. Graça em 10/12/1986).

A Unidade de escolares reunia as crianças de 7 a 12 anos matriculadas em escolas de 1.º grau. Eram atendidos em dois períodos distintos de acordo com o turno que as mesmas estudavam na rede pública. Nesta Unidade estudavam 200 crianças, 100 pela manhã e 100 no período da tarde. Com

estas, a atividade era diferenciada da unidade pré-escolar, mas também seguia uma organização em que o período se iniciava com um lanche pela manhã, depois as crianças tinham um momento chamado de estudo-dirigido, no qual a professora auxiliava nas tarefas escolares ou fazia atividades de reforço nos aspectos que percebia que as crianças apresentavam dificuldades ou ainda atividades que estimulavam o gosto pela leitura e escrita. Na sequência as crianças tinham um período de recreação no qual iam para salas diversas e participavam de diferentes atividades como teatro, dança-recreação. Depois faziam a higiene e o almoço para os que estudavam à tarde. Já as crianças que estudavam no período da manhã na rede pública as atividades seguiam a mesma sequência, começando pelo almoço quando chegavam e terminando com o jantar no fim da tarde, antes de irem para suas casas.

Segundo a professora Odila, as unidades de Escolares não pretendia concorrer com o trabalho das escolas de grau, em que as crianças estavam matriculas, mas visava

Apoiar a criança e o desenvolvimento de qualidades sociais harmônicas empenhando-se na construção do homem através da valorização da sua história de vida, sem preconceitos, jamais relegando sua identidade sendo o agente de sua própria construção, através de seu próprio livre-arbítrio, participando da universalidade dentro de sua singularidade e personalidade. (NASCIMENTO, 1997, p. 24).

Observamos que as atividades seguem uma rotina de planejamento e disciplina que aos poucos ajudou a construir a visão de escola espírita, mesmo por professores não espíritas como aqui nesta citação de trabalho monográfico produzido por Odila, os termos livre-arbítrio e singularidade podem ser relacionados a uma cultura espírita consolidada na Instituição.

A unidade de escolares foi organizada em quatro setores: que contemplavam as propostas do currículo do Lar Escola que tinha por objetivo o atendimento escolar, o desenvolvimento da criatividade, da leitura e dos esportes.

I - De acordo com as séries escolares, realizavam as seguintes atividades:

- a - Desenvolvimento de habilidade: linguagem escrita, oral e cálculo, de acordo com o currículo da SEC;
 - b - Educação social: adaptação à vida social, oportunizando hábitos e atitudes.
- II - Atelier de Criatividade: que desenvolve as artes plásticas:
- a - Espontâneas: desenho, pintura, recorte, colagem e modelagem;
 - b - Dirigidas: dobraduras, recortes dirigidos de objetos, animais, plantas, tricô, crochê, bordado, artesanato em vidro, madeira e sisal.
- III - Biblioteca – consultas a livros para estudo e recreação e consultas dirigidas para estudos, sendo atividades desenvolvidas como leitura, redação, interpretação, dramatização, jogos, todos com o objetivo de desenvolver as crianças nestes aspectos.
- IV -Setor de esportes e recreação, com recreação livre e orientada, educação musical (danças folclóricas, ginástica, dramatização).
- (SBEE – DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA, LIVRO III, 1981, p. 522).

Ao descrevermos esta organização do espaço e da proposta de atividades percebemos que aqui nos é possível apreendermos as memórias e a dinâmica de um tempo não tão distante. Sendo uma escola sem grau, os estudantes participavam de atividades agradáveis que, provavelmente, não faziam parte da sua realidade cotidiana e que paralelamente ao desenvolvimento das atividades escolares como a leitura, a escrita e a realização das tarefas de casa, ia construindo um espaço de relações sociais e culturais significativas.

4.3 O CURRÍCULO E AS ATIVIDADES: UMA EXPERIÊNCIA DE INTEGRAÇÃO

O Currículo do Lar Escola nas décadas de 1980 e 1990 foi elaborado pela professora Disabel, com o auxílio da diretora da escola, Miraíta Graça. Contemplava as experiências que vinham sendo efetivadas desde o período da creche. A partir daquele plano geral era elaborado um planejamento específico em conjunto com todas as regentes de classe. Mesmo sendo definida como uma escola sem grau tinha como preocupação organizar o currículo seguindo as orientações do IAM (Instituto de Assistência ao Menor), e da SEED “o plano curricular do Lar Escola Dr. Leocádio José Correia apoia-se no preconizado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 5.692/71” (PLANO CURRICULAR DO SETOR ESCOLAR, -1979, p. 37).

Naquele currículo estavam definidas as áreas contempladas pela filosofia da Instituição que eram: **Saúde, Amor e Compreensão, Segurança Social e Educação**. Observamos que nestas áreas estavam integradas as ações das Unidades e dos serviços da escola. Esta definição de área vem ao encontro do que nos relatou o professor Maury Rodrigues,

Construímos a sede e imediatamente começamos a pensar em um currículo aberto. Naquela época não falávamos em projeto político pedagógico, falávamos que era um projeto, mas não era costume educacional e nem a terminologia da época, mas falávamos em currículo, em programa. O grande passo no Lar Escola foi sempre, não só atender as crianças, mas imediatamente começar a atender a família da criança, com quem essa criança morava. Então nós queríamos conhecer quem morava com a criança, quem era o responsável pela criança, era avó, era tia eram pessoas diversas. Começamos a chamá-las para a escola, começamos a ouvi-las e com isso a encaminhá-las, alguns às escolas públicas, e com isso, nós fomos acompanhando, aqui, à Santa Cândida, ao colégio Maria Montessori, a outras escolas mais distantes da comunidade e começamos a recebê-los. Queríamos efetivar com aquelas crianças uma proposta de amor, de educação, de saúde, de segurança. (CRUZ, Maury Rodrigues da Cruz, Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

Esta organização de áreas do currículo e do espaço escolar foi

especificada de forma que a cada área estivesse definido qual era o objetivo, como se trabalhava, por exemplo, a área denominada de Saúde, abrangia o trabalho com a educação física, porque as atividades esportivas, as atividades ao ar livre garantiam o movimento como ação, percepção do espaço, da lateralidade. Mas a área de saúde também abrangia a higiene, que era trabalhada em higiene do corpo, da alimentação, do vestuário e do ambiente. Entendia-se que uma das grandes dificuldades da comunidade escolar era exatamente esta compreensão do ser humano como um todo: mente, corpo, espírito. Que ao trabalhar a criança, e também a família, estes conhecimentos poderiam ser incorporados à vida cotidiana e conseqüentemente trazer mudanças em longo prazo. Para isso as famílias eram sensibilizadas a participarem do clube de mães com reuniões mensais nas quais recebiam orientações diversas desde higiene, alimentação, saúde e outros assuntos relativos ao desenvolvimento das crianças. E quando necessário era realizado o encaminhamento para o gabinete médico, para vacinação e exames, etc. e para o gabinete odontológico, onde eram examinadas todas as crianças e atendidas as que precisavam de tratamento. A psicóloga Gilka Correia⁹², descendente do Dr. Leocádio Correia e que atuou na década de 1980 neste trabalho lembrou

Eu conheci o Lar Escola desde que ele foi inaugurado, sempre foi comunicado a nossa família. Quando eu ainda era estudante de psicologia na UFPR precisava fazer um estágio e aí minha mãe ligou e eu e uma amiga fomos fazer o estágio. A Dona Disabel gostou da nossa atuação e perguntou se poderíamos dar continuidade ajudando no trabalho que o Lar já fazia com as mães, porque tinha problemas sérios de higiene, às vezes as crianças vinham com a fralda que tinham ido para casa na sexta feira, tinha mães que batiam nas crianças quando elas choravam, então nós começamos um trabalho com aquelas mães, eu sempre ia mais pelo lúdico, usando dramatização, dança das cadeiras, eu sempre fiz um trabalho de conscientização, mas sem cair no autoritarismo porque percebemos que o nível das pessoas era precário, que elas

⁹² Gilka Correia é sobrinha neta do Dr Leocádio Correia, nasceu em 1939. É psicóloga, professora universitária e doutora em Educação pela UFPR.

não compreendiam discursos, tinha que sensibilizar. Mas era uma situação de muita carência tanto das mães quanto das crianças. (CORREIA, Gilka. Entrevista Curitiba. 27/06/2008).

Na área de amor e compreensão: eram realizadas festas de aniversário, geralmente na última sexta feira do mês. Além de passeios, recreação, comemoração das festas de calendário. As atividades que não objetivavam somente comemorações, mas a valorização da pessoa, da família, do bairro, incluindo as datas festivas como a festa em homenagem ao patrono em 18 de maio de todos os anos. Keila⁹³ lembra que

Eu fui aluna do Lar Escola, eu fiquei aqui uns quatro anos mais ou menos. Foi na época que eu já estava em outra escola eu estudava no João Paulo e fazia um contra turno, saía do João Paulo e vinha para o Lar. Eu passava a tarde aqui e hoje eu vejo que eu tive realmente um Lar Escola, o espaço era maravilhoso tinha bastante aulas extras, tinha um espaço enorme pra educação física, mas não era uma educação física como na escola, nós sabíamos o que estávamos e porque estávamos fazendo. Tinha banda, tinha coral, tinha muitas atividades e eram atividades prazerosas nossas eu adorava eu não via a hora de sair e ficar aqui até quando eu tive que sair daqui foi bem triste porque eu adorava ficar no Lar Escola. Eu ficava na sala da professora, que se chamava Cristiane, na época que eu lembro era assim a professora fixa era ela, mas nós tínhamos as aulas extras que a gente saía da sala ia pro momento da educação física da arte. [...]. E todos os meses tinha a festa de aniversário. Quer dizer tinha festa o ano inteiro era tudo muito lúdico, Eu acredito que o envolvimento dos professores da época com os seus alunos era maior. Era muita atividade a gente não parava era uma coisa assim atrás da outra e isso que motivava e eu percebia assim que todos nós nos sentíamos felizes por estar aqui e fazer aquilo tudo. Aqui a gente também tinha a questão do reforço, mas tinha o lúdico muito forte, mas aquele lúdico direcionado, aquele prazeroso. Isso marcou muito pra mim, às vezes fico até pensando e lembrando. Teve aquela vez que fomos ao Colégio Marista fazer apresentação. E esses dias eu estava organizando

⁹³ Keila Tatiane foi aluna do Lar Escola entre os anos de 1990 até 1994. Depois foi aluna da Faculdade de Pedagogia e há 10 anos é professora no Lar Escola, além de ser mãe. Sua primeira filha ficou no Lar escola desde o berçário até a entrada no ensino regular e atualmente ela tem um bebê que está no berçário desde quatro meses.

acervo e achei a fantasia, até comentei com as outras atendentes. Olha essa fantasia aqui usei lá no Colégio Marista numa apresentação que fizemos. (ALMEIDA, Keila Tatiane Schilipake de, Entrevista Curitiba, 03/07/2009).

Na Área de Segurança Social: eram realizadas visitas domiciliares e entrevistas com os pais dos candidatos a alunos novos para avaliar a necessidade da família. Os voluntários faziam visitas domiciliares, que integradas com a área da saúde objetivava trazer as pessoas para participação nas diversas atividades do clube de mães. Jussara⁹⁴, atual assistente social da Instituição, o é desde 1999, mas que anteriormente atuou como voluntária no Lar Escola afirma que

Quando entrei na Instituição procurei retomar o trabalho de entrevista que eu sabia que era realizado lá atrás, no início da Instituição. Propus-me a fazer um novo mapeamento da comunidade escolar, a chamar todos os pais para entrevistar. No início eles vinham com receio, mas aos poucos iam abrindo a própria vida. Eu entrevistei naquele ano mais de 200 famílias. Cheguei a fazer encaminhamentos de muitas famílias para diversas situações de saúde psicológica. O professor Maury gostou muito do trabalho e sugeriu que mantivéssemos esta prática, pois nos dava um perfil da comunidade, das famílias. Continuei fazendo as entrevistas com as famílias novas. [...] Quando depois eu fiz o curso de pós-graduação aqui na faculdade e pela primeira vez ouvi falar em Teoria da Complexidade, eu acabei me empolgando e fiz a relação entre a teoria e a pesquisa para o trabalho monográfico que resultou num livro já editado. (BONIN, Jussara de Paula Xavier. Entrevista Curitiba 07/07/2009).

Esta área estava diretamente integrada com o trabalho que envolvia a mudança das famílias por meio de um serviço Psicopedagógico, que a Psicóloga Gilka Correia, em 1981 assim descreveu.

Realizamos observações lúdicas com ludodiagnóstico, em um processo de ludoterapia que é a psicologia através do brinquedo. Constatada as dificuldades de algumas crianças

⁹⁴ Jussara de Paula Bonin. Nascida em dezembro de 1954, formou-se em Assistência Social pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, atuou como voluntária desde a época de estudante. Seu objetivo era atuar com idosos.

houve o encaminhamento da criança para exame neurológico. A sugestão do Dr. Leocádio José Correia era a ideia de se fazer “psicologia” em termos de comunidade, envolvendo crianças e famílias e o trabalho integrado do psicólogo com o serviço social. De início o primeiro passo seria traçar uma linha de ação embasada nesta sugestão do Irmão Leocádio José Correia (Entrevista – arquivo SBEE – Gilka Correia em 27/02/1981).

Outro Serviço que funcionou plenamente nas décadas de 1980 e 1990 foi o Serviço Médico e Odontológico, com Consultório Médico realizado por acadêmicos de medicina com a supervisão do Dr. Floresval Bianchi, os quais desenvolviam trabalho preventivo de doenças mais comuns, entre as quais o sarampo, varicela e diversos problemas relacionados às questões higiênicas como problemas de pele e piolhos. Os casos mais simples eram tratados na Instituição e os casos mais graves eram orientados e encaminhados para o Hospital de Clínicas. Assim como o atendimento no gabinete odontológico do Dr. Alaor Brenner Junior que supervisionava e orientava acadêmicos de odontologia com as crianças neste campo. O atendimento ia do clínico, restaurador ao cirúrgico, mas principalmente a orientação preventiva às crianças para sanar problemas orais, melhorando desta forma a saúde geral das mesmas. Este serviço contemplava a área de saúde. Assim como o serviço social se articulava tanto com a área de saúde, quanto à de segurança social e a de educação.

Podemos perceber que todos os setores foram organizados de forma a contemplar a proposta maior da Instituição que era o atendimento às crianças e às famílias, mas na perspectiva de educação como transformação de comportamentos e não somente de caridade, por se tratar naquele momento de uma comunidade carente. Observamos tanto nas entrevistas quanto nos relatórios de atividade a perspectiva de atendimento visando educação/ transformação.

Para atender ao objetivo da participação familiar no Lar Escola, até os anos 1990 existia uma prática de trazer as famílias, pedindo às mães que ao menos uma vez ao mês fossem voluntárias, ajudando na limpeza, na cozinha ou na confecção de roupas, para que elas além de “cooperarem com uma

Instituição de poucos recursos, pudessem integrar-se na vida e na educação de seus filhos” (SBEE – DOCUMENTOS DO LAR ESCOLA, LIVRO III, 1981, p. 43).

Keila lembra que

Minha mãe trabalhou muito aqui porque na época que eu estudava era bem diferente de hoje, nem se compara. As famílias eram muito mais carentes e as mães não tinham condições de dar a contribuição em dinheiro por mês. As mães vinham ajudar na organização do Lar Escola. Na época minha mãe mesmo cansou de vir, ela ajudava a fazer limpeza no lar. Então a dona Miraita colocava elas pra limpar os vidros, encerar o corredor, elas pagavam dessa forma. Era um meio de ajudar com trabalho e de também ver como era a educação aqui dentro. A minha mãe veio muito aqui porque era eu e meus irmãos. Saia um entrava outro. Eu lembro que na minha época tinha dentista que eu acho que se chamava Pedrina. Eu fui algumas vezes fazer avaliação, se aparecia algum problema a gente chegava aqui contava e ia para o dentista e já resolvia. (ALMEIDA, Keila Tatiane Schilipake de Entrevista Curitiba. 03/07/2009).

Da mesma forma o pai da criança poderia colaborar, exercendo na Instituição as atividades que normalmente exercia no seu dia a dia como carpintaria, pintura, e principalmente a parte de manutenção elétrica e hidráulica.

A área mais detalhada na proposta curricular é evidentemente a Área de Educação. Por sua abrangência esta área é completa, interligando todas as outras. A pedagoga Arlete Procotte auxiliou nos primeiros anos a escola orientando o corpo docente, quanto aos propósitos da escola e aos meios de atingi-los. Arlete trabalhava tanto com os professores efetivos, quanto com os contratados pela SEED, com estagiários e voluntários coletivamente traçavam as linhas de ação de acordo com as orientações do Doutor Leocádio, como lembra a professora Odila

Toda sexta feira a abertura das atividades era com o hino, porque o Dr. Leocádio queria muito que esta parte cívica, do valor, do amor ao país fosse bem trabalhada. Por isso tivemos

vários programas, como o coral Os Canarinhos, que era ensaiado por Elvira Meireles, professora do Colégio Estadual do Paraná. Tinha o seu Arnoldo, que era artista plástico, ele criou os desenhos para o coral. Ela trazia todo o lanche para a gurizada do coral, depois do lanche os ensaios, depois nós criamos uma fanfarra. Com esta fanfarra fizemos vários desfiles, por toda esta comunidade aqui, trouxemos várias escolas aqui: a Montessori, a Santa Cândida, a Adventista, Santa Ágda, todos vinham fazer parte dos desfiles. E quem fazia toda a decoração era o Seu Arnoldo. Ele chegou a fazer até um barco no tamanho de um carro, ele era artista plástico e escritor. Ele também escreveu várias peças que nós encenamos. Tínhamos um grupo de teatro aqui, com os professores e alunos e nos apresentamos em muitos lugares, lá no Pinheirinho, na Rua da Cidadania da Boa Vista, nos apresentamos na Creche do Edson que é irmão da Ieda, a pintora e professora da Federal. O Dr. Leocádio era muito ligado ao teatro, ele foi ator, escreveu teatro, então nós valorizávamos muito o teatro. (NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues, Entrevista, Curitiba, 03/08/2009).

Bencostta, analisando os desfiles escolares em Curitiba no período entre 1903-1971 nos lembra que aqueles “são vistos como uma forma de imprimir sentimentos cívicos, principalmente pelo fato de as autoridades de ensino responsáveis pela sua organização compreenderem estas celebrações como co-participantes da organização de sentido da comunidade escolar diante da vida social” (BENCOSTTA, 2006, p. 313). Os desfiles realizados pelo Lar Escola, como pudemos apreender nas fontes escritas, ocorreram a partir do novo prédio, de 1979. Aqui no Lar Escola, porém, a autoridade é representada no imaginário da comunidade escolar pelo Dr. Leocádio, mas de certa forma estes desfiles representavam a continuidade da tradição que Maury vivenciou na sua formação escolar tendo sido aluno de grupo escolar. Assim como em sua dissertação de mestrado na UFPR ele aponta que

O ensino de Educação Moral e Cívica deve, portanto, preparar o indivíduo para exercitar autêntica e verdadeira liberdade, que é a ‘liberdade com responsabilidade’, encaminhada ao bem estar geral da Nação, dentro da ordem, pelo espírito crítico do direito e da justiça. No currículo escolar a Educação Moral e Cívica pedagogicamente integrada, tem que necessariamente

trabalhar com os indivíduos, as virtudes cívicas, o patriotismo, o altruísmo, a solidariedade humana, a participação ativa nas funções do governo, em síntese uma cultura pluralista, baseada na realidade humana e social. (CRUZ, 1982, p. 114-115).

Percebemos que estas memórias são representações simbólicas que expressam a forma como uma escola, mesmo sem grau, vê a sociedade: patriotismo, nacionalismo, representações de amor à Pátria incentivadas pelo patrono (em espírito) e pelo diretor.

Retomando o setor pedagógico, este foi estruturado a partir de junho de 1979 e tinha por meta o planejamento das atividades pedagógicas e curriculares; o acompanhamento, controle e avaliação do processo educativo e docente. Na prática consistia na organização das reuniões com o corpo docente e técnico administrativo; entrevistas individuais com os professores e visitas de observações às salas de aula; grupo de estudo, indicação de material didático adequado e orientação quanto ao seu uso; indicação e provisão de material de estudo e aprimoramento do corpo docente. Este setor visava à melhora do processo ensino aprendizagem e atendia às crianças da faixa escolar. Porém por se tratar de uma proposta diferente, também enfrentou dificuldades como apontou Arlete Procotte

A dificuldade surgida no início desta atividade, foi a conscientização do corpo docente para o tipo de currículo adotado pelo Lar Escola, é um currículo aberto sem graus de ensino, portanto, sem programas acadêmicos nos moldes do ensino regular. Para desenvolver tal currículo é necessário um professor criativo e dinâmico, aberto a mudanças. Outra dificuldade inicial, agora já superada, foi a falta de material didático para dinamizar o currículo proposto; havia necessidade de muito material já pré-fabricado para atingir determinados objetivos que queríamos construir com as crianças. Para o futuro, pensa-se na expansão do currículo que ainda não pôde ser totalmente aplicado. Por ele, a criança desenvolve a atividade que complementa a escolaridade recebida na escola de ensino regular. Objetivando-se com isso, seu pleno e harmonioso desenvolvimento físico, mental e emocional. Entretanto, a insuficiência maior desse setor é a escassez de técnicos e professores para o bom êxito das atividades

desejadas. (Entrevista com pedagoga – arquivo SBEE – Arlete Procotte em 10/12/1980).

É interessante percebermos como as dificuldades apontadas por Arlete foram sendo superadas na prática, com criatividade, pelo corpo docente que contava com a participação efetiva de voluntários, como demonstrou Odila citando participantes de fora da Instituição.

Outro objetivo era a vivência das sociabilidades, com a nova estrutura e mais profissionais garantia-se espaço físico para as atividades de recreação atingindo a meta estabelecida em Amor e Compreensão. Com a divulgação em jornais da inauguração, a escola passou também a receber apresentação de grupos de teatro, além da doação de brinquedos e entre estes em especial o play ground. Por fim a ampliação do objetivo de estudos com a Instituição do trabalho de acompanhamento realizado pelas professoras.

4.3.1 UM CURRÍCULO PARA VIVENCIAR O AMOR

Para elaborarmos este capítulo analisamos principalmente o primeiro currículo do Lar Escola, mas também tivemos um olhar investigativo para as demais propostas curriculares elaboradas pela escola ao longo do tempo. Não vamos detalhar os conteúdos propostos, mas pensar a concepção de currículo da Instituição. O Currículo de 1979 trás definições e discussões das concepções de currículos, destacando o que cada proposta enfatizava como o conteúdo, o papel do professor ou o processo de educação e pontuava que a proposta do Lar Escola se aproxima da definição que dá ênfase ao processo de alcance mais amplo. “O currículo é a totalidade das experiências de aprendizagens planejadas e patrocinadas pela escola. – Jameson Hicks’ (PLANO CURRICULAR DO SETOR ESCOLAR, 1979, p. 31)”. No ano seguinte em entrevista para o Museu da SBEE, o professor Maury expôs sua visão do currículo do Lar Escola

O Lar Escola tem um currículo de autorrealização. A preocupação maior do Lar Escola, hoje e no futuro é ensinar a criança a viver, educando-a para a liberdade. Ensiná-la a brincar, a participar da família, a recrear e como recrear, a ouvir os outros, A ter um sentimento político, uma relação de valor político. Ensinar à criança o valor do trabalho, com consciência crítica do trabalho. O Lar Escola valoriza o trabalho como valor em si e não como uma mercadoria; com um valor humano que sobreleva o homem, que responsabiliza a comunidade por dias melhores, criando uma possibilidade melhor de vida (SBEE, Arquivo. Entrevista com Maury Rodrigues da Cruz em 05/12/1980).

Da mesma forma o currículo da Instituição contempla estas propostas a partir da exposição da visão filosófica

Serve de fundamentos ao Lar Escola a filosofia espírita cristã que, como terceira revelação, deve criar instrumentos que venham permitir uma participação, consciente, construtiva e evolutiva de todos os membros da sociedade humana,

fundamenta-se ainda na concepção de “educar para a liberdade” onde o homem é artífice de seu destino, cumprindo-lhe o esforço de criar-se a si mesmo. São, também, diretrizes que fundamentam o Lar Escola, o respeito à individualidade de cada um dos membros, o desenvolvimento das potencialidades inerentes aos mesmos de forma a serem eles próprios agentes de seu desenvolvimento; o respeito à dignidade e valores da pessoa humana, aceitando-as sem restrições de sexo, cor, religião e nacionalidade, oferecendo-lhes oportunidade de atuação objetiva, como medida de prevenção. (PLANO CURRICULAR DO SETOR ESCOLAR, 1979, p. 38).

A proposta enfatizava o papel da criança no brincar, nas atividades lúdicas, mas destacava a questão do trabalho, aspecto considerado pela Doutrina Espírita como elemento essencial da evolução humana. Fazia referência ainda à formação de valores que são universais, mas que passam pela questão doutrinária

Além disso, ensinar a criança a lidar com os valores da comunidade, ou seja: dinheiro, sexo, desvio de objetivos; ensinar a respeitar as pessoas deficientes; a participar das agências da comunidade: biblioteca, televisão, rádio, cinema, escola pública, os tipos públicos, o heterogêneo social. Ensinar a respeitar as opiniões do próximo, a religião, os valores humanos, educar a criança para os valores internacionais, sensibilizá-la para aprender outras línguas; mostrar que o Brasil tem uma responsabilidade perante o mundo. Conscientizá-la dos valores pedagógicos, da participação, da linha educador-educando. (PLANO CURRICULAR DO SETOR ESCOLAR, 1979, p. 38).

A ideia de um currículo aberto é assim explicitada

A cada vez que surgir uma nova descoberta, ou uma nova interpretação dos fatos: social, político, econômico, pedagógico, sobrenatural e outros, imediatamente serão absorvidos, e o Currículo do Lar Escola sofrerá modificações: currículo este que é uma relação entre: aprender a ser. E sua filosofia é a filosofia do Ser. É educar o indivíduo para socialmente Ser. (SBEE, Arquivo entrevista com Maury Rodrigues da Cruz em 05/12/1980).

Ao mesmo tempo percebe-se uma visão de mundo ideal quando o currículo estabelece como deve ser a relação das pessoas com

Sendo assim, é necessário que todos os membros do Lar Escola o amem como uma Instituição, que se dediquem mais ainda a esse nível institucional, para instrumentalizar melhor, levando elementos vitais à própria composição da escola. Máxime agora com o Projeto de criação de uma Faculdade Espírita, como mantenedora do Lar Escola, possibilitando a que se realize tudo aquilo que se tem em Estado ideal. (SBEE, Documentos Do Lar Escola, Livro III, 1981, p. 536).

Maury defende estas ideias tanto na visão histórica da proposta curricular como na sua leitura da escola no tempo presente

Me parece que a gente tem mantido e conseguido trabalhar uma visão política, mas uma visão política numa linha esléctica do tempo, então mostrando que há coisas de curta duração, média duração e longa duração. O professor tem que ser sensibilizado para isso, tem que perceber as questões da temporalidade. Vejo que é curta duração ficar às vezes só durante o dia aqui e que se elas ficassem mais tempo, mas daí nós estaríamos tirando da família o dever que eles têm, evidentemente, de atender os filhos, amá-los e suplementá-los nas suas necessidades. E essa curta duração, por exemplo, a gente desde o primeiro momento, eu digo a eles que no espaço do Lar Escola a gente tem que compor o tempo, e no tempo a gente tem que compor a cultura. Então o currículo da escola ele está muito integrado para essa variabilidade do tempo, que traga até nos coisas novas que está de passagem, tem que ficar se adaptando a esse currículo novo e ao mesmo tempo observar essa dimensão de cultura, e a cultura numa linha de ciência. É preciso que o professor esteja sempre buscando novas comunicações naquilo que a ciência pedagógica alcançou, que ela não se distancie da cultura filosófica, que possa perceber a poesia, possa perceber as artes, possa ver a filosofia em si mesma, em compêndios, em livros e traduzir isso da melhor forma possível para a criança. Ao mesmo tempo, é sensibilizar com a cultura popular, que é o conhecimento de primeira mão, como mostrando, por exemplo, desde muito cedo para a criança eu diria, que o Lar Escola é uma oficina crítica da sociedade. E, às vezes, as pessoas não entendem quando eu digo isso, o Lar Escola é é uma oficina crítica da sociedade, por exemplo, estes quadros nos corredores, eu

trago da SBEE porque eu quero que as crianças despertem desde cedo pra arte. Eu mando passar reportagens, trazer revistas, ver revistas desde cedo, mostrar os livros, até os livros raros, as crianças precisam conviver com este mundo de símbolos e elas, veem televisão aprendem em vídeo aprendem essas coisa todas contemporâneas, mas sempre fazendo reflexões. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

Maury deixa claro que esta visão de educação relaciona-se à concepção de espiritismo praticada por ele e pelo grupo de participantes da SBEE

Nós somos espíritas, mas nós vivemos uma evolução deísta com o evangelho de Cristo, onde a significação é o amor. Então nós não entramos no mérito das religiões no sentido de que elas são essa ou aquela ou se essa criança se transforme desde cedo em católico, pentecostal ou luterano. Nós estamos preocupados em promovê-la, e para promovê-la nós temos como base o cristianismo. E esse cristianismo, evidentemente, chega até a criança com essa consciência moral, essa consciência do amor. Nessa linha, a gente materializa para a criança o poder de avaliação que ela tem que saber, aprender alguma coisa. Então como é que o seu cognitivo, o que é que você sabe, qual é o seu possível. Então que tem que sensibilizar a professora pra mostrar que o possível dessa criança é aquele, e que a gente não pode forçar mais do que o possível, que a gente tem que respeitar a singularidade do seu possível. Que a gente tem que buscar nessa singularidade a significação de sua própria existência, e ela gradualmente vai se compondo e vai aumentando a sua identidade. Porque a educação também é essa pedagogia da cultura que eu proponho aqui no Lar Escola. É uma pedagogia que tem como núcleo um profundo respeito ao ser humano porque prioriza o ser humano e que ela parta da sua presença, do encontro convincente maior expressão da sua vida no sentido de ser humano de alguém que tem sensibilidade de mostrar uma flor de mostrar um desenho, de ler uma poesia já que essa criatura começa a compreender essa linha do conhecimento no sentido de cognição. Que ela imediatamente alcança a sua afetividade. (CRUZ, Maury Rodrigues da, Entrevista, Curitiba, 18/10/2007).

Vejamos alguns exemplos nas fontes orais desta interação ao longo das décadas. Nas fontes orais pudemos perceber a participação direta do espírito de Leocádio José Correia. Miraíta, em entrevista em 1980, reafirmou o

Apoio espiritual sentido no Lar Escola. Cada vez que surge um problema, ou que se fecha uma porta, outras se abrem e soluções melhores chegam. Inúmeras vezes se mentaliza os irmãos espirituais protetores que inspiraram a ideia da criação do Lar Escola e o acompanham até aqui, para que com seu inestimável e fraterno auxílio se possa sempre, e cada vez mais fazer o melhor pela Instituição. (SBEE, Entrevista Gravada – Miraíta Gomes Graça. 10/12/1980).

Na homenagem de 33 anos do Lar Escola a Diretora Disabel afirmou que

Durante todo esse tempo ele vem nos inspirando, auxiliando, dando-nos força e ânimo para prosseguirmos com o trabalho de amor ao próximo, dentro do Lar Escola. Através do professor Maury, nosso digno presidente, ele constantemente faz indagações sobre o andamento de nossas atividades, sobre nossas necessidades, dando-nos ânimo e estímulo para prosseguir o trabalho do Lar Escola por ele criado. (Homenagem aos 110 anos de desencarne de Leocádio José correia e 33 anos do Lar Escola, 17/05/1996, p. 2).

Um aspecto que observamos é uma preocupação com uma memória histórica da Instituição quando nos relatórios da década de 1980 há o registro de que os objetivos iniciais da Instituição foram ampliados com a inauguração do novo prédio. Assim, no aspecto da higiene, ampliaram-se as necessidades a partir da organização do serviço social contando com os demais profissionais voluntários como médico, enfermeira, assistente social, dentista e psicóloga. Quanto à alimentação, passou a ter a orientação de uma nutricionista que encaminhou a cozinha do Lar Escola para uma alimentação naturalista. A escola passou a ter uma horta, na qual as crianças maiores ajudavam no cultivo e na colheita, enriquecendo a alimentação que também por orientação do Doutor Leocádio passou a utilizar a soja, para isso foi necessário trazer pessoas que conheciam o manejo da soja para ensinarem as cozinheiras. Dona Disabel contou que

o uso de soja não era tão divulgado como hoje, as pessoas rejeitavam e as próprias cozinheiras não entendiam que ele

podia substituir a carne. Houve certa resistência. Mas com o tempo todos se acostumaram. Até hoje no Lar Escola não se consome carne. (MATTOS, Disabel Bond de, Entrevista, Curitiba, 26/06/2006).

Percebemos que há uma inter-relação que envolve a concepção de currículo enquanto “vida na formação do homem integral”. São pensadas atividades, alimentação, aprendizado dos alunos e professores, das próprias funcionárias e mais uma vez a presença significativa de Leocádio Correia na orientação até mesmo da alimentação. Analisamos dois diários de professoras que atuaram na década de 1980 e um caderno de aluno e percebemos que as atividades trabalhadas no setor escolar contemplavam a proposta de desenvolvimento de valores e hábitos necessários à qualidade de vida. As redações e poesias desenvolvidas nas atividades de reforço enfocavam alimentação, higiene, saúde e valores como solidariedade, amizade, respeito, verdade.

4.3.2 VIVÊNCIAS PEDAGÓGICAS NAS UNIDADES ESCOLARES E PRÉ-ESCOLARES:

Ao estudarmos o cotidiano escolar nos é desvelada uma hierarquia existente, efetuada pelo carisma, pela empatia ou pela imposição marcada por uma repetição, os eventos que caracterizaram a vida cotidiana, as normas e os horários, exigiam certa predisposição e uma espontaneidade para serem assimilados. A rígida regularidade do dia a dia escolar se fundamentava na necessidade de construir hábitos, valores e práticas.

A escola e a comunidade projetam expectativas no professor e no aluno, estes se exigem mutuamente e criam expectativas recíprocas. Estas expectativas, exigências e interações é que fazem do universo escolar um lugar histórico, onde o cotidiano é o centro deste acontecer histórico.

No dia a dia do Lar Escola, os princípios e valores da proposta curricular eram desenvolvidos principalmente nas atividades festivas que perpassavam o tempo escolar. Todo o ano letivo era composto por determinadas comemorações. Iniciando em março, a escola comemorava o aniversário de inauguração do prédio, depois a páscoa, em maio vinha o dia das mães, em junho as festas juninas, em agosto o dia dos pais, em setembro a semana da pátria, além de meio ambiente e Monteiro Lobato, em outubro o dia da criança, em novembro o da bandeira, culminando com a comemoração do Natal. A professora Odila, que coordenou o setor de criatividade por muitos anos, destacou estas comemorações

Quando fui a coordenadora do setor de criatividade eu movimentava toda esta escola com festas, eu planejava todo o calendário pelas festas e a Miráita me deixava fazer, porque o Dr. Leocádio queria muito a parte social, então tudo era baseado em datas folclóricas e do calendário comum. Mas também teve muitas controvérsias com a filosofia espírita, mas eu sempre dava um jeito e fazia aquilo que era a cultura do povo. Ah! Fazia o carnaval também de forrar este pátio. Hoje a mentalidade deles é totalmente diferente acham que são festas mundanas, acham isto e aquilo. Mas eu levava tudo para o lado da história. Como princípio da cultura, de transformações,

de continuidade. Então todas estas datas eram comemoradas. [...], Monteiro Lobato, tudo isso a gente reverenciava com trabalho já estabelecido para a cultura nacional e do mundo, também vendo o Brasil no contexto de mundo. Estas datas tinham um significado especial no desenvolvimento da família. A filosofia do Lar Escola. (NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues, Entrevista, Curitiba, 03/08/2009).

A semana também tinha uma rotina que organizava o tempo escolar. Começando na segunda-feira com a oração da semana. Todas as crianças reunidas faziam uma oração que poderia ser de qualquer credo religioso. Na terça-feira era o dia da apresentação, cada professor com sua turma elaborava um tema por semana, as atividades diárias envolviam planejar a apresentação. Na quarta-feira era dia de assuntos inéditos, a turma encarregada da semana apresentava a seu critério o que conseguisse montar. Na quinta-feira era o dia da apresentação de uma dança folclórica, de algum povo imigrante do Paraná ou de outro estado do país. Sexta-feira enfim era o dia das comemorações cívicas quando então se declamavam poesias e era cantado o Hino Nacional ou outro hino pátrio.

Naquela época também era realizada a leitura e o comentário de um texto, de uma mensagem, parabenizando os aniversariantes do dia. A escola possuía um vasto pomar e árvores frutíferas em que as professoras e os alunos, na época de frutos maduros, levavam as crianças para colher, lavar e comer sob as árvores, saboreando e trabalhando o valor de cada um como a forma, o valor nutritivo, a cor.

Os professores recebiam um treinamento no sentido de conhecerem os objetivos e propósitos da Educação Espírita, independentemente de serem espíritas ou acreditarem no Espiritismo, porque nestes momentos visava-se trabalhar a auto-estima do professor e o compromisso com as propostas da escola como um meio de elevação moral da comunidade local. Frequentemente aqueles docentes recebiam as mensagens escritas com as reflexões de Leocádio Correia. Localizamos no arquivo praticamente todas as mensagens que eram entregues ao corpo docente e aos funcionários. O teor das mensagens em geral faz referência ao aspecto de valorização do

professor, faz sugestões de como o professor pode encaminhar os conflitos e problemas a partir de uma visão de amor, não só no trabalho como em todos os aspectos da sua vida. Na vivência de atividades um aspecto nos chama atenção, a proposta de evangelização. A escola é confessional espírita, mas as atividades em si não versam diretamente sobre o espiritismo ou procuram fazer proselitismo, porém percebemos que tudo está integrado, a visão de currículo, o cotidiano, as ações, os valores. E nesta perspectiva, a evangelização é mais um momento da prática contínua da Instituição na proposta de construir um ser pensante e capaz de ser agente de seu processo de evolução. Optamos por analisarmos as atividades a partir da proposta de evangelização no próximo item.

4.3.3 EVANGELIZAÇÃO ESPÍRITA E FORMAÇÃO PARA A VIDA

Uma experiência pedagógica, para que possa ser chamada de espírita, precisa comportar elementos das práticas educacionais da pedagogia espírita, que segundo Incontri atenda a algum “diferencial significativo da educação tradicional e que este diferencial tenha sido consequência do Espiritismo. Pode uma escola não alcançar a prática integral de todos os princípios pedagógicos espíritas. Mas não basta uma escola autodenominar-se espírita para se inserir no quadro da pedagogia espírita”. (INCONTRI, 2004, p. 173).

O Lar Escola Leocádio José Correia, pelo que constatamos ao longo do tempo, tem sua prática marcada por elementos significativos que vêm da doutrina espírita, como o voluntariado como prática de amor, a preocupação em desenvolver nos alunos e professores conceitos éticos de amor à vida, à natureza e o respeito a si mesmo e aos demais. De acordo com o Regimento

Art. 3º Servem de fundamento, ao Lar Escola, a Filosofia Espírita Cristã e a concepção de educar para a liberdade. Os objetivos estão baseados nas seguintes diretrizes: respeito à individualidade de cada um dos menores; Desenvolvimento das potencialidades existentes no menor, de forma a ser ele o próprio agente de seu desenvolvimento; Respeito à dignidade e valores, aceitando o menor e família; Oferecer oportunidade, como medida de prevenção, sem restrições de sexo, cor, religião e nacionalidade. (REGIMENTO do Lar Escola Dr. Leocádio José Correia, 1979, p. 1).

A Escola em todos os documentos se identifica como espírita cristã. Entendemos que está afirmação é para deixar claro que a perspectiva não se assemelha às religiões de matriz africana. No imaginário popular frequentemente associam-se concepções religiosas afro com a Doutrina Espírita. Observamos que os participantes da SBEE e do Lar Escola que tivemos oportunidade de entrevistar respeitam plenamente as religiões de matriz afro, mas fazem questão de se diferenciar na opção pelo Espiritismo. A escola tem na sua proposta curricular uma proposta de atividades denominadas Evangelização, que tem por objetivo “promover na criança a sensibilização para um processo de construção do ser ético, moral e feliz”.

Nesta prática são trabalhados com conteúdos de valores religiosos que não se configuram como especificidades do Espiritismo, mas das religiões cristãs como Deus, Jesus, espiritualidade e que visam

desenvolver na criança a percepção de tudo que a rodeia, a natureza, as pessoas, os ambientes para que ela faça um entendimento de pertencimento no mundo natural. De forma a conscientizá-la sobre seu papel no mundo cultural nos diferentes âmbitos sociais em que transita e dos quais faz parte, família, escola, bairro, cidade, país, mundo, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade. Bem como ajudar a criança a reconhecer-se como parte integrante da criação, exercendo sua responsabilidade, em prol da construção de um mundo melhor, fortalecendo o entendimento sobre as relações interpessoais, sociais e humanas. Desta forma a criança irá reconhecer a diversidade e singularidade de cada um respeitando e aprendendo com o diferente, fazendo o exercício diário de respeito a si, valorizando seu corpo, sua inteligência e seu potencial, promovendo a saúde física, mental e espiritual, fazendo o exercício diário de respeito ao próximo, o exercício permanente da força do amor e da construção da felicidade, valorizando o ser no lugar do ter. Esta perspectiva ajuda a construir junto à criança o conhecimento e o entendimento, dentro de seu alcance possível e baseando-se em suas experiências, de valores universais como fraternidade, caridade, gratidão, cooperação e solidariedade. (PROPOSTA DE EVANGELIZAÇÃO, 1983).

Keila lembrou que quando estudou no Lar Escola nos anos 1990, ela não vivenciou uma aula específica de evangelização, religião ou qualquer denominação desta natureza, mas que

Na minha época nós tínhamos um conhecimento mais profundo, mas na minha fase de pré-adolescência a gente tinha um momento não de estudo, mas voltado ao irmão Leocádio. Passavam para nós a história dele, tínhamos um reconhecimento mais próximo dele. Não falavam em espiritismo, em espírito, mas lembro que aprendíamos naquela aula muitas coisas que nos ajudavam a administrar nossa vida. O que não era fácil, imagine, éramos de famílias diferentes, tinha muito conflito, mas parece que aqui a gente aprendia a conviver melhor a entender as coisas, a ser melhor, mas não diziam que era aula de religião. (ALMEIDA, Keila Tatiane Schilipake de, Entrevista, Curitiba, 03/07/2009).

Por outro lado, constam nos relatórios de atividades anuais desde os anos 1970 a realização do passe com todos os alunos desde os do berçário. Esta prática é também atualmente disponibilizada para os alunos da Faculdade. Questionada sobre a realização do passe, Keila afirma que não lembra, mas acredita que provavelmente deveria ter no período da manhã e como ela foi aluna da unidade de escolares no período da tarde, teve poucas experiências neste sentido. Por outro lado Keila desenvolveu também um relacionamento muito direto com o Irmão Leocádio, o que percebemos também em outros entrevistados

Sempre busco estar relacionando os princípios dele, só que é assim, acho que vai de pessoa a pessoa, isso vai muito da pessoa ter essa ampla visão, assim porque que nem o irmão Leocádio, ele além de ser o patrono do Lar Escola ele, como eu posso dizer, ele é um ele é tipo uma pessoa presente na nossa vida, entende? Porque se você está não só nos momentos difíceis da nossa vida e nos momentos bons geralmente procuro lembrar os momentos difíceis. Você está num momento meio difícil, complicado da sua vida, você busca o irmão Leocádio, você pede pra ele uma ajuda, você pede pra ele uma força e a gente sente que a gente tem o retorno disso por mais que você não vá lá SBEE, não vá fazer todo aquele processo. Eu estando aqui eu tenho respeito, a gente sente a presença dele e o respeito que a gente tem que ter por ele, entende? É uma pessoa que tem que ser respeitada nesse sentido assim porque eu mesma já pedi varias coisas para ele, pedi e agradei também, ao mesmo tempo que pedir tem que agradecer. Até a minha mãe, que é evangélica, ela respeita o Irmão Leocádio. Sabe, quando nos encontramos, ela fala que eu fico perdendo tempo. Eu digo a ela: “olha mãe como eu respeito à religião da senhora a mãe tem que respeitar a minha”. Acho que também porque ela tem um certo preconceito com o espiritismo, porque a minha mãe não tem conhecimento, não tem informação, mas é uma coisa boa pra vida da gente. (ALMEIDA, Keila Tatiane Schilipake de, Entrevista, Curitiba, 03/07/2009).

Entre os materiais em arquivo selecionamos um texto datilografado da década de 1980, utilizado com as crianças para explicar quem era o Dr. Leocádio. Lembrando que naquele período o Lar Escola atendia crianças e pré-adolescentes

AMIGOS, COLEGAS e QUERIDAS CRIANÇAS.

1983
Lar Escola

Há noventa e sete anos Dr. Leocádio José Correia deixou seu corpo material. No entanto sua presença junto a nós é tão constante que nos parece vivermos no plano Terra, numa mesma época.

No dia de hoje, em que lhe prestamos singela homenagem, queremos dizer-lhe, antes de tudo que o amamos muito, que nosso carinho é grande e nossa gratidão ainda maior.

Queremos dizer-lhe que fazemos esforço para não decepcioná-lo; que, quando erramos lembramos dele e nos envergonhamos e quando acertamos sentimos seu sorriso aprovador.

O nosso querido homenageado é o Patrono do Lar e seu idealizador. Contagiou a todos nós com seu entusiasmo.

Sentimo-nos felizes pelo fato de participarmos desta obra de amor, de atividade, de humanidade, de justiça.

E para tentarmos expressar com maior clareza o que nos vai no íntimo, pedimos permissão para ler uma poesia, de autoria de D. Nair Cravo Westphalen, com ligeiras adaptações:

Da mesma forma outro texto dedicado ao trabalho com as crianças mostra esta relação de naturalidade entre o personagem Leocádio Correia, que viveu no século XIX, e o espírito que se manifesta.

VAMOS RECORDAR QUEM FOI DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, O PATRONO DO LAR ESCOLA.

DR. LEOCÁDIO NASCEU EM PARANAGUÁ, EM 16 DE FEVEREIRO DE 1848.

SEU PAI ERA O SENHOR MANOEL JOSÉ CORREIA E SUA MÃE A SENHORA GERTRUDES PEREIRA CORREIA.

ESTUDOU MEDICINA NO RIO DE JANEIRO, ONDE SE TORNOU DOUTOR EM 1873, COM 25 ANOS DE IDADE.

ELE FOI UM ÓTIMO MÉDICO, ATENDENDO AO MESMO TEMPO, PESSOAS DE VÁRIAS CIDADES: PARANAGUÁ, GUARATUBA, GUARAQUECABA, ANTONINA, MORRETES, CURITIBA, PONTA GROSSA e CASTRO. TINHA SEMPRE UM CARINHO ESPECIAL PARA COM AS PESSOAS MAIS HUMILDES.

ERA MUITO QUERIDO POR TODOS, PELA SUA BONDADE E DEDICAÇÃO.

ELE MORAVA EM PARANAGUÁ, ONDE CASOU-SE COM D. CARMELA CYSNEIRO CORREIA E TIVERAM TRÊS FILHOS: CLARA, LEOCÁDIO e LUCÍDIO.

TRABALHOU MUITO EM BENEFÍCIO DE SUA CIDADE E DO NOSSO ESTADO, EM VÁRIOS CARGOS IMPORTANTES.

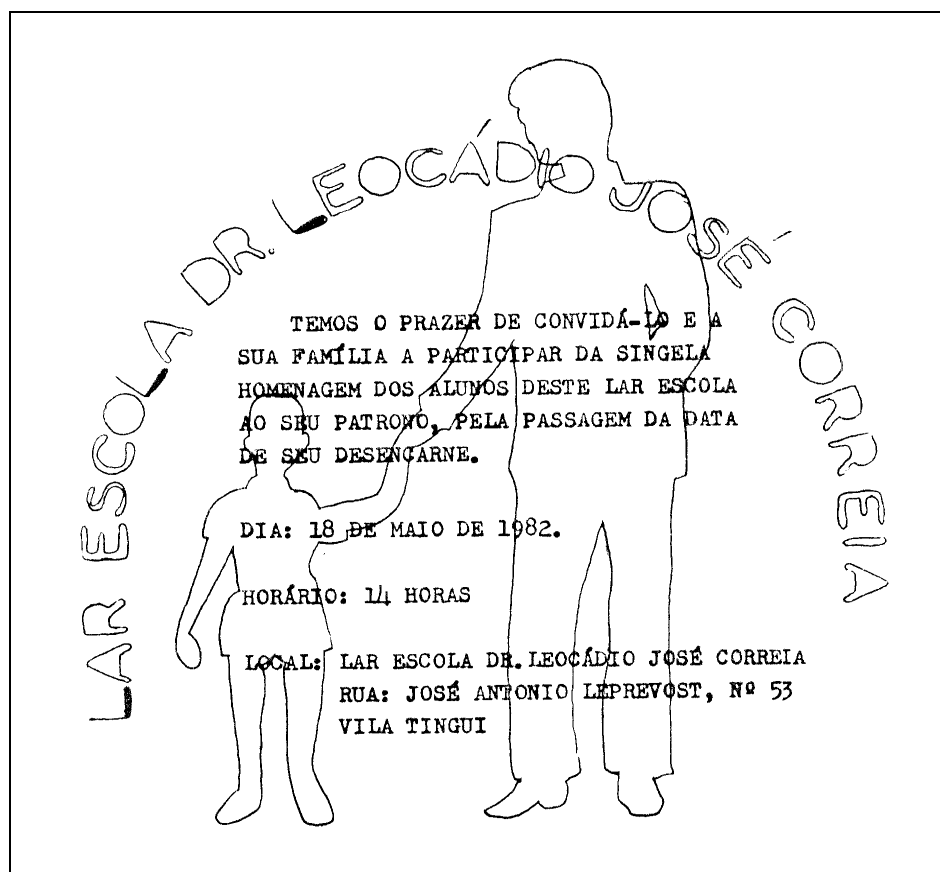
DOUTOR LEOCÁDIO DEIXOU O SEU CORPO MATERIAL, COM APENAS 38 ANOS DE IDADE, SENDO ESSA PERDA MUITO CHORADA PELOS SEUS CONTEMPORÂNEOS.

COMO SER ESPÍRITUAL, ELE CONTINUA ATENDENDO PESSOAS DOENTES E NECESSITADAS, COM A MESMA BONDADE E DEDICAÇÃO.

18/05/99
(113 anos!)

Em 6/4/2005 - 26 anos!

Em convite de 1982 percebemos a naturalidade com que era tratada com as famílias a “celebração da morte” como percebemos no convite a seguir. A princípio parece-nos estranho convidar para celebrar o aniversário de desencarne, mas analisando melhor percebemos que a tônica é a homenagem feita pelas crianças a seu patrono.



A professora Mônica⁹⁵, que leciona há vinte anos no Lar Escola, sempre apoiou o trabalho de evangelização, mas percebeu algumas dificuldades nas crianças compreenderem exatamente questões como o “desencarne”

Quando se comemorava o desencarne do doutor Leocádio é mais difícil explicar, as crianças não têm esse entendimento e a gente já questionou. Hoje trabalhamos o aniversário dele o patrono e tal a gente conta a história dele, mas explicar essa

⁹⁵ Mônica Leandra Billó nasceu em 23 de julho de 1976. Começou a atuar no Lar Escola aos 13 anos, auxiliando a tia que era professora da educação Especial, fez Magistério e especialização em DM, assim que formada foi contratada, atuou como professora da Unidade de ensino especial, com o fim daquela área, em 1998 passou atuar com a educação infantil, função que exerce até hoje.

questão de aniversário de desencarne é muito complicado. Durante muito tempo tinha o ensino tinha que trabalhar fazer comemoração a isso e a gente sempre foi contra e hoje as coisas estão diferentes. Tem alguém que passa nas salas explicado o Doutor Leocádio nem tem falado mais o negocio do desencarne porque não é o entendimento deles. Uma coisa importante nestes anos que estou na escola é que nos professores somos ouvidos, a nossa opinião conta. A gente vai trocando ideias sabe. Eu sempre falo, eu falo bastante coisa, eu me coloco. Agora o fato da escola ter uma visão espírita difere muito em algumas coisas. Por exemplo, quando tem esses feriados que ninguém trabalha, nós trabalhamos e daí de 30 crianças às vezes vem apenas 14 porque é feriado. O professor Maury diz assim que aqui é uma creche filantrópica e as mães vão trabalhar certo e tem muitas mães que no feriado trabalham porque tem mercados que funcionam, shopping funciona. Então ele acredita assim que nós estamos com o papel de acolher essas crianças para as mães trabalharem, a gente não pode fechar as portas. Nesse ponto ele está certo! (BILLÓ, Monica Leandra, Entrevista, Curitiba, 16/07/2009).

Dona Disabel lembrou a proposta de educação espírita como

Sendo uma escola espírita precisa viver os valores do espiritismo, e o passe é uma prática espírita. Desde o início a escola sempre fez o passe, sempre recebemos crianças de todas as religiões, mas na matrícula já falamos para a família, explicamos o que é o passe, porque fazemos? Como ele é feito pelos voluntários que vem uma vez por semana, a família diz se quer que a criança participe ou não. Não falamos da religião espírita porque a escola vive a proposta espírita na sua prática, mas para fazer educação espírita não é necessário fazer proselitismo da religião, mas viver o amor, o respeito aos outros. E entender os desejos da família é respeitar o outros. Para fazer o passe fazemos uma prece espírita, todas as crianças sentam-se, a equipe de passistas se posiciona próximo das crianças, faz a imposição das mãos, mas sem tocar nas crianças. E eles ficam tão quietinhos, desde os pequeninhos eles já sentem. Acho que eles percebem que ocorre uma transmutação da energia. Muitos pais contam que nos dias do passe as crianças dormem melhor, ficam mais tranquilas. (MATTOS, Disabel Bond de, Entrevista, Curitiba, 26/06/2006).

Na proposta curricular do Lar Escola a evangelização sustenta-se na compreensão da doutrina espírita como ciência, filosofia e religião há um

entendimento de que estas três se aplicam no aprendizado da criança na perspectiva de que

A *ciência* contribui enquanto pesquisa experimental que conceitua e re-conceitua num processo contínuo de verdades relativas. A criança faz seu aprendizado científico através da observação e experimentação. Por exemplo, ao trabalhar com o grão do feijão que brota no algodão a criança percebe e acompanha o processo dinâmico e rico da vida presente na natureza.

É através da *filosofia* que se procura desenvolver o senso crítico da criança, aguçando sua capacidade de questionar e refletir num processo dinâmico e contínuo que a prepare para a busca de respostas para as indagações do ser humano, entre elas as indagações que dizem respeito à espiritualidade. Busca-se dessa forma a construção de conhecimento de maneira coletiva num exercício de fé racional.

A *religião* é entendida como re-ligação do Ser humano com o Creador, num processo de pertencimento contínuo de relação integrada com o mundo natural e sócio-cultural. Ao despertar sentimentos de espiritualidade procuram-se promover na criança a conscientização e melhor entendimento sobre questões como a grandeza do universo, a harmonia e inteligência presentes na natureza e muitas vezes, situações que ainda desconhecemos.

Deste tripé emergem os princípios fundamentais da doutrina espírita cristã que são: Deus, Jesus e a moral cristã, livre arbítrio, mediunidade e reencarnação. (Projeto de Evangelização do Lar Escola, 2000, p. 6).

Analizamos o Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infanto-juvenil da Federação Espírita Brasileira (1982) e concluímos que a proposta desenvolvida pelo Lar Escola foi se construindo empiricamente, a partir dos voluntários que iniciaram o trabalho aliando a concepção de espiritismo da SBEE com a atuação cotidiana que teve início com a professora Marli Garrett na década de 1980. Ela permaneceu à frente deste trabalho até o ano de 2007, quando faleceu, aos 75 anos. Marli era auxiliada por uma equipe de voluntários da SBEE que faz uma aula semanal com cada turma além de aplicar o passe. Jeanne⁹⁶, que atua na Evangelização há mais de dez anos,

⁹⁶ Jeanne nasceu em 1959, é pedagoga e atua na proposta de evangelização há mais de 13 anos. Veio para o Lar escola a convite do Irmão Leocádio. Iniciou o trabalho como voluntária junto ao berçário, foi convidada por Marli Garrett para auxiliar na evangelização.

explicou que as aulas sempre contaram com a presença da professora. Há uma expectativa que a professora continue desenvolvendo as temáticas trabalhadas com os alunos

Comecei quando ainda tinha as crianças maiores. A evangelização nunca foi doutrinação, não é nossa intenção que as crianças se tornem espíritas. Nosso objetivo é essencialmente construir valores, que sejam cidadãos melhores, mais responsáveis, mais conscientes mais colaborativos, menos consumistas. Trabalhamos respeito, colaboração, amor ao próximo. Falamos os fundamentos da doutrina espírita, mas sem doutrinar, por exemplo, falamos dos amigos espirituais que para eles é o anjo da guarda. Não queremos tirar a ideia que eles tem, mas expandir. Trabalhamos Deus, Jesus, o homem como criação, como criador e responsável pela sua criação. É a ideia do cuidador, precisamos ser mais cuidadores, do nosso corpo, da natureza, do amigo, cuidador da escola, da família. As questões do dia a dia tentando trazer mais harmonia para o ambiente. Trabalhamos com um conceito de família, um conceito mais aberto. Aqui no Lar Escola foi proposto o dia da família, porque a família mudou muito. Procuramos trabalhar a ideia do cuidado. Quem cuida de você? Quem gosta de você? Quem se preocupa com você? Estas datas são meio complicadas da forma que as escolas geralmente trabalham. Trabalhamos a ideia de fazer o bem, sempre trazendo para a realidade delas. Por exemplo, já trabalhei com os pequeninhos uma história das meninas que perderam a gatinha, elas rezaram para o papai do céu, mas não ficaram paradas, foram também procurar, rezaram para agradecer. Nesta ideia estamos trabalhando a interação entre o polissistema espiritual e o material. E que é a oração é uma comunicação com Deus, com Jesus com os amigos espirituais. Chamamos a atenção para trabalhar o tripé ciência, religião e filosofia. Na filosofia o pensar. Na ciência, por exemplo, quando trabalhamos o feijão no algodão vamos mostrando como ele cresce, às vezes a terra no universo, os animais, abrangendo conceitos, mas de uma forma acessível a eles, as histórias e as músicas. Trazemos de fora, mas para a realidade deles. (PARANÁ, Jeanne Marie Feder, Entrevista, Curitiba, 03/06/2009).

Nos primeiros anos que veio para a equipe de evangelização, Jeanne criou uma música para que as crianças pequenas entendessem o passe de forma lúdica.

A canção:
 O passe é alegria
 O passe é energia
 Vou aproveitar
 Em silêncio vou estar
 Concentrado vou ficar
 Para me renovar.

Questionamos como a equipe trabalhava o conceito de energia com as crianças e ela nos relatou

Apreendi com a Marli a fazer a experiência do cabelo com eles para mostrar a energia estática. Levamos pilhas e objetos eletrônicos para mostrar a questão da eletricidade, já mostramos pilhas descarregadas e depois de serem carregadas. Damos o exemplo que no nosso corpo o passe é como o carregador de pilhas. Na hora do passe eu digo a eles para pensarem em Deus, em Jesus no coração, nas coisas boas para as pessoas que eu gosto. Tem a história das estrelinhas, porque no passe é necessário ficar com as mãos abertas, então eu digo a elas para pensarem em estrelinhas caindo, fecharem os olhos pensarem em Jesus no coração e segurarem as estrelinhas. Elas ficam uma gracinha. Depois do passe eles levam a água fluida para a sala, que a gente passa para os professores, para eles entenderem. As crianças sabem que aquela é uma água com energia que eles levam para sala de aula e bebem durante a semana. (PARANÁ, Jeanne Marie Feder, Entrevista, Curitiba, 03/06/2009).

Os princípios são apresentados e trabalhados com a criança dentro do seu alcance possível, procurando abordar *Deus* como pai e criador de todas as coisas. *Jesus* como o irmão e mestre, aquele que exemplifica os valores essenciais para nossa vida como amor, fé, caridade, fraternidade, perdão e paz, entre outros. O *livre arbítrio* como a capacidade de escolha e a responsabilidade por nossas ações. A *Mediunidade* é enfocada como a interação e comunicação entre o polissistema material e polissistema espiritual, através do pensamento, buscando uma frequência de paz, harmonia, equilíbrio, alegria, da prece como instrumento de comunicação, conforto e gratidão, do passe por meio da transmutação de energia. E por fim a *Reencarnação* como – a valorização da vida como escola para o aprendizado constante, em busca da

evolução espiritual e da oportunidade de aprimoramento, procurando fazer sempre o melhor possível e melhorar a cada dia auxiliando na construção de um mundo melhor para todos.

A Professora Odila nos relatou que todos os dias fazia a oração inspirada por Leocádio Correia, segundo ela, esta prece representava o cotidiano do Lar Escola.

A prece:

Com as forças do bem, movo-me.

Dentro deste Lar há uma só presença – a presença de Deus.

O amor é a centelha da vida.

Vivo, existo, movo-me em Deus, com Deus, para Deus.

Dentro deste Lar há uma só presença – a da Justiça

Tudo o que aqui se fala, tudo o que aqui se pensa,

Move-se pela Verdade, orienta-se pela Justiça.

Deus é Amor.

Dentro deste Lar impera a Harmonia

Quem quer que aqui entre sentirá a União

Com as forças do bem.

Deus é compreensão.

Dentro deste lar há uma só presença – é a paz de Jesus.

Jesus com seus ensinamentos, mostra-nos os valores:

Vida, Amor, Fé, Esperança e Caridade.

Quem quer que entre aqui há de senti-la.

É pela Fé, pelo Amor, pela Justiça, pela Verdade, que nós vivemos

Unidos na mais perfeita harmonia, com a “inteligência suprema”

Pelo Amor vivo, movo-me, existo.

O amor é Deus.

Psicografada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz, em 18/05/1971.

Odila afirmou que nunca se considerou espírita, que sempre manteve a religião católica, mas que no Lar Escola aprendeu a admirar a Doutrina Espírita e a prática das pessoas daquela religião. Ela também guarda com cuidado dois livros espíritas que ganhou de Miraíta, logo nos primeiros anos do Lar Escola.

O primeiro é composto por pequenos contos com lições morais e de auto-conhecimento destinados às crianças. Deste reproduzimos o conto a seguir

A Justiça

Quando criança eu tinha a mania de me sentir sempre injustiçado. Por um ou por outro motivo, não me tinham feito justiça, sem perceber que, para mim, a injustiça era sempre qualquer restrição feita aos meus desejos, fantasias e vontades. E invariavelmente arrebatava em lágrimas de protesto. Um dia papai me chamou e disse:

- Meu filho, vamos combinar uma coisa. Você sabe que o papai não gosta de ver você triste, não é? Então nós vamos fazer o seguinte: Cada vez que você chorar, escreva num papel a causa. Coloque o papel no vaso azul, ali, sobre a escrivaninha. Deixe passar alguns dias e leia-o. Se achar que o assunto ainda o está aborrecendo, venha a mim, conte-me o caso e eu lhe prometo que corrigirei a injustiça que tiverem feito contra você. Combinado?

Estava combinado. Nos primeiros dias eu enchi o vaso azul de anotações. Passadas no preto e no branco, minhas queixas me pareciam perfeitamente justificadas. Passaram-se os dias e meu pai voltou a falar comigo.

- Você já pode começar a reexaminar os seus papéis. Depois venha falar comigo.

Comecei. Mas, estranhamente, constatei que minhas queixas eram banais e que, na realidade, não havia nada naquilo que pudesse motivar aborrecimento.

Abreviei o espaço dos dias e, depois, passei a examinar os papéis horas depois dos acontecimentos.

Verifiquei que não tinha nenhuma injustiça a exigir a reclamação do papai. E parei de chorar várias vezes ao dia, como estava acostumado a fazer.

Hoje compreendo que foi tudo uma brincadeira de papai. Todavia com grande habilidade ele me levou a refletir antes de reagir. E desenvolveu em mim a compreensão a respeito do que é justiça e injustiça em face do nosso egocentrismo, exigência de privilégios e pretensões descabidas.

Com isso meu espírito de tolerância ganhou uma nova amplitude que me tem beneficiado ao longo de toda vida...

(RODRIGUES, Wallace Leal, **E para o resto da vida**, 1989, p. 67-68).

O outro livro é uma coletânea de poemas, frases, pensamentos e pequenos textos psicografados por Francisco Cândido Xavier. Aqui reproduzimos um de Emmanuel

Ante o Céu Estrelado
Senhor,
Ante o Céu estrelado
Que nos revela a tua grandeza,
Deixa que nossos corações se unam
à prece das coisas simples...
Concede-nos Pai,
A compaixão das árvores,
a espontaneidade das flores,
a fidelidade da erva tenra,
a perseverança das águas que
procuram o repouso nas profundezas,
a serenidade do campo,
a brandura do vento leve,
a harmonia do outeiro,
a música do vale,
a confiança do inseto humilde,
o espírito de serviço da terra benfazeja,
para que não estejamos recebendo,
em vão, tuas dádivas, e para que o
teu amor resplandeça, no centro
de nossas vidas, agora e sempre.
Assim seja!
(XAVIER, Francisco. Antologia da Criança, 1979, p. 63).

Sentimos na professora Odila o sentimento do sagrado ao nos apresentar os dois livros, e não podíamos deixar de citar que nos lembramos de Maria Tereza Santos Cunha “Sei que as relíquias, tanto as mundanas como as sagradas, trazem consigo histórias, acontecimentos, lembranças, memórias pois estão imbuídas de significado e de qualidades de representações que vão além de sua situação original.” (2007, p. 84). Odila nos contou que estes livros são até hoje usados por ela em sala de aula e com a família. São seus livros de cabeceira para contar histórias aos pequenos da família.

4.4 O LAR ESCOLA, AS REPRESENTAÇÕES E AS MEMÓRIAS.

Uma percepção que apreendemos na análise das fontes orais e escritas é a relação do grupo que trabalhou ao longo das décadas na Escola com a figura do espírito de Leocádio Correia. Em entrevista gravada para o Museu, Disabel nos anos 1980 já dizia

O irmão Leocádio José Correia afirma que em se dando boa alimentação e ensinando higiene às crianças, a missão em grande parte já está cumprida. No que concerne à alimentação, há uma grande melhora nas crianças nos aspectos físicos, desenvolvimento mental e motor. A percentagem de aprovação das crianças do Lar Escola nas escolas que frequentam foi, em 1980, de pouco mais de 70%. E justamente as crianças que mais reprovavam por carência alimentar e outras deficiências. A avaliação das crianças é feita o tempo todo; a criança é sempre comparada com ela mesma em períodos anteriores. Sempre há evolução no desenvolvimento global, apenas em alguns casos em que o ambiente familiar apresenta excessos de aspectos negativos, a criança deixa de progredir em um ou vários aspectos. (Entrevista, arquivo SBEE, Disabel Bond de Mattos, 17/02/1981).

Na entrevista que realizamos com ela, quase três décadas depois, ela também lembra como assumiu a direção do Lar Escola, poucos meses antes do falecimento da diretora Miraita, e da sua relação sempre presente com o Irmão Leocádio

A Miraita me chamou e falou assim: “Eu sei que estou com uma prorrogação de prazo na terra, eu já devia ter desencarnado, mas eu tive esta prorrogação para dar conta desta missão que era organizar o Lar Escola, mas agora em breve, quando eu me for, você deverá assumir a escola. Eu sei que esta é a vontade do Irmão Leocádio. Logo depois ela ficou doente e faleceu e eu tive que assumir. Eu me cobrei muito, porque sempre tive a intuição de tudo o que ia ocorrer, mas quando ela morreu eu tinha ido para o Rio de Janeiro. Eu estava à frente do Lar Escola, mas não acreditava que poderia tocar toda a obra que a Miraita fez. Mas o Irmão Leocádio sempre esteve presente me dando força, intuindo, me orientando e enfim eu fiquei. Eu só deixei a direção do Lar Escola em janeiro deste ano. Pedi ao professor Maury para

sair, disse a ele: “eu já estou há muito tempo, agora acho que já passei da idade e além do mais agora é necessário uma pessoa mais atualizada na sua pedagogia”. As crianças de agora precisam praticar computação, isso é fantástico, temos que acompanhar a modernidade. Conseguimos computadores, fizemos o laboratório, mas precisamos de pessoas que compreendam estas novas linguagens, agora minha pedagogia é mais antiga. Eu não entendo nada de computador, mas ainda vou aprender. Então agora precisa alguém atualizado e passei então para a Regina que é uma moça que se formou na faculdade e que entende a visão da escola e vai fazer um trabalho muito bom. (MATTOS, Disabel Bond de, Entrevista, Curitiba, 26/06/2006).

Esta relação de convivência com o Dr. Leocádio perpassa todos os que trabalham na Instituição. Na fala de Disabel percebemos que a Escola considerou a perspectiva de desenvolvimento amplo das crianças, inclusive a partir do ano 2000, na área da informática. As crianças no período da manhã passaram a ter aulas nos laboratórios que são utilizados pela faculdade à noite. Da mesma forma, em entrevista do Coronel Graça, lá em 1990, ele apontava que

Eu não vou mais para a casa de praia, porque sempre tenho que atender algo no Lar Escola. Praticamente a minha vida se transformou na SBEE e no Lar Escola, mas eu devo muito ao Irmão Leocádio, sei que nunca vou poder pagar tudo o que ele fez para minha família. Eu considero um dever de gratidão. Se eu fosse contar a minha vida e como o Irmão Leocádio me ajudou com certeza tenho muito a fazer pela obra da SBEE. (SBEE, Entrevista Coronel Geraldo Graça, 29/10/1990).

Ao nos depararmos com estes depoimentos não podemos deixar de nos referenciar ao conceito de mentalidade de Michel Vovelle quando define a como

O estudo das mediações e da relação dialética entre, de um lado, as condições objetivas da vida dos homens e, de outro, a maneira como eles a narram e mesmo como a vivem. A esse nível, as contradições se diluem entre dois esquemas conceituais, cujos aspectos contrastamos: ideologia de uma parte, mentalidade de outra. O estudo das mentalidades, longe de ser um empreendimento mistificador, torna-se um limite, um alargamento essencial no campo da pesquisa. Não como um

território estrangeiro, exótico, mas como prolongamento natural e a ponta fina de toda história social”. (VOVELLE, 1987, p. 24-25).

Observamos que para todos nossos entrevistados, Leocádio Correia é o fio condutor da história da Instituição e das histórias de vida. Evidentemente que aqui nos relacionamos como o que o grupo narra e vive, que no caso vai além das condições materiais, mas de uma mentalidade construída coletivamente. A categoria “mentalidade” nos possibilita pensar a questão das mediações complexas entre a vida real dos nossos entrevistados e as representações que eles produziram ao longo das décadas de envolvimento com a Instituição.

Da mesma forma o jurista René Dotti⁹⁷, que desde a década de 1970 é uma das pessoas que colabora diretamente com a manutenção do Lar Escola, nos contou como criou esta vinculação com a Instituição e com a própria doutrina espírita

Minha mãe era espírita, de formação Kardecista e eu lembro que uma ocasião tínhamos 21, 22 anos e eu estava na universidade, estudava Direito e estava muito ligado ao pessoal da esquerda, intelectualmente falando, não tinha atividade partidária, não tinha atividade de militância ideológica. Tinha ideias, admirava as ideias de esquerda, inclusive da esquerda da resistência francesa e disse um dia pra minha mãe: Deus não existe! Porque o que existe é o homem que conserva a existência de Deus, porque se o homem não existisse não haveria Deus e a senhora sabe que há várias partes do mundo em que há politeísmo, que são vários os deuses e etc. Na minha concepção Deus é produto do homem e não o contrário. (DOTTI, René Ariel, Entrevista, Curitiba, 06/08/2009).

René Dotti emocionado contou que sua mãe fez com que ele percebesse o céu, a natureza, as árvores da janela do apartamento em que moravam, ele começou então por influência da mãe a repensar suas convicções e quando conheceu o professor Maury como colega na Faculdade de Direito

⁹⁷ René Ariel Dotti nasceu em 1934 e é professor titular de Direito da UFPR.

Não éramos da mesma turma, mas percebi a integridade e a ética dele. Quando meu pai esteve muito doente, lá por de 68, 69, nós fomos ao centro dele. Acho que era 1968 e Doutor Leocádio nos ajudou muito, aí o envolvimento foi a partir dali, pela admiração pessoal pelo Maury e pelo trabalho dele. Eu tenho cada vez mais convicção clara da minha atividade e que determinados momentos o que eu estou dizendo o que eu estou escrevendo vem tão certo, tão claro eu sinto às vezes aviso de alguma coisa. Não veja isso no sentido místico, mas realista, como advogado. E eu penso assim: é um caso que não está no dia a dia, de repente surgiu esse processo antes que fosse publicada alguma coisa que exigia nossa intervenção, eu tenho tido, eu chamo isso, pros meus colegas, de aviso. Olha, eu vou ver o caso tal que alguma coisa me bateu de manhã hoje e se confirma isso, eu não posso atribuir isso a memória, ao processo da memória não pode porque teria que me lembrar de muitos e muitos casos, então o que eu posso atribuir ao único desafio que eu acho para a consolidação da doutrina espírita. Eu percebo as intuições do Dr. Leocádio, tanto que veja, ali na parede tenho a imagem do Dr. Leocádio. E o espiritismo é a ciência, porque a ciência também por uma razão porque o espiritismo na medida em que ele se realiza com passes com conselhos e tal ele atua psicologicamente. Isso é uma ciência: Psicologia. Ele faz parte então de um núcleo social também que faz o bem, uma Sociologia, uma ciência e tem até certos casos de cura. Então, pra mim, é filosofia. (DOTTI, René Ariel. Entrevista, Curitiba, 06/08/2009).

René destacou ainda que sua contribuição junto ao Lar Escola se deve ao fato de considerá-lo “uma contribuição social da maior escola de generosidade, trabalho e dedicação. Entendo o Lar Escola como uma fonte geradora de felicidade, estabelecendo solidariedade permanente de apoio à qualidade da vida física e espiritual”. (DOTTI, René Ariel, Entrevista, Curitiba, 06/08/2009).

Dona Disabel, em nova entrevista na década de 1990, contou como tomou contato com o espiritismo na década de 1940 e anos depois conheceu a SBEE, o professor Maury, e como iniciou o trabalho que culminou com o seu período na direção do Lar Escola

Comecei a me corresponder com um rapaz de Minas Gerais, naquela época estava na moda fazer amigos por carta. Ele me

passou as primeiras noções do espiritismo. Eu queria entender como uma pessoa tão inteligente estava no espiritismo. Escrevi para a FEB e pedi os livros básicos, foi assim que comecei. Minha família era católica, mas mesmo assim a minha curiosidade de aprender era muito grande e eu segui estudando e, quando cheguei em Curitiba, procurei a FEP e fui encaminhada ao Sr. Abib Isfer e era uma pessoa extraordinária, fiquei encantada. Ele disse venha nas quartas-feiras e fique na assistência, quando eu precisar eu vou chamá-la, eu disse, mas eu não quero desenvolver, eu quero estudar, mas ele já percebeu que eu precisava trabalhar no espiritismo. Isto era no ano de 1947. Bem depois conheci a SBEE e o professor Maury. O Lar Escola já existia, foi fundado antes de nós entrarmos na SBEE e nós começamos a atender em várias frentes, pediatria, puericultura e o atendimento das famílias no Natal. Teve uma vez no Natal que lembro tinha mais de 3.000 pessoas que vinham para ganhar um presente. Esta era uma forma que se fazia para atender as pessoas carentes. Depois da construção do Lar Escola passamos a fazer a festa de Natal só no Lar por causa dos “aparelhos espirituais” que existem na SBEE e que muitas vezes eram quebrados pelas vibrações das pessoas. Inclusive a festa de aniversário do professor Maury é feita todos os anos no dia 1º de maio no Lar Escola. É muito difícil manter uma obra como o Lar, mas temos o apoio do governo, da PMC e do Estado. O governo do estado, por exemplo, nos apoia, cedendo professoras da rede estadual e funcionários. A prefeitura também já cedeu oito professoras que são chamadas monitoras, mas são todas formadas em Magistério. (Entrevista, arquivo, SBEE, Disabel Bond de Mattos, 24/04/1990).

Na entrevista que realizamos com Disabel ela também nos contou que

Uma ocasião o Dr. Leocádio pergunta qual o problema que o Lar estava tendo. Comentamos com ele que estava faltando alimentos. Não sei como, no dia seguinte chegou tantas coisas que não tínhamos como guardar. Não sei como os espíritos fazem isso, acho que eles tocam o coração das pessoas e quando menos esperávamos chegavam as doações, pessoas da alta sociedade procuravam o Lar para doar. (MATTOS, Disabel Bond de, Entrevista, Curitiba, 26/06/2006).

Ainda nos anos 1960, Disabel, no tradicional discurso da cerimônia de homenagem que todos os anos é realizada pela SBEE na data de desencarne do Doutor Leocádio, com a presença de toda diretoria do Lar Escola e de

muitos médiuns da SBEE relembra

Tenho visto criaturas desesperadas irem lentamente se reencontrando, adquirindo equilíbrio emocional e auto-confiança. Tenho visto criaturas sem fé se transformarem lentamente, passando a perceber a maravilha da natureza em que tudo é progresso emanado da sabedoria divina.

Vejo todos serem atendidos com a mesma atenção: espíritas, católicos, evangélicos, protestantes, criaturas com crenças e convicções diferentes, buscando a palavra amiga, a receita certa. E ele, o bondoso Irmão sempre solícito, examinando, receitando, animando e incentivando. Nós médiuns o queremos como um pai, muito amigo. No trabalho ou fora dele. Pela prece recorremos ao bondoso Irmão; ele não falha. Se estivermos errados, de tal maneira ele nos diz que nos convence a transformar. Se chorarmos ele sofre conosco, chegando a enxugar-nos as lágrimas. Querido Irmão Leocádio perdoe-me se não sei me expressar. Apenas quero lhe dizer mais uma vez que nós o queremos muito e que somos imensamente gratos pelo quanto de bem nos tem feito. Pedimos ao Pai que derrame as suas bênçãos. Obre seu espírito sobre sua obra magnífica. Que o Irmão possa ver transformar-se muito em breve em realidade o seu grande sonho: a construção do Lar dos Meninos Dr. Leocádio José Correia. (Homenagem ao Irmão Leocádio, Disabel Bond de Mattos, 18 de maio de 1968, p. 3).

Leocádio Correia, para nossos entrevistados, representa o ideal, o modelo, o apoio, o caminho. Analisando estes discursos compreendemos o grau de dedicação dos envolvidos com o Lar Escola, é uma forma de retribuir ao Irmão Leocádio que, quando encarnado no século XIX, defendeu a educação como caminho para a mudança social e agora, como espírito orientador no século XX e XXI, mantém a mesma proposta de mudança moral, reforçando os valores da cultura espírita construída pela SBEE e representada no Lar Escola. A Professora Iolanda⁹⁸, coordenadora pedagógica da educação infantil há mais de dez anos analisa a educação como um ideal, não apenas da escola espírita, mas nas suas representações retoma a visão construída a partir da SBEE

⁹⁸ Iolanda Serighelli, nasceu em 1939, é pedagoga aposentada pela rede estadual e pela PMC, atua desde então no Lar escola como voluntária.

Eu não olho por ser escola espírita que eu me conduzo assim, que as pessoas que aqui trabalham são assim, mas são valores universais, valorizar o ser humano em qualquer lugar. Como diz o Morin: Quando você compreende, você se coloca no lugar do outro. Sou pela ética da compreensão. Vejo a escola espírita assim amar uns aos outros, fazer o bem. Se você não der um bom exemplo você não vai mudar o outro, isto eu aprendi na SBEE, o diálogo, pensar a educação, desdobrar o pensamento. É uma sementinha que se planta aqui, há uma integração entre todos. O que faz a diferença no fato de sermos espíritas e estarmos atuando numa escola espírita é a responsabilidade. Eu trabalhei com muitos professores, anos e anos. Tenho 47 anos de Magistério e vi que aqui as professoras nem sequer olham o horário de sair, que elas ficam. Já aconteceu de as professoras ficarem escondidas fazendo atividades para as crianças, criando, elaborando. Há muitos anos atrás, uma professora que saiu foi reclamar na justiça do trabalho que ela ficava além da hora, então foi proibido de ficarem além do horário, mas elas ficam mesmo assim, até na faculdade, na biblioteca. E o mais interessante é que a maior parte das professoras não são espíritas, mas elas ficam pela consciência que tem. O Lar Escola é um laboratório de aprendizagem em todos os sentidos, emocionais, cultural, aqui só não aprende quem não quer. É um lugar para rever espaços, atitudes, etc. (SERIGHELLI, Iolanda. Entrevista Curitiba. 28/05 /2009).

Meiriany⁹⁹, que atualmente é atendente junto ao berçário foi aluna do Lar Escola no começo dos anos 1990. Ela lembra que

Minha mãe participava aqui também ajudando a escola, eu e meus três irmãos estudamos aqui. Lembro que era muito bom, o espaço que tínhamos era muito grande, tinha espaços com areia, com árvores. A Mônica foi minha professora. Tinha muitas atividades interessantes. O espaço onde está a faculdade era a área que brincávamos [...]. Foi muito bom voltar para cá depois de tantos anos. Eu percebi que mudou muita coisa no espaço físico, mas também permanecem muitas coisas, veja o berçário é no mesmo espaço. Quando comecei aqui como atendente fui fazer o passe eu não lembrava mais como era, mas fazia quando era criança aqui na escola. (SANTOS, Meiriany Aparecida; Entrevista, Curitiba,

⁹⁹ Meiriany Aparecida dos Santos, nasceu em 1989, estudou a Educação Infantil no Lar escola. Atualmente faz curso de Magistério no Instituto de educação do Paraná e estagia como atendente no Lar Escola.

05/08/2009).

Meiriany tem uma memória da escola ideal da sua infância, ela porém não compreende esta relação das pessoas com o espírito de Leocádio Correia tanto que relatou “eu até agora não vi nenhum espírito aqui”.

O reconhecimento dos participantes da SBEE pelo trabalho do Lar Escola tem sido constante durante sua trajetória. Localizamos na Biblioteca da Instituição, trabalhos monográficos do curso de Pedagogia e trabalhos da especialização com enfoque sociológico, tendo a escola como objeto de estudo na sua organização atual, por meio das campanhas realizadas . Verificamos um destes trabalhos de conclusão de Curso de Administração, realizado por uma equipe de acadêmicos na UFPR em 1982, que na apresentação aponta a proposta do Lar Escola como um modelo de administração de Instituição “linhas mestras a reger a vivência comunidade-família-aluno, tendo como mola mestra o trabalho profícuo de todos que se esforçam para a criação de um sistema integrativo racional” (LANGFELDT, Tora et alii, 1982, p. 1).

Da mesma forma, no museu localizamos trabalhos de pesquisas realizadas por participantes do exercício mediúnico da SBEE. Em um desses a autora analisa a Instituição, as práticas e atividades desenvolvidas pelos voluntários e conclui que

O serviço realizado no Lar Escola, é, todo ele, feito de amor. [...] Em todos que trabalham pelo Lar Escola se sente o amor e dedicação às crianças que, que em seu ambiente, na quase totalidade, não tem o necessário destes valores. Isso representa sementes plantadas nos corações destas crianças, cujos frutos são a esperança do Lar Escola. Acredita-se em trabalho de amor e dedicação, por isso, acredita-se que o amor e dedicação de todos os que lá estão, dá e dará bons frutos, para o bem de todos, concretizando o ideal de seu patrono, Dr. Leocádio José Correia, ao desejar que o Lar Escola fosse uma “Casa de amor.” (SAMWAYS, Serley; Introdução, Lar Escola, maio de 1981).

Sueli¹⁰⁰, que atua no Lar Escola desde 1993, veio trabalhar com Miraíta

¹⁰⁰ Sueli nasceu em 1947, formada na área administrativa veio para o Lar Escola como funcionária. Trabalhou registrada até completar o tempo que faltava para se aposentar, em 2007. A partir daí continuou como voluntária. Também foi aluna da primeira turma do Curso de Pedagogia da Faculdade DR. Leocádio Correia.

e conta

Teve uma festa aqui, eu vim trabalhar como voluntária, cuidando de uma barraquinha de ervas. A Miraíta me chamou e disse assim: Eu gostaria que você viesse trabalhar no Lar Escola. Daí eu me assustei um pouco, eu vim conversar com ela na época. Eu tenho assim boas lembranças da Miraita, ela era uma pessoa extremamente forte. Ela me levou no Lar Escola todo e fazia pergunta pra mim. Ela dizia você gosta de árvores? Você gosta de flores? Gosto, gosto muito. Você gosta disso? Porque amanhã depois eu não estou mais aqui e você vai ter que cuidar de tudo isso. E isso foi há 15 anos atrás. Mas antes o Doutor Leocádio me disse assim: Eu preciso muito da sua ajuda lá no Campus e eu fui ao campus ajudar, eu lembro que levava duas horas pra ir lá de onde eu morava até o campus, mas fui, o Irmão Leocádio pediu. Fui atender, assim, cuidar, ver os alimentos que chegavam, fazer um controle de estoque. Pra época de natal a gente pegava os brinquedos usados consertava, levava bonecas pra casa arrumava roupinhas pra dar pras crianças e daí, hoje, eu percebo assim que aquilo foi uma preparação pra vir pra cá. Eu fui lá e aprendi todas essas coisas no bazar na organização e fiquei pouco tempo lá, daí em 1993, eu vim aqui para o Lar Escola e já tinha um pouco de conhecimento, mas isso, a escola foi uma coisa assim extraordinária na minha vida em todos os sentidos de aprendizado, porque até então você avalia algumas coisas vendo, mas quando você está no dia a dia é muito diferente então conviver aquele dia a dia do Lar Escola, com aquelas crianças, aquelas famílias. E nessa época que eu entrei aqui ainda eram famílias muito pobres, com muitas necessidades. (REHLANDER, Sueli Maria; Entrevista, Curitiba, 24/11/2008).

Em relação ao Dr. Leocádio percebemos que Sueli faz uma análise pautada na concepção de espiritismo trabalhada pela SBEE

Eu vejo que existe um pouco de dificuldade até para os funcionários e professores quando chegam a compreenderem o que é pra nós falar de alguém que já desencarnou. Para nós é a mesma coisa que falar de alguém que está encarnado no dia a dia. Claro que nós não nos comunicamos com esse desencarnado da forma que nos comunicamos com os encarnados. Para as crianças temos o cuidado de passar de forma que elas tenham o conhecimento lógico e que quando ela vai levar isso pra sua casa pros seus pais que seja de uma forma tranquila, sem uma visão de coisa do sobrenatural. O

Doutor Leocádio esta muito presente aqui em algumas situações, em muitas coisas que aconteceram aqui dentro. Vou citar um caso especial. No início eu ficava assim muito preocupada com os acidentes que aconteciam aqui, mas eu sempre tive prontidão pra administrar essas situações, assim, de ter que sair correndo ir pro pronto socorro, claro que pelo número de pessoas, de crianças que tivemos e temos aqui nunca aconteceu coisas muito graves, mas aconteciam algumas coisas assim, principalmente quando tínhamos as crianças especiais. Aconteceu uma vez de uma criança que subiu na cadeirinha pra cantar e na hora que ela foi descer ela se desequilibrou caiu e bateu o nariz na mesa e sangrou muito, ficou assim roxinho e nós chamamos o médico, eles vieram examinaram e tal e disseram que estava tudo bem, mas eu fiquei muito preocupada: Será que ela não tinha quebrado mesmo o nariz? Será que o médico do posto avaliou corretamente, eu pensava no desdobramento desse caso, porque algumas mães poderiam sair daqui comentando que a criança tinha quebrado o nariz e que a gente não se preocupou e aquilo me incomodou muito tempo. Um dia o doutor Leocádio me chamou na SBEE e disse assim: “Olha, não fique preocupada minha filha, porque nós temos assim uma equipe sempre apostos trabalhando com vocês, então eles estão sempre juntos com vocês a gente esta ajudando a atender e aquela criança não quebrou o nariz a criança esta bem, o médico avaliou correto e não vai ter nenhum problema futuro. Daquele dia em diante eu tinha as minhas preocupações, mas eu sabia que tinha uma equipe ajudando, isso eu tenho certeza. Então quando a gente tem um problema assim muito sério, alguma coisa relacionada à parte burocrática, eu penso que tudo isso tem uma significação, algum aprendizado maior que a gente precisa ter. Tudo sempre traz um lado positivo um aprendizado pra gente. Uma coisa que eu vejo de extraordinário aqui dentro que as pessoas que vêm aqui sempre saem dizendo que é um ambiente bom, a gente se sente bem, é gostoso, as crianças são felizes, as crianças do Lar Escola são muito felizes e sempre foi assim. (REHLANDER, Sueli Maria; . Entrevista, Curitiba, 24/11/2008).

Até mesmo a recepcionista, há 10 anos na escola, estabeleceu esta relação e percepção do Dr. Leocádio no cotidiano da escola. Márcia¹⁰¹ afirma que

¹⁰¹ Márcia nasceu em 1965. Trabalhou sempre na área administrativa, até em 1999, quando começou a trabalhar no Lar escola Dr. Leocádio José Correia.

O Dr. Leocádio pra mim é saúde, é paz. Eu acho que ele está no plano espiritual, mas vem aqui trazer orientações para a evolução moral das pessoas através do professor Maury, para as pessoas serem melhores, para se transformarem, se cuidarem mais. E aqui na escola está passando sempre informações sobre a alimentação. Veja, foi por causa do Dr. Leocádio que aqui foi cortado as frituras. Então ele cuida das crianças e cuida de nós funcionários. Todos sabem que Dr. Leocádio falou... todos sabem que além dele ser médico ele tem muita sabedoria, lá de onde ele está. (SILVA, Márcia Rocha e Silva; Entrevista, Curitiba, 07/07/2009).

A bibliotecária da Instituição, Ivone Marangon¹⁰², afirma também a orientação pessoal recebida de Leocádio Correia

Quando me aposentei entrei numa crise existencial, depois de trabalhar 35 anos no Estado. Eu me aposentei pelo Colégio Estadual do Paraná. Eu tinha uma formação católica e depois me tornei evangélica, até certo ponto eu era bem avessa à Doutrina Espírita. Eu era meio fanática, não que católicos ou evangélicos sejam fanáticos, eu era, porque desde criança tinham colocado na minha consciência que espiritismo era coisa de demônio. Acabei conhecendo a SBEE e fui conversar com o Irmão Leocádio, ele disse por que eu não fazia um trabalho voluntário? que na SBEE tinham tantas frentes de trabalho, tinha o campus. Fui para o campus e depois vim pra cá. Hoje eu vejo o Irmão Leocádio e toda a organização desta obra aqui do Lar Escola, da Faculdade, toda a estrutura é voltada para um bem maior. Os voluntários que vêm trabalhar na Biblioteca sentem esta energia que existe aqui, por isso é que todos conseguem fazer um trabalho tão harmonioso. Porque o Irmão Leocádio está aqui, nestes dez anos à frente da Biblioteca e participando do espaço cultural. Já fez muitas coisas como as poesias. Eu penso que todos deviam pensar poesia. Nós recebemos muitas doações de livros e já ajudamos a formar muitas bibliotecas em Campo Largo, São José dos Pinhais porque o Irmão Leocádio sempre está cobrando a leitura, ele diz que a leitura é a forma de melhorar o homem. (MARANGON, Ivone; Entrevista, Curitiba, 15/04/2009).

Observamos que, das quinze pessoas que entrevistamos, três afirmaram não serem espíritas, das outras doze pessoas nenhuma nasceu em família ou foi educada pelos valores espíritas, mas que todas, ao se assumirem como

¹⁰² Ivone nasceu em 1936, é professora aposentada da Rede Estadual, foi professora no Colégio Estadual do Paraná.

adeptos da doutrina, passaram a incorporar a proposta de trabalho e caridade pela educação dos menos favorecidos. Sem dúvida um dos aspectos que mais chamou nossa atenção ao longo da pesquisa foi esta percepção, mesmo entre os não espíritas, da vinculação ao espírito de Leocádio Correia.

O Lar Escola é, antes de mais nada, um LAR, levando a sério o pensamento do Irmão Leocádio. “Eu gostaria que o Lar Escola fosse uma casa de amor. 12/03/1979”. É o Lar de muitas crianças que podem sentirem-se amparadas, vivendo entre elas através de trocas pessoais de gestos, contato, respeito, numa participação ativa onde cada um de nós é aceito pela sua identidade, sem discriminação de credos, raças e filosofias contrárias à lei do amor. Educa-se para a liberdade, consciência, não por obediência, mas sim pela responsabilidade com consciência. (NASCIMENTO, O. T. D; Proposta da Metodologia de Trabalho Pedagógico no Lar Escola “Dr. Leocádio José Correia” Faixa etária três meses a quatro anos, 1997, p. 25).

Este parágrafo, escrito pela professora Odila em 1997, e a entrevista que ela nos concedeu mais de dez após, nos fazem perceber a continuidade desta representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é uma tarefa fácil concluir. Temos em mente que o caminho percorrido está inacabado, que muitas outras possibilidades de investigação se delineiam sobre nosso objeto. Mas podemos apontar, sem sombra de dúvida, que o Lar Escola tem uma caminhada singular. É uma Instituição de pequeno porte e sua trajetória foi marcada por avanços e recuos que contemplam aspectos de uma educação diferenciada, visto sustentar a sua prática na Doutrina Espírita e na “presença” de Leocádio José Correia em espírito. No início desta pesquisa acreditávamos que nosso objeto se inseria na micro-história: uma escola espírita de educação infantil, criada há quase 50 anos por um intelectual espírita idealista, e também fundador de outra Instituição, com características diferenciadas do que conhecíamos até então por Espiritismo. Pensávamos que era possível estudar somente a Escola. Aos poucos a pesquisa necessária para a compreensão da Instituição escolar foi abrindo diversos leques, inclusive a necessidade de aprofundar o conhecimento da própria Doutrina Espírita, na concepção de espiritismo praticado pela SBEE. Defrontamo-nos com uma prática religiosa que, fundamentada nas obras básicas de Kardec, tem uma visão de mundo que amplia em muito os paradigmas da própria doutrina espírita, indo além da perspectiva de espiritismo construída no Brasil; se diferenciando por uma compreensão e prática da pesquisa com sustentação teórica em autores contemporâneos na área das ciências físicas, biológicas e humanas.

A busca de parâmetros para compreender uma educação espírita a partir das obras da codificação do espiritismo ou dos pensadores que antecederam na educação o pedagogo Rivail, nos permitiu compreender algumas das mudanças vivenciadas no pensamento educacional na segunda metade do século XIX, especialmente na França, onde a burguesia questiona os parâmetros educacionais do catolicismo. Naquele contexto, Rivail, que foi discípulo de Pestalozzi, que por sua vez recebeu influências de Rousseau, sendo que ambos seguiam a tradição de Comenius, têm sua base de

pensamento no protestantismo, assim como o próprio Rivail, que foi educado no catolicismo. Mas sua influência de pensamento é a partir da visão protestante ou mesmo uma visão de convivência entre as religiões, apregoada por Pestalozzi. Destacamos que ao contrário de outras religiões o espiritismo não é resultado de uma revelação profética, mas de uma sistematização a partir de um método científico e de análise.

A análise das obras pedagógicas de Rivail nos ajudou a compreender as especificidades de uma educação de parâmetros espíritas, por mais que afirmemos que ele não foi o criador de uma proposta de educação espírita propriamente dita. Precisamos lembrar que Rivail, ao se afastar da educação e dar início ao processo que levou à codificação das obras do Espiritismo, amplia a sua própria experiência educativa, e por meio dessas obras desvela uma nova compreensão do conceito de caridade como processo educativo. A obra básica da doutrina traz os princípios da educação e, mais ainda, aponta, na questão 685 do Evangelho, que a educação ocorre na perspectiva de “forma caracteres”, visto que segundo esta obra “educação é o conjunto dos hábitos adquiridos”.

Rivail, sendo um intelectual do seu tempo, deu continuidade e demonstra nas suas obras as influências recebidas do contexto em que viveu. Ele desenvolveu duas ideias centrais: a proposta de uma educação integral que considerava, inclusive, o desenvolvimento e a língua nacional e a necessidade de um estudo pedagógico, ou seja, de uma ciência pedagógica para preparar os professores. Rivail destacou em sua obra que educar é uma arte, mas que também depende da vocação.

Encontramos esta “arte” expressa na memória das pessoas pela caminhada percorrida, pelas inter-relações, quanto à dedicação vivenciada. Pessoas que se dedicam em tempo integral ao trabalho de voluntariado, em prol de crianças carentes, por acreditarem na essência destas crianças como espíritos em formação e dos quais depende uma sociedade diferenciada na medida que estes espíritos possam ser orientados corretamente dentro de valores universais.

Hoje seria prematuro dizermos se o Lar Escola trabalha ou não trabalha

dentro da perspectiva da Pedagogia Espírita, tal qual apontam os estudos desenvolvidos por Incontri e Herculano Pires, mas sem dúvida a escola desenvolve uma proposta que encontra em Pestalozzi a base do amor, em Comenius a organização do trabalho pedagógico, em Rousseau a relação com a natureza e o respeito à criança e, especialmente na orientação de Leocádio Correia, o ideal das pessoas que juntamente com Maury Rodrigues da Cruz vêm, ao longo das décadas, influenciando na vida das pessoas, principalmente pelo exemplo das ações praticadas.

Podemos afirmar que a Instituição segue o referencial da doutrina espírita, não especificamente nas obras de Kardec, mas na relação com o aspecto da construção da pessoa humana, numa prática de amor e caridade na educação, visto que nas primeiras décadas foram necessárias ações efetivas com a comunidade, tal o grau de pobreza, como ficou evidenciado nas entrevistas. A escola também atendeu alunos especiais, num momento em que o poder público não contemplava esse atendimento na região. Com o tempo o trabalho foi assumindo características diferenciadas, acompanhando a comunidade que também assumiu outras perspectivas, mudou o padrão, mudaram as condições de vida, mas o ideal da escola não mudou. Hoje muitos pais procuram a Instituição justamente pelo seu diferencial em atender a criança. Estes pais, motivados pelas boas recomendações, talvez não percebam que a diferença do trabalho da escola está em não apenas considerar a criança um ser em formação, mas sim um espírito ora encarnado e com uma bagagem anterior à existência atual e que aqui está para aprimorar este potencial por meio da educação.

Quanto às práticas espíritas, com exceção do passe e da água fluidificada, a forma de evangelização desenvolvida poderia ser feita por qualquer outra escola, visto que são trabalhados valores no sentido de formação de um homem integral com conhecimento, respeito a si, ao outro e à natureza.

Ao produzirmos este relato trabalhamos permanentemente com dualidades. Rivail professor, pedagogo / Kardec codificador; Doutor Leocádio o personagem histórico inserido na Paranaguá do século XIX / o espírito do

Irmão Leocádio, um personagem central da organização da SBEE e patrono da escola. Escola aliás criada a partir de orientações do próprio Leocádio. Sentimos a necessidade de localizar outros estudos da proposta de uma educação na perspectiva espírita, percebemos que este é um amplo campo de investigação na história da educação. Não esgotamos nosso objeto. A limitação de tempo não nos permitiu contemplar o pensamento pedagógico de Leocádio Correia e a produção teórica de Maury Rodrigues da Cruz, as fontes materiais do Lar Escola, as escritas ordinárias das diretoras que por lá passaram, as memórias iconográficas de artistas que, participando da SBEE, também visitaram o Lar Escola em determinados momentos das décadas de 1970 e 1980, como Clara Nunes, Elis Regina e Osvaldo Montenegro. Enfim, são aspectos que permanecem a espera de um olhar investigativo em futuras pesquisas.

Quando começamos estabelecemos o diálogo com as obras oficiais da Igreja porque, pelos aspectos pesquisados de oposição à doutrina, acreditávamos encontrar embates por parte do Clero a esta Instituição. Não localizamos, apesar da escola ter sido criada exatamente no período de forte campanha da Igreja Católica contra o espiritismo e consequentemente contra suas práticas de caridade. A isto nos deparamos com duas questões, a própria autoridade moral de Maury Rodrigues da Cruz que é uma figura reconhecida na sociedade curitibana e que ao longo dos anos cultivou relação de respeito por parte de autoridades sociais e políticas da cidade, bem como pelo segmento da classe artística que respaldou a proposta, tanto da SBEE quanto do Lar Escola e, por isso, são figuras presentes na Instituição. Também precisamos lembrar o Vaticano II que estabeleceu bases para uma convivência pacífica entre instituições de religiões diferentes, o que talvez tenha sido uma das razões da Escola ter se mantido sem maiores resistências por parte da comunidade católica.

Não podemos deixar de relatar que buscando compreender o Espiritismo no século XX fomos levados a levantar aspectos iniciais da caminhada da doutrina espírita no Brasil. Percebemos que o ideário da proposta de religião, ciência e filosofia leva a uma compreensão do momento vivenciado no século

XIX, que cria embate por parte da Igreja, justamente porque o Espiritismo naquele momento procurava um espaço de legitimação no plano social e, porque não dizer também, político. O Espiritismo no Brasil nasce e se expande num processo caritativo, mas permeado pela base cultural do país e esta base também esteve presente na comunidade onde começou o Lar Escola.

Observamos que a escola começou com o atendimento a uma comunidade extremamente carente e que aquela comunidade provavelmente não questionava o fato de a Instituição ser dirigida por espíritas. Ao longo do tempo a escola recebeu, na sua maioria, alunos filhos de católicos, evangélicos e de diversas outras religiões. A expectativa da escola em também receber a comunidade propriamente espírita, que esta lá matriculasse seus filhos ao invés de em escolas particulares não se concretizou, visto que apesar de desenvolver uma proposta pedagógica diferenciada a perspectiva de criar uma escola de ensino fundamental e médio não se consolidou e cessou após dois anos de funcionamento, quando foi pedida a cessação da proposta.

Um dos aspectos mais significativos na pesquisa foi a construção das fontes orais. Na medida em que cada nova entrevista se delineava, expunha-se a espontaneidade e a complementaridade com o que nos revelavam as fontes escritas: o Lar Escola como uma experiência de vivência prática da visão de caridade desenvolvida pela SBEE na perspectiva da Doutrina, caridade enquanto processo educativo. Não estudamos o curso superior, mas percebemos que este pode ser objeto de futuras pesquisas, pois há uma interação entre a proposta desenvolvida no Lar Escola com as crianças, com a construção teórica da faculdade de pedagogia e o viés de espiritismo como uma transformação social.

Faltou-nos tempo para traçar toda a rede de memórias que a Instituição na sua caminhada possibilitou. Inclusive perdemos, ao longo da pesquisa, três pessoas que planejávamos entrevistar: Suzy Arruda, Milton Livramento e Marli Garret, pessoas que teriam contribuído para apreendermos as memórias desta Instituição. Nas fontes escritas fomos identificando e listando nomes que gostaríamos de ter conversado, porém o tempo da pesquisa é limitador das expectativas que vamos criando.

Podemos dizer hoje que o Lar Escola Leocádio José Correia construiu uma cultura escolar espírita propriamente dita e tem na sua essência uma proposta de vivenciar o amor, porque a escola espírita educa por meio do espiritismo, mas não ensina o espiritismo, pois esta tarefa é dos centros espíritas. Mas a escola espírita pode ajudar a formar pessoas com ideal e força para agir no mundo e para mudá-lo.

FONTES:

Arquivo Histórico de Paranaguá:

CLUBE LITERÁRIO DE PARANAGUÁ, **Centenário da Morte do Dr. Leocádio José Correia**, 18/05/1986 (Discurso proferido em sessão solene).

CLUBE LITERÁRIO DE PARANAGUÁ, **Discurso** Pronunciado por Leocádio José Correia, 21/07/ 1882.

CLUBE LITERÁRIO DE PARANAGUÁ, **Discurso** Pronunciado por Leocádio José Correia, 09/08/ 1882.

CORREIA, L. J. **Discurso proferido no salão da Câmara Municipal de Paranaguá**, no ato solene de distribuição dos prêmios aos alunos das escolas primárias pelo inspetor Paroquial Dr. Leocádio José Correia, 19 de dezembro de 1885.

INSPECTORIA PAROCHIAL DAS ESCOLAS DE PARANAGUÁ, **Correspondência** Expedida pelo Inspector Leocádio José Correia 1885-1886, composta por:

Ao Diretor Geral de Instrução João Pereira Lagos, 23/09/1885.

À Câmara Municipal de Paranaguá, 29/09/1885.

Ao Professor da Primeira Cadeira do Sexo Masculino de Paranaguá, 29/09/1885.

Termo de Visita à Primeira Cadeira do Sexo Feminino de Paranaguá, 30/09/1885.

A João Pereira Lagos, Diretor Geral de Instrução, 03/10/1885.

Ao Vigário da Paróquia, Pe. Marcello Annunziata, 05/10/1885.

Termo de Visita à Primeira Cadeira do Sexo Masculino de Paranaguá, 05/10/1885.

Circular a Todos os Professores e Professoras, 07/10/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução João Pereira Lagos, 07/10/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução João Pereira Lagos, 08/10/1885.

Termo de Visita à Escola do Roccio, 09/10/1885.

À Professora da Escola Promíscua da Cidade, 10/10/1885.

Termo de Visita à Escola Noturna de Adultos, 14/10/1885.

Aviso. Inspetoria Paroquial, 14/10/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 19/10/1885.

Termo de Visita à Escola Noturna de Adultos, 19/10/1885.

À Professora da Primeira Cadeira do Sexo Masculino de Paranaguá,
19/10/1885.

À Professora da Primeira Cadeira do Sexo Masculino de Paranaguá,
23/10/1885.

Ao Professor da Primeira Cadeira do Sexo Masculino de Paranaguá,
26/10/1885.

À Professora da Segunda Cadeira, 05/11/1885.

Ao Presidente da Província, 14/11/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 20/11/1885.

Ao Agente do Correio, 20/11/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 20/11/1885.

À Professora Maria Julia da Silva, 24/11/1885.

À Professora Maria Bernarda Pinto Cordeiro, 24/11/1885.

Ao Professor Honório da Costa Lobo, 24/11/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 25/11/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 26/11/1885.

Termo de Visita à – Escola Promíscua da Cidade, 26/11/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 29/11/1885.

Ao Capitão do Porto da Província, 01/12/1885.

Ao Diretor Penal da Instrução Pública, 07/12/1885.

Ao Diretor Penal da Instrução Pública, 08/12/1885.

À Câmara Municipal de Paranaguá, 09/12/1885.

Ao Diretor Penal da Instrução Pública, 12/12/1885.

Ao Juiz de Direito, Presidente do Tribunal do Júri, 15/12/1885.

Requerimento de Jose Cleto da Silva, 15/12/1885.

Relatório de 15/12/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 22/12/1885.

Ao Professor Honório da Costa Lobo, 24/12/1885.

Ao Diretor Geral de Instrução, 02/01/1886.

Ao Diretor Geral de Instrução, 23/01/1886.

À Sra. Ifigênia Negrão Bittencourt, 12/02/1886.

Ao Diretor Geral de Instrução, 17/02/1886.

Ao Professor Jose Cleto da Silva, 26/02/1886.

Ao Diretor Geral de Instrução, 26/02/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, Telegrama, 28/02/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, Telegrama, 01/03/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, Telegrama, 02/03/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, 02/03/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, 03/03/1886.
Ao Professor da Primeira Cadeira da Cidade, 03/03/1886.
À Inspetoria Paroquial das Escolas de Paranaguá, 03/03/1886.
Ao Diretor Geral de Instrução, 03/03/1886.
Aditamento às correspondências entre 16/12/1885 e 02/03/1886,
Ao Diretor Geral de Instrução, 05/05/1886.
Ofício, 08/03/1886.

Arquivo da SBEE, Arquivo do MUNESPI, Arquivo do Lar Escola

MATTOS, D. B., **Anotações Pessoais**, 02/02/1998.
 SBEE, **Atas** da V Semana de Estudos Espíritas da SBEE, 1981.
 FEP, **Ata** da Fundação da Federação Espírita (FEP), 1902.
 ASSOCIADOS DO LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Ata** da Assembleia Geral Ordinária, 21/03/1989.
 A SEMENTE - Revista da SBEE, Ano 5, nº 15, mar/abr, 1986.
 FEB, **Currículo** Para as Escolas de Evangelização espírita Infanto-juvenil, 1982.
 EDUCAÇÃO ESPÍRITA. **Revista** Trimestral de Educação e Pedagogia. Pires, H. (dir. e red.), Ano II Out/Dez, 1972, nº 3.
 LAR DOS MENINOS DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Estatuto** de Fundação – 1963.
 FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ, **Estatuto**, 1903.
 LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Estatuto**, 12/10/1979.
 LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Histórico**, 19--.

Homenagem aos 110 anos de desencarne de Leocádio José Correia e 33 anos do Lar Escola, 17/05/1996

LAR ESCOLA, **Livro de Atas**, 18 De Maio de 1969.

LAR ESCOLA, **Livro de Atas**, 26 De Março de 1972.

LAR ESCOLA, **Livro de Atas**, 12 De Março De 1979.

LAR ESCOLA, **Livro de Registro**, 1979.

MATTOS, D. B. **Memória do Lar**, 13/05/1982 p.2

MATTOS, D. B., **Homenagem** ao Ir mão Leocádio, 18 de maio de 1968

Mensagem psicofonada de Dr. Leocádio José Correia aos médiuns da SBEE 12/03/1979.

MINISTÉRIO de EDUCAÇÃO e CULTURA. Portaria nº 314, de 21 de março de 2000.

O Desafio de Educar para a liberdade e Cidadania – Material de Divulgação, 1994.

Plano Curricular do Setor Escolar, -1979.

Proposta de Evangelização, 1983.

LAR ESCOLA, **Projeto** de Evangelização, 2000.

LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Projeto** Político Pedagógico, 1988.

FACULDADE DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Projeto** Pedagógico para reconhecimento do Curso de Pedagogia, 2003.

Prece Psicografada pelo médium Maury Rodrigues da Cruz Em 18/05/1971.

LAR ESCOLA DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, **Regimento**, 07/03/1979.

Relatório de Atividades. 1994.

RODRIGUES, Wallace Leal. **E para o resto da Vida...** Ed. O Clarim, São Paulo, 1989.

SBEE – **Documentos** do Lar Escola, L. III., 1981.

SBEE – Assistência Social. Pesquisa de Campo, 1976.

XAVIER, Francisco Candido. **Antologia da Criança**. Instituto de divulgação Ed. André Luiz, São Paulo, 1979.

Trabalhos Monográficos:

LANGFELDT, Tora et alii. **Lar Escola**. UFPR, Curso de Administração, 1982.

MARTINS, M. B. P. **Leocádio José Correia** – Leocádio, o Pedagogo do Amor. (68f) Monografia (Graduação em Teologia Espírita). Faculdade Dr. Leocádio José Correia: Curitiba, 2007

MIKOSZ, R.L e SOUZA, I.A., **Dr. Leocádio José Correia: O Homem e o Mito Uma Análise Histórico-Cultural**. (61f). Monografia (Graduação em História) - Departamento de Ciências Humanas da Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Paranaguá. Paranaguá, 2004.

NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues. **Proposta da metodologia de Trabalho Pedagógico no Lar Escola “Dr. Leocádio José correia” Faixa etária três meses a quatro anos**. Monografia de especialização em Pedagogia Terapêutica. Faculdades TUIUTI, 1997.

Fontes Orais - Arquivo da SBEE:

ARRUDA, Suzi. **Entrevista**, Arquivo SBEE Curitiba, 10/12/1980.

CORREIA, Gilka Correia; **Entrevista**, Arquivo, SBEE, Curitiba, 27/02/1981.

CRUZ, Maury Rodrigues da; **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 05/12/1980.

GRAÇA, Geraldo; **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 29/10/1990.

GRAÇA, Miraita G. (ex-diretora), **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 10/12/1986.

MATTOS, Dizabel Bond de; **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 17/02/1981.

MATTOS, Dizabel Bond de; **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 24/04/1990.

PROCOTTE, Arlete; **Entrevista**, Arquivo SBEE, Curitiba, 10/12/1980.

VALENTE Roberto L. Valente, **Entrevista**, Arquivo SBEE Curitiba, 12/12/1980.

Fontes Orais - Arquivo Pessoal - Entrevistas realizadas entre 2006 e 2009:

ALMEIDA, Keila Tatiane Schilipake de. **Entrevista**, Curitiba, 03/07/2009.

BILLÓ, Monica Leandra. **Entrevista**, Curitiba, 16/07/2009.

BONIN, Jussara de Paula Xavier. **Entrevista**, Curitiba, 07/07/2009.

CORREIA, Gilka. **Entrevista**, Curitiba, 27/06/2008.

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Entrevista**, Curitiba, 18/10/2007.

DOTTI, René Ariel. **Entrevista**, Curitiba, 06/08/2009

MARANGON, IVONE. **Entrevista**, Curitiba, 15/04/2009.

MATTOS, Disabel Bond de. **Entrevista**, Curitiba, 26/06/2006

MEGER, Jamile Elias. **Entrevista**, Curitiba, 05/04/2008.

NASCIMENTO, Odila Terezinha Domingues. **Entrevista**, Curitiba, 03/08/2009

PARANÁ, Jeanne Marie Feder. **Entrevista**, Curitiba, 03/06/2009.

PERNA, Regina Lucia Natal Nunes. **Entrevista**, Curitiba, 20/08/2009

REHLANDER, Sueli Maria . **Entrevista**, Curitiba, 24/11/2008

SANTOS, Meiriany Aparecida. **Entrevista**, Curitiba, 05/08/2009

SERIGHELLI, Iolanda. **Entrevista**, Curitiba, 28/05 /2009

SILVA, Márcia Rocha. **Entrevista**, Curitiba, 07/07/2009.

SBEE, Mensagens Psicografadas, Arquivos da SBEE:

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Mensagem** de Leocádio Correia psicografada. SBEE, 15 de outubro de 1983.

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Mensagem** de Leocádio Correia psicografada. SBEE, Dezembro de 1990

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Mensagem** de Leocádio Correia psicografada. SBEE, Dezembro de 2004.

Documentos da Igreja Católica:

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA **Lumen Gentium** Sobre a Igreja. Cap. III: A Constituição Hierárquica.

DA IGREJA E EM ESPECIAL O EPISCOPADO. Disponível em: <www.vatican.va/.../vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html> . Acesso em julho de 2008.

DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm> . Acesso em julho de 2008.

DECRETO OPTATAM TOTIUS SOBRE A FORMAÇÃO SACERDOTAL. PROÊMIO. Importância para a vida da Igreja. Disponível em : <www.vatican.va/.../vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html> . Acesso em julho de 2008.

MARTINS, Miguel. **O Missionário Brasileiro: Instruções religiosas, proveitosas a todos, especialmente aos sacerdotes.** Escolas Profissionais do Lyceu Salesiano do sagrado Coração de Jesus, 2ª ed., São Paulo, 1917.

LEÃO XIII (Papa). **Humanum Genus.** In: MONTFORT Associação Cultural. Disponível em:

<<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=humanum&lang=bra>> . Acesso em 10/11/2008.

LEÃO XIII (Papa). **Libertas Praestantissimum.** In: Doctrina Pontifícia II - Documentos Políticos. Gutierrez Garcia, José Luiz (Ed.). Biblioteca de autores Cristãos Madrid, 1958.

Pio XI (Papa). **Mit Brennender Sorge.** In: Doctrina Pontifícia II Documentos Políticos. Gutierrez Garcia, José Luiz (Ed.). Biblioteca de Autores Cristãos Madrid, 1958.

Pio XII – **"Humani Generis"**. In: MONTFORT Associação Cultural. Disponível em:

<http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=humanigeneris&lang=bra> . Acesso em 12/11/2008.

IGREJA CATÓLICA. **Pastoral Collectiva** dos Exmos e Revmos SNRs Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiásticas de S. Salvador da Bahia e Belém do Pará. Bahia, Typographia de S. Francisco, 1908.

IGREJA CATÓLICA. **Pastoral Collectiva** dos Senhores Arcebispos e Bispos das Províncias Ecclesiásticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Marianna, S. Paulo, Cuyabá e Porto Alegre . Rio de Janeiro, Typographia Leuzinger, 1911.

IGREJA CATÓLICA. **Pastoral Collectiva** dos Senhores Arcebispos e Bispo das Províncias ecclesiásticas de S. Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, Cuyabá e Porto Alegre. Rio de Janeiro, Typographia Leutzinger, 1915.

Jornais e Revistas:

Dezenove de Dezembro, Curitiba. 29 de janeiro de 1886.

Dezenove de Dezembro, Curitiba. 12 de fevereiro de 1886.

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 21 de fevereiro de 1886;

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 24 de fevereiro de 1886.

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 25 de fevereiro de 1886.

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 27 de março de 1886.

Dezenove de Dezembro, Curitiba, 28 de março de 1886.

Gazeta Paranaense, Curitiba, 12 de junho de 1878.

Gazeta Paranaense, Curitiba, 19 de maio de 1886.

Gazeta Paranaense, Curitiba, 20 de maio de 1886.

Livre Paraná, Paranaguá, 22 de maio de 1886.

Revista Reformador, Novembro de 1949.

Mundo Espírita, Curitiba, 03 fevereiro de 1945.

Mundo Espírita, Curitiba, 31 julho de 1956.

Gazeta do Povo. Lembrado o Centenário do Leocádio. 5ª p. 16/05/1986.

Gazeta do Povo. Paranaguá e o Centenário do Dr. Leocádio José Correia. Valfrido Piloto. 17 de maio de 1986.

A República, Curitiba, 03 de junho de 1918.

Diário do Paraná. 2º Caderno, 30/08/1974.

Boletins da Arquidiocese de Curitiba:

Boletim Eclesiástico. Ano XVIII, nº 31, 1954.

Boletim Eclesiástico. Ano XXVII, n.º 40, jan. 1963.

Boletim Eclesiástico, Ano XVIII, n.31, 1954.

Boletim Eclesiástico, Ano XIX, n.32, 1955.

Boletim Eclesiástico, Ano XXI, n.34, 1957.

Boletim Eclesiástico Ano XXIII, n.36, 1958.

Boletim Eclesiástico, Ano XXVI, n.39, 1963.

Obras de Hippolyte Léon Denizard Rivail:

Cours Pratique et Théorique d'Arithmétique d'après la Methode de Pestalozzi avec des modifications (1824) (Curso Teórico e Prático de Aritmética, segundo os princípios de Pestalozzi, com modificações); Tradução de Marcelo Chassot Bresolin, 2000.

Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834, par M. Rivail, chef d'institution, membre de l'académie d'industrie. **Suivi d'un Discours** prononcé par le jeune Louis Rouyer, âgé de quinze ans (Discurso proferido na entrega de prêmios em 14 de agosto de 1834, pelo senhor Rivail, Diretor de Escola, Membro da Academia da Indústria. Seguido de discurso proferido pelo jovem Louis Rouyer, com 15 anos), 1834.

Mémoire sur l'instruction publique (Memorando sobre o Ensino Público) – (1831); Tradução de César Ciríaco Gomes Graça, SBEE, 2002.

École de premier degré (Escola de Primeiro Grau), 1825.

Plan proposé pour l'amélioration de l'education publique (Plano proposto para a melhoria da Educação Pública), 1828.

Grammaire française classique sur un nouveau plan (Gramática Clássica Francesa com base num Novo Plano), 1831.

Mémoire sur cette question: Quel est le système d'étude le plus en harmonie avec les besoins de l'époque? (Memorando sobre a questão: Qual é o sistema de estudo mais conveniente às necessidades da atualidade?), 1831.

Programme d'études selon le plan d'instruction de H. L. D. Rivail – Programa de Estudos segundo o planejamento de H. L. D. Rivail (1838). Tradução de César Ciríaco Gomes Graça, SBEE, 2002.

Cours complet théorique et pratique d'arithmétique (Curso completo Teórico e Prático de Aritmética), 1845.

Manuel des examens pour le brevet de capacité (Manual de Exames para o Atestado de Capacidade), 1846.

Solutions raisonnés des questions et problèmes d'arithmétique et de géométrie (Soluções racionais para as questões de aritmética e geometria), 1846.

Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes (Projeto de reforma referente a exames e educandários para jovens), 1847.

Traité complet d'arithmétique (Tratado Completo de Aritmética), 1847.

Proposition concernant l'adoption des ouvrages classiques par l'université (Proposta referente à adoção de obras clássicas pela Universidade), 1847.

Solution des exercices et problèmes du «traité complet d'arithmétique (Solução dos exercícios e problemas do "Tratado completo de aritmética"), 1847.

Catéchisme grammatical de la langue française (Instrução Gramatical da língua francesa), 1848.

Grammaire normale des examens (Gramática Normal dos Exames), 1848.

Dictées normales des examens de l'Hôtel de Ville et de la Sorbonne (Ditados Normais dos exames para Câmara Municipal e da Sorbonne), 1849.

Dictées spéciales sur les difficultés orthographiques (Ditados especiais sobre dificuldades de ortografia), 1849.

Programme des cours usuels de chimie, physique, astronomie, physiologie (Programa de cursos usuais de química, física, astronomia, fisiologia), 1849.

Dictées du premier et du second âge (Ditados para a primeiro e segundo anos), 1850.

Obras de Allan Kardec

KARDEC, Allan. **O que é o Espiritismo**; Tradução: Salvador Gentile. 58ª ed., Instituto de Difusão Espírita, Araras, SP, 2004.

_____. **Revista Espírita** – Jornal de estudos Psicológicos, Ano 1868; Tradução: Júlio Abreu Filho. Editora Cultural Espírita, São Paulo, 1964.

_____. **O Livro dos Espíritos**; Tradução; Matheus Rodrigues de Camargo. Editora EME, São Paulo, 2001.

_____. **A Gênese**; Os milagres e as predições segundo o Espiritismo; Tradução: Victor Tollendal Pacheco; Apresentação e notas: J. Herculano Pires. 19ª edição, Lake, São Paulo, 1999.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**; Tradução: Herculano Pires. 55ª edição, Lake, São Paulo, 2000.

_____. **O Livro dos Médiuns**; Tradução da 2ª ed. francesa: Herculano Pires. Lake, São Paulo, 1998.

_____. **Obras Póstumas**; Tradução: Salvador Gentile; Revisão: Elias Barbosa. 16ª ed, IDE, Araras, São Paulo, 2003.

Obras de Maury Rodrigues da Cruz e obras Editadas pela SBEE

CRUZ, Maury Rodrigues da. **Antropologia Espírita**: campo de estudo, fatologia espírita, mediunidade, produto mediúnico, cultura espírita. SBEE, Curitiba, 2008.

_____. Grupo Erasto Gaertner. In: **Documentos da SBEE** – Sociedade Brasileira de Estudos Espíritos. Ano XIV, n.20, p.6, Curitiba, maio, 2000.

_____. **Simbolizando a Vida**.-SBEE, Curitiba, 2003.

_____. **Amor, a linguagem silenciosa da vida**. SBEE, Curitiba, 1997.

_____. **Cadernos de Psicofonias de 1994**. SBEE, Curitiba, 1996.

_____. **Antecedentes e Perspectivas da Educação Moral e Cívica no Brasil**. Ed. UFPR, Curitiba, 1982.

_____. **Mensagens de amor 2**. SBEE, Curitiba, 1977.

GRAÇA, César C. G. **Curso de Introdução à contextualização à Codificação da Doutrina Espírita**. Trabalho apresentado ao Núcleo de Ensino e pesquisa da SBEE. Curitiba, 2002.

SABBAG, Altamir et alii. **Espiritismo e Currículo** – uma proposta para o estudo doutrinário e o exercício mediúnico. SBEE, Curitiba, 1999.

REFERÊNCIAS

ABREU, Canuto. **Bezerra de Menezes**. (Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895). 4ª ed. – Edições FEESP, São Paulo, 1991.

AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.) **Usos e abusos da história oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1996.

AMORIM, Deolindo. **O Espiritismo a luz da Crítica**. FEP, Curitiba, 1955.

ARAIA, Eduardo. **Espiritismo: Doutrina de Fé e Ciência**. Ática, São Paulo, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. Moderna, São Paulo 1996.

AUDI, Edson. **Vida e obra de Allan Kardec**. Lachatre, Rio de Janeiro, 1999.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Trad. Dora Flaksman. LTC, Rio de Janeiro, 1973.

AZEVEDO, Fernando. **A Cultura Brasileira**. 6ª ed. Editora UFRJ / Editora UnB, Rio de Janeiro e Brasília, 1996.

AZZI, Riolando. **História da Educação Católica no Brasil**. Contribuição dos Irmãos Maristas. Vol 2. SIMAR, São Paulo, 1999a.

_____. **História da Educação Católica no Brasil: a expansão da obra de Champagnat no Brasil**. Vol. 3. Secretariado Interprovincial Marista, São Paulo, 1999b.

_____. **História da Igreja no Brasil**. Terceira Época. 1930-1964. Vozes, Petrópolis, RJ, 2008.

_____. O Concílio Vaticano II no Contexto da Igreja e do Mundo: uma perspectiva histórica. In: **A Primavera interrompida**. O Projeto Vaticano II num impasse. Livros Digitais Koinonia. Vol. 2, 2006.

BARBOSA, Maria Alejandra Rosales. **Curandeiros e Curandeirismo em Curitiba**. Discursos e representações no Diário da Tarde. 1889-1912. Dissertação (Mestrado em História). UFPR, Curitiba, 2001.

BARBOSA, Pedro F. **Espiritismo Básico**. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro, 2002.

BARROS, Roque Spencer. M. de. Vida Religiosa. In: Holanda, Sergio Buarque de (org.) **História da Civilização Brasileira**. Tomo II. 4º vol. Difel, São Paulo, 1982.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Ide por todo o mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana 1869-1892**. CMU/UNICAMP, Campinas, 1996.

_____. **Igreja e Poder em São Paulo: D. João Batista Corrêa Nery e a Romanização do Catolicismo Brasileiro (1908-1920)**. Tese (Doutorado), São Paulo, USP. 1999.

_____. Desfiles Patrióticos: Memória e Cultura Cívica dos Grupos Escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL,D.G.(org) **Grupos escolares:cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Mercado das Letras, Campinas, 2006.

BIGHETO, Alessandro César. **Euripedes Barsanulfo**. Um educador de Vanguarda na Primeira República. Editora Comenius, Bragança Paulista, São Paulo, 2006.

BIGG-WITHER, Thomas. **Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná**. José Olympio/UFPR, Rio de Janeiro e Curitiba, 1974.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando condutas: a educação católica em colégios masculinos (Curitiba 1925-1965)**. Tese (Doutorado em História) UFPR, Curitiba, 2002.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?**; Tradução Sergio Góes de Paula. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2005.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**;Tradução de Álvaro Lorencini. Fundação Editora da UNESP(FEU), São Paulo, 1999.

CAMPOS, Nívio de. **Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950)**. Tese (Doutorado em Educação). UFPR, Curitiba, 2006.

CAPONI, Sandra. **Da Compaixão à Solidariedade**. Uma genealogia da Assistência Médica. Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2000.

CHAUI, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

CHARTIER, Roger. **O Mundo como representação**; Tradução: Andréa Daher e Zenir Campos Reis. Estudos avançados.EDUSP, São Paulo, 11(5),1991.

_____. A nova história cultural existe? In: Lopes, Antonio Herculano, Velloso, Mônica Pimenta e Pesavento, Sandra Jathay (org). **História e linguagens** (texto, imagem, oralidades e representações) 7 Letras, Rio de Janeiro, 2006.

CHORNOBAI, Gisele Quadros. Respirando a Fragrância da Piedade Cristã: considerações sobre o espaço escolar católico: A Escola Normal de Sant' Ana (1947-1960). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (org.) **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. Cortez, São Paulo, 2005.

COLOMBO, Cleusa Beraldi. **Ideias Sociais Espíritas**. Editora Comenius / IDEBA, São Paulo e Salvador, 1998.

COLOMBO, Luis Augusto Beraldi. **Comenius, a Educação e o Ciberespaço**. Editora Comenius, Bragança Paulista, 2006.

COMÊNIO, João Amós. **Didáctica Magna**; Introdução, tradução e notas Joaquim Ferreira Gomes. 4ª ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1957.

CORRÊA, Rubens. **Brumas do Passado** Dr. Leocádio, médico de homens e de almas. Edição da Prefeitura Municipal de Paranaguá, Paranaguá, 1989.

_____. **Brumas do Passado**: Dr. Leocádio – médico de homens e de almas. Editora IPES, Curitiba, 1995.

COSTA, Flamarion Laba da. **Demônios e Anjos – O embate entre espíritas e católicos na República Brasileira até a década de 60 do século XX**. 271f Tese. (Doutorado em História). UFPR, Curitiba, 2001.

_____. **Trabalho, Solidariedade e Tolerância**. (A Sociedade Espírita Francisco de Assis de Amparo aos Necessitados – 1912-1989.) Dissertação (Mestrado). UFPR, Curitiba, Paraná, 1995.

COVELLO, Sérgio Carlos. **Comenius**. A construção da Pedagogia. Comenius, São Paulo, 1999.

CUNHA, Maria Tereza Santos. No tom e no tema: escritas ordinárias na perspectiva da cultura escolar (segunda metade do século XX). In: BENCOSTTA, M. L (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. Cortez, São Paulo, 2007.

DAMAZIO, Sylvia F. **Da Elite ao Povo**. Advento e Expansão do Espiritismo no Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1994.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre dos Gatos** e outros episódios da história Cultural Francesa. Trad. de Sonia Coutinho. Graal, Rio de Janeiro, 1986.

DE MARIO, Marcus Alberto. **Espiritismo e Cultura**: elementos de história, teologia e antropologia. Mauad, Rio de Janeiro, 2002.

DIAS, Romualdo. **Imagens de Ordem**: A Doutrina Católica sobre Autoridade no Brasil (1922-1933). Editora da UNESP, São Paulo, 1996.

DOYLE, Arthur Conan. **História do Espiritismo**. Editora Pensamento, São Paulo, s.d.

DUPOIS, Jacques. **O cristianismo e as Religiões**. Do desencontro ao encontro. Edições Loyola, São Paulo, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**; Trad.Pola Civelli. 2ª ed. Editora Perspectiva, São Paulo, 1986.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico religioso. Trad.Sonia Cristina Tamer. Martins Fontes, São Paulo, 1991.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ. **100 anos. Semeando a Boa nova por um mundo melhor**. FEP, Curitiba, 2002 a .

_____. **Memória da Federação Espírita do Paraná no seu Centenário. 1902-2002**. FEP, Curitiba, 2002 b.

FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no Século XIX. In: DANTE, Maria Amélia Mascarenhas (ORG). **Espaços da Ciência: 1800-1930**. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2001, p.59-77.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. 1º Tomo. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. História da Educação e História Cultural. In: _____ **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Autêntica, Belo Horizonte, 2003.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil**. Papirus, São Paulo, 1997.

GADILLE, J. O movimento religioso no Século XIX. In: NÉRÉ, Jacques. **História Contemporânea**. Circulo do Livro, São Paulo, s.d.

GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. Ática, São Paulo, 1995.

GUIRALDELLI JR, P. **História da educação**. 2. ed., Cortez, São Paulo, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira** nove reflexões sobre a distância. Trad.Eduardo Brandão. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

GIUMBELLI, Emerson. “**Heresia, doença, crime ou religião**: o Espiritismo no discurso de médicos e cientistas sociais”. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011997000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2008.

GONDRA, José Gonçalves. Conformando o discurso pedagógico: a contribuição da Medicina. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (ORG) **Educação, modernidade e civilização**. Autêntica, Belo Horizonte, 1998.p.37-71).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Vértice, São Paulo, 1990.

HARTOG, François. **A memória e o tempo**. O Correio da Unesco, n. 5, p. 13-15, Rio de Janeiro, maio 1990.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções (1789–1848)**. 8ª Edição, Paz e Terra, São Paulo e Rio de Janeiro, 1977..

_____. **Sobre a História**. Ensaios. Schwarcz, São Paulo, 1998.

HOERNER Jr, Valério. **A vida do Dr. Leocádio**. Paranaguá: Edição da Prefeitura Municipal de Paranaguá, Paranaguá,1979.

_____. **A vida do Dr. Leocádio**. Sociedade Brasileira de Estudos Espíritas, Curitiba, 2007.

_____. **O morto vivo**. 1ª ed. Curitiba,1977.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi: educação e ética**. Scipione, São Paulo, 1997.

INCONTRI, Dora Colombo. **Pedagogia espírita: um projeto e suas raízes histórico-filosóficas**. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. **A Educação Segundo o Espiritismo**. Edição revista e ampliada. Editora Comenius, Bragança Paulista, 2003.

_____. **Pedagogia Espírita. Um Projeto brasileiro e suas raízes**. Editora Comenius, Bragança Paulista, 2004.

_____. **A Educação da Nova Era**. Editora Comenius, Bragança Paulista, 2005.

_____. **A Pedagogia Espírita – suas raízes, seus parentescos, sua especificidade**. In: Anais 2º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita. Editora Comenius/ABPE, Bragança Paulista, 2006.

JURKEVICS, Vera Irene. **Crenças e Vivências espíritas na Cidade de Franca. (1904-1980)** 137f. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de História,Direito e Serviço Social,UNESP, Franca, 1998.

KALVERKAMP, Frei Desidério. KLOPPENBURG, Frei Boaventura. **Ação Pastoral Perante o Espiritismo**. Orientação para Sacerdotes. Vozes, Petrópolis, 1961.

KLEIN FILHO, Luciano. **Bezerra de Menezes. Fatos e documentos**. Lachâtre, Rio de Janeiro, 2000.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Orientação para os católicos**. 5ª ed., Loyola, São Paulo, 1995a.

_____. **Igreja e maçonaria: conciliação possível?** Vozes, Petrópoli, 1995b.

KISHIMOTO, Tizuko M. **A pré-escola em São Paulo**. Loyola, São Paulo, 1988.

KUBO, Elvira. **A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo**. Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte de Curitiba, Curitiba, 1986.

KUHLMANN JR.; Moysés. **Educando a infância brasileira**. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3 ed.1 reimp., Autêntica, Belo Horizonte, 2007.

_____. **Infância e Educação Infantil**. Editora Mediação, Porto Alegre, 2001.

LACERDA FILHO, Licurgo S. de. **A mediunidade na História Humana : os primeiros anos do espiritismo e a mediunidade no Brasil**. Minas Editora, Araguari, 2005.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. Tomo II Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Editora Mestre JOURN, São Paulo, 1974.

LACHATRE, Maurice. Allan Kardec. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa et alii **.Em torno de Rivail**. Lachâtre, Bragança Paulista, 2004.

LEANDRO, José Augusto. **Gentes do grande mar redondo: riqueza e pobreza na comarca de Paranaguá – 1850-1888**. Tese (Doutorado). UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 2003.

LEWGOY, Bernardo. Chico Xavier e a Cultura Brasileira. **Revista de Antropologia** . vol.44 n.1 São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-77012001000100003&script=sci_arttext Acessado em 05 dez 2008.

LOBO, Ney. **Lins de Vasconcellos: o diplomata da unificação e o paladino do estado leigo**. FEP, Curitiba, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. A história (oral) da educação: algumas reflexões In: **Em Aberto**, INEP/MEC, Brasília, 1990.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da Pedagogia**. Tradução e notas de Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco. 7ª Ed. Editora Nacional, São Paulo, 1975.

MARCHI, Euclides. **A igreja e a Questão Social**. O discurso da Práxis do Catolicismo no Brasil (1850-1915). 297f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989 a.

_____. **“Uma igreja no Estado livre: o Discurso da hierarquia católica sobre a República”**. In: **História: Questões e debates**. nº 10, p.213-233, jun-Dez, Curitiba, 1989b.

MAIOR, Armando Souto. **Espiritismo Ontem e Hoje**. In: BRANDÃO, Sylvana. (org.) **História das religiões no Brasil**. Ed. Universitária da UFPE, Recife, 2002.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da Antiguidade aos nossos dias. Cortez, São Paulo, 1997.

MARTINS, Sebastião P. **Os fundamentos Históricos da Pedagogia Espírita**. Edições Léon Denis, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Edson. **Implantação, Marginalidade e Reconhecimento Formal: Um Olhar Protestante Acerca da História da Educação Teológica Superior no Brasil (1969-1999)** Dissertação de Mestrado. UFPR, Curitiba, 2001.

MARTINS, Romário. **História do Paraná**. 3ª Edição. Edições Guairá.

MÄRZ, Fritz. **Grandes Educadores**; Tradução: Edwino A. Royer. EPU, São Paulo, 1987.

MEDINA, Ceres de Carvalho. **Reflexões sobre o Pensamento de Allan Kardec**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nuces/revista3/3_edicao_allan_kardec.pdf> . Acessado em 12agost2008.

MONROE, P. **História da Educação**. Nacional, São Paulo, 1988.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. **Anália Franco**. A grande dama da Educação Brasileira. Editora Eldorado Espírita, São Paulo:, 1992.

MONTES, Maria Lúcia. As figuras do Sagrado: entre o Público e o privado. In: **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea (org) Lília Moritz Schwarcz. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.

NARODOWSKI, Mariano. **Comenius e a Educação**; Tradução Alfredo Veiga Neto, 2ª ed., Autêntica, Belo Horizonte, 2004.

NASCIMENTO JR., Vicente. **Histórias, crônicas e Lendas**, Paranaguá: IHGP – Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá, 1980.

NOVELINO, Corina. **Eurípedes, o homem e a missão**. IDE, São Paulo, 1979.

NUNES, Clarice e CARVALHO, MARTA M. C. **Historiografia da educação e fontes**. Caderno ANPED, n.5, set 1993.

ODÁLIA, Nilo. **As formas do mesmo**: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagem e Oliveira Viana. UNESO, São Paulo, 1997.

PALHANO Júnior, L. **Dicionário de Filosofia Espírita**. 2 ed., CELD, Rio de Janeiro:, 2004.

PASSETTI, Edson. Crianças Carentes e Políticas Públicas. In: PRIORE, Mary Del (org) **História das Crianças no Brasil**, 3 ed., Contexto, São Paulo, 2002.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História cultural**. 2.ed., Autêntica, Belo Horizonte, 2005.

PETITAT, André. **Produção da Escola/produção da sociedade**: análise sócio histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no Ocidente; trad. Eunice Gruman. Artes Médicas, Porto Alegre, 1994.

PIRES, Herculano. **Pedagogia Espírita**. 10ª ed., Paideia, São Paulo, 2004.

PONCE, A. **Educação e lutas de classes**. Cortez, São Paulo, 1991.

PORTES, Clovis. “Jan Huss, o teólogo e o educador, em busca da verdade”. In: **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Pedagogia Espírita**. INCONTRI, Dora e SANTOS, Franklin Santana(orgs). , Editora Comenius, ABPE, Bragança Paulista, 2006.

RAMOS, Alexandre. **Os Espíritas E Anália Franco: Práticas de Assistência e Escolarização da Infância no Início do Século XX**. Disponível em , < <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT02-4895--Int.pdf>> Acessado em 06 de ago de 2009.

RIVAIL, H.L.D. **Textos Pedagógicos de Hippolyte Leon Denizard Rivail**. Trad.,apres.,org e notas de INCONTRI, Dora e GRZYBOWSKI, Przemyslaw. Editora Comenius, Bragança Paulista, 2005.

RIO, J. **As religiões do Rio**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2006.

ROSA, M. da G. **A história da educação através dos textos**. Cultrix, São Paulo, 1980.

RIBEIRO FILHO, Aníbal. **História do Clube Litterário de Paranaguá-1872-1972**. Publicação do Clube Literário de Paranaguá, Paranaguá, 1972.

SAID, Cezar Braga. **Escola Espírita Joana de Angelis: uma experiência educacional à luz do Espiritismo**. (Dissertação) Mestrado em Educação. UFRJ, Rio de Janeiro, 1998.

SANGLARD, Gisele Porto. **Entre os salões e o laboratório: Filantropia, mecenato e práticas científicas**. Rio de Janeiro, 1920-1940 Tese (Doutorado em História das Ciências da Saúde) Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Dalmo Duque dos. **Nova História do Espiritismo**. Corifeu, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, José Luis dos. **Espiritismo: uma religião brasileira**. 2ª ed. Moderna, São Paulo, 1997.

SAVIANI, Dermeval. O legado Educacional do “Longo século XX” Brasileiro. In: _____. (et al.) **O legado educacional do Século XX no Brasil**. Autores Associados, Campinas, 2004.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Frei Boaventura Kloppenburg, OFM – 80 Anos por Cristo em Sua Igreja**. 2ª Ed. E-Book: O Autor, Lajeado, 1999.

SCHIMMELPFENG, Regina Maria. **Deutsche Schule, A Escola Alemã de Curitiba: um Olhar Histórico (1884-1917)**. Tese (Doutorado). UFPR, Curitiba, Paraná, 2006.

SILVA, Eliane Moura. **Reflexões teóricas e Históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930**. 51 f. (Relatório de Pesquisa) Departamento de História. IFCH, Unicamp, 1997. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~elmoura/O%20Espiritualismo%20nos%20S%20E9c.%20XIX%20e%20XX.doc>> Acesso em 10/09/2008.

SILVA, Eliane Moura. **Vida e morte: O homem no labirinto da Eternidade**. 245p. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos da Civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. UNESP, São Paulo, 1998.

SOUZA, Maria Cecília & JANOTTI, Maria de Lurdes. “**O Colégio de aplicação da Universidade de São Paulo**”. In: SIMSON, Olga Rodrigues (org.) **Os desafios Contemporâneos da história oral**. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à Brasileira**. Edusp, São Paulo, 2003.

TAVARES, Mauro Dillmann. **Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no Bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeiras (1861-1888)**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2007.

THIAGO, L. S. **Homeopatia e Espiritismo**. 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro, 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

TIJEN, T.& VOJTECHOVSKY, M. **Orbis Pictus Revised an interactive exhibition**. Disponível em: <http://imaginarymuseum.org/OPR/OPRWAAGE.HTM> . Acesso em: 3 mai. 2008.

TOURINHO, L. C. P. **Toiro Passante II: O tempo da Província**. Lítero-Técnica, Curitiba, 1986.

TRINDADE, Etelvina M. de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza . **Cultura e Educação no Paraná**. SEED, Curitiba, 2001.

VALLE, Edênio. **“Interpretando os sinais destes tempos agitados”**. In: **A Primavera interrompida**. O Projeto Vaticano II num impasse. Livros Digitais Koinonia. Vol 2, 2006.

VALLE, Nadjia do Couto. **“Materialismo e Espiritualismo na filosofia: Culminância e sínteses”**. In: NUNES, Beatriz Helena P. Costa et alii . **Em torno de Rivail**. Lachâtre, Bragança Paulista, 2004.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Anísio Teixeira e a Pesquisa Educacional no Brasil: ensaio sobre o processo de formação do campo**. Série Estudos Periódicos do Mestrado Em Educação da UCDB. Campo Grande, v.1, n.15, 2003.

VIÑAO, ANTONIO. **Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio**. In: **VIII Jornadas Estatales del Fórum Europeo de Administradores de la Educación de la Región de Murcia**, Murcia, 1996.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. Brasiliense, São Paulo, 1987.

XAVIER, Francisco Candido. **Brasil coração do mundo Pátria do Evangelho**. 20º ed. FEB, Rio de Janeiro, s/d.

XAVIER, Maria Elizabete / RIBEIRO, Maria Luiza e NORONHA, Olinda Maria. **História da Educação – a escola no Brasil**. FTD (Col. Aprender e Ensinar), São Paulo, 1994.

WANTUIL, Zeus. **Grandes Espíritos do Brasil**. 4ª. ed., FEP, Rio de Janeiro, 2002.

WANTUIL, Zeus e THIESEN, Francisco. **Allan Kardec: o educador e o codificador**. 2ª. ed., FEB, Rio de Janeiro, 2004.

WEGUELIN, João Marcus. **Memória Espírita. Papéis Velhos e Histórias da luz**. A história do Espiritismo no Rio de Janeiro do século XIX. Edições Leon Denis, Rio de Janeiro, 2005.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no Século XIX**. Editora Ática, São Paulo, 1987.

ANEXO 1 – MANIFESTO DA PEDAGOGIA ESPÍRITA

A Pedagogia Espírita nos oferece fundamentos, princípios e aplicações práticas em sua proposta pedagógica.

Fundamentos
Princípios
Aplicações Práticas

FUNDAMENTOS

- 1 - O Ser interexistente
- 2 - A Criança
- 3 - A Vida
- 4 - O Mundo
- 5 - A Educação
- 6 - O Educador

PRINCÍPIOS

- 1 - O Amor
- 2 - A Liberdade
- 3 - A Igualdade com singularidade
- 4 - A Naturalidade
- 5 - A Ação
- 6 - A Educação Integral

APLICAÇÕES PRÁTICAS

- 1 - Escola livre e afetiva
- 2 - Atividades Éticas
- 3 - Produções estéticas
- 4 - Produções intelectuais
- 5 - Abolição de castigos e recompensas
- 6 - Cultivo da espiritualidade
- 7 - Autogestão administrativa
- 8 - Cogestão pedagógica
- 9 - Escola social
- 10 - Escola universal

Disponível na íntegra em:

http://www.portaldoeducador.com/educadorespirita/pedagogia_espirita/manifesto.htm

ANEXO 2 – HINO DO LAR ESCOLA DR LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA

Nosso lar

No Lar Escola Dr. Leocádio
Encontraremos sempre amor
O agasalho do corpo e alma
A alegria e o calor

Somos felizes
Se aqui estamos
Também lembramos
O nosso irmão

Que em sua vida
Não teve a chance
De ter conosco
O leite e o pão

A Deus pedimos
e agradecemos
pela amizade e o perdão
Que não nos falte
Esta gente amiga
Que nos doou seu coração!

Letra e música de Edelar Naldony.

CADERNO ICONOGRÁFICO



Tela do Pintor Paranaense Augusto Conte (1913-1988), reproduzindo fotografia da Formatura de Leocádio José Correia.



Maury Rodrigues da Cruz em foto da Década de 1980.
Acervo do Lar Escola



*Busto Leocádio Correia – Escultura de Luis Morrone
(1906-1998)*

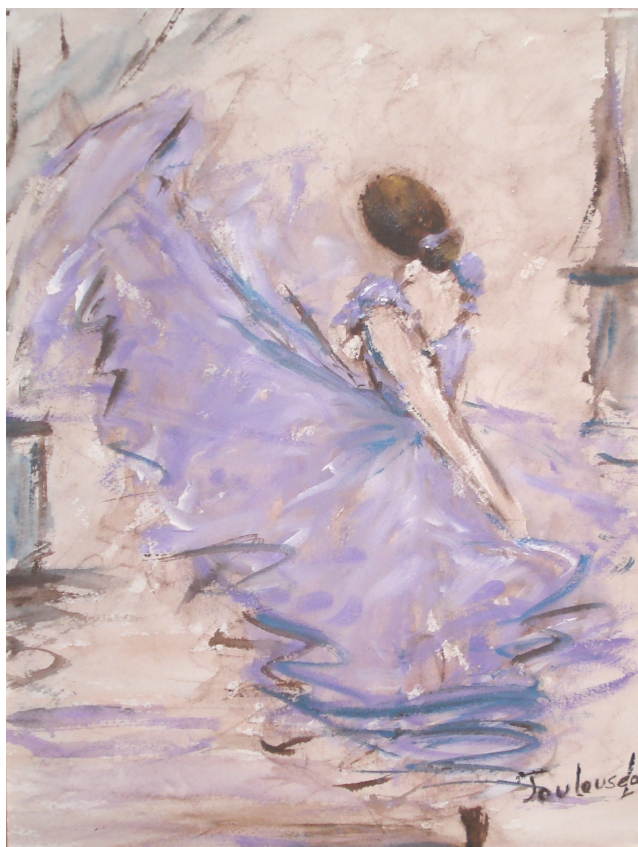


*Busto de Allan Kardec – Escultura de Luis Morrone
(1906-1998)*



Parte dos quadros Psicopictográficos nos corredores de acesso ao Berçário

Obras psicopictográficas atualmente expostas no Lar Escola – Registro fotográfico feito pela autora.





Alunos da Creche Década de 1970 - Acervo do Lar Escola.



Coordenadora Suzy Arruda com as crianças em atividades comemorativas ao dia da criança em 12/10/1980 - Acervo do Lar Escola.



Festa no Aniversário do Dr Leocádio em 18/05/1980 - Acervo do Lar Escola.



*Desfile cívico
Década de 1980 - Acervo do
Lar Escola.*



*Desfile Cívico Década de 1980
- Acervo do Lar Escola.*



*Comemoração do Aniversário
da escola 1980 - Acervo do Lar
Escola.*



*Festa Junina 16/6/1981 -
Acervo do Lar Escola.*



*Encenação de Natal 1981 -
Acervo do Lar Escola.*



*Atividades do Grupo de
Artesanato. Maio de 1982. -
Acervo do Lar Escola.*



Atividade na Semana da Primavera em 23/09/1982 - Acervo do Lar Escola.



Homenagem ao Dr. Leocádio 1983 - Acervo do Lar Escola.



Comemoração Cívica e Homenagem ao Dr. Leocádio 1985 - Acervo do Lar Escola.



*Comemoração de Final de Ano
1985 - Acervo do Lar Escola.*



*Festa temática Década de 1980
- Acervo do Lar Escola.*



*Atividades com as Crianças na
frente da Escola Década de
1990 - Acervo do Lar Escola.*



CONVITE Nº 155

Contamos com a sua presença no
CHÁ DA ESPERANÇA

Em benefício do "Lar Escola Dr. Leocádio José Correia".

Dia - 14 de junho de 1984

Horário - 14 horas

Local - Clube Sírio Libanês do Paraná
Rua Pe. Germano Mayer, 1347

Participação - SAMARITANA MODAS

Atrações - Surpresa

Preço - Cr\$ 3.000,00

A Comissão Agradece.

CONVITE Nº 560

Teremos prazer em convidá-la para o
Chá-desfile em benefício do "Lar Escola
Dr. Leocádio José Correia.

Dia: 29 de outubro de 1985
Horário: 14:00 horas
Local: Círculo Militar do Paraná
Largo Blencourt s/n

Participação: Dayane Boutique
Atração: Surpresa
Preço CR\$ 10.000

Cortesia: Agenda de todos nós
Gazeta do Povo

Nº 560

Nome _____ Fone _____



*Você é capaz de tudo.
Você é feliz e sabe transmitir
sua felicidade.
Continue assim, continue conosco.
Agradecemos a sua colaboração.
Feliz Natal. Feliz Ano Novo.*

São os votos de
Comissão Pró Construção do Lar Escola
"Dr. Leocádio José Correia"

CONVITE- JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO

Dia - 05/12/986

Horário- 20,30 horas

Local- LAR ESCOLA DR LEOCÁDIO JOSÉ CORREA

Preço- Cr\$120,00

Sua presença trará mais alegria ao jantar.

Antecipamos agradecimentos
Comissão de promoções

Convite individual Nº 286... Nº 286...

**LAR ESCOLA
DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA**

Convite Nº 231

O Lar Escola Dr. Leocádio José Correia
convida para o Jantar Dançante, cuja renda reverterá em
benefício de sua manutenção.

Sua presença será valiosa.

Dia : 25/04/91

Hora: 20:00 horas

Local: Mansão da Glória - Av. João Gualberto. 608

3.500,00

O Lar Escola
Dr. Leocádio José Correia
agradecemos
sua presença

A Diretoria

Do Lar Escola Dr. Leocádio José Correia tem a honra de convidar Vossa
Senhoria para a cerimônia de inauguração de suas novas instalações, a
realizar-se às 15:00 hs do dia 12 de março de 1979, segunda feira.

MAURY RODRIGUES DA CRUZ
Presidente

Rua Brasília Bacelar, 53
Vila Karla (Avenida Paraná)
Curitiba - Pr.
Fone: 52-7324

Instituto de Educação do Paraná Vº Festival Folclórico.

Instituto de Educação
do Paraná
1876 - 1976



"Barraca do Lar
Leocádio Correia"
nº 9



Está alguém alegre? Cante
louvores. Tiago 5:13

1980

DESENCARNE
DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA
(1886-1997)



A FÉ EM DEUS REVITALIZA TODOS OS
DIAS O SER, DANDO-LHE A CERTEZA
DA VIDA ETERNA.

CONVITE

AOS SRS. PAIS E AMIGOS
DEVENDO REALIZAR-SE SEXTA-FEIRA,
DIA 16, O CENTÉSIMO DÉCIMO PRIMEIRO
ANIVERSÁRIO DO DESENCARNE DE NOS-
SO PATRONO DR. LEOCÁDIO JOSÉ CORREIA, VIMOS PELO
PRESENTE CONVIDÁ-LOS (AS) A PRESTIGIAR NOSSOS
TRABALHOS, ÀS 14:30 HORAS, NO LAR ESCOLA.
CERTOS DA SUA PRESENÇA, AGRADECEMOS
ATENCIOSAMENTE

CURITIBA, 12 DE MAIO DE 1997.

Mensagem:

"É no templo doméstico que
aprenderemos a viver com o
grande mundo social.

Renúncia é doar-se aos
filhos, educando-os para a
liberdade. A cultura não
se faz senão pelo passado,
mas também pelo futuro.
E o futuro é efetivamente
a criança, como o velho é
suporte do passado."

Leocádio J. Correia
(do livro "No Cenário da
Vida")

CONVITE



NO
C
E
N
Á
R
I
O
DA
V
I
D
A

Autores:

Arnoldo Wiecheteck
- texto
- direção

Ana Martha C. Palma
- roteiro
- assistência
de direção

Atores:

Professores Especialistas
do CAE - Centro de Atendi-
mento Especializado "Dr.
Leocádio José Correia."

peça teatral
dois cenários
- 14 cenas

CONVITE

O CAE - Centro de Atendi-
mento Especializado "Dr. Leocádio José
Correia" convida Vossa Senhoria e Panfí-
lia para a apresentação da peça teatral
"NO CENÁRIO DA VIDA",
em montagem do próprio estabelecimento.

Pelo comparecimento, agra-
decem as
Direções
CAE e LAR ESCOLA

Local: Lar Escola "Dr. Leocádio José Correia".
Rua: José A. Laprevost, 331-Stº Cândida.
Data: 21 de novembro de 1997.
Horário: 14:00 horas - Fone: 256-5142